

unesp  **UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA**
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
Faculdade de Ciências e Letras
Campus de Araraquara - SP

MATEUS CRUZ MACIEL DE CARVALHO

ESTUDO MORFOSSINTÁTICO DA LÍNGUA DENI (ARAWÁ)



ARARAQUARA – S.P.
2017

MATEUS CRUZ MACIEL DE CARVALHO

ESTUDO MORFOSSINTÁTICO DA LÍNGUA DENI (ARAWÁ)

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Doutor em Linguística e Língua Portuguesa.

Linha de pesquisa: Análise Fonológica, Morfossintática, Semântica e Pragmática.

Orientador: Profa. Dra. Cristina Martins Fargetti

Bolsa: CAPES

ARARAQUARA – S.P.
2017

Carvalho, Mateus Cruz Maciel de
Estudo morfossintático da língua Deni (Arawá) /
Mateus Cruz Maciel de Carvalho – 2017
205 f.

Tese (Doutorado em Linguística e Língua
Portuguesa) – Universidade Estadual Paulista "Júlio
de Mesquita Filho", Faculdade de Ciências e Letras
(Campus Araraquara)
Orientador: Cristina Martins Fargetti

1. Morfologia. 2. Sintaxe. 3. Língua Deni. 4.
Descrição. 5. Documentação. I. Título.

Ficha catalográfica elaborada pelo sistema automatizado
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

MATEUS CRUZ MACIEL DE CARVALHO

ESTUDO MORFOSSINTÁTICO DA LÍNGUA DENI (ARAWÁ)

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa da Faculdade de Ciências e Letras – UNESP/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Doutor em Linguística e Língua Portuguesa.

Linha de pesquisa: Análise Fonológica, Morfossintática, Semântica e Pragmática.

Orientador: Profa. Dra. Cristina Martins Fargetti

Bolsa: CAPES

Data da defesa: 31/05/2017

MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:

Presidente e Orientador: **Cristina Martins Fargetti, doutora**
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”.

Membro Titular: **Alexandra Yurievna Aikhenvald, doutora**
James Cook University, Austrália

Membro Titular: **Angel Humberto Corbera Mori, doutor**
Universidade Estadual de Campinas.

Membro Titular: **Luiz Carlos Cagliariaria, doutor**
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”.

Membro Titular: **Angélica Teresinha Carmo Rodrigues, doutora**
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”.

Local: Universidade Estadual Paulista
Faculdade de Ciências e Letras
UNESP – Campus de Araraquara

Aos meus pais Jair Maciel de Carvalho (*in memoriam*) e Rosa Saraiva Cruz de Carvalho

AGRADECIMENTOS

À Coordenação de Pessoal de Nível Superior – CAPES pelo apoio financeiro concedido, o que tornou o desenvolvimento da pesquisa menos difícil;

À Fundação Nacional do Índio – FUNAI, por ter permitido o ingresso à Terra Indígena Deni para a realização desta pesquisa. Em especial, à Coordenação Regional do Purus, por terem me recebido com carinho e me auxiliado;

Aos funcionários da Biblioteca e do Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa da Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara, da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, pela atenção e eficiente atendimento;

Ao povo Deni pelo acolhimento, carinho e confiança. Agradeço, de forma especial, aos Deni da aldeia Cidadezinha, onde fiquei durante o trabalho de campo. Sou muito grato pela disponibilidade e dedicação que tiveram comigo; isso foi fundamental para o desenvolvimento do trabalho;

À professora, orientadora e amiga Cristina Martins Fargetti atenção, dedicação e paciência durante os anos de orientação, tanto do mestrado quando do doutorado. Suas sugestões, comentários e discussões sobre a tese foram de grande importância;

À professora Alexandra Y. Aikhenvald quem orientou um ano desta pesquisa realizado na James Cook University, Austrália, e teceu valiosíssimos comentários antes, durante e depois do tempo de intercâmbio;

Ao professor R. M. W. (Bob) Dixon pelas contribuições nas apresentações de trabalho durante o período de intercâmbio;

Aos professores Angel Mori, Luiz Carlos Cagliari e Angélica Rodrigues por terem se disposto a ler e trazer contribuições para o trabalho como membros titulares da banca examinadora;

Aos professores Francisco Vanderlei Ferreira da Costa, Adriana Viana Postigo Paravisine e Gladis Massini-Cagliari por terem aceito participar, como suplentes, da banca de defesa da tese;

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa da UNESP – FCLAr, que contribuíram tanto a para esta pesquisa quanto para minha formação acadêmica;

Aos queridos professores e amigos Vânia Maria Lescano Guerra, Wagner Corsino e Marlene Durigan por todo o apoio e incentivo durante a graduação;

Ao grande amigo Jacob Roberto Adami pelo companheirismo e amizade de sempre;

Às colegas do Programa de Pós-Graduação Adriana Viana Postigo, Denise Miranda, Flávia de Freitas Berto, Juliana Mondini, Lígia Morcardini e Priscilla Sumaio pela valiosa ajuda e apoio durante a realização deste trabalho;

Aos colegas de Departamento na James Cook University Amanda Parsonage, Angeliki Alvanoudi, Elena Mihás, Grait Aiton, Iwona Kraska-szlenk Junwei Bai (Abe), Joseph Brooks, Kasia Wojtylak, Martin Kohlberger, Nick Piper, Ryan Pennington, Simon Overall e Valérie Guerin pela convivência e pelos comentários feitos sobre as análises da presente pesquisa;

À Pricila Balan Picinato, por tornar minha vida mais colorida e mais feliz, desde quando a conheci em 2011;

Aos tios, tias, primos, primas, avós, enfim, a toda a minha família que entendeu minha ausência e contribuiu, cada um à sua maneira, para a realização deste trabalho;

Aos meus irmãos Marcelo Cruz Maciel de Carvalho e Marcella Cruz Maciel de Carvalho e ao sobrinho Vitor Hugo de Carvalho Maia, pelo esforço, carinho, companheirismo, enfim, por estarem sempre disposto a ajudar;

Ao meu pai Jair Maciel de Carvalho, que, mesmo não estando materialmente perto, espiritualmente tem me protegido e tem feito minha caminhada mais serena;

Por fim, mas não em ínfimo lugar, agradeço à minha amada mãe Rosa Saraiva Cruz de Carvalho, quem certamente merece minha eterna gratidão e meu eterno amor.

“The task of linguistics is to explain the nature of the human language, through active involvement in the description of languages – each viewed as integrated system – together with explanation of why each language is the way it is, allied to the further scientific pursuits of predication and evaluation”

Dixon (2010a, p.1)

RESUMO

A língua Deni é classificada como pertencente à família linguística Arawá e é falada por uma população de aproximadamente 1.600 pessoas que se distribuem em dez aldeais, sendo sete às margens do rio Cuniuá e três às margens do rio Xeruã, todas localizadas no estado do Amazonas, Brasil. Esta tese inclui análises de questões relacionadas à morfologia e sintaxe dessa língua brasileira pouco estudada. As análises realizadas aqui são baseadas na perspectiva tipológico-funcional cujos princípios podem ser encontrados na Teoria Linguística Básica em Dixon (2010a,b; 2012) e Aikhenvald (2015). Os dados apresentados aqui foram coletados em cinco trabalhos de campo realizados junto a falantes nativos, metodologia amplamente adotada no trabalho com línguas pouco conhecidas. Os resultados apresentados aqui apontam para um sistema fonológico composto por vinte fonemas dos quais dezesseis são consonantais e quatro são vocálicos. Esses fonemas ocorrem em um template silábico (C)V para o qual a única restrição fonotática identificada foi a sílaba /vu/. A prosódia apresenta também restrição, em que a sílaba mais à direita da palavra fonológica recebe o acento principal. As classes maiores de palavras são nomes e verbos, enquanto as classes menores são adjetivos, advérbios, pronomes e demonstrativos, quantificadores e numerais, locacionais, posposições, conectivos e partículas, interrogativos e interjeições. Enquanto os nomes podem receber pouca marcação morfológica em Deni, a morfologia verbal é sintética, isto é, muitos morfemas podem ser anexados à palavra verbal (morfemas de tempo, aspecto, modo, modalidade), como ocorre nas outras línguas da família. O critério morfológico é o critério utilizado para a postulação de subclasses na presente tese. A língua inclui dois tipos básicos de cláusula, transitivas e intransitivas, que podem receber argumentos periféricos opcionais que são tipicamente marcados por caso.

Palavras – chave: Língua Deni. Morfologia. Sintaxe. Descrição. Tipologia.

ABSTRACT

Deni language is classified as belonging to the Arawá linguistic family and it is spoken by about 1.600 people who are distributed in ten villages, seven on the banks of the Cuniuá river and three on the banks of Xeruã river, all located in Amazonas state, Brazil. This thesis includes analysis of matters related to morphology and syntax of the poorly-studied Brazilian language. The analysis carried out here are based on the typological-functional perspective whose principles are found on the Basic Linguistic Theory in Dixon (2010a,b; 2012) and Aikhenvald (2015). The data presented here were obtained in five field trips accomplished together with native speakers, methodology that is widely adopted in working with poorly-known languages. The results reached here point to a phonological system composed by twenty phonemes of which sixteen are consonants and four are vowels. These phonemes occur in a syllabic template (C)V for which the only restriction identified is the syllable /vu/. The prosody also includes constraint, in which only the last syllable more to the right receives the main stress of the phonological word. The major word classes are nouns and verbs, whilst the minor word classes are adjectives, adverbs, pronouns and demonstratives, quantifiers and numerals, locationals, postpositions, connectives and particles, interrogatives, and interjections. Whereas the nouns can receive few morphological markings in Deni, the verb morphology is synthetic, that is, many morphemes can be attached to the verbal word (morphemes of tense, aspect, mood, modality), as occurs in other languages of the family. The morphological criterion is the one adopted for the postulation of the subclasses in the present thesis. The language includes two basic types of clause, transitive and intransitive, which can receive optional peripheral arguments that are typically marked by case.

Keywords: Deni language. Morphology. Syntax. Description. Typology.

LISTA DE FIGURAS

Figura 3.1	Relação genética das línguas Arawá segundo Everett (1995)	35
Figura 3.2	Relação genética das línguas Arawá segundo Dixon (2004)	36
Figura 3.3	Relação genética das línguas Arawá segundo Dienst (2008)	37
Figura 3.4	Sistema de primos paralelos e cruzados	43
Figura 6.1	Hierarquia de Animacidade segundo Corbett (2000)	133
Figura 8.1	A divisão na categoria de tempo	162

LISTA DE ESQUEMAS

Esquema 5.1	Estrutura morfológica dos nomes inalienavelmente possuídos	80
Esquema 5.2	Estrutura morfológica dos nomes livres	83
Esquema 6.1	Ordem dos constituintes dentro do sintagma nominal	125
Esquema 7.1	Estrutura dos verbos da subclasse I	150
Esquema 7.2	Estrutura dos verbos da subclasse II	152
Esquema 9.1	Gramaticalização das modalidades frustrativa e probabilidade	188

LISTA DE MAPAS

Mapa 3.1	Povos e línguas faladas na região Juruá-Purus segundo Melatti (2012)	38
Mapa 3.2	Localização da Terra Indígena Deni segundo Pezzuti e Chavez (2009)	40

LISTA DE QUADROS

Quadro 2.1	Fonemas consonantais e símbolos utilizados para representa-los	28
Quadro 2.2	Fonemas vocálicos e símbolos utilizados para representa-los	28
Quadro 3.1	Fonemas e grafemas Deni segundo Moran e Moran (1977)	45
Quadro 4.1	Fones consonantais	51
Quadro 4.2	Fonemas consonantais	55
Quadro 4.3	Fones vocálicos	56
Quadro 4.4	Fonemas vocálicos	57
Quadro 5.1	Termos de parentesco	82
Quadro 5.2	Níveis de categorização linguística	96
Quadro 5.3	Advérbios de tempo	103
Quadro 5.4	Pronomes pessoais	105
Quadro 5.5	Pronomes possessivos livres	106
Quadro 5.6	Formação dos pronomes possessivos livres	107
Quadro 5.7	Demonstrativos	109
Quadro 5.8	Locacionais	112
Quadro 5.9	Comparação entre demonstrativos e locacionais	113
Quadro 5.10	Conectivos	117
Quadro 5.11	Interrogativos	120
Quadro 6.1	Prefixos possessivos, pronomes pessoais e pronomes possessivos	135
Quadro 6.2	Forma e função dos marcadores de caso	141
Quadro 7.1	Morfemas marcadores de pessoa no verbo	158
Quadro 8.1	Morfemas que podem co-ocorrer com o marcador de tempo não-futuro	163
Quadro 8.2	Morfema que pode co-ocorrer com o marcador de tempo futuro	165
Quadro 8.3	Marcadores aspectuais	165
Quadro 8.4	Morfemas que podem co-ocorrer com o aspecto perfectivo	167
Quadro 8.5	Morfemas que podem co-ocorrer com o aspecto imperfectivo	168
Quadro 8.6	Morfema que pode co-ocorrer com o aspecto iminente	170
Quadro 8.7	Morfema que pode co-ocorrer com o aspecto habitual	171
Quadro 8.8	Morfemas que podem co-ocorrer com o aspecto iterativo	172
Quadro 8.9	Morfema que pode co-ocorrer com o aspecto simultâneo	173
Quadro 9.1	Imperativos	176
Quadro 9.2	Marcadores de modalidade	182

LISTA DE SÍMBOLOS, ABREVIATURAS E SIGLAS

σ	Sílaba
C	Consoante
V	Vogal
R	Rima silábica
Co	Coda silábica
N	Núcleo silábica
O	Onset
´	Acento primário
ˊ	Acento secundário
~	Varia com
.	Fronteira silábica
[]	Representação fonética
//	Representação fonológica
‘ ’	Tradução livre
.	Sílaba átona
x	Sílaba proeminente
*	Agramatical
1,2,3	Primeira, segunda, terceira pessoa
A	Sujeito de cláusula transitiva
ADJ	adjetivizador
APO	Argumento periférico opcional
CAI	Contraste em Ambiente Idêntico
CCN	Concordância de classe nominal
CL	Cláusula
COMIT	Comitativo
COND	Condicional
DIR	Direcionado/direção
DISTR	Distributivo
DRA	Direção rio acima
ENF.CONTR	Ênfase no contraste
F	Feminino

FIN	Finalidade
FOC	Foco
FRUST	Frustrativo
FUT	Futuro
GEN	Genitivo
HAB	Habitual
HORT	Hortativo
IMIN	Iminente
IMP	Imperativo
INT	Interrogativo
INTENS	Intensificador
IPFV	Imperfectivo
ITER	Iterativo
M	Masculino
MCV	Marcador de classe verbal
MULT	Multifuncional
NEG	Negação
NFUT	Não-futuro
NPOL	Não-polido
O/OBJ	Objeto
P	Predicado
PERM	Permissivo
PFV	Perfectivo
PL	Plural
POL	Polido
POS	Possessivo
PRF	Perfeito
ProComp	Proeminência no composto
PROB	Probabilidade
ProPal	Proeminência na palavra
S	Sujeito de cláusula intransitiva
S	Forte (Strong) – seção 4
SG	Singular
SIMULT	Simultâneo

SN	Sintagma nominal
SUG	Sugestivo
W	Fraco (weak)

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	21
2 ASPECTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS	25
2.1 Trabalhos de campo	25
2.2 Materiais e métodos	27
2.3 Sobre o aporte teórico	28
2.3.1 Categorizando palavras em classes	30
3 A LÍNGUA E SEUS FALANTES	35
3.1 Filiação linguística: a família Arawá	35
3.2 O povo Deni: população e localização	39
3.3 Situação linguística	41
3.4 Organização social, casamento e associação a clã	42
3.5 Estudos prévios	44
4 FONOLOGIA	50
4.1 Inventário de fones e fonemas	50
4.1.1 Consoantes	51
4.1.2 Vogais	56
4.2 Sílabas: questões teóricas	57
4.2.1 Análise da sílaba	59
4.2.1.1 Restrição fonotática	62
4.3 Acento: questões teóricas	64
4.3.1 Análise do acento	66
4.4 Processos morfofonológicos	69
4.4.1 Assimilação	69
4.4.2 Epêntese	74
4.4.3 Haplologia	76
4.5 Resultados obtidos nesta seção	77
5 CLASSES DE PALAVRAS	79
5.1 Classes maiores	79
5.1.1 Nomes	79
5.1.1.1 Nomes inalienavelmente possuídos	80
5.1.1.2 Nomes livres	83
5.1.1.3 Nomes <i>ka-</i>	84

5.1.2 Verbos	86
5.1.2.1 Tipos de verbos	87
5.2 Classes menores	88
5.2.1 Adjetivos	88
5.2.1.1 Subclasse I	94
5.2.1.2 Subclasse II	95
5.2.1.3 Itens lexicais flexíveis	100
5.2.2 Advérbios	101
5.2.2.1 De modo	102
5.2.2.2 De tempo	103
5.2.3 Pronomes e demonstrativos	104
5.2.3.1 Pronomes pessoais	104
5.2.3.2 Pronomes possessivos	106
5.2.3.3 Demonstrativos	109
5.3.4 Quantificadores e numerais	110
5.2.5 Locacionais	112
5.2.6 Posposições	114
5.2.6.1 Causativo <i>beni</i>	114
5.2.6.2 Comitativo <i>mani</i>	115
5.2.6.3 Finalidade <i>vehina</i>	116
5.2.7 Conectivos e partículas	117
5.2.8 Interrogativos	120
5.2.9 Interjeições	121
5.3 Resultados obtidos nesta seção	123
6 SINTAGMA NOMINAL	125
6.1 A ordem dos constituintes	125
6.2 Papéis semânticos dos sintagmas nominais: uma visão geral	127
6.3 Gênero	128
6.4 Número e animacidade	131
6.4.1 O status gramatical do marcador de plural	131
6.4.2 A divisão na Hierarquia de Animacidade	133
6.4.3 Hipótese da origem da palavra plural	138
6.5 Marcação de caso	140

6.5.1 Genitivo = <i>kha</i>	141
6.5.2 Multifuncional - <i>dza</i>	143
6.6 Marcadores de foco	146
6.7 Resultados obtidos nesta seção	148
7 ESTRUTURA DO PREDICADO: UMA VISÃO GERAL	149
7.1 Subclasses de verbos	149
7.1.1 Subclasse I	149
7.1.2 Subclasse II	151
7.1.2.1 Marcadores de classe verbal	153
7.2 Marcação de pessoa: afixos regulares e direcionados	157
7.3 Resultados obtidos nesta seção	159
8 ESTRUTURA DO PREDICADO: TEMPO E ASPECTO	161
8.1 Tempo	161
8.1.1 Não-futuro	162
8.1.2 Futuro	164
8.2 Aspecto	165
8.2.1 Perfectivo	166
8.2.2 Imperfectivo	167
8.2.3 Perfeito	168
8.2.4 Iminente	169
8.2.5 Habitual	170
8.2.6 Iterativo	171
8.2.7 Simultâneo	172
8.2.8 Distributivo	173
8.3 Resultados obtidos nesta seção	173
9 ESTRUTURA DO PREDICADO: MODO E MODALIDADE	175
9.1 Modo	175
9.1.1 Imperativo	176
9.1.2 Interrogativo	180
9.1.2.1 Interrogativas polares	180
9.1.2.2 Interrogativas não-polares	181
9.2 Modalidades	182
9.2.1 Permissivo	182

9.2.2 Frustrativo	184
9.2.3 Probabilidade	185
9.2.4 Finalidade	186
9.2.5 Hipótese de gramaticalização	187
9.3 Resultados obtidos nesta seção	188
10 TIPOS BÁSICOS DE CLÁUSULA	190
10.1 Ordem dos constituintes na cláusula	190
10.2 Cláusulas transitivas	192
10.3 Cláusulas intransitivas	193
10.4 Argumentos periféricos opcionais	194
10.5 Resultados obtidos nesta seção	195
11 CONSIDERAÇÕES FINAIS	196
REFERÊNCIAS	199

1 INTRODUÇÃO

O mundo tem uma diversidade linguística bastante grande. É uma tarefa difícil, contudo, afirmar de modo exato quantas são as línguas existentes. Isso porque tal questão depende, em grande parte, da perspectiva adotada na contagem: os que apontam para algo em torno de 6.000 como o número de línguas faladas atualmente contam variedades mutuamente inteligíveis como diferentes línguas; diferentemente, os que mencionam algo por volta de 4.000 não consideram tais variedades como línguas diferentes, mas sim como variedades de uma mesma língua. Adotando qualquer uma das perspectivas, é possível dizer que o mundo é bem diverso no que concerne às línguas faladas nele. Isso, porém, não é um alento aos que se preocupam em manter/preservar a diversidade linguística no globo.

O último século nos mostrou como povos, línguas e culturas podem ser perdidos com uma rapidez alarmante. Krauss (1992) estimou que pelo menos metade das línguas do mundo seriam extintas durante o século XXI. Há alguns fatores que podem contribuir para a extinção de línguas, como (i) casamentos interétnicos, (ii) as atitudes de povos em relação às línguas faladas majoritariamente na sociedade circundante; (iii) o tamanho das comunidades que falam determinada língua; (iv) políticas para línguas minoritárias. Grosjean (1982), contudo, menciona que tais fatores são ambivalentes, haja vista que podem contribuir tanto para a perda quanto para a preservação das línguas.

Uma língua representa uma forma particular de um povo ver o mundo, lidar com ele e estar nele. Assim, quando uma língua é extinta, perdem-se as crenças, perdem-se as histórias, perdem-se os mitos, perdem-se os conhecimentos sobre meio ambiente, enfim, perde-se uma forma única de existir no mundo. Quando uma língua é extinta, perde-se um pouco de uma das características que torna o mundo mais rico: perde-se um pouco da diversidade.

Assim como o mundo é um lugar diverso linguisticamente, o Brasil é um país que tem bastante diversidade linguística e cultural. Certamente não tanto quanto à época do “descobrimento”, em que Rodrigues (2005) estima terem sido faladas, no território que hoje compreende o Brasil, cerca de 1.200 línguas. Atualmente, a quantidade de línguas indígenas faladas aqui é muito menor: aproximadamente 181 línguas. Essa redução gigantesca (apenas 10% ainda se mantém) da quantidade de línguas se deve, em grande parte, ao processo de colonização do Brasil, uma vez que esse processo levou à dizimação de povos e, conseqüentemente, à perda de línguas indígenas. Sendo assim, o estudo de línguas indígenas brasileiras não se faz apenas de suma importância, faz-se necessário e urgente!

Ao longo da nossa história, muitos povos indígenas foram extintos sem deixar qualquer tipo de registro. O contato levou à morte milhares de indígenas, seja pela violência empregada aos índios que não aceitavam a escravidão ou conversão, seja pelas doenças trazidas pelos europeus, às quais os índios não tinham imunidade. Isso explica o fato de que, à época do “descobrimento”, Bethell (1998) estimou terem, no Brasil, entre 2.400.000 a 6.000.000 de índios. Na primeira década do século XXI – portanto, mais de 500 anos depois do “descobrimento” – esse número não passa de 900.000 índios.

Todo o processo de colonização do Brasil representou, também, um processo de perda da diversidade linguística e cultural do nosso país, funcionando como um reflexo do que ocorre no cenário mundial. Perderam-se muitos povos, cada um tendo uma forma particular de ver e lidar com o mundo real e sobrenatural. Perdemos uma parcela significativa da diversidade humana nesses mais de 500 anos de história do Brasil.

Nesse sentido, os objetivos da presente tese centram-se em dois eixos fundamentais: (a) objetivos sociais, visando contribuir para a manutenção da diversidade linguística e cultural do Brasil e do mundo ao lidar com uma língua falada por uma população minoritária, produzindo bases sólidas para a elaboração de materiais didáticos na língua a fim de que os Deni possam ser alfabetizados em sua língua materna; (b) objetivos científicos, buscando descrever e documentar aspectos da morfologia e da sintaxe da língua Deni, o que pode possibilitar (i) confirmações e/ou reformulações de teorias que visam explicar o funcionamento da linguagem humana; (ii) maior conhecimento das línguas indígenas brasileiras; (iii) ampliação do conhecimento em relação às línguas Arawá; (iv) estudos comparativos entre línguas Arawá; (v) desenvolvimento histórico de línguas (especialmente relacionado a línguas de uma mesma família, o que é feito em vários momentos nesta tese).

Este trabalho foi feito com base em dados coletados em cinco trabalhos de campo e seguiu os passos típicos de coleta de dados com falantes nativos da língua que é objeto de estudo. Os dados foram gravados em meio digital com intuito de que pudessem ser revistos sempre que necessário. Toda a parte de transcrição dos textos foi feita junto com um falante nativo em campo.

A tese que ora se inicia é organizada em onze seções, incluindo esta introdução, que é a primeira delas. A seção 2 *Aspectos teórico-metodológicos* faz menção aos trabalhos de campo realizados para o desenvolvimento da pesquisa, assim como os métodos utilizados para o seu desenvolvimento. Além disso, tal seção inclui algumas noções teóricas que embasaram as análises aqui apresentadas.

A seção 3 *A língua e seus falantes* trata da família linguística para a qual a língua Deni é classificada, apresentando a relação genética de tais línguas com base em autores que já trabalharam com essas línguas. A seção 3 inclui dados relacionados à população e localização do povo Deni, assim como a situação linguística das aldeias do rio Cuniuá. Características culturais relevantes para a presente tese são também abordadas na seção mencionado, tais como organização social, casamento e associação a clã. A seção 3 é finalizada com um apanhado dos estudos linguísticos já realizados sobre o Deni.

Na seção 4 *Fonologia*, são apresentadas, de forma resumida, características do sistema sonoro da língua Deni, como os inventários fonológicos consonantal e vocálico, a estruturação das sílabas por meio de um *template* silábico e o padrão acentual. Tal seção inclui, ainda, uma discussão de processos morfofonológicos identificados na língua.

A seção 5 *Classes de palavras* é uma seção central na tese, uma vez que lida com as classes de palavras identificadas na língua. Tal seção divide as classes de palavras em maiores (cujos membros de tais classes são numericamente maiores) e menores (cujos membros são numericamente menores). Algumas das classes de palavras são divididas em subclasses nesta tese. O critério para a divisão em subclasses é morfológico.

A seção 6 *Sintagma nominal* trata da ordem dos constituintes dentro do sintagma nominal e dos papéis semânticos deste nas cláusulas. Além disso, categorias gramaticais aplicadas ao sintagma nominal em Deni, como gênero, número e animacidade, caso e foco são também abordadas na citada seção.

Na seção 7 *Estrutura do predicado: uma visão geral*, são apresentadas as marcações morfológicas obrigatórias para a palavra verbal, que são a marcação de pessoa (regular ou direcionada) e a marcação de classe verbal para verbos pertencentes à subclasse II. Adotando o critério morfológico, os verbos são divididos em duas subclasses de acordo com a posição da marcação de pessoa na palavra verbal.

A seção 8 *Estrutura do predicado: tempo e aspecto* inclui uma análise das categorias de tempo e aspecto em Deni, evidenciando a característica sintética dessa língua. No que concerne a tempo, a língua apresenta uma distinção entre não-futuro e futuro. Diferentemente, a morfologia aspectual é bastante complexa e diversa.

A seção 9 *Estrutura do predicado: modo e modalidade* lida com as marcações morfológicas evidentes de modo imperativo e interrogativo em Deni. O modo declarativo não é marcado de forma evidente na palavra verbal. Tal seção inclui também uma análise das modalidades identificadas na língua, bem como uma proposta de desenvolvimento de tais marcadores.

A seção 10 *Tipos básicos de cláusula* lida com a ordem dos constituintes no nível da cláusula em Deni. Além disso, tal seção apresenta uma análise das cláusulas transitivas e intransitivas, bem como dos argumentos periféricos opcionais, que são tipicamente, mas não necessariamente, marcados para caso.

Finalmente, a seção 11 *Considerações finais* traz um apanhado dos resultados obtidos nas seções de análise desta tese.

O presente trabalho apresenta, portanto, elementos da fonologia e uma análise de aspectos da morfologia e da sintaxe da língua Deni, uma língua indígena brasileira falada no sul do estado do Amazonas. Além de visar contribuir para a preservação da língua Deni, o presente trabalho busca servir de subsídio para o desenvolvimento de estudos posteriores na língua Deni e para estudos comparativos em relação às línguas Arawá.

2 ASPECTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

Esta seção trata das questões metodológicas relacionadas ao desenvolvimento da pesquisa, o que inclui os materiais utilizados para a coleta dos dados, bem como o quadro teórico que suporta as análises aqui apresentadas.

2.1 Os trabalhos de campo

As pesquisas com línguas pouco ou nada conhecidas envolvem basicamente duas atividades: (i) coleta dos dados e (ii) análise e interpretação desses dados. Tal como a análise e interpretação, a tarefa de coleta de dados é de suma importância ao desenvolvimento da pesquisa, uma vez que os dados coletados compõem o corpus sobre o qual a análise e a interpretação serão feitas.

No presente trabalho, a atividade de coleta de dados consiste na realização de trabalho de campo linguístico, que é definido de várias formas na literatura. Seguem cinco dessas definições:¹

- a) "...the activity of a researcher systematically analyzing parts of a language other than one's native language [...] within a community of speakers of that language" (EVERETT, 2001 p. 168);²
- b) "the ideal way to study a language of a traditional community is in situ, living with the village, learning as much of the social customs of the people as possible" (FOLEY, 2002, p. 131);³
- c) "Linguistic Fieldwork ideally involves observing language as it is used, becoming a member of the community, and often being adopted into the kinship system" (AIKHENVALD, 2007, p. 5-6);⁴
- d) "It involves the collection of accurate data in an ethical manner. It involves producing a result which both the community and the linguist approve of. [...] The

¹ Nesta tese, todas as citações diretas são feitas no corpo do texto na língua em que o texto foi originalmente escrito. As traduções feitas por mim são fornecidas em nota de rodapé seguindo cada citação direta.

² Tradução minha: "... a atividade de um pesquisador analisar sistematicamente partes de uma língua que não a sua língua nativa [...] dentro de uma comunidade de falantes desta língua." (EVERETT, 2001, p. 168).

³ Tradução minha: "a maneira ideal para estudar uma língua de uma comunidade tradicional é in loco, vivendo com a aldeia, aprendendo os costumes sociais das pessoas tanto quanto possível". (FOLEY, 2002, p. 131).

⁴ Tradução minha: "Trabalho de campo linguístico idealmente envolve observar a língua como ela é usada, tornando um membro de uma comunidade e frequentemente sendo adotado dentro do sistema de parentesco." (AIKHENVALD, 2007, p. 5-6).

third component involves the linguist interacting with the community of speakers at some level.” (BOWERN, 2008, p. 7);⁵

- e) “... as the investigation of the structure of a language through the collection of primary language data gathered through interaction with native-speaking consultants” (CHELLIAH; REUSE, 2011, p. 7).⁶

Os dados constantes deste trabalho foram obtidos desde 2011, quando tive meu primeiro contato com falantes nativos da língua Deni. O primeiro trabalho de campo teve duração de 15 dias e aconteceu entre os meses de julho e agosto de 2011 no município de Lábrea - AM. O segundo trabalho de campo foi realizado na aldeia Cidadezinha, segunda aldeia Deni no rio Cuniuá, e teve início em novembro de 2011 e término em janeiro de 2012, contando pouco mais de 60 dias. Esses dois trabalhos de campo foram feitos para a realização da pesquisa de mestrado que teve como foco a fonologia da língua Deni.

Seguindo a cronologia dos trabalhos de campo, o terceiro (e primeiro durante o curso de doutorado) foi realizado na cidade de Tapauá - AM de dezembro de 2013 a janeiro de 2014, tendo duração de 35 dias. A quarta viagem para coleta de dados teve início em dezembro de 2014 e término em janeiro de 2015, tendo duração aproximada de 45 dias. Esse trabalho de campo ocorreu na aldeia Cidadezinha. A quinta e última coleta de dados realizada até o momento aconteceu também na aldeia Cidadezinha, nos meses de outubro e novembro de 2016, contando 40 dias.

Desde 2011, foram realizados cinco trabalhos de campo perfazendo aproximadamente sete meses de trabalho de coleta de dados. Desses sete meses, um mês e meio foi de trabalho em cidade (Lábrea e Tapauá, ambas no estado do Amazonas) e cinco meses e meio de trabalho na aldeia Cidadezinha, segunda aldeia Deni no rio Cuniuá. Os dados objeto de análise na presente tese são, portanto, obtidos exclusivamente com falantes nativos do rio Cuniuá. Nenhum trabalho de coleta de dados para esta tese foi feito com falantes do rio Xeruã. Como será visto na seção 3, as aldeias Deni são localizadas às margens dos rios Cuniuá e Xeruã, todas no estado do Amazonas.

⁵ Tradução minha: “Envolve a coleta de dados acurados em uma maneira ética. Envolve produzir um resultado que ambos comunidade e linguista aprovam. O terceiro componente envolve a interação do linguista com a comunidade de falantes em algum nível.” (BOWERN, 2008, p. 7).

⁶ Tradução minha: “... como a investigação da estrutura de uma língua por meio de coleta de dados primários da língua obtidos pela interação com falantes nativos.” (CHELLIAH; REUSE, 2011, p. 7).

2.2 Materiais e métodos

Todas as viagens a campo envolveram métodos sistemáticos de coleta de dados linguísticos. Os dados coletados foram, em sua totalidade, expressões orais, tais como itens lexicais, sentenças, narrativas, mitos, músicas, diálogos, atividades diárias (formas de plantio, cultivo da terra, construção de objetos). O ponto de partida para a coleta de dados lexicais e gramaticais foi o questionário do SIL – Museu Nacional. Posteriormente, outros questionários foram elaborados por mim, seja em campo, seja fora dele, visando coletar dados de modo direcionado para algum fenômeno. Os questionários elaborados por mim tiveram por base os pressupostos constantes de Kibrik (1977) e Payne (1997). Além desses questionários, foram utilizados, para a coleta de dados, os guias de Cavalcante (2010) e Oliveira e Cassaro (1999). Os objetos e coisas do mundo empírico (armas de caça, pesca, artesanatos, aves, animais...) também serviram de apoio para coletar dados. Os dados foram, majoritariamente, gravados e armazenados em meio digital para que pudessem ser consultados posteriormente.

De início, foram aplicados alguns questionários com intuito de investigar o sistema sonoro da língua. Os questionários também foram aplicados a fim de apurar paradigmas morfológicos e sintáticos, visando formar uma base da estrutura e funcionamento da língua. Isso foi feito principalmente durante os dois primeiros trabalhos de campo realizados, como já mencionado, para a pesquisa de mestrado. Tendo uma base do sistema sonoro e alguns paradigmas morfológicos e sintáticos da língua, passei a trabalhar predominantemente com textos orais, ou seja, coleta, transcrição e tradução de narrativas, mitos, atividades diárias, diálogos, entre outros. Essa metodologia tem sido predominantemente usada desde o terceiro trabalho de campo quando do início da presente pesquisa de doutorado. Além de coletar os tipos de texto já mencionados, notas de campo também formam a base de dados. Muitas vezes eu não estava gravando, mas estava com o caderno e anotava questões linguísticas e culturais com intuito de que isso pudesse contribuir para o refinamento das análises.

No momento da coleta, os dados foram transcritos foneticamente seguindo os símbolos do *International Phonetics Alphabet* (IPA). Os dados foram gravados, quase em sua totalidade, no aparelho IC RECORDER modelo ICD-PX333 da marca SONY em alta qualidade. Tal aparelho permite a gravação em formato MP3, formato este bastante comum e que facilita a transferência dos dados digitais do gravador para computadores e para outros dispositivos tecnológicos. Faz-se importante a gravação dos dados em meios digitais para que eles possam ser consultados posteriormente, seja em campo ou fora dele. Algumas histórias e mitos foram também gravados em vídeo com câmera SONY handycam com intuito de que a linguagem não

verbal pudesse também ser analisada nessas produções linguísticas. Além disso, um computador VAIO foi também levado a campo, a fim de que os dados pudessem ser salvos em cartões de memória e no computador. A câmera e o computador foram emprestados pelo Departamento de Linguística da Unesp, por intermédio do professor Luiz Carlos Cagliari.

A escolha dos informantes seguiu os critérios de conhecimento do português e disponibilidade de tempo para as sessões de coleta de dados. Assim, os principais informantes da pesquisa foram Eraldo Upanava Deni, Zima Varasha Deni, Siruha Upanava Deni, Mavahari Upanava Deni e Uhinaha Tamakuri Deni, todos da aldeia Cidadezinha, com exceção de Ahie Varasha Deni, da aldeia Samaúma e que agora mora na aldeia Limoeiro. Vale ressaltar que outras pessoas contribuíram para a coleta de dados; porém, são mencionados aqui os que trabalharam mais sistematicamente na formação da base de dados para a realização da presente pesquisa.

Dado que não é fundamental que todos os exemplos sejam dados em símbolos fonéticos, apenas na seção 4 desta tese – que lida exclusivamente com fonética e fonologia – os exemplos são dados em símbolos do IPA. A partir da seção 5, os exemplos são dados em símbolos ortográficos. Os quadros 2.1 e 2.2 apresentam os símbolos ortográficos utilizados para a apresentação dos exemplos.

Quadro 2.1: *Fonemas consonantais e as letras usadas para representá-los.*

Fonemas	/p/	/b/	/t/	/d/	/k/	/p ^h /	/t ^h /	/ts ^h /	/k ^h /	/v/	/h/	/m/	/n/	/ɾ/	/ts/	/dz/
Letras	p	b	t	d	k	ph	th	sh	kh	v	h	m	n	r	ts	dz

Quadro 2.2: *Fonemas vocálicos e as letras usadas para representá-los*

Fonemas	/a/	/ɛ/	/i/	/u/
Letras	a	e	i	u

Com intuito de facilitar a leitura e interpretação dos dados por parte do leitor, os símbolos ortográficos usados são bastante similares aos símbolos fonológicos, como pode ser observado nos quadros 2.1 e 2.2.

2.3 Sobre o aporte teórico

Nichols (1984) diz que as teorias gramaticais ou análises gramaticais podem ser divididas em três tipos: estrutural, formal e funcional. Para a linguista, a gramática estrutural descreve estruturas gramaticais como fonemas, morfemas, relações sintáticas, semânticas,

sentenças, entre outras. A gramática formal analisa o mesmo quadro de fenômenos, mas busca construir um modelo formal da língua; este modelo é o próprio objeto de descrição. A gramática funcional, assim como as gramáticas formais e estruturais, também analisa a estrutura gramatical, mas leva em conta a situação comunicativa, a proposta do evento de fala, os participantes envolvidos, o contexto do discurso (NICHOLS, 1984).

Os funcionalistas defendem a visão de que a situação de comunicação motiva, restringe, explica ou determina a estrutura gramatical. Os modelos que não se preocupam com a situação comunicativa – a língua em uso – podem constituir um banco de dados que seja restrito e artificial. A gramática funcional se distingue da abordagem estrutural ou formal por se propor a explicar, e não somente criar modelo. A explicação do modelo funcionalista, segundo Nichols (1984), é feita com base na situação comunicativa.

Também discutindo sobre perspectivas teóricas na análise linguística, Dryer (2006) apresenta as diferenças entre teorias descritivas, teorias explicatórias e a teoria linguística básica. Para o linguista, as teorias linguísticas descritivas são teorias sobre quais línguas são de uma mesma forma; tais teorias tratam das ferramentas necessárias para produzir descrições de línguas individuais. As teorias explicatórias são teorias sobre o porquê as línguas são como elas são. A Teoria Linguística Básica, por sua vez, busca descrever cada língua em seus próprios termos, sem tentar forçar a língua dentro de um modelo baseado nas línguas europeias.

Pensando sobre a história da descrição linguística, no período de 1965 a 1975 houve uma variação considerável nas concepções que os autores fizeram sobre quais ferramentas descritivas aplicar: alguns usavam alguns conceitos da gramática tradicional enquanto outros assumiam alguma versão do estruturalismo. Outras gramáticas de período assumiram o quadro teórico da gramática gerativo-transformacional. Dryer (2006) menciona ainda que muitas gramáticas assumiram uma combinação dessas abordagens teóricas.

Depois de 1975, essa variedade diminuiu significativamente por algumas razões: (i) houve um acentuado declínio no uso da gramática gerativa devido às mudanças de pensamento da gramática gerativa chomskyana; (ii) as abordagens estruturalistas foram se tornando cada vez mais fora-de-moda; (iii) houve um aumento significativo nos trabalhos em linguística tipológica.

Esses fatores contribuíram para a emergência, nas três últimas décadas, de um quadro teórico dominante nas gramáticas descritivas. Dixon (1997) percebeu que isso estava acontecendo e se refere a este quadro teórico como Teoria Linguística Básica, a qual o autor discute de forma mais profunda nos três volumes publicados em 2010 (volumes 1 e 2) e 2012 (volume 3). A Teoria Linguística Básica difere de outros quadros teóricos porque usa, tanto

quanto possível, tradições anteriores e somente o que é necessário das novas tradições. Tal quadro difere da gramática tradicional na tentativa de descrever cada língua em seus próprios termos, sem forçá-la dentro de um modelo baseado nas línguas europeias.

A Teoria Linguística Básica é um quadro teórico que tem sido amplamente utilizado na descrição gramatical, especialmente na elaboração de gramáticas de línguas pouco ou nada conhecidas. Além disso, é o quadro utilizado pela maioria dos pesquisadores em tipologia linguística, principalmente fora dos Estados Unidos da América.

Para o presente trabalho, adoto uma perspectiva tipológico-funcional na análise dos dados da língua Deni. Funcional no sentido de que o foco na coleta de dados foi pela forma em que a língua é usada na comunicação diária pelos seus falantes nativos, isto é, a língua em situação de uso real. Tipológico no sentido de que este trabalho busca apresentar algumas características estruturais da língua Deni fazendo relações com outras línguas sempre que possível.

2.3.1 Categorizando palavras em classes

Van Lier e Rijkhoff (2013) afirmam que categorizar é um traço fundamental da cognição humana que consiste em agrupar entidades de acordo com suas características compartilhadas. A linguagem – como uma atividade humana – não é isenta de categorização. Similarmente a entidades concretas como objetos e pessoas, entidades abstratas como palavras também são agrupadas em classes de acordo com as características que elas têm em comum. Na literatura, os termos ‘partes do discurso’ e ‘classes de palavras’ são usados quase que indistintamente, com o primeiro fazendo referência às maiores classes de palavras (geralmente nomes, verbos e adjetivos) em uma língua particular, e o segundo fazendo referência a todas as classes de palavras. Ambos os termos – salvo as diferenças agora mencionadas – são usados para agrupar itens lexicais em classes ou partes de acordo com suas características gramaticais compartilhadas.

Parece ser uma metodologia amplamente aceita pelos linguistas tipologicamente orientados que as classes de palavras devam ser identificadas de acordo com critérios internos da própria língua sob investigação. Essa perspectiva é também adotada aqui ao lidar com as classes de palavras, especialmente com as classes com maior número de membros, como nomes, verbos e adjetivos. Embora as línguas do mundo tenham diferentes maneiras para definir a adesão de um item lexical em uma classe de palavra, há padrões translinguísticos recorrentes que foram atestados em décadas de trabalhos tipológicos baseados em descrições

de um amplo número de línguas geográfica e genealogicamente distantes que nos mostram algumas tendências que as classes de palavras são passíveis de seguir.

Atribuir um elemento a uma classe é uma atividade que pode tomar lugar em diferentes níveis da estrutura gramatical. Os níveis relevantes de categorização de unidades com significados lexicais oferecidos por Lehman (2010) são dados no quadro 2.3 (que é adaptado aqui).

Quadro 2.3: *Níveis de categorização gramatical*

Níveis	
4	Sintagma
3	Palavra
2	Base
1	Raiz

Na presente tese, a atribuição de itens lexicais em classes de palavras ocorre principalmente no nível 4 do quadro 2.3. As palavras são categorizadas, então, de acordo com seu funcionamento na conversação. Quando outros níveis são usados, é feita uma menção com intuito de esclarecer qual nível de categorização está sendo usado naquele momento. Há algumas raízes, por exemplo, que, dependendo das características morfológicas e sintáticas, podem funcionar como verbos intransitivos ou como adjetivos. A categorização em níveis mais baixos, portanto, não é possível para tais raízes. Dado que a categorização aqui é feita principalmente nos níveis mais altos do quadro 2.3 – quando itens lexicais estão sendo usados no discurso – é apropriado referir às partes (ou classes) para as quais eles são atribuídos como ‘partes do discurso’ ou ‘classes de palavras’. Aqui, adoto principalmente o termo ‘classes de palavras’; saliento, contudo, que ‘partes do discurso’ também faz referência às partes para qual os itens lexicais são atribuídos.

Outro ponto digno de menção aqui diz respeito à forma como as classes de palavras são denominadas. Parece-me apropriado referir a elas usando os termos tradicionais ‘nome’, ‘verbo’, ‘adjetivo’, ‘pronome’, entre outros. Estudos tipológicos têm fornecido boas bases para manter esses termos tradicionais, visto que eles podem fazer analogias entre sistemas que, embora não idênticos, compartilham traços suficientes para serem razoavelmente referidos com os mesmos termos descritivos (mesmo que eles sejam entendidos como tendo significados diferentes, sobrepostos quando aplicados a diferentes línguas). Ademais, embora nomes opacos como ‘forma -de’ ou ‘classe 19’ sejam teoricamente justificados, de forma alguma eles são práticos, como Haspelmath (2007) argumentou.

A função sintática de um item lexical é determinada pela operação proposicional que é realizada sobre ele. Croft (1991, 2000, 2003) reconhece que referência, predicação e modificação são, de fato, funções pragmáticas (comunicativas) que são a base da distinção das três maiores classes de palavras. Essa perspectiva aponta para protótipos tipológicos para as classes de palavras tal como apresentados em (A1-3):

(A1) A operação proposicional de um nome é fazer referência a uma entidade;

(A2) A operação proposicional de um verbo é fazer predicação de uma ação;

(A3) A operação proposicional de um adjetivo é fazer modificação por uma propriedade.

As três funções sintáticas prototípicas das três maiores classes de palavras podem ser associadas às funções pragmáticas – isto é, a operação proposicional em que uma classe de palavra é usada. Compare as asserções inclusas em (A1-3) com as inclusas em (B1-3).

(B1) Um nome é um item lexical que é não-marcado como núcleo de um sintagma nominal que é argumento de um predicado;

(B2) Um verbo é um item lexical que é não-marcado como núcleo de um predicado.

(B3) Um adjetivo é um item lexical que é não-marcado como modificador nominal.

Funções prototípicas associadas com as operações proposicionais são relevantes quando considerando a ‘divisão’ relacionada às três maiores classes de palavras. Alguns dos itens lexicais que são classificados como verbos em Deni incluem diferenças em relação ao comportamento morfológico, sintático e semântico. Por exemplo, verbos intransitivos estativos não recebem morfemas imperativos, enquanto verbos que expressam ação recebem. Verbos transitivos requerem um argumento na função de O, ao passo que verbos intransitivos não permitem a ocorrência de argumento na função de O. Finalmente, alguns verbos expressam ação, enquanto outros expressam estado ou ainda fenômenos da natureza.

Esses itens lexicais são parte de uma mesma classe de palavras ou fazem parte de diferentes classes? Dependendo do critério adotado, um linguista pode dividi-los em diferentes classes, como ‘palavras intransitivas estativas’, ‘palavras transitivas de ação’, ou ainda ‘palavras de fenômenos naturais’. Essa atitude, porém, estaria negligenciando um amplo quadro de traços compartilhados por esses itens lexicais, como deve ser visto na seção 7. Além disso, a atribuição desses itens lexicais em diferentes partes do discurso negligenciaria os atos proposicionais para os quais tais itens são usados na comunicação.

Embora esses itens lexicais incluam diferentes características, eles compartilham traços suficientes para serem atribuídos à mesma classe de palavra. Os traços compartilhados são, portanto, a razão para atribuir os verbos intransitivos, transitivos, estativos, de ação à mesma classe de palavra. Além das características morfológicas e sintáticas compartilhadas, todos os

verbos são usados na operação proposicional de predicação. Então, todos esses membros de supostas classes diferentes são, em uma análise profunda, membros de uma mesma classe: verbos. Vale mencionar que os critérios para a atribuição de itens lexicais em classes de palavras são morfológicos e sintáticos internos à própria língua. Assim, a proposição operacional é usada como uma forma de corroborar a classificação feita com base nos critérios morfológicos e sintáticos internos à língua.

Note que os conceitos ‘marcado’ e ‘não-marcado’ são de grande importância para pensar operações proposicionais prototípicas e funções sintáticas prototípicas de classes de palavras. Sem dúvida, outras combinações que as prototípicas são possíveis para as línguas do mundo. Contudo, essas outras combinações são marcadas. Construções genitivas, por exemplo, tipicamente estabelecem uma relação entre dois nomes dos quais um desempenha o papel de modificador ao indicar o possuidor no SN. Nessa função não-prototípica, o nome desempenhando função de modificador é marcado. Nas línguas, essa marcação é expressa de diferentes formas, tal como pelo anexo de um morfema (ou clítico) ou pela posição dos nomes dentro do SN. Em Deni, construções possessivas envolvendo dois nomes livres (alienáveis) marcam o possuidor (nome em função não-prototípica) pelo clítico genitivo =*kha*.

Um fenômeno bastante atestado nas línguas do mundo diz respeito a itens lexicais que são usados em mais de uma função sintática. Derivação, por exemplo, é um processo muito comum nas línguas. Contudo, os casos mais problemáticos que têm causado discussão na literatura recente são aqueles em que itens lexicais são usados em mais de uma função sintática sem nenhuma marcação morfológica formal evidente. Esse fenômeno é chamado de ‘conversão’ e, de acordo com Bauer (2008), relaciona duas palavras que são formalmente idênticas, mas categorialmente diferentes.

Os estudiosos têm tomado diferentes posições a fim de explicar o fenômeno da conversão em línguas particulares. (Uma discussão mais completa sobre as diferentes posições tomadas em relação à conversão vai além do escopo deste estudo; uma visão geral está em van Lier e Rijkhoff (2013).) Croft (2000, p. 96) aponta para um universal translinguístico envolvendo mudança semântica sistemática em direção à classe de palavra tipicamente associada à operação proposicional. Este é claramente o caso para itens lexicais flexíveis em Deni. Veja, por exemplo, *makhi*, que significa ‘homem’ como núcleo de um SN e ‘macho’ como modificador nominal, e *amunehe*, que significa ‘mulher’ como núcleo de um SN e ‘fêmea’ como modificador. Há, ainda, outros casos de itens lexicais flexíveis em Deni; uma análise sobre eles está em 5.2.1.3.

As considerações apresentadas nesta seção são a base para a distinção entre as classes de palavras e, ainda, para a atribuição de itens lexicais a classes de palavras. As características morfológicas, sintáticas e semânticas dos membros de cada uma das classes de palavras são dadas nas seções que tratam respectivamente de cada uma delas. É importante ressaltar que o critério morfológico é o critério utilizado para a postulação de subclasses das classes de palavras. Por exemplo, a classe de nomes em Deni inclui membros que são inalienavelmente possuídos, livres e nomes *ka-*. A classe de verbos também tem uma divisão entre os verbos em que a marcação de pessoa precede a raiz e verbos em que a marcação de pessoa segue a raiz. Os membros da classe de adjetivos também podem ser divididos em adjetivos que recebem o morfema *-de* e adjetivos que não recebem o morfema *-de*. Em todos os casos, o critério morfológico é o critério utilizado para a postulação de subclasses nas classes de palavras em Deni. Como mencionado acima, embora os membros de uma classe apresentem algumas diferenças, há traços compartilhados suficientes para atribuí-los como pertencendo a uma mesma classe de palavra.

3 A LÍNGUA E SEUS FALANTES

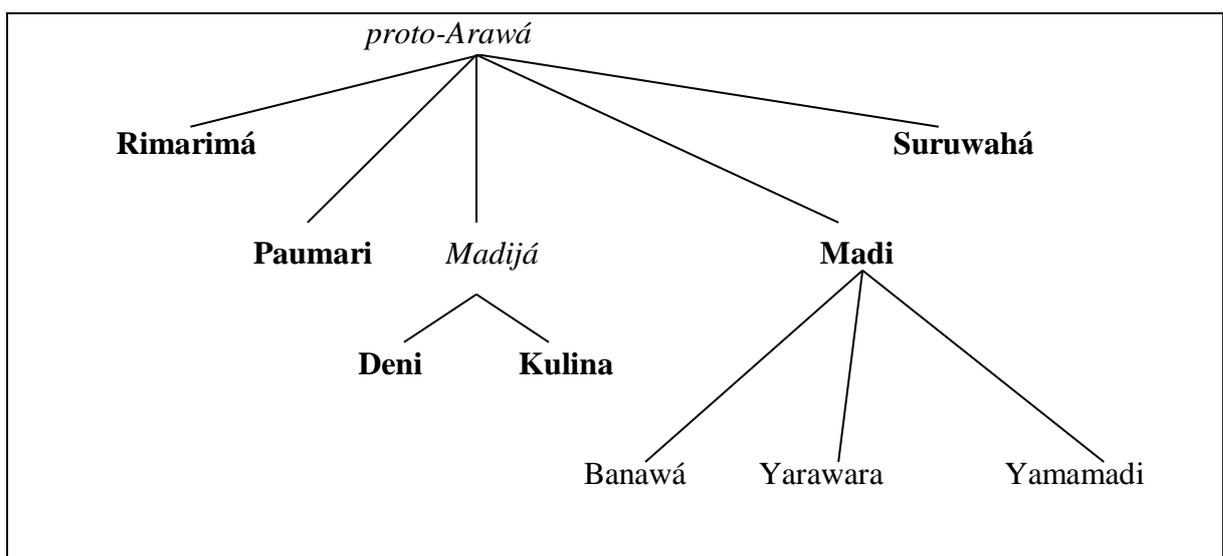
A presente seção lida com a filiação linguística da língua Deni, bem como com a relação genética das línguas que compõem a família linguística Arawá. Questões relacionadas à população Deni e à localização da Terra Indígena Deni são também abordadas aqui. Esta seção apresenta, ainda, algumas características da estrutura social dos Deni, além de um apanhado dos estudos já realizados sobre essa língua.

3.1 Filiação linguística: a família Arawá

Arawá é uma pequena família linguística composta por cinco línguas vivas atualmente: Paumarí, Sorowahá, Kulina, Deni e Madi. Além dessas cinco línguas vivas, a família Arawá conta como a língua Arawá que deu seu nome à família e está extinta desde 1877, mas é conhecida por uma lista de palavras de 1869, como mencionado por Dixon (2004c).

Há, principalmente, três propostas que versam sobre a relação genética das línguas Arawá. A primeira delas tratada aqui é a proposta de Everett (1995, p. 298), que é apresentada na figura 3.1. Nessa representação, as relações genéticas das línguas Arawá é feita por meio de uma árvore, em que as línguas estão representadas em negrito, as proto-línguas estão em itálico e os dialetos em letras normais.

Figura 3.1: A relação genética das línguas Arawá segundo Everett (1995).



Interessantemente, Everett (1995) inclui a língua Himarimã – grafia adotada pela FUNAI – na família Arawá. Dixon (2004c: 3) apontou que a língua Himarimã foi reportada por

um membro da JOCUM – Jovens com uma Missão - que “met a speaker of ‘Rimarimá’ near a Sorowahá village, having taken down a short list [which has been lost], and having noted that it was an Arawá language”.⁷ Embora seja bastante provável que esta língua pertença, de fato, à família Arawá pela localização em que ela é falada e pela presença constante em histórias de guerra com outros povos Arawá, a classificação dessa língua é apenas especulativa, uma vez que não há dados disponíveis (cf. CARVALHO, 2016a).

Dixon (1999, p. 294) apresenta uma proposta contendo a relação genética das línguas Arawá similar à proposta de Everett (1995). Essa proposta é apresentada na figura 3.2.

Figura 3.2: A relação genética das línguas Arawá segundo Dixon (1999)

1 Paumarí (c. 600, only c. 200 speak the language)
2 Madi, spoken by three tribes, each with its own dialect:
Jarawara (c. 150)
Jamamadi (c. 190)
Banawá (c. 80)
3 Sorowahá (c. 100)
Dení-Kulina subgroup
4 Dení (c. 1,000)
5 Kulina (or Madiha or Madija) (c. 2,500)
6 Arawá (extinct since about 1880)

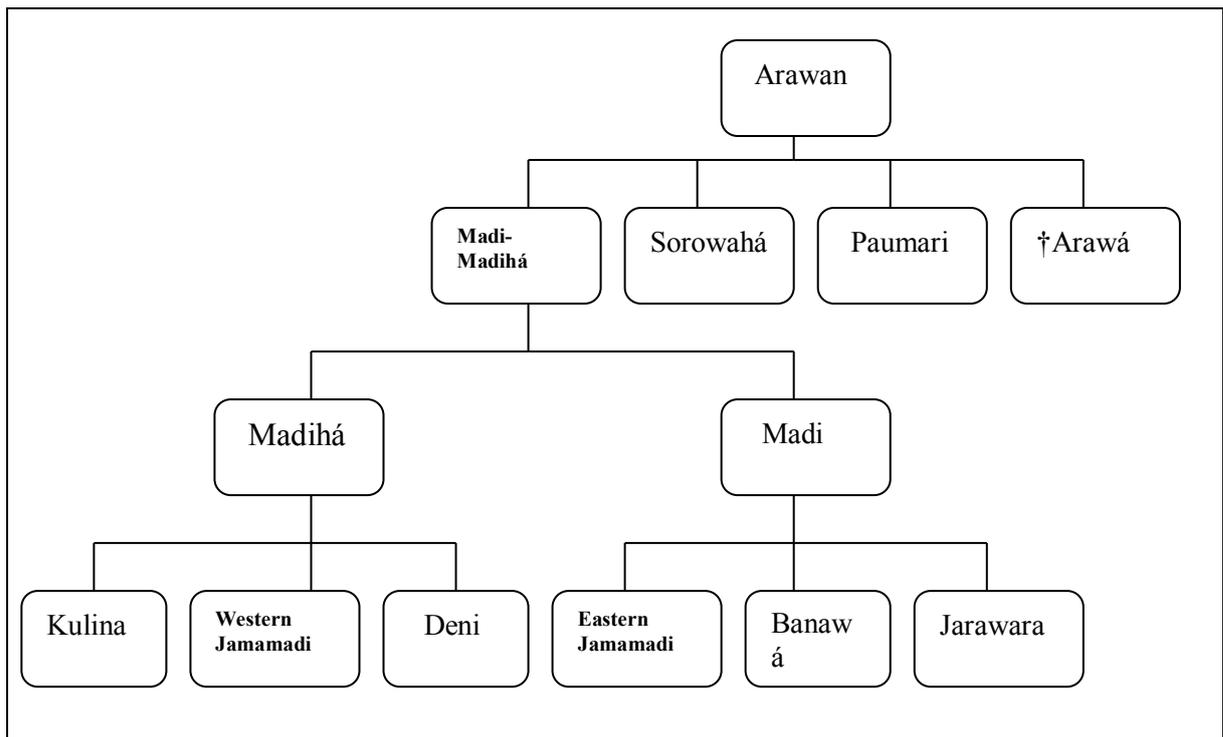
Assim como Everett, Dixon considera que a língua denominada Madi é falada por três povos, cada um com seu próprio dialeto: Jarawara, Jamamadi e Banawá. As línguas Deni e Kulina são relacionadas de forma muito próxima. Dixon (1999, p. 294) considerou que “there are enough grammatical differences between Dení and Kulina to establish them as distinct languages, but they plainly constitute one subgroup”.⁸ Posteriormente, Dixon (2004a, p. 12) afirmou que, em um exame detalhado, Deni e Kulina são apenas uma língua consistida de uma cadeia de dialetos mutuamente inteligíveis. Nesse sentido, a família Arawá seria composta atualmente por quatro línguas, dado que Deni e Kulina são apenas variedades de uma língua.

⁷ Tradução minha: “[um membro da JOCUM que] conheceu um falante de ‘Rimarimá’ perto de uma aldeia Sorowahá, tendo coletado uma lista pequena [que foi perdida] e notou que era uma língua Arawá” (DIXON, 2004c: 3).

⁸ Tradução minha: “há diferenças gramaticais suficientes para estabelecê-las como línguas distintas, mas elas claramente constituem um subgrupo.” (DIXON, 1999, p. 294).

Um ponto relevante para a presente discussão e que foi primeiramente apontado por Dixon (2004c, p. 7) diz respeito a dois grupos de Jamamadi dos quais um é mutuamente inteligível com Jarawara e Jamamadi e o outro é inteligível como Deni e Kulina. Isso foi notado e mencionado também por Dienst (2008, p. 62), cuja proposta de relação genética das línguas Arawá é apresentada na figura 3.3.

Figura 3.3: A relação genética das línguas Arawá segundo Dienst (2008).



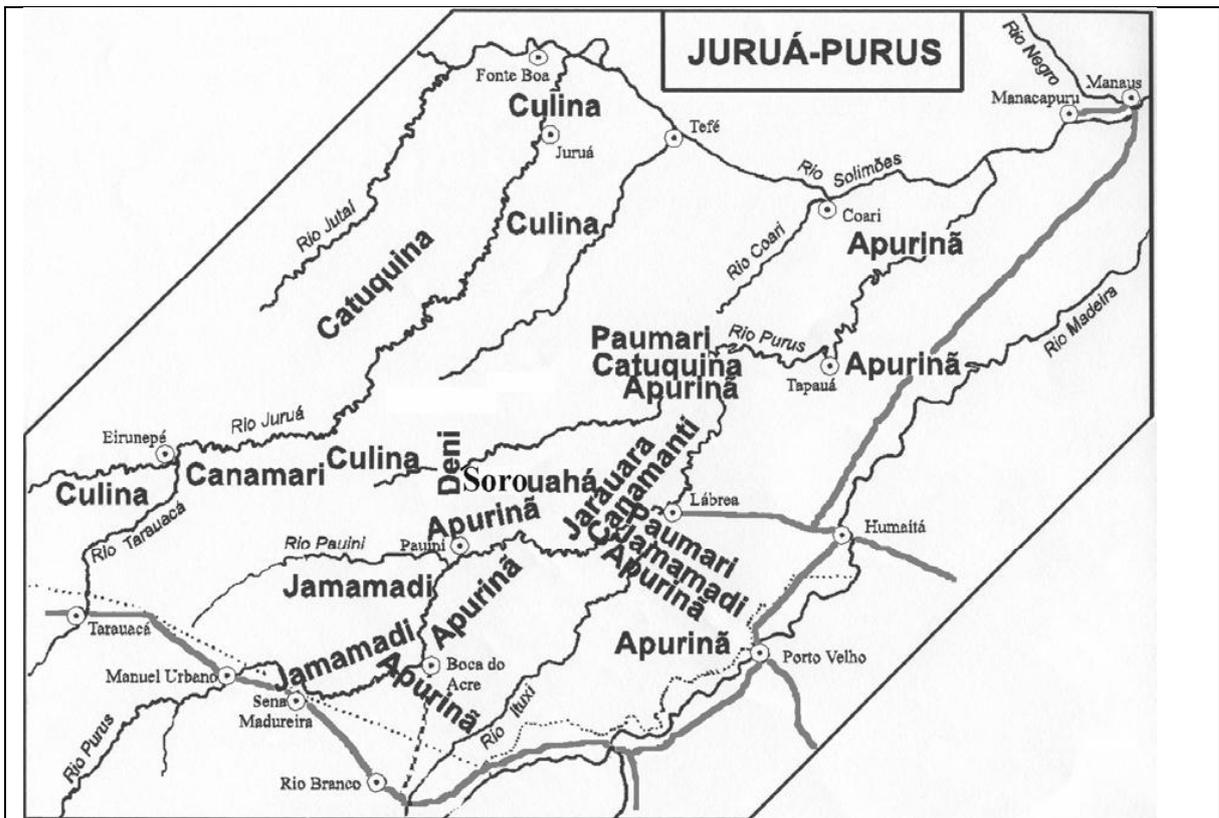
Note na figura 3.3 extraída de Dienst (2008, p. 66), o linguista inclui duas variedades de Jamamadi, sendo uma pertencente ao subgrupo Madihá que ele denomina “*Western Jamamadi*” (Jamamadi Ocidental) e outra pertencente ao grupo Madi que ele denomina “*Eastern Jamamadi*” (Jamamadi Oriental). Para Dienst (2008), os Jamamadi que pertencem ao grupo Madihá (“*Western Jamamadi*”) vivem perto das cidades de Boca do Acre e Pauini, ao passo que os Jamamadi que pertencem ao grupo Madi (“*Eastern Jamamadi*”) vivem perto da cidade de Lábrea. Além das diferenças linguísticas – que são a base para a postulação dos diferentes grupos Jamamadi –, há também diferença geográfica entre eles.

Embora as propostas de relação genética entre as línguas Arawá apresentem variações, as diferenças são mínimas. Uma classificação resumida das línguas Arawá é oferecida por Aikhenvald (2012, p. 56) e por Carvalho (2013a, p. 91). Fontes adicionais incluem Carvalho (2013b) e Dienst (2014). Uma lista compreensiva de fontes antigas está em Dixon (2006). Pelos

trabalhos de campo empreendidos no Sul do estado do Amazonas, adoto a proposta de Dienst (2008) no presente trabalho.

No que concerne à localização, as línguas Arawá são faladas por povos que se concentram em aproximadamente 20 Terras Indígenas na área etnográfica que compreende os rios Juruá e Purus. O mapa 3.1 foi extraído de Melatti (2012, p.2) e apresenta a região em que estão os povos (e línguas) faladas na região Juruá-Purus.

Mapa 3.1: Povos e línguas faladas na região Juruá-Purus segundo Melatti (2012).



Os povos falantes de línguas Arawá estão localizados majoritariamente no interflúvio Juruá-Purus no Sul estado do Amazonas. Exceção se faz ao povo Kulina, que vive também no estado do Acre e no Peru.

Como mencionado na seção 1, o estudo científico das línguas indígenas brasileiras ainda é recente, visto que apenas na década de 1980 passou a experimentar um grande desenvolvimento. O reflexo disso é uma literatura muito limitada sobre tais línguas. Isso não é diferente com as línguas Arawá. Dixon (1999, p. 293-4) apresenta um apanhado sobre os estudos já realizados sobre as línguas Arawá:

Materials available are of uneven quality. Dixon and Vogel have an extensive grammar of Jarawara in an advanced stage of preparation. SIL teams have

done some linguistic work on the Jamamadi and Banawá dialects of Madi, on Dení and Kulina (from the Peru side), producing manuscript sketch grammars for Dení and Kulina and draft dictionaries for all four varieties. For Paumarí there is a lengthy grammatical sketch, of good quality, by Chapman and Desbyshire (1991); [...] missionaries from Jovems (sic.) Com Uma Missão (JOCUM) have done some preliminary linguistic work on Sorowahá. [...] Monserrat and Silva (1986) and Silva and Monserrat (1984) have published a short grammar and dictionary of a dialect of Kulina spoken in Acre.⁹

Embora os estudos sobre as línguas Arawá estejam sendo desenvolvidos, os materiais disponíveis são ainda muito limitados. A língua Sorowahá, por exemplo, é quase que desconhecida. Raros são os materiais publicados sobre ela. Sendo assim, este trabalho visa também contribuir para a ampliação do conhecimento das línguas Arawá ao lidar com a língua Deni e em diversos momentos apresentar as relações e distinções existentes entre essas línguas.

3.2 O povo Deni: localização e população

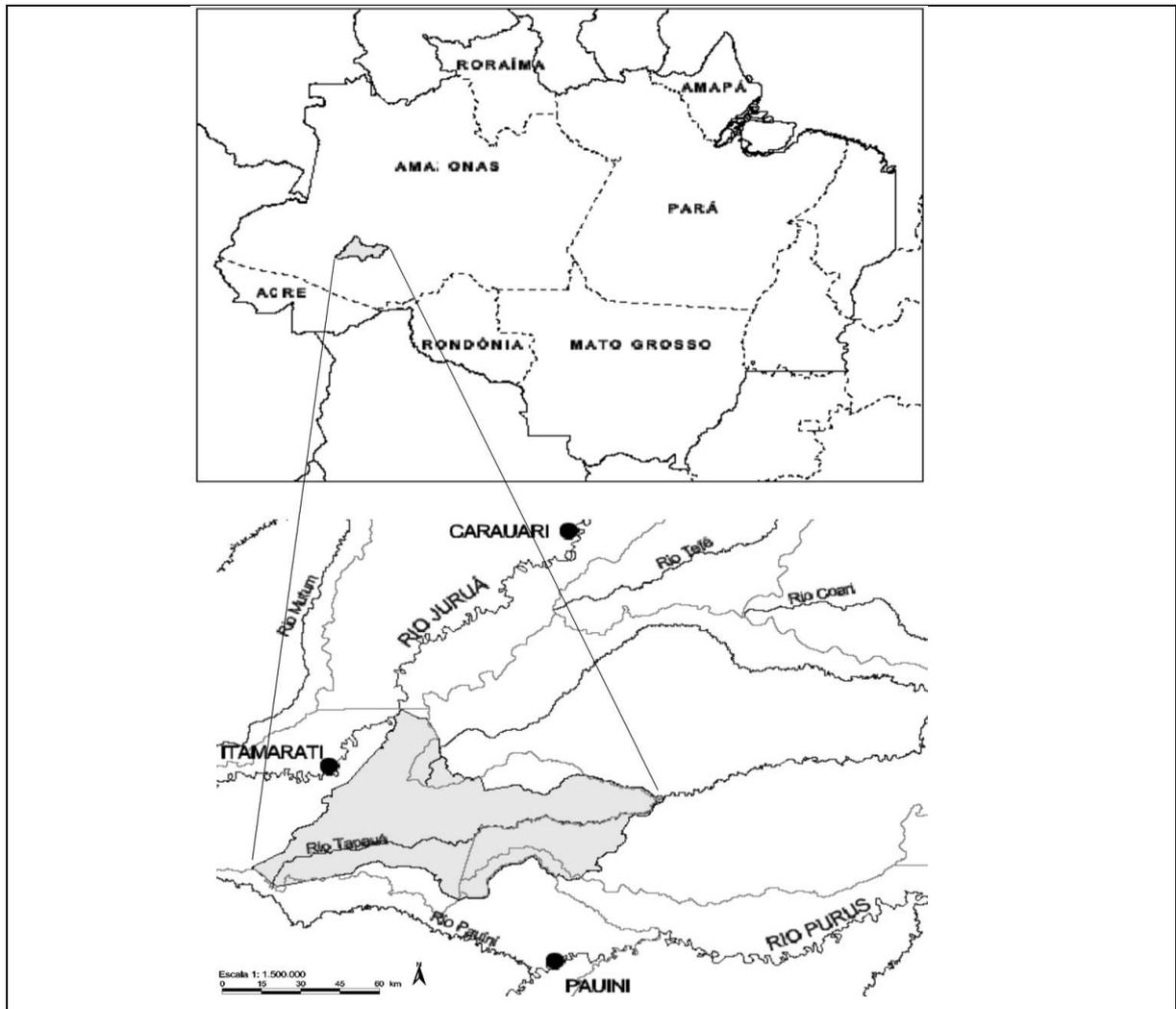
O povo Deni vive no estado do Amazonas em uma região entre os rios Juruá e Purus, região essa que compreende os municípios de Itamarati, Lábrea e Tapauá. Desde a década de 1930 há intervenções do Estado buscando a demarcação da Terra Indígena Deni. Os Deni trabalharam ativamente no processo de demarcação de sua terra no ano de 2001; essa demarcação proporcionou aos Deni 1.530.000 hectares. Entretanto, a homologação feita pelo Presidente da República veio somente em 2004 (PEZZUTI; CHAVEZ, 2009).

O mapa 3.2 extraído de Pezzuti e Chavez (2009) traz a localização da Terra Indígena Deni.

⁹ Tradução minha: “Os materiais disponíveis são de qualidade desigual. Dixon e Vogel têm uma extensa gramática do Jarawara em estágio avançado de preparação. Equipes do SIL têm feito alguns trabalhos linguísticos sobre os dialetos Jamamadi e Banawá da língua Madi, sobre o Deni e Kulina (do lado do Peru), têm produzido manuscritos sobre a gramática e rascunhos de dicionário para todas as quatro variedades. Para o Paumari há um longo esboço gramatical, de boa qualidade, de Chapman e Derbyshire (1991); [...] Missionários do Jovens Com Uma Missão (JOCUM) têm feito um trabalho linguístico preliminar do Sorowahá. [...] Monserrat e Silva (1986) e Silva e Monserrat (1984) publicaram uma gramática e um dicionário pequenos de um dialeto Kulina falado no Acre.” (DIXON, 1999, p. 293-4)

Os trabalhos de campo que resultaram no texto de Pezzuti e Chavez (2009) foram

Mapa 3.2: *Localização da Terra Indígena Deni segundo (PEZZUTI; CHAVEZ, 2009).*



realizados no fim do ano de 1998 e início de 1999. Nesse texto – por questões metodológicas –, os autores dividiram a Terra Indígena Deni em duas porções: uma porção ocidental e uma oriental, contendo quatro aldeias em cada uma delas; há época havia, portanto, oito aldeias Deni.

Na porção ocidental existem quatro aldeias, situadas no rio Xeruã (bacia do Juruá) e alguns de seus afluentes. São elas: Rezemã, Morada Nova, Boiador e Itaúba. Na porção oriental existem mais quatro aldeias, todas situadas à margem do rio Cuniuá, afluente do rio Purus: Cidadezinha, Marrecão, Visagem e Samaúma. (PEZZUTI; CHAVEZ, 2009, p. 123)

Pezzuti e Chavez (2009) mostraram ainda que, há época do trabalho de campo, constataram que havia 666 índios que habitavam a terra indígena e que, em 2002, as ONGs Greenpeace, CIMI e OPAN indicaram um crescimento populacional dos índios Deni para 736.

Atualmente, a situação é bastante diferente. Os Deni contam com sete aldeias ao longo do rio Cuniuá (Limoeiro, Cidadezinha, Marrecão, Viagem, Sikurihá, Volta Grande e Samaúma) e mais três aldeias no rio Xeruã (Morada Nova, Boiador e Itaúba). Portanto, são dez aldeias espalhadas pela Terra Indígena Deni. A população também cresceu. O censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE divulgado em 2010 mostra que os Deni contavam com uma população de 1.400 índios. A população Deni tem crescido significativamente nos últimos anos e, agora no ano de 2017, conta com aproximadamente 1.600 pessoas.

3.3 Situação linguística

Atualmente, a língua Deni é usada como principal meio de comunicação em todas as sete aldeias do rio Cuniuá e nas três aldeias do rio Xeruã no desenvolvimento das atividades diárias, como caça, pesca, cultivo de roçado, entre outras. Os Deni do rio Cuniuá são majoritariamente monolíngues em Deni. Alguns homens adultos conseguem se comunicar bem em Português. Geralmente esses homens são os que mantêm contatos mais estreitos com a FUNAI e trabalham com os missionários. As mulheres adultas que falam Português, contudo, são raras. No rio Xeruã, homens e mulheres adultos se comunicam bem em Português. Uma explicação para isso é o fato de as aldeias do rio Xeruã serem localizadas bem próximas à cidade de Itamaraty, Amazonas. Além disso, há alguns Deni do Xeruã que são casados com brancos, como disseram alguns Deni do Cuniuá.

As crianças do rio Cuniuá são monolíngues em Deni. Toda a socialização dessas crianças Deni se dá em língua Deni. Elas acompanham os pais no desenvolvimento de atividades diárias, aprendendo, assim, a cultura de seu povo. Essa aquisição de traços culturais se dá por meio da língua Deni, isto é, a língua é um mecanismo por meio do qual os traços culturais são adquiridos. Além disso, histórias, mitos, músicas são tradicionalmente contadas e cantadas pelos pais e avós para as crianças Deni.

A língua Deni é bastante estável nas aldeias do rio Cuniuá, uma vez que é por meio dela que a comunicação é feita. Todas as crianças são monolíngues em Deni, isto é, elas não aprendem Português como a primeira língua. Os jovens estão cada vez mais aprendendo Português em viagens para a cidade. Essa é uma demanda dos Deni, visto que querem se comunicar bem com a FUNAI. Essa não é uma ameaça à preservação da língua Deni caso as

crianças continuem sendo monolíngues e adquirindo o Deni como primeira língua. Uma língua pode ser extinta rapidamente caso as crianças não mais a adquiram como língua materna. Como mencionado, este não é o caso, por hora, dos Deni.

Nas aldeias do rio Xeruã há alguns Deni que são casados com brancos e outros que são casados com Kulina. A situação linguística nessas casas não é do meu conhecimento. Vale ressaltar aqui que as aldeias do rio Xeruã estão muito mais próximas da cidade que as aldeias do rio Cuniuá, o que torna o contato dos Deni do Xeruã com brancos muito mais frequente. Como mencionado na seção 2, todos os trabalhos de campo foram realizados no rio Cuniuá. Em algumas ocasiões, os Deni do Cuniuá apontavam diferenças dialetais em relação aos Deni do Xeruã, como é o caso do morfema que indica finalidade, que é *-tivehina* para os falantes do Cuniuá e *-tehina* para os falantes do rio Xeruã.

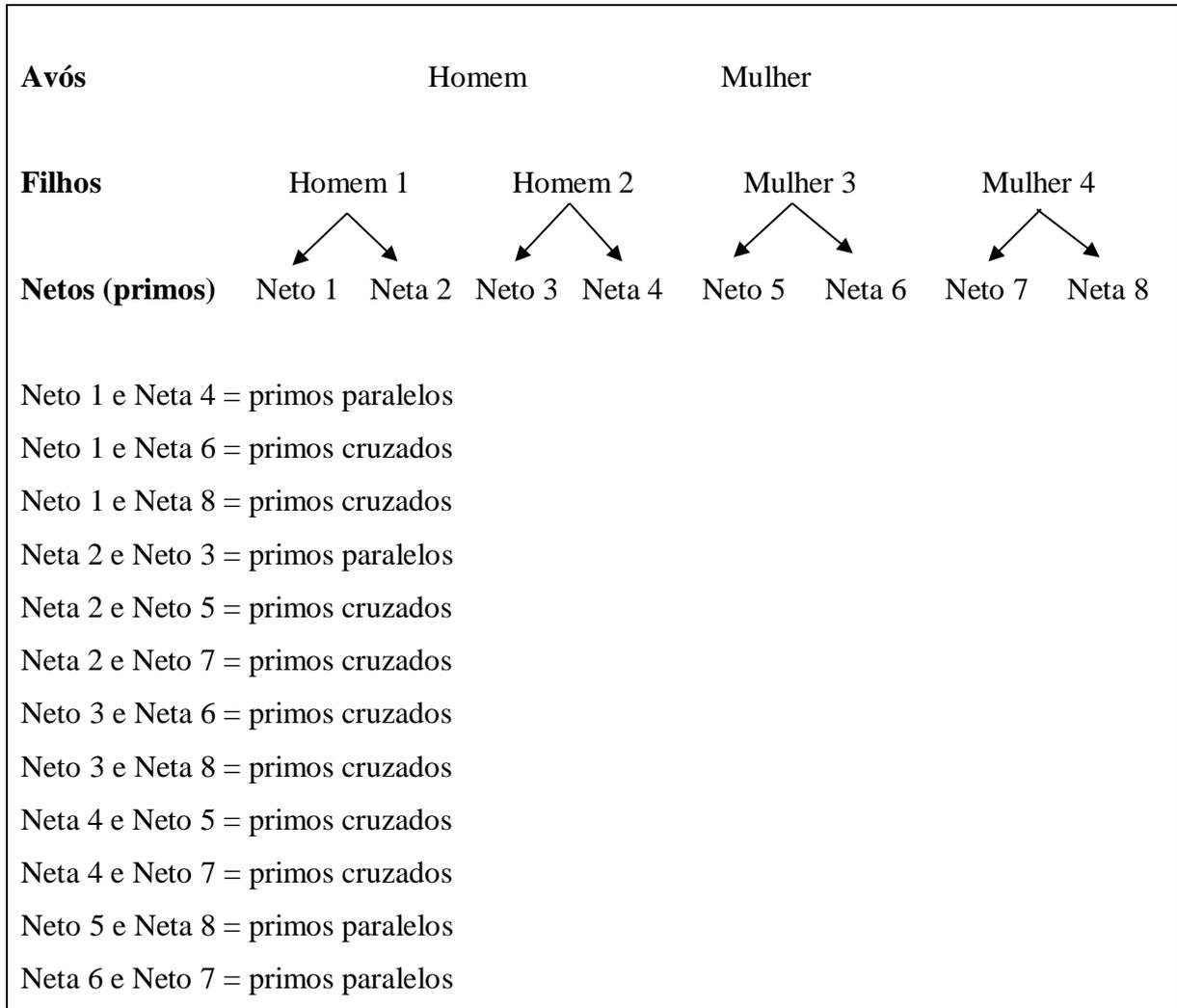
3.4 Organização social: sistema de parentesco, casamento e associação a clã

A estrutura social Deni é organizada em diferentes clãs. Foram identificados pouco mais de dez clãs até o momento. No rio Cuniuá, alguns clãs são majoritários em determinadas aldeias, como é o caso do clã Varasha na aldeia Limoeiro, e o clã Upanava na aldeia Cidadezinha. Os clãs em Deni são nomeados por palavras que fazem referência a elementos da natureza, como animais, plantas e lugares.

O sistema de associação a clã Deni é patrilinear, isto é, a criança pertence ao clã do pai. Florido (2013, p. 133-134) apresenta alguns casos em que esta regra não é seguida. Vale ressaltar, contudo, que esses contra-exemplos representam uma fração mínima da designação de clã na estrutura social Deni.

Deni tem um sistema classificatório de termos de parentesco (basicamente o de tipo Dravidiano) para o qual cada membro da comunidade é relacionado de alguma forma, inclusive pessoas de fora da comunidade – *abuni* ‘cunhado’ usado entre homens, *uvini* ‘meu/minha cunhado(a)’ usado entre homens e mulheres, e *karadi* ‘cunhada’ usado entre mulheres. Os potenciais parceiros são aqueles que são classificados como *uvini* ‘meu/minha cunhado(a)’ no sistema de parentesco Deni. O casamento é permitido para primos cruzados; primos paralelos não podem casar. Primos paralelos são aqueles cujos pais – que são irmãos – têm o mesmo sexo. A figuras 3.4 ilustra a relação de primos paralelos e cruzados na cultura Deni.

Figura 3.4: Sistema de primos paralelos e cruzados



Na figura 3.4, os avós são um casal cujos filhos (Homem 1, Homem 2, Mulher 3 e Mulher 4) pertencem ao clã do pai. Enquanto algumas combinações de netos do casal são parceiros potenciais, outras combinações não são. Os netos filhos dos homens não são parceiros potenciais, assim como também não são parceiros potenciais os netos filhos das mulheres, isto é, os pais são irmãos e têm o mesmo sexo.

Um homem pode casar com duas mulheres. Há casos em que um homem se casa com duas irmãs. Ter mais de uma esposa é um símbolo de status, haja vista que somente homens com maior prestígio podem manter duas esposas. É comum também que um homem tenha uma esposa e, quando esta não pode mais ter filhos, ele se casa com outra que possa ter filhos. Apesar do impacto do Cristianismo trazido por missionários há algumas décadas, a bigamia permanece bastante forte nos dias de hoje nas aldeias Deni.

Nas aldeias do rio Cuniuá, os Deni só se casam entre eles. Há apenas um caso em que um homem Deni é casado com uma mulher Apurinã; eles vivem em uma aldeia na Terra

Indígena Deni. Nas aldeias do rio Xeruã, é mais comum casamentos com pessoas de outras culturas, como não-índios e Kulina. A situação linguística das casas em que um é falante nativo de Deni e o outro é falante nativo de outra língua não é do meu conhecimento.

3.5 Estudos anteriores

Há poucos estudos realizados sobre a língua Deni. Com exceção de Everett (1995), todos os trabalhos realizados sobre a língua Deni são manuscritos elaborados por missionários do *Summer Institute of Linguistics* – SIL nas décadas de 1970 e 1980 que tiveram versão *online* recentemente, o que possibilitou acessá-los de modo mais fácil. É importante mencionar que o objetivo dos missionários era converter os índios ao cristianismo e a tradução da bíblia era um passo necessário para o cumprimento desse objetivo. Estudar a língua, portanto, não era o objetivo central, mas sim um dos passos para se cumprir o objetivo principal que era a tradução da bíblia e a conversão dos índios ao cristianismo. Foi isso o que aconteceu com os Deni e com grande parte dos povos indígenas brasileiros.

Os manuscritos elaborados pelos missionários que estão disponíveis no site do SIL são os seguintes: “Notas sobre morfologia verbal Deni” (1977) de Paul Moran e Dorothy Moran; “*Processes and roles in Deni clause structure*” (1977) de Gordon Koop; “*Deni verb endings*” (1980) de Gordon Koop; “Dicionário Deni-Português” (1985) de Gordon e Lois Koop; e “Os afixos pessoais em Deni” (1976) de Gordon Koop.

Moran e Moran (1977, p. 1) apresentam uma “análise preliminar da morfologia verbal da língua Deni” em que a estrutura verbal é descrita em termos de quatro camadas: radical, base, tema e palavra. Os autores apresentam duas figuras: uma para representar os verbos em que o marcador de pessoa vem depois da raiz verbal; e outra para representar os verbos em que o marcador de pessoa vem antes da raiz verbal. Essas figuras apresentam os elementos obrigatórios da palavra verbal, que são: marcador de pessoa; radical verbal; e aspecto/tempo/modo.

Moran e Moran (1977) apresentam uma análise sobre alguns processos morfofonológicos na língua Deni. Os autores apontam quatro regras morfofonológicas: elisão; inserção; redução; e perturbação. Na elisão, “se um morfema termina na vogal -a, iniciando-se o morfema seguinte com vogal idêntica, uma delas se suprime”¹⁰; na inserção, “se a raiz verbal

¹⁰ Na literatura específica, tem-se chamado esse processo de crase.

começa com vogal, insere-se consoante -v- antes da raiz”¹¹; na redução, “a sequência, marcador da 2ª pessoa -ti seguido de marcador de classe -na, reduz-se à sílaba simples -ta”¹²; na perturbação, alguns sufixos “produzem alteração da vogal -a do sufixo anterior em -i, mas sem aparente regra fonológica” (MORAN; MORAN, 1977, p. 29-30).

Sobre fonologia, Moran e Moran (1977, p. 33) apresentam uma lista composta por vogais e consoantes em que o que está entre barras são os fonemas descritos pelos autores. A representação ortográfica de cada fonema precede os fonemas. Essa lista de fonemas e grafemas está inclusa no quadro 3.1.

Quadro 3.1: *Fonemas e grafemas Deni segundo Moran e Moran (1977)*

Vogais	a /a/	e /e/	i /i/	u /u/			
Consoantes	p /p/	pp /ph/	b /β/	t /t/	tt /th/	d /dʰ/	k /k/ /kw/
	kk /kh/ /khw/	‘ /ʔ/	s /ts/	ss /tsh/	z /dz/		
	v /b/	m /m/	n /n/	r /rʎ/	h /h/		

Uma reanálise da lista leva a uma interpretação de que /khw/ e /kw/, apesar de aparecerem entre barras, devem ser considerados como alofones, e não fonemas. Um indício disso é o fato de todos os manuscritos que fazem referência aos fonemas da língua Deni citam apenas dezessete fonemas consonantais, ou seja, não contam /khw/ e /kw/ como fonemas distintos, mas sim como variantes de um único fonema.

Ao tratar dos afixos pessoais na língua Deni, Koop (1976) os apresenta em dois grupos: regular e direcionado. A maior parte do trabalho é dedicada ao estudo dos afixos regulares e às propriedades comuns a ambos os grupos. Em Deni há radicais verbais que recebem prefixo ou sufixo pessoal; Koop (1976, p. 2) afirma que tais radicais “não constituem conjuntos semântica ou gramaticalmente definidos”. O autor apresenta também processos morfofonológicos envolvendo os prefixos pessoais em alguns verbos cuja marcação de pessoa se dá por meio de prefixo. Quando o radical desses verbos começa com vogal, há o processo de epêntese da consoante /v/. Entretanto, isso não é o que ocorre com o verbo *-ehebu* ‘comer’, visto que a primeira vogal é suprimida nas formas de primeira e segunda pessoa do Singular, aparecendo

¹¹ Na literatura específica, tem-se chamado esse processo de epêntese.

¹² Na literatura específica, tem-se chamado esse processo de haplologia.

apenas na forma de terceira pessoa que é marcada pelo \emptyset . A conjugação desse verbo está em (3.1).

- (3.1) 'u-hébu-aru (eu-comer-não=futuro) 'eu comi';
 'i-hébu-aru (nós-comer-não=futuro) 'nós comemos';
 ti-hébu-aru (você-comer-não=futuro) 'você comeu';
 ti-heúbu-aru (você-comer+V2pl-não=futuro) 'vocês comeram';
 #-'ehébu-aru (3ª pessoa-comer-não=futuro) 'ele, ela, eles ou elas comeram'. Koop (1976, p. 3)

Koop (1977) discute três tipos de processos expressos pelos verbos em Deni, bem como seus papéis correspondentes. O autor apresenta algumas especificações dentro de cada processo. No processo de ação ele trata do “non-motion” (sem movimento), do “motion” (movimento) e do “peripheral roles for action processes” (papéis periféricos para processos de ação); no processo mental ele trata do “locutionary process” (processo locutório), do “perception process” (processo de percepção) e do “desiderative process” (processo desiderativo); por fim, o processo relacional é dividido pelo autor em “attributive” (atributivo), “identification” (identificação), “ambient” (ambiente), “possession” (posse) e “presentation” (apresentação).

Koop (1980) traz explicações sobre o valor de algumas terminações verbais na língua Deni. O próprio autor afirma que seu texto não é uma descrição exaustiva, e que há mais terminações ou combinações de terminações verbais em Deni que ele não mencionou. Koop (1980) apresenta em seu texto as seguintes terminações: “aspectual endings” (terminações aspectuais); “derivational endings” (terminações derivacionais); “verb endings in the interrogative mood” (terminações verbais no modo interrogativo); “verb endings in the imperative mood” (terminações verbais no modo imperativo); “verb endings of the performative, inferential, experience vs. non-experience types” (terminações verbais dos tipos performativo, inferencial, experiência vs. não-experiência).

Sobre a fonologia da língua, Koop (1976; 1977; 1980) cita dezessete fonemas consonantais e quatro vocálicos. Koop (1970) fala ainda sobre a dificuldade em se fazer afirmações sobre as regularidades do acento na língua Deni devido à complexidade de sua natureza.

O “Dicionário Deni-Português” de Koop e Koop (1985) apresenta três seções: (1) considerações gramaticais sobre a língua Deni; (2) O os verbetes (a macroestrutura) em ordem alfabética na língua Deni; (3) um vocabulário em português com a tradução correspondente na

língua Deni. Na parte que trata da gramática, os autores afirmam que a língua Deni possui sete classes de palavras (verbo, advérbio, substantivo, pronome, adjetivo, numeral e conjunção) e tecem explicações sobre cada uma delas. Os verbetes em tal obra trazem uma definição gramatical e o correspondente em português. A última seção faz o contrário: apresenta a palavra em português e seu correspondente em Deni. Não há, no Dicionário, nenhuma menção direta à fonologia da língua Deni; porém, podemos associar aos fonemas os grafemas utilizados na escrita da língua. Os autores também apresentam dezessete símbolos consonantais e quatro vocálicos.

Everett (1995) apresenta os sistemas prosódicos das cinco línguas vivas que compõem a família linguística Arawá. Ao tratar dos fonemas, o linguista apresenta o quadro proposto por Moran e Moran (1977). As conclusões sobre a sílaba e o acento na língua Deni apresentadas em Carvalho (2013a) diferem das que foram apresentadas por Everett (1995).

Para Everett (1995), a língua Deni apresenta o padrão silábico CV, ou seja, toda sílaba possui obrigatoriamente uma consoante na posição de onset e uma vogal na posição de núcleo. Embora este seja um padrão simples, Everett (1995, p. 307) afirma que “a *manutenção* deste padrão em face de mudanças morfofonológicas é interessante por ilustrar um tipo de *repair strategy* (Paradis 1988) ou a interação de restrições hierárquicas (Prince e Smolensky (1993)” (grifo do autor). Para o linguista, sequências CVV aparecem apenas em processos morfofonológicos decorrentes da sufixação e da infixação.

Na análise de Everett (1995), há obrigatoriamente, na sufixação, uma haplogogia vocálica, pois ocorre a redução de duas vogais idênticas a uma única vogal. Segue o exemplo do autor:

- (3.2) hapinaru (cf. *hapiinaaru)
hapi-i-na-aru
 banhar:se-1PL-AUX-DEC.F (EVERETT, 1995)

Para solucionar o problema das sequências vocálicas (sílabas CVV), além da haplogogia, Everett (1995), afirma que há o processo de ditongação. Segue o exemplo proposto pelo linguista:

- (3.3) *tihamaru* (cf. tihamiaru)
 ti-hami-aru
 2-zangar:se-DEC.F
 ‘Você zangou-se’ (EVERETT, 1995)

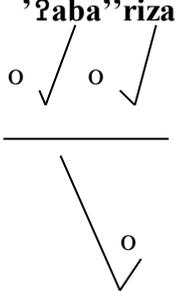
A infixação, por sua vez, ocorre com a segunda pessoa do plural devido ao processo reduplicativo, como ilustrado em (3.4a-b).

(3.4a) *ti-kha-thim-aru*
 2-MOV-rio:acima- DEC.F
 ‘Você sobe o rio’ (EVERETT, 1995)

(3.4b) *ti-kha-thim-**a**-aru*
 2-MOV-rio:acima-**PL**-DEC.F
 ‘Vocês sobem o rio’ (EVERETT, 1995)

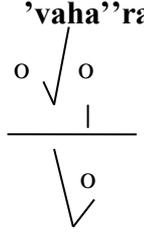
Ao tratar do acento na língua Deni, Everett (1995, p. 312) afirma que o padrão “é trocaico, isto é, a língua constrói pés com núcleo à esquerda. Tais pés são construídos da esquerda para a direita”, como nos exemplos (3.5a-b).

(3.5a) *abariza* ‘urubu’ **’ʔaba’riza**



(EVERETT, 1995)

(3.5b) *vahara* ‘carapaná’ **’vaha’ra**



(EVERETT, 1995)

O trabalho mais recente sobre a língua Deni foi uma análise fonológica que realizamos (Carvalho (2013a)). Neste trabalho constam os quadros fonológicos consonantal e vocálico, os padrões silábico e acentual, bem como os processos morfofonológicos presentes na língua. Os resultados que apresentamos (Carvalho (2013a,b)) se diferem dos resultados obtidos por Everett (1995) sobre aspectos da fonologia da língua Deni.

Os estudos aqui apresentados de forma sucinta sobre a língua Deni serviram de base para o desenvolvimento desta pesquisa. Os resultados obtidos aqui, porém, se distinguem em grande parte dos resultados apresentados em Moran e Moran (1977), Koop (1976; 1977; 1980)

e Koop e Koop (1985). Uma discussão mais profunda sobre os aspectos gramaticais do Deni pode ser encontrada nas análises em cada seção do presente trabalho, quando será possível perceber as diferenças entre os resultados alcançados pelos autores supracitados e os resultados apresentados aqui.

4 FONOLOGIA

Esta seção inclui, de forma resumida, os resultados que obtivemos (Cf. Carvalho (2013a,b)) ao fazer uma análise do sistema sonoro da língua Deni. Aqui são apresentados os quadros de fonemas vocálicos e consonantais do Deni, bem como o padrão silábico e acentual da língua. Há, ainda, uma discussão dos processos morfofonológicos encontrados na língua. O que há de novo nesta seção é a inclusão de um fonema que não havia sido postulado por nós anteriormente, nas obras citadas.

4.1 Inventário de fones e fonemas

As técnicas clássicas de identificação de fonemas foram propostas por Pike (1971 [1947]) e são tradicionais nos trabalhos com línguas que não tiveram seus inventários fonológicos descritos. Tratando delas, Cagliari (2002, p. 55-59) apresenta os passos que devem ser dados e a ordem que tais passos devem seguir em uma análise fonológica: o corpus; a tabela fonética; os pares suspeitos; os pares mínimos; os ambientes análogos; a distribuição complementar; os outros tipos de variação; os sons restantes; o inventário de fonemas; os processos fonológicos (ou regras fonológicas); a transcrição fonológica.

Os passos da análise fonológica apresentados por Cagliari (2002) podem ser divididos em dois grupos: um que se refere à transcrição fonética (o corpus, a tabela fonética e os pares suspeitos) e o outro que se refere à interpretação fonológica (começa com os pares mínimos e vai até os processos fonológicos).

O primeiro passo da análise é coletar os dados por meio de transcrição fonética minuciosa; isso porque a análise fonológica é baseada nos dados fonéticos. Obtido o corpus, elabora-se a tabela fonética com todos os sons encontrados. De posse da tabela fonética, então, são marcados os pares de sons foneticamente semelhantes. Para cada par suspeito, buscam-se, no corpus, pares mínimos, pois eles estabelecem que dois sons são fonemas distintos. Na análise de línguas pouco conhecidas, é comum não encontrar pares mínimos para todos os pares suspeitos. Quando isso ocorre, recorre-se ao contraste em ambiente análogo para verificar se são ou não fonemas distintos.

Um passo importante para a análise fonológica é verificar se, para alguns pares de sons foneticamente semelhantes, ocorre a distribuição complementar, que consiste na ocorrência de alofones de um único fonema em contextos particulares. Há ainda outros tipos possíveis de variação: *overlapping*, variação livre, neutralizações, etc.. Feita a análise de todos os pares

listados na tabela fonética, o próximo passo é verificar o status dos sons isolados na tabela fonética. Depois disso, o último passo é colocar os fonemas na tabela fonológica. Tem-se, assim, o inventário fonológico da língua.

Na análise fonológica apresentada aqui foram dados os seguintes passos na seguinte ordem: primeiro foi elaborado o corpus por meio de transcrição fonética; todos os sons (consonantais e vocálicos) presentes no corpus foram colocados em tabelas fonéticas (consonantal e vocálica); foram listados, então, os sons (consonantais e vocálicos) foneticamente semelhantes; depois foram identificados os pares mínimos para cada par de sons foneticamente semelhantes; por fim, a identificação de sons que apresentam variação livre. A análise se baseia, portanto, nos conceitos de “similaridade fonética”, “contraste em ambiente idêntico” (doravante CAI) e “variação livre”.

4.1.1 Consoantes

Realizado o primeiro passo de coleta de dados visando à descrição fonológica da língua, foi possível formar o seguinte quadro com os segmentos consonantais identificados no corpus:

Quadro 4.1: *Fones consonantais*

	Bilabial	Láb. Dental	Alveolar	Velar	Glotal
Oclusivas	p b		t d	k	ʔ
Aspiradas	p ^h		t ^h	k ^h	
Nasais		m		n	
Laterais				l	
Tepe				r	
Fricativas		v	s z		h
Africadas			tʃ dʒ		
Africada aspirada			tʃ ^h		

De acordo com Cagliari (2002), sons com maior semelhança fonética têm maior chance de serem variantes de um único fonema dentro do inventário fonológico de uma língua. Devido a esse princípio, são listados aqui os sons consonantais foneticamente semelhantes encontrados em Deni com intuito de identificar fonemas distintos ou fones que são variantes de um mesmo fonema. Vale ressaltar que são indicados, aqui, somente os pares com maior probabilidade de serem fonemas distintos.

(4.1a) [p] e [b]

(4.1b) [b] e [v]

- (4.1c) [t] e [d]
- (4.1d) [m] e [n]
- (4.1e) [s] e [z]
- (4.1f) [ʦ] e [dʒ]
- (4.1g) [t] e [ʦ]
- (4.1h) [ʦ] e [ʦ^h]
- (4.1i) [t] e [t^h]
- (4.1j) [p] e [p^h]
- (4.1k) [d] e [dʒ]
- (4.1l) [k] e [k^h]
- (4.1m) [ʦ] e [s]
- (4.1n) [dʒ] e [z]

Na análise fonológica, o procedimento clássico adotado pelos linguistas para a identificação de fonemas é colocar os sons foneticamente semelhantes em Contraste em Ambiente Idêntico – CAI. Assim, se os sons distinguem palavras, são fonemas distintos e tem-se, portanto, dois fonemas; se não distinguem, podem ser variantes (alofones) de um fonema. Seguem exemplos de sons que, por estarem em contraste, distinguem palavras e sons que variam sem distinguir palavras em Deni

(4.1a) /p/ e /b/ são fonemas distintos, pois estão em CAI:

[ma'pu] 'Tipo de formiga'

[ma'bu] 'Cobra Jararacuçu'

[tsi'pa] 'Picada de mosquito'

[tsi'ba] 'Pedra'

(4.2b) /b/ e /v/ são fonemas distintos, pois estão em CAI:

[a'bi] 'Pai'

[a'vi] 'Anta'

(4.2c) /d/ e /t/ são fonemas distintos, pois estão em CAI:

[mɛ'tɛ] 'Tronco'

[mɛ'dɛ] '3PL'

(4.2d) /d/ e /ɟ/ são fonemas distintos, pois estão em CAI:

[ɟa'ʔu] 'Preguiça'

[da'ʔu] 'Filho dele'

(4.2e) /ts/ e /ɟ/ são fonemas distintos, pois estão em CAI:

[ɟu'mi] 'Taboca'

[tsu'mi] 'Verme'

(4.2f) /t/ e /ts/ são fonemas distintos, pois estão em CAI:

[uk^ha'tsu] 'Minha sogra'

[uk^ha'tu] 'Minha filha'

(4.2g) /ts/ e /ts^h/ são fonemas distintos, pois estão em CAI:

[ma'tsi] 'Vagina'

[ma'ts^hi] 'Nora'

(4.2h) /t/ e /t^h/ são fonemas distintos, pois estão em CAI:

[ma'tu] 'Taioba'

[ma't^hu] 'O pescoço dele'

(4.2i) /k/ e /k^h/ são fonemas distintos, pois estão em CAI:

[ɟu'k^ha] 'Tipo de planta'

[ɟu'ka] 'Urina'

/p/ e /p^h/ são fonemas distintos. Embora não tenha sido encontrado, nos dados, o CAI para esses dois segmentos, pode-se postular que são fonemas distintos, pois, na tentativa de encontrar pares mínimos envolvendo esses segmentos, obtive os seguintes dados:

(4.3^a) [da'pu] 'Jacu'

*[da'p^hu] *Dado hipotético. O informante não o aceitou como palavra da língua.*

(4.3b) [tsi'pa] 'Ferida'

*[tsi'p^ha] *Dado hipotético. O informante não o aceitou como palavra da língua.*

(4.3c) [bani'pe] 'Tamanduá'

*[bani'p^hε] *Dado hipotético. O informante não o aceitou como palavra da língua.*

A competência dos falantes faz reconhecerem que as palavras acima pronunciadas com aspiração não existem, fato que prova que /p^h/ é fonema.

[r] e [l] representam um único fonema, pois estão em variação. Optei por /r/ como representação do fonema pelo fato de que, além de ter maior ocorrência, é também o som adquirido pelas crianças Deni no processo de aquisição.

(4.4) [tsimiri'ni] ~ [tsimili'ni] 'Espuma'

[udzuhu'ri] ~ [udzuhu'li] 'Meu peito'

[s] e [ts] representam um único fonema, pois estão em variação. Optei por /ts/ como representação do fonema pelo fato de que além de ter maior ocorrência, é também o som adquirido pelas crianças Deni no processo de aquisição.

(4.5) [si'na] ~ [tsi'na] 'Rapé'

[pa'su] ~ [pa'tsu] 'Água'

[z] e [dz] também representam um único fonema, pois estão em variação. Optei por /dz/ como representação do fonema pelo fato de que, além de ter maior ocorrência, é também o som adquirido pelas crianças Deni no processo de aquisição.

(4.6) [variku'zε] ~ [variku'dzε] 'Tipo de tatu'

[hiza'ma] ~ [hidza'ma] 'Queixada'

[zuki'ra] ~ [dzuki'ra] 'Sal'

[ʔ] aparece no nível fonético em posição de coda silábica quando o *onset* da sílaba seguinte é uma oclusiva sonora, ou então em posição de *onset* em meio de palavra seguida por uma vogal.

O segmento [ʔ] aparece apenas no nível fonético, não no nível fonológico, visto que sua ocorrência varia com sua ausência sem mudar o signo linguístico. Em situação de elicitção de dados (fala pausada, ritmo mais lento) esse som tem mais presença; em situação de fala normal, é mais difícil a percepção desse som.

- (4.7) [aʔba] ~ [a'ba] ‘Peixe’
 [ap^ha'ʔu] ~ [ap^ha'u] ‘Pato’
 [dza'ʔu] ~ [dza'u] ‘Preguiça’
 [aʔda'mi] ~ [ada'mi] ‘Barranco’

Quando para separar duas vogais idênticas, como é o caso de [itsi'ʔi] ‘Tatu’ e [pu'ʔu] ‘Mandioca’, a oclusiva glotal sempre ocorre.

Apesar dos segmentos [h] e [ʔ] serem foneticamente semelhantes e o primeiro ser fonema e o segundo fone, não são variantes. Como já foi dito, o segmento [ʔ] varia com sua ausência e está presente apenas no nível fonético. Nos dados, não foram encontrados pares mínimos entre [h] e sua ausência. Dessa forma, o som [h] deve ser analisado sozinho.

Cagliari (2002, p. 33) afirma que “os *sons* foneticamente muito *diferentes* têm alta probabilidade de ocorrerem como fonemas e, portanto, a não ser que haja forte suspeita de que possam ser variantes, eles são considerados *fonemas*, em princípio” (grifo do autor). Pelo corpus, não há nenhuma suspeita de que [h] seja variante de um fonema; sendo assim, ele é um fonema na língua Deni.

O quadro fonológico consonantal em 4.2 inclui o resultado das análises realizadas acima.

Quadro 4.2: *Fonemas consonantais*

	Bilabial	Láb. Dental	Alveolar	Velar	Glotal
Oclusivas	p b		t d	k	
Aspiradas	p ^h		t ^h	k ^h	
Nasais		m		n	
Laterais					
Tepe				r	
Fricativas		v			h
Africadas			ts dz		
Africada aspirada			ts ^h		

4.1.2 Vogais

No corpus de que disponho sobre a língua Deni, foram identificados 6 fones vocálicos, os quais constam do quadro a seguir:

Quadro 4.3: *Fones vocálicos*

	Anterior	Central	Posterior
Alta	i		u
Média-alta	e		
Média-baixa	ɛ		
Baixa	a	ɐ	

Em (4.8a-d) são listados os sons vocálicos foneticamente semelhantes com objetivo de identificar os sons que são fonemas e devem aparecer no inventário fonológico e quais são variantes e, portanto, aparecem apenas no nível fonético.

(4.8a) [a] e [ɛ]

(4.8b) [e] e [ɛ]

(4.8c) [a] e [ɐ]

(4.8d) [i] e [e]

Seguindo os mesmos procedimentos adotados para os sons consonantais, os sons vocálicos foram colocados em Contraste em Ambiente Idêntico, buscando identificar os sons vocálicos que distinguem palavras e, por isso, são fonemas e quais não distinguem e, portanto, são variantes (alofones) de um único fonema.

(4.9) /a/ e /ɛ/ são fonemas distintos, pois contrastam em ambiente idêntico:

[i'ma] 'Conversa'

[i'mɛ] 'Pó'

[e] e [ɛ] são variantes do fonema /ɛ/. O fone [e] ocorreu raras vezes; suas ocorrências foram em sílaba átona, nunca em sílaba tônica.

(4.10) [anube'dza] ~ [anube'dza] 'Caititu'

[eme'nɛ] ~ [ɛmɛ'nɛ] 'Sangue (dele)'

[a] e [ɐ] são variantes do fonema /a/. O fone [ɐ] ocorreu tanto em posição tônica quanto átona; esse som sempre ocorreu precedido de uma nasal na mesma sílaba ou então seguido de uma consoante nasal na posição de onset da sílaba seguinte. Os sons [a] e [ɐ] não estão em distribuição complementar pelo fato de que muitas vezes o [a] aparece precedido de uma consoante nasal na mesma sílaba ou então seguido por uma consoante nasal que ocupa a posição de onset na sílaba seguinte, ou seja, no mesmo ambiente em que [ɐ] ocorre, também pode ocorrer o [a].

- (4.11) [hadza'nɐ] ~ [hadza'na] 'Tatu canastra'
 [ivɛna'dɛ] ~ [ivana'dɛ] 'Nosso queixo'
 [kɛni'tsu] ~ [kani'tsu] 'Vara'

Com base nas análises realizadas nesta seção, a língua Deni tem, no nível subjacente, os segmentos vocálicos inclusos no quadro 4.4.

Quadro 4.4: *Fonemas vocálicos*

	Anteriores	Posteriores
Altas	i	u
Baixas	ɛ	a

Note que são quatro as vogais fonológicas presentes na língua Deni. Esse inventário fonológico vocálico é igual ao das outras línguas Arawá, exceto do Paumarí, que perdeu a vogal /ɛ/ mantendo apenas as vogais altas /i/ e /u/ e a vogal baixa /a/.

4.2 Sílaba: questões teóricas

Apesar de não ser nova nos estudos sobre fonologia, a noção de sílaba somente foi incorporada à fonologia gerativa recentemente (COLLISCHONN, 1999). Para a linguista, foi só a partir da década de 1970, com os trabalhos de Hooper (1976) e Kahn (1976), que a sílaba passou a ser aceita, ainda gradativamente, como unidade fonológica.

O percurso histórico das teorias fonológicas nos mostra que cada corrente teórica tratou de forma particular a sílaba. No gerativismo padrão, por exemplo, a sílaba não recebeu muita atenção. Em tal corrente teórica, apesar de haver referência à sílaba, não há um estudo aprofundado, visto que se restringe ao traço [+silábico]. Foi só com o surgimento das teorias não-lineares que a sílaba recebeu mais atenção e pode ser estudada de forma mais sistemática,

sendo criada a planilha silábica. A partir de então, a sílaba passou a ser vista como um elemento da fonologia, visto que ela está envolvida em algumas regras fonológicas.

A sílaba é “an abstract unit of prosodic organization through which a language expresses much of its phonology”¹³ (KENSTOWICZ, 1994, p. 250). Para este autor, há três justificativas para considerar a sílaba como unidade fonológica:

First, the syllable is a natural domain for the statement of many phonotactic constraints. Second, phonological rules are often more simply and insightfully expressed if they explicitly refer to the syllable. Finally, several phonological processes are best interpreted as methods to ensure that the string of phonological segments is parsable into syllables.¹⁴

Blevins (1995, p. 207) considera as sílabas como “structural units providing melodic organization”¹⁵. Isso porque, nas palavras, os segmentos se organizam em sequências e cada pico de sonoridade (vogal nuclear) define uma sílaba. Assim sendo, Blevins (1995, p. 207) define a sílaba como uma “phonological unit which organizes segmental melodies in terms of sonority; syllabic segments are equivalent to sonority peaks within these organizational units”.¹⁶

Com o surgimento das teorias não-lineares, a sílaba passou a ser estudada sistematicamente, o que possibilitou reconhecê-la como uma unidade fonológica. São frequentes, nas línguas ao redor do mundo, os processos que ocorrem no domínio da sílaba; esses processos são explicados quando se analisa a sílaba enquanto um domínio.

Blevins (1995) apresenta quatro argumentos para mostrar a importância da sílaba na análise fonológica. O primeiro argumento mostra a sílaba como domínio, visto que há processos e/ou restrições que se aplicam no domínio da sílaba. O segundo refere-se à fronteira da sílaba como um *locus*, pois há regras fonológicas que se aplicam na fronteira silábica. O terceiro mostra as sílabas como uma estrutura alvo, já que a sílaba pode funcionar como alvo de jogos de linguagem. Por fim, o quarto argumento diz respeito às intuições nativas que os falantes têm com respeito ao número de sílabas presentes nas palavras.

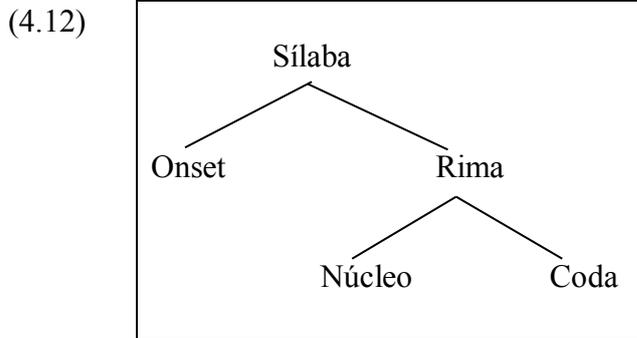
¹³ Tradução minha: “uma unidade abstrata da organização prosódica por meio da qual uma língua expressa muito da sua fonologia”. (KENSTOWICZ, 1994, p. 250)

¹⁴ Tradução minha: “Primeiro, a sílaba é um domínio natural para a restrição de muitas restrições fonotáticas. Em segundo lugar, regras fonológicas são muitas vezes mais simples e perspicazes se referem-se à sílaba. Finalmente, vários processos fonológicos são melhor interpretados como métodos para garantir que a sequência de segmentos seja analisável dentro das sílabas.” (KENSTOWICZ, 1994, p. 250)

¹⁵ Tradução minha: “unidades estruturais que fornecem a organização melódica” (BLEVINS, 1995, p. 207).

¹⁶ Tradução minha: “unidade fonológica que organiza melodias segmentais em termos de sonoridade; segmentos silábicos são equivalentes a picos de sonoridade com essas unidades organizacionais”. (BLEVINS, 1995, p. 207)

Dada a importância do estudo da sílaba para a descrição fonológica, vale dizer que a sílaba, nas teorias não-lineares, é estruturada hierarquicamente. Seus constituintes internos são: onset (O), rima (R), núcleo (N) e coda (Co) (GOLDSMITH, 1990). Há, em (4.12), um esquema que representa a estruturação interna da sílaba na fonologia não-linear.



Os estudos das línguas do mundo têm nos mostrado que as línguas possuem formas diferentes de organizar os segmentos dentro das sílabas. Zec (2007, p. 162) diz que “the syllable is an organizing principle for grouping segments into sequences”¹⁷. A distribuição dos segmentos dentro das sílabas é condicionada pelas regras fonotáticas de cada língua que permitem/restringem a ocorrência de segmentos em determinada posição na sílaba; isso quer dizer que, em uma língua dada, um segmento pode ser apto a ocupar a posição de onset silábico e inapto a ocupar a posição de coda. Cada língua, portanto, tem sua forma particular de organizar grupos de segmentos que são unidades maiores que os fonemas e menores que as palavras.

4.2.1 Análise da sílaba

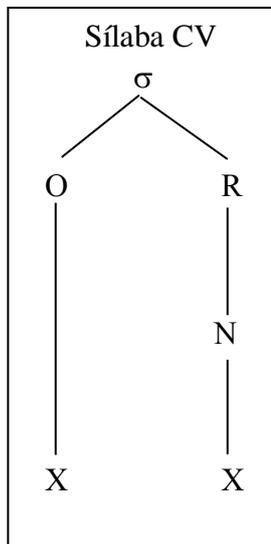
Everett (1995, p. 308) afirma que as “palavras em Deni nunca começam com uma vogal”. Isso porque o linguista considera a oclusiva glotal como fonema. Dessa forma, uma palavra como /aba'pu/ “morto” teria como *onset* da primeira sílaba a oclusiva glotal, e seria, portanto, /ʔabapu/. Para Everett (1995), toda sílaba na língua Deni é obrigatoriamente composta por uma consoante na posição de onset e uma vogal na posição de núcleo.

¹⁷ Tradução minha: “a sílaba é um princípio de organização para agrupar segmentos dentro de sequências.” (ZEC, 2007, p. 162).

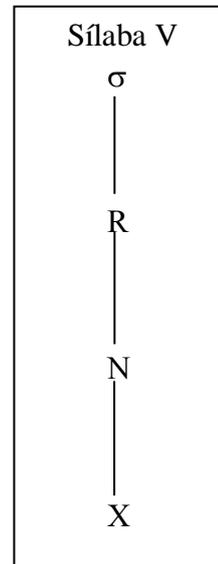
Diferentemente de Everett (1995), considero que o padrão silábico da língua Deni é (C)V. A posição da consoante pode ser vazia ou ocupada por qualquer um dos 15 fonemas consonantais, ao passo que a posição da vogal deve, obrigatoriamente, ser ocupada por um dos 4 fonemas vocálicos. Em uma sílaba da língua Deni, portanto, é obrigatória apenas a presença de uma vogal no núcleo, sendo o *onset* uma posição opcional. Esse tipo de padrão silábico não permite consoante na posição de coda. Em relação à tipologia da sílaba nas línguas Arawá, Dixon (1999, p. 295) menciona que “there is a straightforward (C)V syllable pattern in all languages”¹⁸.

Seguem duas representações possíveis de sílaba em Deni feitas na planilha silábica proposta pela teoria não-linear:

(4.13a)



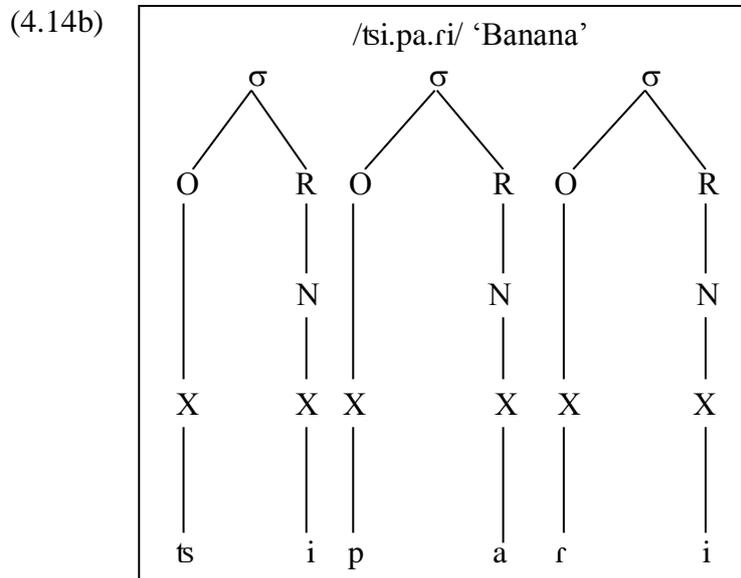
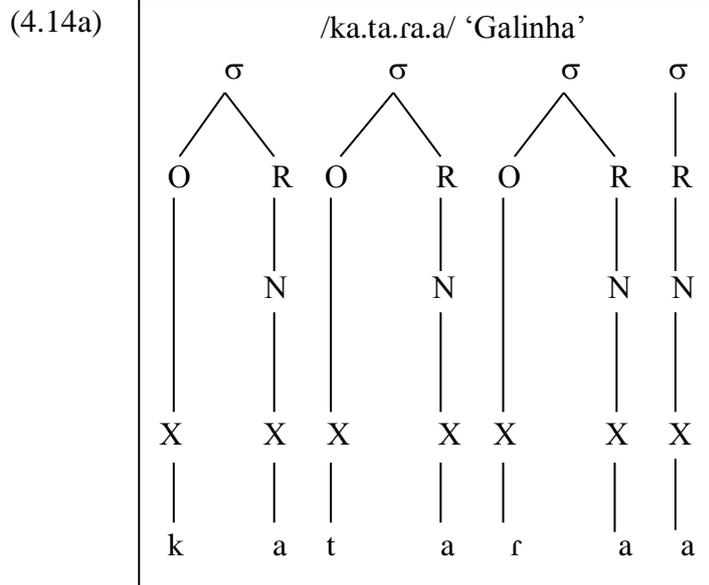
(4.13b)

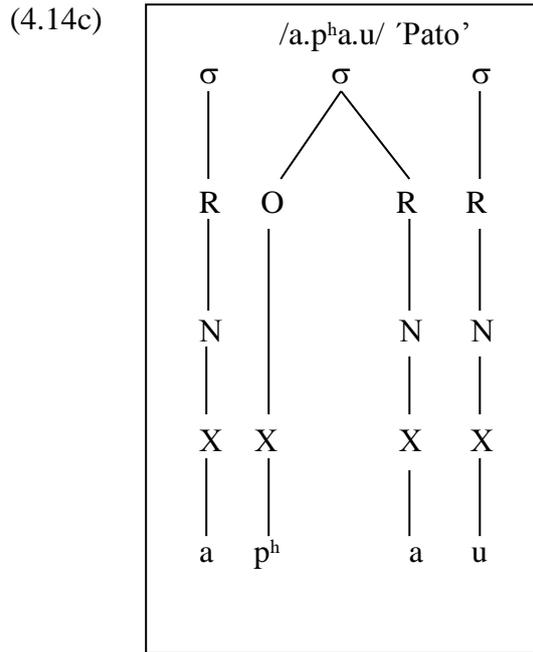


Os fonemas africados /ts/ e /dz/, os aspirados /p^h/, /t^h/ e /k^h/ e o fonema africado aspirado /t^{sh}/ presentes na língua Deni ocupam, cada um, uma única posição na sílaba. Os fonemas africados, embora possuam características fonéticas de dois elementos (um oclusivo seguido de um fricativo), correspondem a uma única unidade abstrata. Em outras palavras: mesmo que os fonemas africados tenham características de dois elementos no nível superficial (fonético), no nível abstrato (fonológico) representam apenas uma unidade. Tais fonemas são, portanto, consoantes simples, o que faz interpretar sílabas iniciadas por eles como *onsets* simples, e não *onsets* complexos.

¹⁸ Tradução minha: “há um simples padrão silábico (C)V em todas as línguas” (DIXON, 1999, p. 295).

Exemplos em (4.14a-c) incluem a silabificação de palavras na língua Deni seguindo a planilha silábica proposta pela fonologia não-linear.





Como mencionado anteriormente, os fonemas africados e aspirados ocupam uma posição da estrutura da sílaba, como ilustrado em (4.14b,c). A língua Deni possui um *template* silábico (C)V em que a única posição obrigatória é a vogal. Potanto, a língua não permite coda, nem *onset* complexo.

4.2.1.1 Restrição fonotática

Cada língua possui um sistema fonotático que possibilita/restringe a ocorrência dos segmentos nas posições silábicas. O português brasileiro, por exemplo, permite *onsets* complexos (formado por duas consoantes) e codas complexas (formada por duas consoantes). Sendo assim, a estrutura máxima de uma sílaba em português é CCVCC, em que o único elemento obrigatório é a vogal (V), visto que as consoantes (C) são elementos opcionais (COLLISCHON, 1999).

O molde silábico CCVCC prevê a existência de *onsets* complexos e também de codas complexas. Tal molde silábico prevê a existência de sílabas como *slavt*, *tpirt* ou *nkupt* que não fazem parte do sistema fonotático do português. É necessário, portanto, que a língua crie restrições que possibilitem gerar somente sílabas existentes na língua (COLLISCHON, 1999). Silva (2001, p. 157) apresenta as restrições referentes às sílabas formadas por duas consoantes pré-vocálicas no português:

- a. Quando C1 e C2 ocorrem, a primeira consoante é uma obstruinte (categoria que inclui oclusivas e fricativas pré-alveolares) e a segunda consoante é um líquida (categoria que inclui /l,r/).
- b. /dl/ não ocorre e /vl/ ocorre apenas em um grupo restrito de nomes próprios que são empréstimos (ex: Wladmir, Wlamir, etc.).
- c. /vr/ e /tl/ não ocorrem em início de palavra e apresentam distribuição restrita, ou seja, com poucos exemplos.

A língua Deni não permite a ocorrência de uma sílaba CV em que a posição C seja ocupada pela consoante [v] e a posição V seja ocupada pela vogal [u]. Sendo assim, a sílaba */vu/ nunca ocorre na língua Deni. (4.15a) e (4.15b) representam essa regra de restrição fonotática:

(4.15a) CV /vV./ V ≠ u

ou

(4.15b) CV /Cu./ C ≠ v

Lê-se a regra (4.15a) da seguinte maneira: em uma sílaba CV, quando a posição C é ocupada pelo segmento /v/, a posição V será ocupada por uma vogal diferente de /u/; da mesma forma, a regra (4.15b) deve ser lida assim: em uma sílaba CV, quando a posição V é ocupada por /u/, a posição C será ocupada por uma consoante diferente de /v/.

Essa restrição fonotática também é atestada por Tiss (2004) e Dienst (2014) para a língua Kulina, língua essa que forma um subgrupo na família Arawá juntamente com a língua Deni. Os autores representam esse fonema como /w/. Tiss (2004), citando Adams Liclan e Marlett (1990), apresenta uma análise interessante sobre a restrição fonotática de uma sílaba /w/ na língua Kulina. Para os autores, o /w/ seria o resultado de uma mudança histórica da realização do /o/¹⁹ em onset. É por isso que a língua Kulina não permite uma sílaba /w/. É provável que o mesmo tenha acontecido com a língua Deni, visto que pertencem ao mesmo subgrupo.

¹⁹ O fonema que Tiss (2004) e Dienst (2014) representam por /o/, eu represento por /u/.

4.3 Acento: questões teóricas

Hayes (1995, p. 8) afirma que “the central argument of stress theory (...) is that the stress is a linguistic manifestation of rhythmic structure”²⁰. Dessa perspectiva, o acento é capaz de marcar a proeminência no nível da palavra fonológica e, conseqüentemente, a proeminência das palavras dentro da sentença.

Na fonologia métrica – diferentemente do modelo gerativo de Chomsky e Halle (1968), em que o acento era uma propriedade da vogal –, o acento é visto como uma propriedade da sílaba, visto que “não é mais um traço, mas uma proeminência que nasce da relação entre os elementos prosódicos” (HERNANDORENA, 1999, p. 76).

Massini-Cagliari (1992, p. 81), referindo-se à teoria métrica, afirma que

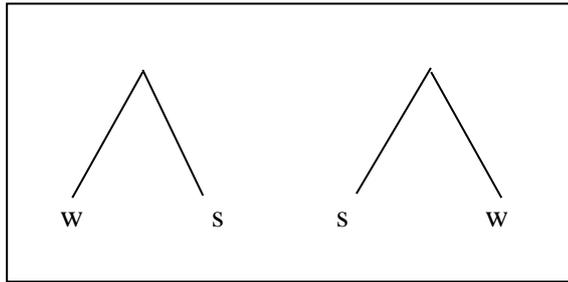
o acento, como as demais manifestações supra-segmentais, localiza-se em um nível superior ao dos segmentos. Sendo assim, o acento não pode ser localizado apenas no núcleo ou na rima (os estruturalistas e gerativistas localizavam-no só na vogal), tendo que ser atribuído, no nível da palavra, na sílaba.

Hogg e McCully (1987) consideram o acento como um fenômeno suprasegmental, ou seja, o acento está em um nível acima dos segmentos. Dessa forma, a cadeia sonora se estrutura da uma forma que admite uma hierarquia dos constituintes. Os segmentos, portanto, “são subordinados a um constituinte maior – a sílaba – que, por sua vez, também está subordinado a outros constituintes, de ordem rítmica” (MASSINI-CAGLIARI, 1992, p. 80).

Tendo em vista que o princípio central da teoria métrica prega que o padrão acentual reflete as relações de proeminência entre os constituintes, Liberman e Prince (1977) sugerem que árvores métricas sejam construídas. Em tais árvores, “s” marca a sílaba mais forte (*stronger*) e “w” marca a sílaba mais fraca (*weaker*). O fato de que, nas árvores métricas, os constituintes expressam somente relações de “mais forte que” e “mais fraco que” mostra que as árvores devem ter sempre ramificações binárias. Para Hogg e McCully (1987), os nós devem representar apenas a relação [w s] ou [s w], nunca [s s] ou [w w], visto que estas não seriam significativas. Seguem os exemplos de formação dos nós binários para a representação das árvores métricas:

²⁰ Tradução: “o argumento central da teoria métrica do acento (...) é que o acento é a manifestação linguística da estrutura rítmica” (HAYES, 1995, p. 8).

(4.16)



Ao tratar das propriedades tipológicas do acento, Hayes (1995) apresenta as seguintes: (a) culminância; (b) distribuição rítmica, (c) hierarquia do acento; (d) falta de assimilação. Tais propriedades nos mostram que: há uma sílaba com maior grau de proeminência na palavra; que o acento tende a ter uma distribuição rítmica que mantém uma regularidade; que o acento é hierárquico, pois há línguas que possuem vários graus de acento (primário, secundário, terciário...); o acento não se assimila.

Hayes (1995, p. 31-33) apresenta as seguintes tipologias de regras do acento: (a) acento livre versus fixo, em que a localização do acento fixo é previsível e deve se dar por uma regra, ao passo que o acento livre não é previsível e deve ser listado lexicalmente; (b) acento rítmico versus morfológico, em que em um sistema rítmico de acento, o acento é baseado unicamente em fatores fonológicos, ao passo que em um sistema morfológico o acento serve para elucidar a estrutura de uma palavra; (c) acento limitado e ilimitado, em que um sistema limitado ocorre em uma distância de outro acento, ao passo que em um sistema ilimitado o acento pode ocorrer sem limite de distância de outro acento.

Além do modelo de árvores, a fonologia métrica propõe também um sistema de grade que possibilita segmentar as sílabas e representar com um (x) as sílabas proeminentes e um (.) as sílabas que não são proeminentes. Neste modelo, os elementos são colocados em pares dentro de parênteses e “each constituent has an obligatory head, represented by a grid element at the next-higher level, plus an optional non-head, which has no corresponding mark at the next-higher level”²¹ (KAGER, 2007, p. 200).

Por lidar com níveis acima da palavra, a teoria métrica prega que uma árvore métrica seja construída, visto que tal árvore é o reflexo da estrutura sintática. O estudo do acento dentro

²¹ Tradução minha: “cada constituinte tem um cabeça obrigatório, representado por um elemento da grade no nível acima, mais um não-cabeça opcional, que não tem uma marca correspondente no nível acima” (KAGER, 2007, p. 200).

da estrutura sintática se faz importante para o entendimento de alguns processos; porém, devido às limitações deste trabalho, a atenção aqui recai sobre o acento em palavras simples e em palavras compostas na língua Deni. Estudos posteriores poderão tratar do acento dentro da estrutura sintática²².

4.3.1 Análise do acento

Na língua Deni, a localização do acento é previsível. Ele cai sempre sobre a última sílaba da palavra, ou seja, a sílaba mais à direita. Sendo assim, o padrão acentual é iâmbico não-iterativo: iâmbico pelo fato da cabeça vir à direita (o que já mostra não se tratar de troqueu), e não-iterativo porque cada palavra forma um único pé. Isso significa que, nos limites da palavra, não ocorre padrão alternante.

Seguindo a tipologia de regras do acento proposta por Hayes (1995), pode-se dizer que o acento em Deni é previsível, visto que sua localização é fixa. Em palavras simples, forma-se um pé ilimitado com proeminência final, como ilustrado em (4.17a-d).

(4.17a)[hetsi'ka] ‘Boto’

(4.17b)[de'ru] ‘Barata’

(4.17c)[u'dza] ‘Casa’

(4.17d)[amuɛn'hɛ] ‘Mulher’

Os nomes inalienavelmente possuídos em Deni, como será visto na seção 5.1.1.1, marcam, para a terceira pessoa, o gênero feminino com o sufixo *-ni* e o gênero masculino com o sufixo *-Ø*.²³ Nesses nomes e em outras palavras da língua que recebem sufixos – verbos, por exemplo, cuja morfologia é riquíssima e predominantemente sufixal –, o acento mantém a regra

²² Construções interrogativas são bastante interessantes do ponto de vista do acento. Em muitas delas, há um morfema que marca interrogação; nesses casos, a última sílaba – que é formada pelo morfema que marca interrogação – recebe o acento principal. Há, entretanto, questões feitas somente pela entonação, como em *timitha-ni* (2-ouvir-PRF) ‘Você ouviu?’. Nesse tipo de construção, a sílaba mais proeminente é a penúltima; isso parece ser uma estratégia para marcar questão, uma vez que uma entoação descendente representaria uma afirmação, visto que nesse caso não há morfema interrogativo. Mais estudos sobre o acento na sentença são necessários. A interrogação marcada morfologicamente é discutida em 9.1.2.

²³ As glosas com a divisão morfológica de nomes inalienáveis são dadas na próxima seção. Para o acento, assunto em discussão, não há necessidade do uso das glosas.

e vai para a última sílaba à direita da palavra, como pode ser observado na comparação de (4.18a), (4.19a), (4.20a) como (4.18b), (4.19b), (4.20b), respectivamente.

(4.18a)[ta'ti] ‘A cabeça dele’

(4.18b)[tati'ni] ‘A cabeça dela’

(4.19a)[a'ti] ‘O fígado dele’

(4.19b)[ati'ni] ‘O fígado dela’

(4.20a)[k^huburi] ‘O joelho dele’

(4.20b)[k^huburi'ni] ‘O joelho dela’

Nos exemplos em (4.21a-c) é aplicada a grade parentetizada adotada por Hayes (1995) para ilustrar o padrão acentual iâmbico não-iterativo na língua Deni. Para cada palavra é formado um único pé com a cabeça à direita:

(4.21a)Nível de ProPal	(x)
Nível do pé	(.	x)
Nível da sílaba	σ	σ
	σ	σ
	ha.ku.va.ru	‘Capivara’

(4.21b)Nível de ProPal	(x)
Nível do pé	(.	x)
Nível da sílaba	σ	σ
	σ	σ
	nu.k ^h u.ni	‘O olho dela’

(4.21c)Nível de ProPal	(x)
Nível do pé	(.	x)
Nível da sílaba	σ	σ
	σ	σ
	σ	σ
	ha.pi.u.tu.vi	‘Eu tomarei banho’

Feita essa discussão sobre o acento em palavras simples, passemos à discussão do acento em palavras compostas. Uma palavra composta resulta da junção de duas palavras simples que formam uma única unidade significativa. Nas palavras compostas, o acento primário cai sobre a última sílaba à direita da segunda palavra, ao passo que o acento secundário cai sobre a última sílaba à direita da primeira palavra. Há uma diferença no grau de intensidade do acento da primeira palavra, visto que, em relação ao acento da segunda palavra, sua proeminência é reduzida, como ilustrado nos exemplos em (4.22a-c).

(4.22a) [dzupu'ri] # [ɛtɛ'ru] → [dzupu,ri ɛtɛ'ru] ‘Preservativo masculino’
 ↓ ↓
 O pênis dele A casca dele

(4.22b) [mu'ri] # [ɛ'pʰɛ] → [mu,riɛ'pʰɛ] ‘Guarda-chuva’
 ↓ ↓
 Morcego A asa dele

(4.22c) [nu'kʰu] # [bi'hi] → [nu,kʰubi'hi] ‘Porta’
 ↓ ↓
 O olho dele O braço dele

Como já foi dito, as palavras compostas em Deni são o resultado da junção de duas palavras simples formando uma única unidade significativa. Nos compostos, cada palavra forma seu pé ilimitado com proeminência final, sendo que o segundo, no domínio da palavra, será mais proeminente. Exemplos da aplicação da grade em palavras compostas em Deni são dados em (4.23a-c):

(4.23a) Nível de ProComp (x)
 Nível de ProPal (x) (x)
 Nível do pé (. x) (. x)
 Nível da sílaba σ σ σ σ σ σ
 dzu.pu.ri ɛ.tɛ.ru ‘Preservativo masculino’

(4.23b) Nível de ProComp (x)
 Nível de ProPal (x) (x)
 Nível do pé (. x) (. x)
 Nível da sílaba σ σ σ σ
 mu.ri ɛ.pʰɛ ‘Guarda-chuva’

(4.23c) Nível de ProComp (x)
 Nível de ProPal (x) (x)
 Nível do pé (. x) (. x)
 Nível da sílaba σ σ σ σ
 nu.kʰu bi.hi ‘Porta’

Note que, nas palavras compostas em (4.22a-c) e em (4.23a-c), o primeiro elemento do composto recebe um acento com menor intensidade, visto que, no nível da palavra, é o segundo elemento que carrega o acento principal. O acento em Deni, portanto, é fixo e cai sempre sobre a sílaba mais à direita no nível da palavra.

4.4 Processos morfofonológicos

Payne (2006, p. 63) considera que um processo morfofonológico ocorre “when a morpheme changes its shape in response to the sounds that surround it in a particular context [...]”²⁴. Nas línguas do mundo, é frequente que os morfemas apresentem formas fonológicas diferentes, dependendo do ambiente em que ocorram (HASPELMATH, 2002; ARONOFF; FUDEMAN, 2005; PAYNE, 2006; HAYES, 2009). As diferentes formas fonológicas de um morfema existem graças às regras de alternâncias de sons.

Haspelmath (2002, p. 181) pontua que as alternâncias de sons são de dois tipos: automáticas e morfofonológicas. Ademais, as alternâncias automáticas pertencem somente à fonologia, ao passo que as alternâncias morfofonológicas têm propriedades tanto fonológicas quanto morfológicas. A forma de interpretar os dados aqui aponta para a existência de três processos morfofonológicos: (i) assimilação, (ii) epêntese e (iii) haplologia. Tais processos são discutidos nas páginas seguintes.

4.4.1 Assimilação

A língua Deni possui uma divisão na classe dos nomes em alienáveis e inalienáveis. Os nomes alienáveis ocorrem sem marcação morfológica de posse e, quando é necessário indicar um possuidor, isso ocorre por meio de pronomes possessivos ou construção genitiva. Os nomes inalienáveis são aqueles que obrigatoriamente apresentam um morfema preso à raiz indicando um possuidor.

Os nomes inalienáveis marcam a posse pelos prefixos *u-* para a primeira pessoa do singular, *ti-* para a segunda pessoa do singular e plural, \emptyset - para a terceira pessoa do singular e plural e *i-* para a primeira pessoa do plural. Dixon (1999) afirma que o proto-Arawá marcava o gênero para a terceira pessoa nos nomes inalienáveis com os sufixos *-ni* para

²⁴ Tradução minha: “quando um morfema muda sua forma em resposta aos sons que o rodeiam em um contexto particular [...]” (PAYNE, 2006, p. 63).

feminino e *-nɛ* para masculino. As línguas Arawá mantiveram o morfema *-ni* e têm perdido o morfema *-nɛ*. Nas línguas Deni, Kulina e Madi, segundo Dixon (1999), o morfema *-nɛ* provoca uma assimilação das vogais /a/ presentes no radical dos nomes inalienáveis.

Na língua Deni, sincronicamente *-ni* marca o gênero feminino para a terceira pessoa em nomes inalienavelmente possuídos; *-nɛ*, na base de dados usada para este trabalho, aparece excepcionalmente na palavra [ɛmɛ'nɛ] ‘o sangue dele’ como marcação de gênero masculino. O gênero nos nomes em Deni não é marcado morfológicamente; somente nomes inalienavelmente possuídos para a terceira pessoa recebem marcação de gênero. Veja os exemplos em (4.24a-c) com respeito ao processo de assimilação:

(4.24a)[dzapa'ni] ‘A mão dela’

[dzɛ'pɛ] ‘A mão dele’

(4.24b)[at^ha'ni] ‘A testa dela’

[ɛ't^hɛ] ‘A testa dele’

(4.24c)[dzaha'ni] ‘A barriga dela’

[dzɛ'hɛ] ‘A barriga dele’

Há uma aparente irregularidade no nível superficial de tais substantivos possuídos quando comparados os gêneros masculino e feminino, visto que apresentam vogais diferentes no radical. Essa aparente irregularidade na forma superficial reflete uma regularidade em um nível mais profundo. É essa regularidade em um nível mais profundo que se pretende mostrar aqui.

A explicação para esse processo baseia-se na hipótese de que tais substantivos passaram por algumas mudanças ao longo do tempo. É provável que a língua Deni tenha marcado o gênero masculino com *-nɛ*.²⁵ Seguindo essa linha, em um dado momento a língua Deni marcou o gênero masculino nos substantivos possuídos com *-nɛ* e o gênero feminino com *-ni*. Nesse momento a distinção deve ter sido feita da seguinte maneira:

(4.25a)[dzapa'ni] ‘A mão dela’

²⁵ Essa hipótese ganha força com a forma excepcional [ɛmɛ'nɛ] ‘o sangue dele’, que, de acordo com tal perspectiva, foi a única forma encontrada no corpus que manteve *-nɛ*.

*[dzapa'nɛ] ‘A mão dele’

(4.25b)[at^ha'ni] ‘A testa dela’

*[at^ha'nɛ] ‘A testa dele’

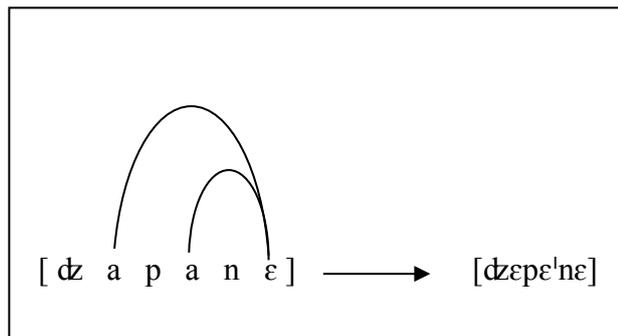
(4.25c)[dzaha'ni] ‘A barriga dela’

*[dzaha'nɛ] ‘A barriga dele’

Dixon (1999) afirma que a vogal /ɛ/ está sendo perdida nas línguas Paumari e Sorowahá; em seu lugar está sendo colocada a vogal /i/ na terceira sílaba de uma raiz e a vogal /a/ nos demais ambientes. Porém, para Dixon (1999, p. 296), “In the three languages in which *e* is retained, it plays pervasive role in engendering assimilation of preceding *a*, e.g. **ama-ne* ‘blood-MASC’ has become *eme-ne* in Dení, Kulina and Madi”²⁶.

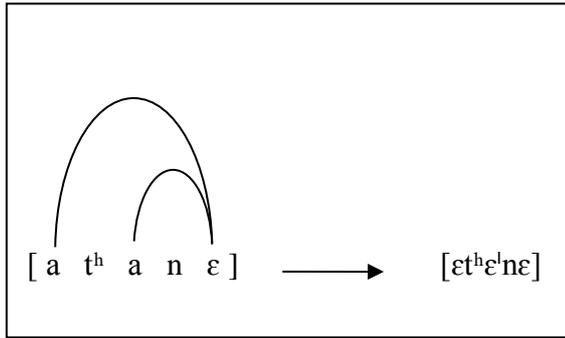
Sendo assim, levantamos a hipótese de que as formas subjacentes dos substantivos em questão são [dzapa'nɛ], [at^ha'nɛ] e [dzaha'nɛ]. Aplica-se, então, a regra da assimilação das vogais /a/ presentes em radicais de substantivos possuídos que precedem a vogal /ɛ/ presente em *-ne* e tem-se, respectivamente, as formas [dzɛpɛ'nɛ], [ɛt^hɛ'nɛ] e [dzɛhɛ'nɛ]. Note que essas representações subjacentes ainda são diferentes das representações superficiais, como ilustrado em (4.26a-c).

(4.26a)

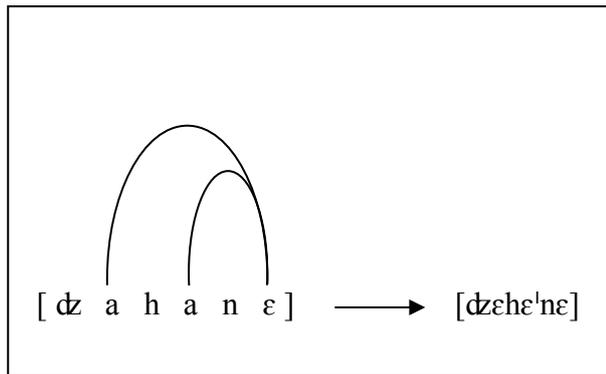


²⁶ Tradução minha: “nas três línguas em que o *e* é mantido, ele desempenha um papel abrangente na assimilação de um a precedente, por exemplo **ama-ne* ‘sangue-MASC’ tem se tornado *eme-ne* em Dení, Kulina e Madi” (DIXON, 1999, p. 296). O caráter excepcional da palavra *emene* ‘o sangue dele’ já foi mencionado; cabe, porém, dizer que tal nome apresenta uma forma livre (não possuída) *ama* ‘sangue’ que é usada para referir à menstruação.

(4.26b)

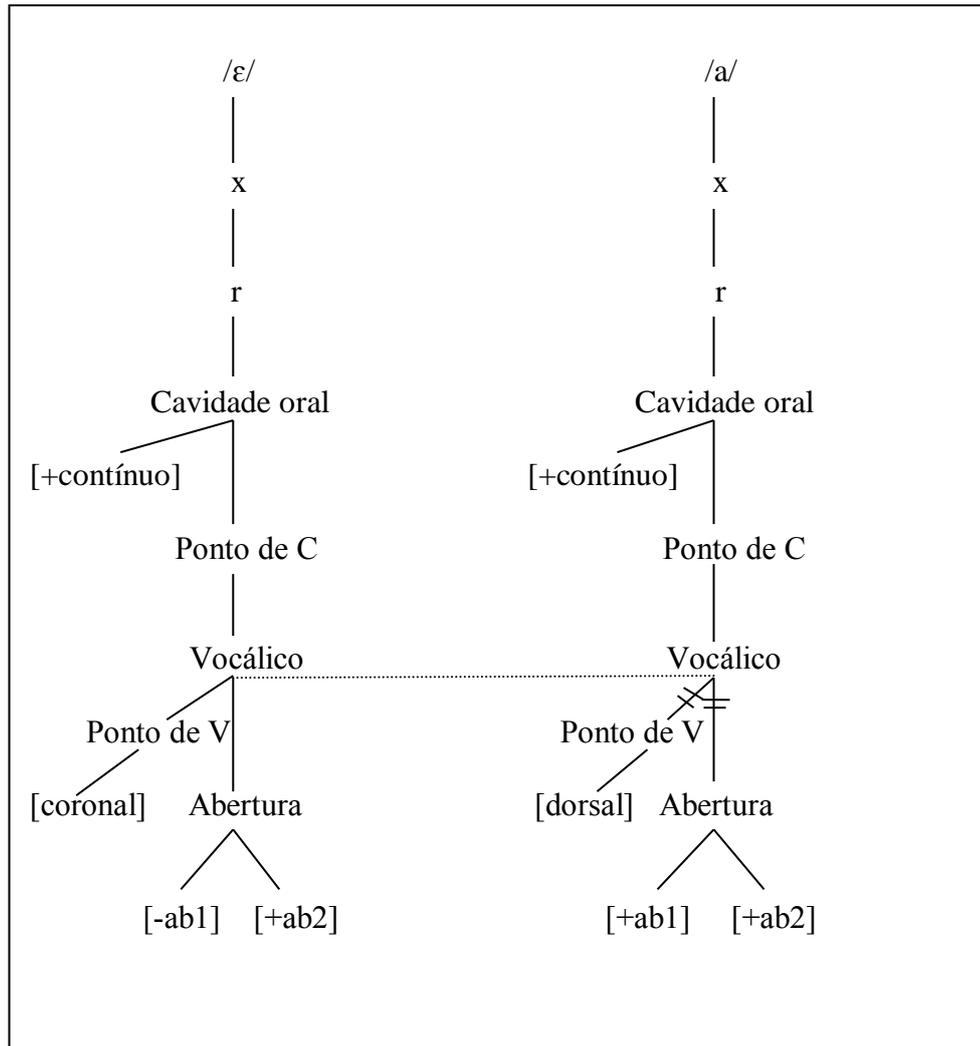


(4.26c)



Seguindo a proposta de Clementes e Hume (1995) para a representação dos segmentos pela Geometria de Traços, é representado, a seguir, o processo de assimilação dos traços [coronal], [-ab1] e [+ab2] sofrido pelas vogais /a/ que precedem a vogal /ε/ em alguns substantivos possuídos na língua Deni.

(4.27)



Desse processo de assimilação do /ε/ sobre as vogais /a/ resultaram as seguintes formas: [dzεpε'nε], [ε'thε'nε] e [dzehe'nε].

Nas línguas Arawá, alguns nomes inalienáveis, mas não todos, têm perdido o morfema marcador de gênero masculino *-nε*, como mostrou Dixon (1999). Em Deni, tal morfema foi perdido diacronicamente. As formas resultantes dessa perda são dadas em (4.28a-c).

(4.28a) [dzεpε'nε] → [dzε'pε]

(4.28b) [ε'thε'nε] → [ε'thε]

(4.28c) [dzehe'nε] → [dze'hε]

A hipótese aqui levantada para a explicação do processo morfofonológico de assimilação leva em consideração três momentos que envolvem mudanças na língua: (i) a

língua Deni marcou, nos nomes inalienavelmente possuídos, o gênero masculino com *-ne* e o gênero feminino com *-ni*; (ii) a vogal /*ε*/ de *-ne* desempenhou o papel de assimilação das vogais /*a*/ presentes nos radicais de tais nomes; e (iii) a perda do *-ne* que fez com que tal morfema fosse representado pelo *-∅*.

O processo de assimilação apenas ocorreu em radicais constituídos por sílabas com a vogal /*a*/; para as demais vogais, o processo foi bloqueado. Mesmo assim, o morfema marcador gênero masculino caiu em todos os casos, salvo a única exceção já referida presente no corpus.

4.4.2 Epêntese

Tal como a assimilação, a epêntese também é um processo morfofonológico que ocorre com nomes inalienáveis em Deni. A epêntese em Deni consiste na inserção da consoante /*v*/ entre um prefixo de 1 ou 2 que marca posse e um nome inalienável iniciado por vogal. Além de ocorrer com nomes inalienáveis, a epêntese também ocorre com verbos começados por vogal e que recebem a marcação de pessoa antes do radical.²⁷ Exemplos em (4.29a-d) ilustram o processo de epêntese na língua em questão.

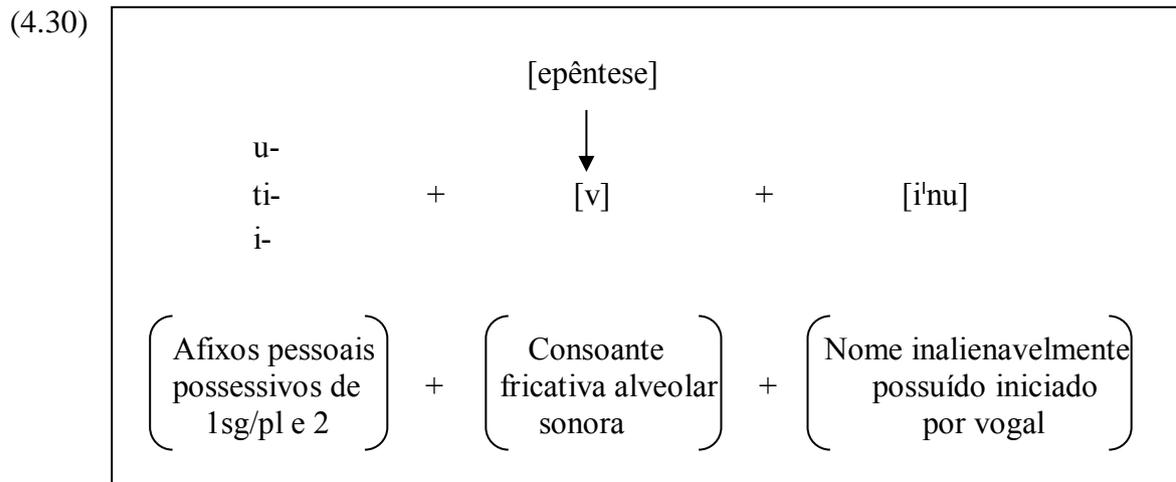
(4.29a)Forma de base	u-inu 1SG-dente
Forma superficial	[uvi'nu] 'Meu dente'
(4.29b)Forma de base	ti-inu 2-dente
Forma superficial	[tivi'nu] 'Teu dente'
(4.29c)Forma de base	u-ahari 1SG-boca
Forma superficial	[uvaha'ri] 'Minha boca'
(4.29d)Forma de base	ti-ahari 2-boca

²⁷ Em Deni, a marcação de pessoa nos verbos pode ser de duas formas: ou a marcação vem antes do radical, como em *u-vad-ituvi* (1SG-dormir-FUT) 'Eu dormirei', ou depois do radical, como em *hapi-u-tuvi* (banhar-1SG-FUT) 'Eu tomarei banho'. As duas subclasses de verbos em Deni – que são definidas pela posição da marcação de pessoa – são tratadas em 7.1.1 e 7.1.2.

Forma superficial [tivaha'ri]
 'Tua boca.'

O processo de epêntese da consoante /v/ em nomes inalienáveis pode ser explicado para a forma de 1SG, visto que tal morfema é representado por *u-* e, portanto, ambos os segmentos possuem o traço labial. Dessa forma seria possível dizer que a epêntese é o traço labial. A forma de 2 nos faz refutar a hipótese de que a epêntese seja o traço labial, pois tal morfema é *ti-*, e o fonema /i/ não apresenta o traço labial.

A consoante epentética /v/ provavelmente apareceu primeiro para a primeira pessoa do singular por assimilação do traço labial e acabou sendo incorporada também para a segunda pessoa. A regra para a ocorrência da consoante epentética na língua Deni é formulada em (4.30).



Note que, entre a marcação de pessoa (exceto para a terceira pessoa, que é marcada por \emptyset -) e um nome inalienavelmente possuído (ou verbo) iniciado por vogal, ocorre a epêntese da consoante /v/, a fim de que a duas vogais não ocorram seguidamente nas duas primeiras sílabas de uma palavra. Feitas essas considerações sobre a epêntese em Deni, passemos agora à análise do processo morfofonológico de haplologia.

4.4.3 Haplologia

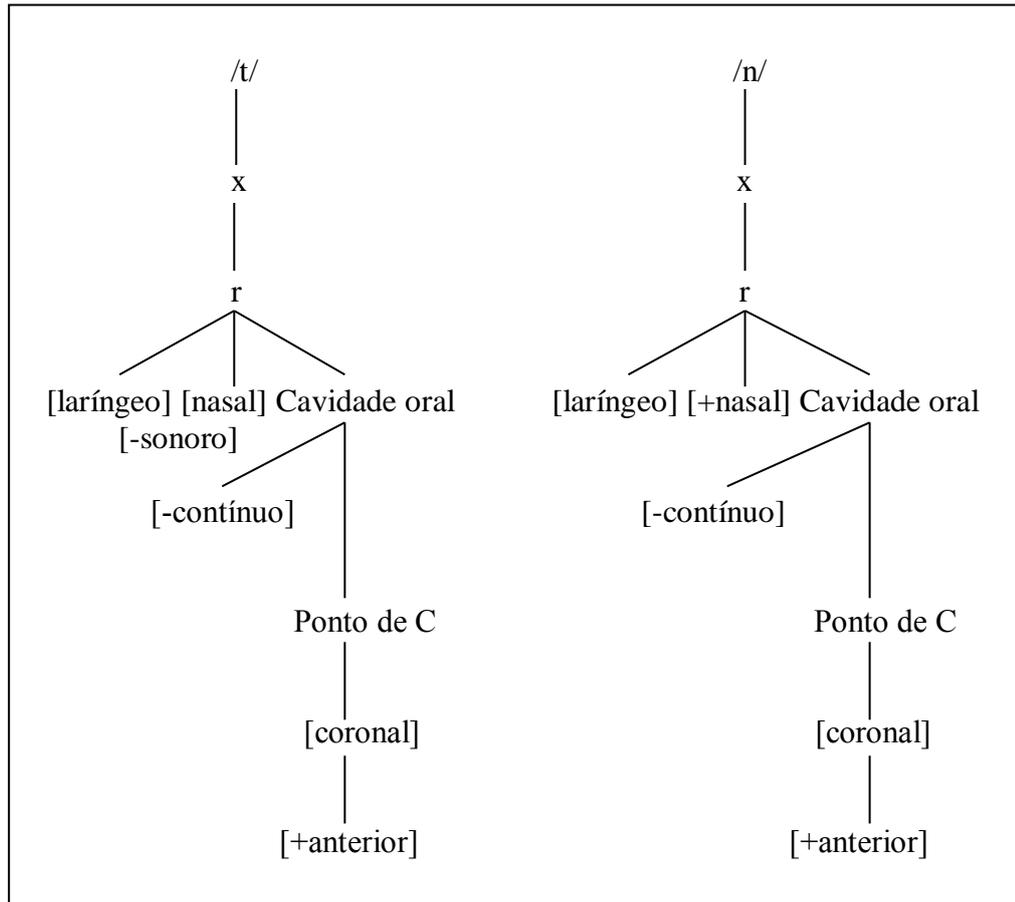
Na língua Deni, os verbos carregam, obrigatoriamente, a marcação de pessoa. Os verbos em Deni podem ser divididos em duas classes: os que apresentam marcação de pessoa antes da raiz e os que apresentam marcação de pessoa depois da raiz. Quando a raiz verbal termina em consoante, a marcação de pessoa ocorre por meio de um prefixo; quando a raiz verbal termina em vogal, a marcação de pessoa ocorre por meio de um sufixo. Esse condicionamento é, portanto, fonológico. Os verbos em que a marcação de pessoa vem antes do radical não apresentam o marcador de classe verbal *-na*; porém, todos os verbos que apresentam marcação de pessoa depois da raiz verbal possuem o marcador de classe verbal *-na*.

Em Deni, a haplologia envolve o morfema marcador de segunda pessoa singular e plural *-ti* e o morfema marcador de classe verbal *-na*. (O outro marcador de classe verbal *-kana* não sofre esse processo.) O que na forma de base são duas sílabas *-ti + -na* no nível superficial é apenas uma *-ta*. Há, portanto, a supressão de uma das sílabas, como ilustrado nos exemplos em (4.31a-c).

(4.31a) Forma de base	*hapi-ti-na-ru banho-2-MCV-NFUT.F
Forma superficial	[hapita'ru] 'Você tomou banho'
(4.31b) Forma de base	*kidzi-ti-na-ru doente-2-MCV-NFUT.F
Forma superficial	[kidzata'ru] 'Você está doente'
(4.31c) Forma de base	*hupa-ti-na-ru correr-2-MCV-NFUT.F
Forma superficial	[hupata'ru] 'Você correu'

A haplologia ocorre somente em verbos cuja marcação de pessoa vem depois da raiz e exclusivamente depois do morfema de segunda pessoa *-ti*. Nesse contexto, onde teríamos duas sílabas iniciadas pelas consoantes coronais /t/ e /n/ (*-ti + -na*), tem-se uma única sílaba *-ta* que marca tanto a segunda pessoa, quanto a classe verbal. A motivação para a haplologia, na língua Deni, é o traço [coronal] no *onset* de ambas as sílabas. A representação desse processo está em (4.32).

(4.32)



Uma forma de representar a regra para a ocorrência da haplogogia em Deni é dada em (4.33).

(4.33) $-ti + -na \rightarrow -ta$
 $2 + MCV \rightarrow -ta$

A regra apresentada em (4.33) lê-se: nos verbos em que a marcação de pessoa vem depois da raiz e, portanto, apresentam obrigatoriamente o marcador de classe verbal *-na*, ocorre o processo de haplogogia com morfema marcador de segunda pessoa do singular e plural *-ti*. Dessa forma, o que na forma de base é *-ti + -na*, no nível superficial é *-ta*.

4.5 Resultados obtidos nesta seção

Esta seção apresentou uma análise sobre o sistema sonoro da língua Deni, que apontou um o quadro fonológico que possui dezesseis consoantes e quatro vogais que se agrupam em um template silábico (C)V, em que qualquer consoante pode ocupar a posição de *onset* e

qualquer vogal pode ocupar a posição de núcleo. A única restrição fonotática é a sílaba /vu/. O acento tem uma posição fixa: ocorre na sílaba mais à direita. A língua é tipologicamente classificada como padrão acentual iâmbico não-iterativo, pois forma-se um único pé com proeminência à direita. Finalmente, foram identificados três processos morfológicos na língua Deni: assimilação, epêntese e haplologia. A assimilação envolve nomes inalienáveis que possuíam apenas vogais /a/ na raiz; tais vogais historicamente foram assimiladas ao /ε/ presente no sufixo de gênero masculino para a terceira pessoa. A epêntese consiste na inserção de um /v/ entre a marcação de primeira e segunda pessoas singular e plural em nomes inalienavelmente possuídos iniciados por vogal. Esse processo consiste, portanto, em um processo de ressilabificação. A haplologia, por sua vez, resulta da redução de duas sílabas iniciadas por consoantes coronais a uma única sílaba. Essas sílabas marcam segunda pessoa e classe verbal. Quando a haplologia ocorre, a única sílaba restante marca segunda pessoa no verbo.

5 CLASSES DE PALAVRAS

A presente seção trata das classes de palavras identificadas para a língua Deni. Lido com classes maiores, as quais compreendem nomes e verbos, e menores, compostas por adjetivos, advérbios, pronomes, quantificadores e numerais, locacionais, posposições, conectivos e interjeições.

5.1 Classes maiores

Os adjetivos ‘abertas’ e ‘fechadas’ referindo às classes de palavras nas línguas do mundo são muito comuns na literatura linguística. Na presente tese, embora as classes aqui denominadas como ‘abertas’ possam, de fato, receber novos membros, algumas das classes ditas ‘fechadas’ parecem também serem aptas a desenvolver, por meio de processo morfológico, novos membros, como pode ser visto na discussão sobre os adjetivos e pronomes pessoais. Nesse sentido, os termos ‘classes abertas’ e ‘classes fechadas’ podem ser chamados de ‘classes maiores’ e ‘classes menores’, no sentido relacionado à quantidade de membros que cada uma delas contém. Nomes e verbos em Deni são, então, as classes abertas (ou maiores), enquanto que adjetivos, advérbios, pronomes e demonstrativos, quantificadores e numerais, locacionais, posposições, conectivos e partículas, interrogativos, interjeições são as classes fechadas (ou menores) uma vez que incluem uma quantidade de membros bastante menor quando comparadas com as classes maiores.

5.1.1 Nomes

Todas as línguas do mundo têm uma grande classe aberta de nomes que tipicamente ocupam a posição de núcleo do SN. Além dos nomes, pronomes pessoais podem desempenhar a função de núcleo do SN em Deni. Embora demonstrativos apareçam superficialmente na posição de núcleo, eles de fato não desempenham tal função, uma vez que o nome ao qual eles fazem referência está no contexto discursivo, no campo de visão das pessoas envolvidas no processo comunicativo.

Da perspectiva morfológica, os nomes em Deni se dividem em três subclasses: (i) nomes inalienavelmente possuídos, que compreende os nomes que carregam obrigatoriamente um morfema indicando o possuidor; (ii) nomes livres, que não carregam nenhuma marca morfológica obrigatória; (iii) nomes *ka-*, que desencadeiam concordância de classe nominal em

modificadores (adjetivos, quantificadores e numerais) e no verbo que ocorre como predicado na cláusula. Morfologicamente, membros da subclasse *ka-* apresentam a mesma estrutura que os membros da subclasse de nomes livres; membros da subclasse de nomes inalienavelmente possuídos, contudo, apresentam uma estrutura diferente, como veremos adiante.

5.1.1.1 Nomes inalienavelmente possuídos

Os nomes inalienavelmente possuídos são aqueles que obrigatoriamente apresentam um morfema indicando um possuidor. Os nomes que pertencem a essa subclasse compreendem principalmente partes do corpo, termos de parentesco e partes de plantas. Dos nomes que fazem referência às partes do corpo, apenas *matsi* ‘vagina’ e *ama* ‘sangue’ foram identificados na base de dados como alienáveis, ou seja, sem marcação obrigatória de posse. Em SNs possessivos, o nome *matsi* ‘vagina’ é precedido pelo pronome possessivo *punikha* ‘dela’, tal como ocorre com os outros nomes livres. O nome *ama* ‘sangue’, contudo, apresenta as formas com marcação de posse *uv-emene* (1SG.POS-sangue) ‘meu sangue’, *tiv-emene* (2SG.POS-sangue) ‘teu sangue’, \emptyset -*emene*- \emptyset (3POS-sangue-M) ‘o sangue dele’ e \emptyset -*ama-ni* (3POS-sangue-F) ‘o sangue dela’. O processo de assimilação vocálica envolvendo esse nome é discutido em 4.4.1.

O esquema 5.1 apresenta a estrutura morfológica dos nomes inalienavelmente possuídos:

Esquema 5.1: *Estrutura morfológica dos nomes inalienavelmente possuídos*

Posição 1	Posição 2	Posição 3	Posição 4	Posição 5
Posse	Raiz do nome	Gênero	Caso	Foco
1SG	<i>u-</i>	<i>-ni</i> F	<i>-kha</i> GEN	<i>-pe</i> FOC.F
2	<i>ti-</i>	\emptyset M	<i>-dza</i> MULT	<i>-pa</i> FOC.M
3	\emptyset -			
1PL	\emptyset -			

No esquema 5.1, somente as posições 1 e 2 são obrigatoriamente preenchidas (a posição 3 é obrigatoriamente preenchida para a terceira pessoa singular e plural). As posições 4 e 5 podem ser preenchidas, mas não são obrigatórias. Não foram encontradas na base de dados ocorrências em que um marcador de caso co-ocorresse com o marcador de foco em nomes inalienavelmente possuídos.

Como discutido em 4.4.2, nomes inalienavelmente possuídos iniciados por vogal sofrem um processo morfofonológico que consiste na inserção de uma consoante [v] entre a marcação de pessoa (primeira e segunda, tanto singular quanto plural) e a primeira vogal do nome

inalienavelmente possuído. Esse processo produz alomorfes como *uv-* ‘1SG.POS’, *tiv-* ‘2SG.POS’ ou ‘2PL.POS’ e *iv-* ‘1PL.POS’.²⁸ Tal processo não se aplica a nomes inalienavelmente possuídos iniciados por consoante. Compare os exemplos em (5.1a; 5.2a; 5.3a; 5.4a; 5.5a) com os exemplos em (5.1b; 5.2b; 5.3b; 5.4b; 5.5b;) respectivamente:

(5.1a) <i>uv-inu</i> 1SG.POS-dente ‘Meu dente.’	(5.1b) <i>u-tati</i> 1SG.POS-cabeça ‘Minha cabeça.’
(5.2a) <i>tiv-inu</i> 2.POS-dente ‘Teu dente.’	(5.2b) <i>ti-tati</i> 2.POS-cabeça ‘Tua cabeça.’
(5.3a) <i>iv-inu</i> 1PL.POS-dente ‘Nosso dente.’	(5.3b) <i>i-tati</i> 1PL.POS-cabeça ‘Nossa cabeça.’
(5.4a) \emptyset -inu- \emptyset 3.POS-dente-M ‘Dente dele.’	(5.4b) \emptyset -tati- \emptyset 3.POS-cabeça-M ‘Cabeça dele.’
(5.5a) \emptyset -inu-ni 3.POS-dente-F ‘Dente dela.’	(5.5b) \emptyset -tati-ni 3.POS-cabeça-F ‘Cabeça dela.’

Cosidero aqui os termos de parentesco como nomes inalienavelmente possuídos, uma vez que a maior parte deles recebe morfema marcador de posse. Contudo, tal grupo de palavras apresenta alta irregularidade no que diz respeito à morfologia. O quadro 5.1 apresenta os termos de parentesco identificados na base de dados:²⁹

²⁸ Uma discussão detalhada de cunho fonológico sobre tal processo é oferecida em Carvalho (2013a); uma versão resumida pode ser encontrada em 4.4.2.

²⁹ O quadro 5.1 apenas apresenta os dados linguísticos referentes aos termos de parentescos que têm sido encontrados na base de dados. Tal questão carece, ainda, de bastante estudo em Deni, especialmente adotando uma visão antropolinguística.

Quadro 5.1: *Nomes inalienavelmente possuídos para termos de parentesco*

	Vocativo	1SG.POS	2SG/PL.POS	3SG/PL.POS
Pai	<i>abi</i>	<i>ukhabi</i>	<i>tikhabi</i>	<i>imei</i>
Mãe	<i>ami</i>	<i>ukhami</i>	<i>tikhami</i>	<i>imeeni</i>
Filho		<i>ukhadau</i>	<i>tikhadau</i>	<i>bedi</i>
Filha		<i>ukhatu</i>	<i>tikhatu</i>	<i>bedeni</i>
Irmão mais velho	<i>adzu</i>	<i>ukhadzu</i>	<i>tikhadzu</i>	
Irmão mais novo	<i>ukhakhabu</i>	<i>ukhakhabu</i>	<i>tikhakhabu</i>	
Irmã mais velha	<i>adi</i>	<i>ukhadi</i>	<i>tikhadi</i>	<i>adi</i>
Irmã mais nova	<i>ukharipene</i>	<i>ukharipene</i>	<i>tikharipene</i>	
Tio		<i>ukhabi uvaa</i>	<i>tikhabi uvaa</i>	
Tia		<i>ukhami unii</i>	<i>tikhami unii</i>	
Cunhado(a) usado entre homem e mulher	<i>uvini</i>	<i>uvini</i>		
Cunhado usado entre Homem e homem	<i>abuni</i>	<i>ukhabuni</i>		
Cunhada usado entre mulher e mulher	<i>karadi</i>	<i>ukaradi</i>		
Genro/Neto	<i>hirubadi</i>	<i>uhirubadi</i>	<i>tihituradi</i>	<i>hirudabi</i>
Nora/Neta	<i>hirudini</i>	<i>uhirudini</i>	<i>tihirudini</i>	<i>hirudini</i>
Avô	<i>atuvi</i>	<i>ukhatuvi</i>	<i>tikhatuvi</i>	<i>atuvi</i>
Avó	<i>atidzu</i>	<i>ukhatidzu</i>	<i>tikhatidzu</i>	<i>atidzu</i>
Sogro	<i>kuku</i>	<i>ukha kuku</i>	<i>tikha kuku</i>	<i>kuku</i>
Sogra	<i>atsu</i>	<i>ukhatsu</i>	<i>tikhatsu</i>	<i>atsu</i>
Esposa	<i>amunehe</i>	<i>upanadi</i>	<i>tipanadi</i>	<i>panadi</i>
Marido	<i>makhi</i>	<i>ukha makhi</i>	<i>tikha makhi</i>	<i>makhi</i>

Os termos de parentesco referentes a ‘pai’, ‘mãe’, ‘filho’ e ‘filha’ apresentam uma formação irregular para a terceira pessoa, já que a raiz é completamente diferente das formas que tais nomes apresentam para a primeira e segunda pessoa. No que concerne à marcação morfológica de posse, nos termos para ‘pai’, ‘mãe’, ‘filho’ e ‘filha’, ‘irmão’ (mais velho e mais novo), ‘irmã’ (mais velha e mais nova), ‘avô’, ‘avó’, ‘sogro’ e ‘sogra’ os pronomes possessivos *ukha* ‘1SG.POS’ e *tikha* ‘2SG.POS’ parecem ter sido gramaticalizados como prefixo indicador de

posse, o que é diferente dos típicos nomes inalienavelmente possuídos em Deni.³⁰ As palavras para ‘genro/neto’, ‘nora/neta’, ‘esposa’ e ‘cunhado’ (as três: entre homem e homem; entre mulher e mulher; e entre mulher e homem) apresentam características morfológicas típicas dos nomes inalienavelmente possuídos.

Embora nomes referentes a termos de parentesco apresentem alta irregularidade morfológica no que diz respeito à marcação de posse, tais nomes são considerados aqui inalienavelmente possuídos, uma vez que apresentam marcação morfológica de posse obrigatória. Na maioria dos casos, a forma vocativa pode ser analisada como a forma de terceira pessoa possessivo, haja vista que tal morfema é marcado morfológicamente por $-\emptyset$. Isso não se aplica às palavras para ‘pai’, ‘mãe’, ‘filho’ e ‘filha’, como discutido acima.

5.1.1.2 Nomes livres

Os nomes livres em Deni são aqueles que ocorrem sem uma marcação obrigatória de posse anexada à raiz. Tais nomes compreendem a maior parte da classe de nomes na língua, contando com membros como os nomes de seres humanos, lugares, animais, espíritos, elementos da natureza. Todos os nomes tomados por empréstimo, seja do Português ou de outras línguas, são livres. Nenhum nome que tenha sido emprestado foi atestado como inalienavelmente possuído. O esquema em 5.2 apresenta a estrutura morfológica dos nomes livres em Deni.

Esquema 5.2: *Estrutura morfológica dos nomes livres*

Posição 1	Posição 2	Posição 3
Raiz do nome	Marcação de caso	Marcação de foco
	-khaGEN	-peFOC.F
	-dzaMULT	-paFOC.M

Grande parte dos nomes livres pode receber indicação de possuidor por meio de pronomes possessivos que ocorrem precedendo o nome no SN, como pode ser visto nos exemplos em (5.6a-c).

(5.6a) tsivadza ukha tutaputu tsabuha-ta-ba

³⁰ Prefixo porque pronomes possessivos precedem nomes no SN. Parece plausível pensar que, para casos como *ukhabi* ‘meu pai’, *ukhami* ‘minha mãe’, *tikhabi* ‘teu pai’ ou *tikhami* ‘tua mãe’, tal processo ocorre devido ao fato de que tais palavras, na forma vocativa, são iniciados pela vogal [a]; assim, há fusão (crase) da última vogal [a] do pronome possessivo *ukha* ‘1SG/PL.POS’ ou *tikha* ‘2SG/PL.POS’ e a primeira vogal do nome *abi* ‘pai’ ou *ami* ‘mãe’. Note que para *makhi* ‘marido’ isso não ocorre, uma vez que tal palavra é iniciada por consoante.

amanhã 1SG.POS roupa lavar-2-IMP.POL
 ‘Lave a minha roupa amanhã.’

(5.6b) tikha udza ka-putaha-ri
 2.POS casa MCN-grande-M
 ‘A tua casa é grande.’

(5.6c) Kadzupana-kha tsiru ahavi
 nome.M-GEN perfume me.dê
 ‘Dê-me o perfume do Kadzupana.’

Da perspectiva morfológica, nomes livres se diferenciam de nomes inalienavelmente possuídos pelo fato de que estes recebem marcação morfológica obrigatória indicando o possuidor, ao passo que aqueles precisam de pronomes possessivos para indicar o possuidor no SN. Há, contudo, uma série de nomes que parecem não poder nunca ocorrerem como a entidade possuída em SNs possessivos, como é o caso de *neme* ‘céu’, *amuva* ‘estrela (geral)’, *pupunaha* ‘vento’, entre outros. Isso, porém, não é suficiente para afirmar que elementos da natureza não são possuíveis em Deni, uma vez que *patsu* ‘rio’, *dzama* ‘terra’ são constantemente possuídos. Nomes referentes a animais geralmente não são possuíveis. Entretanto, quando filhotes como anta, caititu, macaco são levados para a aldeia e domesticados, eles são possuíveis. O nome *medze* ‘cachorro’ aparece frequentemente em construções possessivas como a entidade possuída.

5.1.1.3 Nomes *ka-*

Além das subclasses de nomes inalienavelmente possuídos e nomes livres, a língua Deni possui uma subclasse *ka-* que é responsável por desencadear concordância de classe em alguns modificadores nominais e também no verbo. Essa subclasse tem sido apontada em outras línguas Arawá, como Paumarí (cf. Chapman e Derbyshire, 1991, p. 254-259; Aikhenvad, 2010a) e Kulina (cf. Dienst, 2014, p. 85-91).³¹ Similarmente a essas línguas, um número bastante limitado de nomes pertencem à subclasse *ka-* em Deni. Tal como acontece com o gênero, os nomes que pertencem à subclasse *ka-* não apresentam nenhuma marcação morfológica evidente; a marcação morfológica é realizada por meio de concordância em modificadores dentro do SN (quantificadores e numerais) e no verbo da cláusula em que tais nomes ocorrem. Veja exemplos em (5.7a-b):

³¹Em Paumarí e em Kulina, os autores denominam classe *ka-* (*ka-class*). Aqui, optei por denominá-la subclasse *ka-* uma vez que ela pertence à classe dos nomes.

(5.7a) *varami* *ka-putaha-ri* *i-ka-navatu-arū*
remo *MCN-grande-M1PL-MCN-construir-NFUT.F*
 ‘Nós fizemos um remo grande.’

(5.7b) *kahiru ka-pama-hi* *ka-pami-hi*
anzol MCN-dois-DISTR.F *MCN-dois-DISTR.F*
 ‘Quatro anzois.’ (lit. dois mais dois anzois)

No exemplo em (5.7a), o nome *varami* ‘remo’ é o responsável pela marcação morfológica de *ka-* indicando concordância de classe no quantificador *pama-* ‘dois’ e no verbo *-navatu* ‘construir’. Da mesma forma, em (5.7b) o nome *kahiru* ‘anzol’ é responsável pela marcação morfológica indicando concordância de classe nos numerais *pama-* ‘dois’. Em (5.6b), também é possível perceber que o nome *udza* ‘casa’ desencadeia concordância de classe no seu modificador *putaha-* ‘grande’.

Tanto em Kulina (cf. DIENST, 2014) quanto em Paumarí (cf. AIKHENVALD, 2010a), nomes que fazem referência a seres humanos não foram atestados como pertencentes à classe *ka-*. Em Deni, também nenhum nome com referente humano pertence à subclasse *ka-*. Aikhenvald (2010a, p. 245-6) afirma que, em Paumarí, a atribuição de tais nomes à classe *ka-* é de modo parcial semanticamente baseada; contudo, ela aponta que os princípios variam de acordo com o campo semântico para os quais os nomes pertencem. “Size and shape play a role in the noun class assignment of inanimate objects: objects of a larger size or extension and/or flat in shape are frequently assigned to the *ka*-noun class.”³² Em Kulina, Dienst (2014) menciona que, embora os nomes *ka-* possam ser inseridos em pequenos grupos com significados similares ou com traços semânticos comuns, parece não haver um traço comum que ligue todos os nomes *ka-* em uma classe.

Os nomes que pertencem à subclasse *ka-* identificados na base de dados são incluídos em (5.8a-d)

(5.8a) Coisas planas, compridas, estreitas
varami ‘remo’
kanuva ‘canoá’
udza ‘casa’
kakiba ‘flecha’
kudze ‘colher’
tserura ‘celular’

³²Tradução minha: “tamanho e forma desempenham um papel na atribuição de classe de nome de objetos inanimados: objetos de tamanho maior ou extensão e/ou plano na forma são frequentemente atribuídos à classe de nomes *ka-*.” (AIKHENVALD, 2010a, p. 246).

terevidzau	‘televisão’
vatsura	‘vassoura’
pikarda	‘espingarda’

(5.8b) Partes do corpo

idzepe	‘nossa mão’
matsi	‘vagina’
ivinu	‘nosso dente’
ivamuri	‘nosso pé’
ivitsu	‘nossa perna’

(5.8c) Peixe

akumi kiri	‘piranha preta’
------------	-----------------

(5.8d) Mamíferos

dzumahi	‘onça’
anubedza	‘caititu’

Aikhenvald (2010a, p. 250) aponta que falantes mais jovens de Paumarí não usam sistematicamente a concordância de classe nominal. Em Kulina, Dienst (2014, p. 91) argumentou que a subclasse *ka-* pode estar perdendo terreno sincronicamente, o que também pode ser dito para o Deni, visto que na base de dados a palavra *dzumahi* ‘onça’ foi atestado como pertencendo à classe *ka-* na fala de um velho, e, na fala de uma pessoa mais nova, tal palavra não desencadeou a concordância de classe no modificador nominal nem no verbo. Parece bastante plausível dizer que tal classe, a qual foi parte integrante da gramática do Proto-Arawá, está se tornando obsoleta em todas as línguas Arawá, como já aconteceu com o Jarawara (cf. DIXON, 1999).³³

5.1.2 Verbos

Translinguíticamente é comum os membros que compõem a classe de verbos expressarem ações, estados, processos, fenômenos da natureza. No que concerne à morfologia, verbos em Deni podem ser divididos em duas subclasses postuladas com base na posição da marcação de pessoa (que é obrigatória) dentro da palavra verbal. A subclasse I compreende os verbos cuja marcação de pessoa precede a raiz; nesses casos, o hífen precede a raiz para marcar a posição da marcação de pessoa na escrita. A subclasse II inclui os verbos cuja marcação de pessoa segue a raiz; seguindo o mesmo princípio, o hífen segue a raiz para marcar a posição da

³³Sem sombra de dúvida, a subclasse *ka-* requer mais estudo em Deni, especialmente no que concerne à base semântica responsável pela sua formação.

marcação de pessoa na escrita. Essas subclasses são tratadas, respectivamente, nas seções 7.1.1 e 7.1.2. Dado que a língua Deni, assim como as demais línguas Arawá, é sintética, ou seja, uma série de morfemas como marcadores de pessoa, tempo, aspecto, modo, modalidade, negação, concordância nominal pode se prender à raiz do verbo, três seções neste trabalho (7, 8 e 9) são dedicadas à estrutura morfológica da palavra verbal.

5.1.2.1 Tipos de verbos

Diferentes critérios podem levar a diferentes postulações de subclasses, como discutido em 2.3.1. Na presente tese, o critério morfológico é adotado para postular subclasses, como com os nomes inalienavelmente possuídos e livres discutidos anteriormente nesta seção. Assim, o critério morfológico leva à postulação de duas subclasses de verbos: os verbos em que a marcação de pessoa precede a raiz verbal, e os verbos em que a marcação de pessoa segue a raiz do verbo. Visto que a marcação de pessoa é obrigatória para todos os verbos em Deni, tal parâmetro é suficiente para a atribuição dos verbos a uma das duas subclasses.

Outro parâmetro que poderia ser empregado para a divisão de verbos em subclasses diz respeito à transitividade. Dessa perspectiva e com base nos critérios delineados por Dixon (2010a), verbos em Deni podem ser classificados da seguinte maneira:

- (a) Verbos estritamente intransitivos – podem ocorrer somente em cláusulas intransitivas, como *-kidza* ‘defecar’ e *hupa-* ‘correr’. Tais verbos aceitam somente um argumento (S);
- (b) Verbos estritamente transitivos – podem ocorrer somente em cláusulas transitivas, como *te-* ‘atirar’ e *-kadapi* ‘comer fruta’. Esses verbos têm sempre dois argumentos (A e O) que podem frequentemente ser inferidos pelo contexto de conversação;
- (c) Verbos ambitransitivos de tipo S = A – podem ocorrer tanto em cláusulas transitivas quanto em cláusulas intransitivas, com o S de uma cláusula intransitiva funcionando como o A de uma cláusula transitiva. Um exemplo de verbo intransitivo é *-navatu* ‘saber’.

Sumariamente, Deni apresenta verbos puramente transitivos, puramente intransitivos, e verbos que podem ocorrer em ambas as cláusulas, transitivas ou intransitivas, com o S da cláusula intransitiva funcionando como A da cláusula transitiva. Além dos argumentos obrigatórios (S para cláusula intransitiva e A e O para cláusulas transitivas), argumentos periféricos opcionais podem ser usados na cláusula. Tipicamente esses argumentos são

marcados por caso, mas há alguns argumentos periféricos opcionais que não são marcados para caso, como deve ser visto na seção 10. Os tipos de verbo relacionados à transitividade são diretamente ligados aos tipos básicos de cláusula na língua, assunto que é tratado mais detalhadamente em 10. Como pode ser visto acima, não há relação entre as subclasses definidas morfológica e as subclasses relacionadas à transitividade.

5.2 Classes menores

As classes menores em Deni incluem adjetivos, advérbios, pronomes, quantificadores e numerais, locacionais, posposições, conectivos e interjeições. Tais classes são tratadas aqui como menores no sentido de que incluem um número de membros significativamente menor que o número de membros das classes maiores (nomes e verbos) discutidos acima. Dado que a perspectiva adotada aqui olha para a língua como algo dinâmico, vivo, em que a mudança é constante – embora em ritmos diferentes, a depender do aspecto focado – não lido com as classes como abertas e fechadas, mesmo que acredite que as classes de nomes e verbos sejam abertas em Deni – podem receber (e frequentemente recebem) novos membros. As classes menores (que muitos chamam de “fechadas”) também podem receber novos membros, como ocorreu provavelmente com os pronomes regulares de terceira pessoa plural, como discutido em 5.2.3.1. Outro exemplo é a classe de adjetivos, que, embora seja uma classe pequena comparada aos nomes e verbos, parece poder criar outros membros. Sem dúvida, a inclusão de novos membros nas classes menores ocorre em um ritmo e frequência bastante diferentes do que ocorre com as classes maiores. É sobre esse fato que se centra a justificativa de diferenciar entre classes maiores e menores neste trabalho.

5.2.1 Adjetivos

Nas últimas três décadas, adjetivos têm desempenhado um papel importante na tipologia das classes de palavras, tanto em relação aos significados que são expressos translinguisticamente pelos membros de tal classe, quanto em relação ao fato da classe de adjetivos ser universal nas línguas. Adjetivos são palavras que funcionam como modificadores nominais, atribuindo-lhes uma propriedade. Dixon (2004b), adotando uma perspectiva translinguística, aponta sete tipos semânticos que são tipicamente associados com a classe de adjetivos:

- (a) Dimensão: ‘grande’, ‘pequeno’, ‘alto’, ‘longo’, ‘curto’, etc.;

- (b) Idade: ‘novo’, ‘velho’, ‘jovem’, etc.;
- (c) Valor: ‘bom’, ‘ruim’, ‘perfeito’, etc.;
- (d) Cor: ‘preto’, ‘branco’, ‘vermelho’, etc.;
- (e) Propriedade física: ‘duro’, ‘mole’, ‘macio’, etc.;
- (f) Propensidade humana: ‘feliz’, ‘ciumento’, ‘inteligente’, etc.;
- (g) Velocidade: ‘rápido’, ‘lento’, ‘veloz’, etc.;

Dixon (2004b) argumenta que os tipos semânticos de (a) dimensão, (b) idade, (c) valor e (d) cor são tipicamente associados com línguas que apresentam classes grandes e pequenas de adjetivos. Os tipos semânticos de (e) propriedade física, (f) propensidade humana e (g) velocidade são tipicamente associados com línguas que incluem classes médias e grandes de adjetivos. Além desses tipos semânticos, Dixon (idem) indica outros tipos semânticos que são associados com grandes classes de adjetivos:

- (h) Dificuldade: ‘fácil’, ‘difícil’, ‘árduo’, etc.;
- (i) Similaridade: ‘igual’, ‘diferente’, ‘similar’, etc.;
- (j) Qualificação: ‘provável’, ‘verdade’, ‘possível’, etc.;
- (k) Quantificação: ‘todos’, ‘muitos’, ‘poucos’, etc.;
- (l) Posição: ‘longe’, ‘perto’, ‘direita’, etc.;
- (m) Números ordinais: ‘primeiro’, ‘último’, etc.;

Baseado nos tipos semânticos tipicamente translinguisticamente associados com a classe de adjetivos, exemplos em (5.9a-h) incluem as palavras que indicam propriedades atestadas na base de dados:

- (5.9a) Dimensão
- | | |
|----------|---------------|
| putahari | ‘grande/alto’ |
| hiraride | ‘Pequeno’ |
| imeibute | ‘Gordo’ |
- (5.9b) Valor
- | | |
|------------|----------|
| amutside | ‘Bom’ |
| hirade | ‘Ruim’ |
| katuharide | ‘Feio’ |
| bahikanade | ‘Bonito’ |
- (5.9c) Cor
- | | |
|--------|------------|
| pakude | ‘Branco’ |
| makude | ‘Vermelho’ |
| kiride | ‘Preto’ |

derepede ‘Verde/azul/amarelo’

(5.9d) Propriedade física

kharade ‘Duro’
 bavide ‘Mole’
 merude ‘Liso’
 abikade ‘Quente’
 mimide ‘Frio’
 atside ‘Fedido’
 mahakude ‘Cheiroso’
 mahunade ‘Doce’
 tsitakade ‘Azedo’
 bidade ‘Amargo’
 hutsade ‘Salgado’
 tsikide ‘Razo’
 patuhade ‘Molhado’
 kukutunade ‘Seco’
 tsivahade ‘Claro’
 dzidzide ‘Escuro’
 napide ‘Grosso’
 huratsa ‘Velho’
 dzati ‘Novo’

(5.9e) Propensidade humana

hadzirade ‘Ciumento’
 atidzeari ‘Feliz’
 ibude ‘Preguiçoso’
 bukede ‘Bravo’
 hunerade ‘Sovina’
 navatude ‘Inteligente’
 hau ‘Cansado’
 mahu ‘Casado’

(5.9f) Qualificação

naniarini ‘Correto’

(5.9g) Posição

vahini ‘Longe’
 vahirade ‘Perto’

(5.9h) Números ordinais

tatide ‘Primeiro’
 dzutude ‘Último’

As palavras que fazem referência ao tipo semântico de (b) idade listados por Dixon (2004b) são analisadas aqui como nomes, uma vez que ocorrem principalmente como núcleo do SN quando podem ser modificados pela palavra plural *deni*. Contudo, tais palavras têm também sido atestadas como modificadores nominais, ou seja, função típica de adjetivos. Tal

questão é endereçada em 5.2.1.3. As palavras que expressam (g) velocidade na categorização de Dixon (2004b) são classificadas como advérbios de modo em Deni, uma vez que modificam o verbo na cláusula, como discutido em 5.2.2.1.

Com o objetivo de categorizar as palavras que expressam conceito de propriedade dadas em (5.9a-h), discuto as funções típicas das classes de palavras apontadas por Croft (2000; 2003), que são o fundamento para a distinção das três maiores partes do discurso. Croft associa as funções pragmáticas (ou operações proposicionais) de referência, predicação e modificação às propriedades tipológicas prototípicas das três maiores partes do discurso. Dado que a função é o foco aqui, os sintagmas nominais e os predicados são dados entre colchetes em (5.10a-e).

(5.10a)[tutaputu kiri-de] _{SN1} [puni] _{SN2} [tsabu-Ø-ni-tuvi-hi] _P
 roupa sujo-ADJ 3F lavar-3-MCV-FUT-Q
 ‘Ela vai lavar a roupa suja?’

(5.10b)[Ukekeni imeibute] _{SN} [tu-ha-ri] _P
 Ukekeni:M gordo 3-ser-NFUT.M
 ‘Ukekeni é gordo.’

(5.10c)[panera dzati] _{SN} [mita-u-tuvi] _P
 panela nova comprar-1SG-FUT
 ‘Eu vou comprar panela nova.’

(5.10d)[tia] _{SN1} [amutsi-de] _{PNV} [pua] _{SN2} [hunera-de] _{PNV}
 2 bom-ADJ 3M sovina-ADJ
 ‘Você é bom e ele é sovina.’

(5.10e)[ukha tutaputu] _{SN} [huratsa] _{PNV}
 1SG.POS roupa velho
 ‘Minha roupa é velha.’

Todas as palavras que expressam propriedade em (5.10a-e) modificam nomes atribuindo uma propriedade a eles, o que translinguisticamente é uma função típica de adjetivos. Contudo, enquanto as palavras que expressam conceito de propriedade *kiri-de* (sujo-adj) ‘sujo’ em (5.10a), *imeibute* ‘gordo’ em (5.10b) e *dzati* ‘novo’ em (5.10c) modificam nomes dentro do SN, as palavras *amutsi-de* (bom-adj) ‘bom’ em (5.10d) e *huratsa* ‘velho’ em (5.10e) constituem o próprio predicado. Quando constituindo o predicado, as palavras que indicam propriedade não funcionam como verbo, mas sim como adjetivo. Há diferenças morfológicas suficientes para distinguir um predicado verbal (constituído por um verbo) de um predicado não-verbal (constituído por um adjetivo).

Palavras que indicam propriedade não foram atestadas na base de dados ocorrendo na função de núcleo do SN. Raramente, o nome que é modificado por uma palavra que expressa

propriedade pode estar elíptica no SN, desde que ele tenha sido previamente introduzido no discurso ou seja recuperável pelo contexto de comunicação, como *maga* ‘manga’ em (5.11a) e *mahi* ‘relógio’ em (5.11b).

(5.11a) *mahuna-de*
doce-ADJ
‘(A manga é) doce.’

(5.11b) *dzati tiv-atika-ru-hi*
novo 2-querer-NFUT:F-Q
‘Você quer o (relógio) novo?’

Os exemplos em (5.11a-b), por exemplo, foram extraídos das notas de campo; tais exemplos reforçam a característica de modificadores nominais das palavras que expressam conceito de propriedade em Deni, uma vez que, por mais que elas pareçam ter a possibilidade de ocorrer sozinhas no SN, isso de fato não ocorre. Há, portanto, uma relação de dependência entre elas e o nome. Dependência no sentido de que elas precisam do nome para poderem modificá-lo.

Uma vez que os nomes modificados pelas palavras que indicam propriedade estão elididos em (5.11a-b) e em todas as ocorrências do tipo, mas são recuperáveis pelo contexto de comunicação, a função de núcleo do SN não é atribuída às palavras que expressam propriedade. Em outras palavras, embora a posição das palavras que expressam propriedade em (5.11a-b) na cláusula pareça de núcleo de um argumento, o núcleo está elidido e elas funcionam como modificadores nominais.

Como visto acima, palavras que expressam conceito de propriedade funcionam como modificadores nominais dentro do SN (veja exemplos em (5.10a,b,c)) e como predicado não-verbal (veja exemplo em (5.10d,e)). Diferentemente de nomes – que funcionam como núcleo do SN – as palavras que expressam propriedade não podem funcionar como núcleo do SN; tais palavras precisam de um nome (que pode estar elíptico) para modificar. No que concerne à operação proposicional (CROFT, 1991), as palavras que expressam propriedade em Deni são usadas com intuito de fazer modificação, enquanto que nomes são usados para fazer referência. Palavras que expressam conceito de propriedade são, portanto, diferentes das palavras que compõem a classe dos nomes.

Verbos são palavras que tipicamente funcionam como núcleo de um predicado. Contudo, palavras que expressam conceito de propriedade em Deni podem constituir o predicado, como mencionado acima com base nos exemplos em (5.10d,e). Quando isso ocorre,

porém, há diferenças morfológicas entre o uso atributivo (predicado não-verbal) e o uso predicativo (predicado verbal) de determinada raiz. Assim, segundo as evidências sintáticas, que são também suportadas por evidências morfológicas e semânticas – como discutido em nas seções 5.2.1.1 e 5.2.1.2 –, as palavras que expressam propriedade pertencem a uma classe diferente (classe de adjetivos) das classes de nomes e verbos em Deni.

Assim como em outras línguas Arawá, adjetivos sempre ocorrem seguindo o nome que eles modificam dentro do SN, como em (5.12a,c). Além disso, adjetivos também funcionam como predicado não-verbal, como em (5.12b). Dixon (2004b) chama esse tipo de ocorrência como predicado intransitivo.

(5.12a)[udza ka-putaha-ri] _{SN} [u-ka-navatu-aru] _P
 casa CCN-grande-M 1SG-CCN-construir-NFUT.F
 ‘Eu construí uma casa grande.’

(5.12b)[a-ru kanuva] _{SN} [dzati] _P
 Esta-F canoa nova
 ‘Esta canoa é nova.’

(5.12c)[akha-ru kariva deni bahikana-de] _{SN} [bakhu-Ø-na-miti-tuvi] _P
 aquela-F não-indígena PL bonita-ADJ chegar-3-MCV-ITER-FUT
 ‘Aqueles não-indígenas bonitas vão voltar (à aldeia) de novo.’

Como pode ser visto em (5.12c), se a palavra plural *deni* e um adjetivo são usados modificando o mesmo nome dentro do SN, então o adjetivo segue a palavra plural *deni*. A ordem dos constituintes dentro do SN é tratada na seção 6.1 desta tese.

A língua Deni apresenta, portanto, uma classe de adjetivos cujos membros são usados atributivamente – isto é, atribuem uma propriedade a um nome, seja modificando-o dentro do SN, seja na posição de predicado não-verbal. Quanto à morfologia, os membros da classe de adjetivos apresentam características diferentes, o que permite uma subdivisão entre subclasse I de adjetivos e subclasse II de adjetivos. Tal subdivisão é o assunto das seções 5.2.1.1 e 5.2.1.2. As subclasses de adjetivos foram postuladas exclusivamente sobre as bases da morfologia, assim como foi feito para as subclasses de nomes e verbos nesta seção. Os membros de ambas as subclasses são atribuídos à classe de adjetivos dado que funcionam como modificadores nominais no que concerne à função sintática e são facilmente distinguidos de nomes e verbos quanto às características morfológicas.

5.2.1.1 Subclasse I

Os membros da subclasse I formam a minoria dos adjetivos identificados na base de dados. Assim como os nomes livres, eles não incluem nenhuma marcação morfológica específica ou obrigatória; em contraste, os nomes livres podem receber marcação de caso, o que não ocorre com adjetivos, sejam eles pertencentes à subclasse I ou II. Os sete adjetivos da subclasse I identificados na base de dados são *imeibute* ‘gordo’, *huratsa* ‘velho’, *dzati* ‘novo’, *vahini* ‘longe’, *hau* ‘cansado’, *mahu* ‘casado’ e *naniarini* ‘correto’. Eles são distribuídos em diferentes tipos semânticos (dimensão, propriedade física, propensão humana, posição e qualificação) de acordo com a lista proposta por Dixon (2004b). Exemplos de adjetivos classificados como pertencendo à subclasse I são dados em (5.13a-e).

(5.13a)[udza dzati]_{NP} [u-ka-navatu-tuvi]_P
 casa novo 1SG-CCN-contruir-FUT
 ‘Eu vou construir uma casa nova.’

(5.13b)[Ukekeni imeibute]_{NP} [tu-ha-ri]_P
 Ukekeni.M gordo 3M-ser-NFUT.M
 ‘Ukekeni é gordo.’

(5.13c)[ukha tutaputu]_{NP1} [huratsa]_{P1} [tikha]_{NP2} [dzati]_{P2}
 1SG.POS roupa velho 1POS novo
 ‘Minha roupa é velha e a tua (roupa) é nova.’

(5.13d)[(tia) hau]_{NP} [ti-ha-ru]_P
 2 cansado 2-ser-NFUT.F
 ‘Você está cansado?’

(5.13e) [(uva) mahu]_{NP} [u-ha-ru]_P
 1SG casado 1SG-ser-NFUT.F
 ‘Eu sou casado.’

Dos setes adjetivos pertencentes à subclasse I, *hau* ‘cansado’ e *mahu* ‘casado’ foram sempre atestados na base de dados seguidos pelo verbo cópula *-ha* ‘ser/estar’, como ilustrado em (5.13d-e). Tais exemplos incluem cláusulas cópula que requerem um sujeito cópula (que pode estar elíptico, mas marcado no verbo) e um complemento cópula. O complemento cópula é sempre os adjetivos da subclasse I *hau* ‘cansado’ ou *mahu* ‘casado’. Similarmente ao Jarawara (cf. DIXON, 2004a: 378) esse é o único argumento que pode ser preenchido simplesmente por um adjetivo.

Com exceção a esses dois adjetivos que obrigatoriamente requerem o verbo cópula *-ha* ‘ser’, todos os outros adjetivos classificados como pertencentes à subclasse I podem ocorrer como modificador no SN e como predicado não-verbal. O adjetivo *dzati* ‘novo’, por exemplo, ocorre dentro do SN em (5.13a) e como predicado não-verbal em (5.13c). Uma questão interessante em (5.13c) é que o nome *tutaputu* ‘roupa’, que é modificado pelos adjetivos *huratsa* ‘velho’ e *dzati* ‘novo’ funcionando como predicados não-verbais, está elíptico na segunda cláusula, mas é claramente recuperável pelo contexto de comunicação, dado que foi introduzido na cláusula dada previamente.

Morfologicamente, adjetivos classificados como pertencentes à subclasse I não apresentam nenhuma similaridade com verbos. Eles têm algo em comum com nomes livres no sentido de que nenhum deles recebe marcação morfológica obrigatória. Contudo, no que concerne às possibilidades de anexação de morfemas, nomes livres podem receber marcadores de caso, o que não é possível para adjetivos. Os domínios semânticos cobertos pelos adjetivos que pertencem à subclasse I são mais próximos daqueles que Dixon (1982; 2004a) considera serem mais relacionados a línguas com classe de adjetivos pequena e média.

5.2.1.2 Subclasse II

Como mencionado, as duas subclasses de adjetivos foram postuladas unicamente sobre bases morfológicas. Diferentemente dos adjetivos pertencentes à subclasse I (que não recebem nenhuma marcação morfológica), a maioria dos adjetivos que pertencem à subclasse II incluem o morfema *-de*.

Em um artigo bastante interessante sobre categorização de raízes em uma amostra de seis línguas, Lehmann (2010, p. 46) considera que “propriedade” é uma categoria cognitiva que compreende tanto o adjetivo ‘inteligente’ quanto o nome “inteligência”. Sendo assim, “before a sign reaches the level of the utterance, it may be categorized and recategorized several times”³⁴ de acordo com os diferentes níveis no quadro em 5.2, adaptado de Lehmann (2010, p. 45).

³⁴Tradução minha: “antes de um signo alcançar o nível do enunciado, ele pode ser categorizado e recategorizado várias vezes” (LEHMANN, 2010, p. 45).

Quadro 5.2: *Níveis de categorização gramatical*

Nível	
4	Sintagma
3	Forma de palavra
2	Base
1	Raiz

Em Deni, as raízes que expressam conceito de propriedade (nível 1 no quadro 5.3) podem ser categorizadas como verbos (intransitivos estativos) ou como adjetivos (subclasse II) dependendo da operação proposicional em que tais raízes são usadas, o que é corroborado pelos traços morfológicos, sintáticos e semânticos, como pode ser visto em (5.14a-d).

(5.14a) *tia* *ti-kiri-aru*
 2 2-sujo-NFUT.F
 ‘Você está sujo.’

(5.14b) *tia* *kiri-de*
 2 sujo-ADJ
 ‘Você está sujo.’

(5.14c) *uva* *uv-amutsi-aru*
 1SG 1SG-bom-NFUT.F
 ‘Eu sou bom.’

(5.14d) *uva* *amutsi-de*
 1SG bom-ADJ
 ‘Eu (sou) bom.’

Raízes que expressam conceito de propriedade como *-kiri-* ‘estar sujo’ e *-amutsi-* ‘ser bom’ são categorizadas como verbos intransitivos estativos em (5.14a) e (5.14c), visto que elas são usadas na operação proposicional de predicação, já que (a) recebem afixo de pessoa e tempo não-futuro, (b) ocorrem na função de núcleo do predicado, e (c) expressam um estado. Essas mesmas raízes, quando usadas na operação proposicional de modificação, como em (5.14b,d), são categorizadas como adjetivos, dado que (a) recebem o adjetivizador *-de* e (b) atribuem um propriedade.

Dessa forma, as raízes que expressam conceito de propriedade são parte de um sistema (a língua Deni) que oferece aos seus usuários duas possibilidades de adaptação, de acordo com os objetivos cognitivos e comunicativos dos falantes (segundo os pressupostos de LEHMANN, 2010). Essa adaptação em Deni é formal e funcional no sentido de que o falante escolhe seus significados em consonância com seus objetivos ao produzir uma proposição

operacional. Sendo assim, se sua proposição operacional é a predicação para as raízes que expressam conceito de propriedade, as características (morfológicas, sintáticas e semânticas) serão tomadas dentro das possibilidades oferecidas pela língua. Contudo, se a modificação é o objetivo da proposição operacional, então as características (morfológicas, sintáticas e semânticas) são adotadas.

O uso de raízes que expressam conceito de propriedade como verbos é mais frequente que o uso delas como adjetivos derivados na base de dados. Uma questão digna de nota é que os verbos intransitivos estativos também apresentam baixa frequência em usos na primeira e segunda pessoa quando comparados aos usos na terceira pessoa, que é marcada morfológicamente por \emptyset . Isso por uma questão relativamente simples: primeira e segunda pessoas referem-se a seres humanos, ao passo que a terceira pessoa pode fazer referência a uma entidade não-humana, como pode ser visto em (5.15a-d).

(5.15a) Diivi \emptyset -panadi \emptyset -hadzira-ru
 Diivi.M 3POS-esposa 3-ciumenta-NFUT.F
 ‘A esposa do Diivi é ciumenta.’

(5.15a) patsu \emptyset -mimi-aru
 água 3-fro-NFUT.F
 ‘A água é fria.’

(5.15c) Mateus-kha dzama \emptyset -patuha-ru
 Mateus.M-GENmaterial 3-molhado-NFUT.F
 ‘O material do Mateus está molhado.’

(5.15b) dzuvatu deni \emptyset -bahikana-ru
 mulher.solteiraPL 3-bonita-NFUT:F
 ‘As mulheres solteiras são bonitas.’

A discussão sobre adjetivos derivados foi centrada até agora naquelas raízes que podem ser usadas como verbos e como adjetivos no nível 4 do quadro 5.3. Há, porém, dois adjetivos classificados como pertencentes à subclasse II na base de dados que têm como fonte nomes inalienavelmente possuídos: *tati-de* (cabeça.dele-ADJ) ‘primeiro’ e *dzutu-de* (ânus.dele-ADJ) ‘último’, como consta nos exemplos em (5.16a-d).

(5.16a) \emptyset -tati- \emptyset
 3POS-cabeça-M
 ‘A cabeça dele.’

(5.16b) tati-de
 cabeça-ADJ

‘Primeiro.’

(5.16c) Ø-dzutu-Ø
3POS-ânus-M
‘O ânus dele.’

(5.16d) dzutu-de
ânus-ADJ
‘Último.’

A comparação de (5.16a) com (5.16b), e (5.16c) com (5.16d) mostra que a adjetivização envolve perda de propriedades morfológicas por parte dos nomes inalienavelmente possuídos, dado que, quando derivados em adjetivos, eles não apresentam mais o marcador de posse nem o marcador de gênero obrigatório para a terceira pessoa. Tais exemplos são remissivos de um processo translinguístico amplamente atestado em que, nas palavras de Heine (2014, p. 13), “the use of a terme for a body part is extended to also express concepts belonging to other domains of human experience”.³⁵

(5.17a) uva tati-de tia dzutu-de
1SG cabeça-ADJ 2 ânus-ADJ
‘Eu (vou ser o) primeiro e você (vai ser o) último.’ (lit. eu primeiro, você último)

(5.17b) pukha udza tati-de
3M.POS casa cabeça-ADJ
‘A casa dele é a primeira (subindo o rio).’

Além das diferenças morfológicas citadas, os adjetivos atribuídos à subclasse II incluem também diferenças sintáticas, uma vez que os nomes inalienavelmente possuídos funcionam como núcleo do SN, ao passo que os adjetivos em (5.17a-b) funcionam como predicado não-verbal.

Trazendo a discussão de volta para as diferenças morfológicas existentes entre verbos (intransitivos estativos) e adjetivos (subclasse II), os exemplos em (5.18a-f) apresentam características diferentes no que diz respeito ao uso predicativo e atributivo das raízes que expressam propriedade.

(5.18a) mahi Ø-abika-ria-ri
sol 3-quente-INTENS-NFUT.M
‘O sol é muito quente.’

³⁵Tradução minha: “o uso de termos para partes do corpo é estendido também para expressar conceitos pertencendo a outros domínios da experiência humana”. (HEINE, 2014, p. 13).

- (5.18b) mahi abika-de
sol 3-quente-ADJ
'O sol é quente.'
- (5.18c) *mahí abika-ria-de
sol quente-INTENS-ADJ
'*O sol é muito quente.'
- (5.18d) ehebue Ø-hutsa-ria-ru
comida3-salgada-INTENS-NFUT.F
'A comida está muito salgada.'
- (5.18e) ehebue hutsa-de
comida salgada-ADJ
'A comida está salgada.'
- (5.18f) *ehebue hutsa-ria-de
comida salgada-INTENS-ADJ
'*A comida está muito salgada.'

No uso predicativo, as raízes que expressam conceito de propriedade podem receber o intensificador *-ria*, como consta nos exemplos em (5.18a,d); contudo, no uso atributivo elas não podem receber o intensificador, como em (5.18c,f). Em outras palavras, o intensificador pode ser usado em verbos intransitivos estativos, mas não em adjetivos pertencentes à subclasse II.

Das palavras que expressam conceito de propriedade dadas em (5.9a-h), somente duas não foram atestadas recebendo o adjetivizador *-de*: *putaha-* 'ser. grande' e *atidze-* 'estar.feliz'. A última raiz foi atestada somente no uso predicativo – uso verbal, portanto; *putaha-* 'grande' foi atestado como adjetivo, porém sem receber o adjetivizador *-de*, como pode ser visto em (5.19).

- (5.19) [uva] _{SN1} [tsipari putaha-ri] _{SN2} [u-kadapi-aru] _P
1SG banana ser.grande-M 1SG-comer.fruta-NFUT.F
'Eu comi a banana grande.'

Embora *putaha-* 'grande' não receba o adjetivizador *-de*, tal raiz não recebe a marcação de pessoa (obrigatória para verbos) e o morfema *-ri* marca apenas gênero masculino, e não tempo não-futuro. O gênero masculino concorda com o nome que *putaha-* 'grande' modifica no SN, o que é diferente do gênero que o verbo toma, uma vez que o verbo concorda com o sujeito *uva* '1SG' em (5.19).

5.2.1.3 Itens lexicais flexíveis

A derivação é um processo morfológico que converte palavras de uma classe a outra. Tal fenômeno é bem atestado translinguisticamente. Outro processo que converte palavras de uma classe a outra – embora não tão frequente quanto a derivação, mas também comum nas línguas – é a conversão. Neste caso, porém, não há marcação morfológica evidente. A língua Deni apresenta alguns itens lexicais flexíveis que podem funcionar sintaticamente como nomes ou adjetivos, sem nenhuma mudança no que concerne à forma. Esses itens lexicais flexíveis são, portanto, usados em duas operações proposicionais diferentes: (i) referência, sendo usados como nomes; e (ii) modificação, sendo usados como adjetivos.

Como mencionado em 5.2.1.2, algumas raízes que indicam conceito de propriedade podem ser usadas como verbos (intransitivos estativos) ou como adjetivos (subclasse II) no nível 4 do quadro 5.3 – isto é, na operação proposicional de predicação (verbo) ou na operação proposicional de modificação (adjetivo). Contudo, a função sintática e a operação proposicional na qual eles são usados determinam as marcações morfológicas que eles recebem, como pessoa e tempo para verbos e o adjetivizador *-de* para adjetivos. Diferentemente, os itens lexicais flexíveis não tomam nenhuma marcação morfológica em decorrência da função sintática e operação proposicional em que são usados.

Os itens lexicais identificados na base de dados são os seguintes: *makhi* ‘homem’ e ‘macho’; *amunehe* ‘mulher’ ou ‘fêmea’; *dzuvatu* ‘mulher solteira’ ou ‘solteira’; *dzabitsu* ‘homem solteiro’ ou ‘homem’; *bedeni* ‘filha dela(e)’ ou ‘pequena’; *bedi* ‘filho dela(e)’ ou ‘pequeno’; *kharavi* ‘homem velho’ ou ‘velho (adjetivo)’; *kharani* ‘mulher velha’ ou ‘velha (adjetivo)’. Exemplos dessas ocorrências são dados em (5.20a-d).

(5.20a) dzumahi makhi tei-ta-ru-hi
 onça macho atirar-2-NFUT.F-Q
 ‘Você atirou na onça macho?’

(5.20b) kahiru bedeni mita-u-ka-na-ru
 anzol pequena comprar-1SG-CCN-MCV-NFUT.F
 ‘Eu comprei anzol pequeno.’ (lit. Eu comprei o filho do anzol)

(5.20c) Hakedzani dzuvatu
 Hakedzani.F solteira
 ‘Hakedzani é solteira.’

(5.20d) pua kharavi
 3M velho
 ‘Ele é velho.’

O significado dos itens lexicais flexíveis *makhi* ‘macho’, *bedeni* ‘pequena’, *dzuvatu* ‘solteira’, e *kharavi* ‘velho’ em (5.20a-d) é consequência da função sintática e operação proposicional em que são usados nessas construções. Como são usados com objetivo de modificação nominal, funcionam sintaticamente como adjetivos. No que diz respeito a frequência, na base de dados os itens lexicais flexíveis são usados muito mais como nomes (núcleo de SN) que como adjetivos (modificador nominal). Como nomes, tais palavras podem ser modificadas pela palavra plural *deni*, o que não é possível quando eles são usados como adjetivos.

Croft (2000, p. 96) aponta para um universal translinguístico em respeito às mudanças semânticas envolvendo os membros de um par conversivo, mencionando que tais mudanças ocorrem em direção à classe de palavra prototipicamente associada com a proposição operacional na qual é usada. Nesse sentido, as mudanças semânticas envolvendo itens lexicais flexíveis em Deni são sistemáticas e relativamente previsíveis. Por exemplo, *makhi* sendo usado como nome (núcleo de SN) inclui os traços semânticos ‘humano’, ‘macho’, ‘adulto’. Como adjetivo (modificador nominal), tal item lexical apresenta somente o traço ‘macho’. Esse princípio de análise pode ser usado para todos os outros itens lexicais flexíveis em Deni, que, sem dúvida, compreendem uma parcela mínima do campo lexical da língua.

5.2.2 Advérbios

Da mesma forma que os adjetivos são modificadores de nomes, os advérbios tipicamente se definem como palavras cuja principal função sintática é de modificar verbos (AIKHENVALD, 2015). Schachter e Shopen (2007) dizem que a definição funcional dos advérbios os identifica como modificadores de verbos, adjetivos e outros advérbios e, além disso, modificadores de sentenças inteiras e de sintagmas verbais; para eles, os advérbios funcionam como modificadores de outros constituintes que não nomes. Givón (2001) afirma que, das quatro maiores classes de palavras (nomes, verbos, adjetivos e advérbios), a classe dos advérbios é a menos homogênea, tanto da perspectiva semântica quanto da morfológica e sintática. Tal classe é a que apresenta maior possibilidade de posições nas sentenças, como Payne (2006) argumenta. Por tudo isso, a classe dos advérbios é, e de forma alguma surpreendentemente, a menos universal de uma perspectiva translinguística.

Em Deni, os advérbios podem ser categorizados enquanto tal seguindo critérios sintáticos e semânticos. Morfológicamente, os advérbios não apresentam nenhuma marcação

que permita tal categorização. No que diz respeito à posição, os advérbios apresentam amplas possibilidades de distribuição na sentença – isto é, são atestados na primeira posição na cláusula, mas também após o predicado. Em Deni, os advérbios funcionam tipicamente como modificadores verbais, indicando o modo em que um evento é realizado (advérbios de modo), e a localização temporal de um evento (advérbios de tempo).

5.2.2.1 De modo

Givón (2001) pontua que os advérbios de modo tipicamente modificam o verbo (ou adicionam significado a ele). Em muitas línguas, advérbios de modo são deriváveis de adjetivos por meio de processos produtivos das regras da morfologia derivacional da língua (SCHACHTER; SHOPEN, 2007). Isso, porém, não acontece na língua Deni, visto que os advérbios não carregam marca morfológica.

Foram identificados na base de dados três advérbios de modo, *adava* ‘rapidamente’, *vatura* ‘devagar’ e *hamiedza* ‘violentamente’. Tais palavras são aqui classificadas enquanto advérbios uma vez que funcionam modificando verbos. Exemplos de ocorrências de advérbios de modo são dados em (5.21a-c).

- (5.21a) *ima-ta-Ø* *hamiedza*
 falar-2-IMP.NP violentamente
 ‘Fale alto! (lit. fale com violência).’
- (5.21b) *vatura* *eheve* *tu-kha-ri*
 devagar criança 3-andar-NFUT.M
 ‘A criança (menino) anda devagar (lentamente).’
- (5.21c) *adava* *pua* *hupa-tu-na-ri*
 rapidamente 3M correr-3-MCV-NFUT.M
 ‘Ele correu rapidamente.’

Givón (2001) afirma que, quando o advérbio de modo é uma palavra lexical, sua posição na sentença pode, às vezes, ser flexível, com a ordem das variações permitindo sutis sombras de escopo e ênfase. Compare, por exemplo, a posição do advérbio em (5.21a) com sua posição em (5.21b,c).

- (5.22a) *eheve* *tu-kha-ri* *vatura*
 criança 3-andar-NFUT.M devagar
 ‘A criança (menino) anda devagar (lentamente).’

Na base de dados, os advérbios de modo foram atestados predominantemente na primeira posição da sentença. Contudo, há alguns exemplos em que ele segue o predicado, como em (5.22a).

5.2.2.2 De tempo

De uma perspectiva translinguística, advérbios podem localizar eventos no tempo, que são então chamados de advérbios de tempo. Em Deni, tais advérbios são aptos a modificar tanto a cláusula quanto a sentença, ocorrendo tipicamente na posição inicial de ambas. O quadro 5.3 inclui os advérbios de tempo identificados na base de dados.

Quadro 5.3: *Advérbios de tempo*

Advérbios de tempo	Tradução livre
<i>hibanamutha</i>	‘Hoje’
<i>tsivadza</i>	‘Amanhã’
<i>metha</i>	‘Ontem’
<i>methamani</i>	‘Anteontem’
<i>tsivadza tsivahani</i>	‘Depois de amanhã’
<i>enanidza</i>	‘Agora’
<i>nidza</i>	‘Depois, mais tarde’
<i>nidzamani</i>	‘Antigamente, há muito tempo’
<i>dzumedzamani</i>	‘Ao amanhecer’
<i>tumethani</i>	‘À tarde’
<i>dzume</i>	‘À noite’

Embora advérbios de tempo tipicamente ocorram na posição inicial da cláusula como mencionado acima, tais palavras apresentam certa flexibilidade no que concerne à sua posição na cláusula ou sentença. Veja exemplos em (5.23a-c).

(5.23a) *metha u-panadi hiri-Ø-na-ru*
 ontem 1SG.POS-esposa cantar-3-MCV-NFUT.F
 ‘Minha esposa cantou ontem.’

(5.23b) *dzume hemedi ti-puv-aba*
 noite remédio 2-beber-IMP.POL
 ‘Beba o remédio à noite!’

(5.23c) *ari tsivadza hupa-i-tuvi*
 1PL amanhã correr-1PL-FUT
 ‘Nós vamos correr amanhã.’

Em (5.23a-b), os advérbios de tempo ocorrem na posição inicial da cláusula, enquanto que em (5.23c) ele ocorre seguindo o pronome que funciona como sujeito e o verbo intransitivo. Essas diferentes posições refletem questões pragmáticas. Note que em (5.23a-b), os advérbios ocorrem na posição típica da cláusula; assim, eles têm maior foco. Contudo, em (5.23c) ele ocorre entre o sujeito e o verbo, o que não é bastante frequente na base de dados. Nesse caso, o foco não é quando o evento será realizado, mas quem irá realiza-lo. A flexibilidade referente às posições dos advérbios na sentença é devida a questões pragmáticas.

5.2.3 Pronomes e demonstrativos

Dixon (2012, p. 198) considera que pronomes e demonstrativos fazem referência dêitica, “apontando” para alguém ou para alguma coisa. Enquanto pronomes fazem referência aos participantes no ato discursivo, demonstrativos fazem referência à localização espacial – os demonstrativos são discutidos na seção 5.2.3.3 desta tese. Em Deni, demonstrativos podem fazer referência a pessoas e coisas; pronomes, contudo, fazem referência somente a pessoas.

5.2.3.1 Pronomes pessoais

Para Schachter e Shopen (2007), o pronome é uma pró-forma pertencente a uma classe fechada de palavras que, em algumas circunstâncias específicas, é usada para substituir palavras pertencentes a classes abertas, em especial nomes. Diferentemente dos nomes, os pronomes pessoais não nomeiam entidades, mas sim substituem-nas.

Todas as línguas do mundo dispõem de um quadro de pronomes pessoais. Isso porque todo ato discursivo envolve duas instâncias: quem fala ‘primeira pessoa’ e para quem se fala ‘segunda pessoa’. Há algumas línguas que têm somente esses dois pronomes pessoais. Outras línguas têm, ainda, o pronome de ‘terceira pessoa’ para se referir a alguém que não é quem fala nem para quem se fala (AIKHENVALD, 2015).

A língua Deni tem pronomes pessoais livres e presos (afixos pessoais nos verbos) para as três pessoas do discurso, tanto no singular quanto no plural. Não há distinção morfológica para marcar o gênero nos pronomes pessoais; para o número, a distinção é regular para a segunda e a terceira pessoas, uma vez que consiste na inserção da palavra plural *deni*; para a primeira pessoa, a distinção é irregular. O quadro 5.4 contém os pronomes pessoais em Deni.

Quadro 5.4: *Pronomes pessoais*

	Singular	Plural
1	<i>uva</i>	<i>ari</i>
2	<i>tia</i>	<i>tia deni</i>
3F	<i>puni</i>	<i>puni deni ou mede</i>
3M	<i>pua</i>	<i>pua deni ou mede</i>

Todo verbo em Deni apresenta obrigatoriamente um afixo marcador de pessoa; assim, referência cruzada de pessoa é um fenômeno bastante frequente na língua. Em muitos casos, os pronomes pessoais não são obrigatórios na cláusula; contudo, eles são usados muitas vezes com intuito de dar ênfase. Exemplos contendo ocorrências de pronomes pessoais são incluídos em (5.24a-e).

(5.24a) *metha pua bakhu-Ø-na-mita-ri*
 ontem 3.M chegar-3-MCV-ITER-NFUT.M
 ‘Ontem ele chegou (na aldeia) novamente.’

(5.24b) *uva tsipari u-kadapi-aru*
 1SG banana 1SG-comer.fruta-NFUT.F
 ‘Eu comi banana.’

(5.24c) *ari dzedi-i-na-ru ninava bani te-i-na-phira-ru*
 1PL caçar-1PL-MCV-NFUT.F mas carne atirar-1PL-MCV-NEG-NFUT.F
 ‘Nós fomos caçar, mas não matamos nenhum bicho.’

(5.24d) *tia aba huka-ta-ru-hi*
 2 peixe puxar-2-NFUT.F-Q
 ‘Você pescou?’

(5.24e) *puni Ø-vada-ra-ru*
 3.F 3-dormir-IPFV-NFUT.F
 ‘Ela ainda está dormindo.’

Nos exemplos em (5.24a-e), há referência cruzada de pessoa, uma vez que ela é marcada na cláusula tanto pelo pronome pessoal livre quanto pelo afixo no verbo. No exemplo (5.24c), há duas cláusulas; na primeira, há referência cruzada de pessoa, haja vista que a primeira pessoa plural é marcada na cláusula tanto pelo pronome pessoal *ari* na função de sujeito, quanto pelo afixo pessoal *-i* no verbo; na segunda cláusula, não há trans-referência de pessoa, pois o pronome pessoal está elíptico e a primeira pessoa plural é marcada somente no verbo.

Há muitos casos também em que o pronome na posição de sujeito, seja A (em cláusulas transitivas) ou S (em cláusulas intransitivas), não aparece. Isso tem sido atestado na base de

dados principalmente em cláusulas transitivas. Assim, uma cláusula como a apresentada em (5.24c) pode ocorrer sem o pronome (ou um nome) na função de A.

No que concerne ao número nos pronomes pessoais, a língua Deni apresenta formas irregulares para a primeira pessoa, e formas regulares para a segunda pessoa.³⁶ Isto é, o plural para a segunda pessoa é formado pelo acréscimo da palavra plural *deni*, ao passo que este processo não é aplicado para a primeira pessoa (cf. quadro 5.5). Para a terceira pessoa, a língua Deni parece ter desenvolvido uma forma regular para o plural. Tal afirmação é baseada no fato de que a língua Jarawara (cf. Dixon, 2004a, p. 289) apresenta a forma *mee* ‘3NSG’³⁷; é provável, portanto, que tal forma tenha vindo do Proto-Arawá. Assim, as formas de terceira pessoa plural *pua deni* ‘eles’ e *puni deni* ‘elas’ têm sido desenvolvidas regularmente pelo uso da palavra plural seguindo os pronomes de terceira pessoa feminino e masculino, e coexistem sincronicamente com a forma *mede* ‘eles’, que não apresenta distinção de gênero.

5.2.3.2 Pronomes possessivos

Assim como os pronomes pessoais, os pronomes possessivos em Deni também apresentam formas livres e presas (afixos). Os pronomes possessivos livres aparecem sempre na posição 1 do SN (cf. esquema 6.1); tais pronomes apenas modificam nomes por meio da indicação de possuidor. Os afixos (prefixos) pessoais ocorrem obrigatoriamente em nomes inalienavelmente possuídos indicando o possuidor. O quadro 5.5 apresenta os pronomes possessivos livres em Deni.

Quadro 5.5: *Pronomes possessivos livres*

	Singular	Plural
1	ukha	arikha
2	tikha	tikha deni
3.F	punikha	punikha deni
3.M	pukha	pukha deni

A formação do plural em pronomes possessivos é regular para as formas de segunda e terceira pessoa; para a primeira pessoa, o plural é irregular. Isso é similar ao que foi mostrado para os pronomes pessoais, sendo a única diferença o fato de que a terceira pessoa apresenta,

³⁶Como mostrado em 6.4, o número em Deni é marcado regularmente pela palavra plural *deni* seguindo nomes que fazem referência a seres humanos no SN.

³⁷A forma *mee* ‘3nsg’ em Jarawara apresenta um amplo quadro de possibilidades; Dixon (2004a, p. 306) apresenta um sumário delas. Em contraste ao Jarawara, *mede* ‘3PL’ apresenta possibilidades mais limitadas dentro do SN em Deni. Tal forma parece não estar presente em Kulina.

sincronicamente, uma forma regular e uma forma irregular para os pronomes pessoais. Além disso, pronomes pessoais e pronomes possessivos são bastante similares no que diz respeito à forma (compare o quadro 5.4 com o quadro 5.5).

Como deve ser visto em 6.5.1, o genitivo é marcado pelo enclítico =*kha* o qual se prende ao possuidor em sintagmas nominais possessivos envolvendo nomes livres (alienáveis). Os pronomes possessivos são aqui analisados como sendo formados com base nos pronomes pessoais mais o morfema genitivo, como consta no quadro 5.6.

Quadro 5.6: *Formação dos pronomes possessivos livres*

	Forma de base	Forma de superfície
1SG	<i>uva + kha</i>	<i>ukha</i>
2SG	<i>tia + kha</i>	<i>tikha</i>
3SG.F	<i>puni + kha</i>	<i>punikha</i>
3SG.M	<i>pua + kha</i>	<i>pukha</i>
1PL	<i>ari + kha</i>	<i>arikha</i>
2PL	<i>tia + kha deni</i>	<i>tikha deni</i>
3PL.F	<i>puni + kha deni</i>	<i>punikha deni</i>
3PL.M	<i>pua + kha deni</i>	<i>pukha deni</i>

A interpretação dos pronomes possessivos livres sendo formados com base nos pronomes pessoais livres pressupõe uma forma de base e uma forma de superfície para todos pronomes possessivos livres. Note que, para a maior parte dos pronomes, a primeira sílaba é mantida e a segunda é suprimida quando *-kha* é anexado. Todos os pronomes pessoais são dissílabos; para os que têm a vogal /a/ na segunda sílaba, esta é suprimida para a anexação do marcador de posse. Assim, as formas *punikha* ‘3SG.POS.F’ e *arikha* ‘1PL.POS’ não sofrem supressão de sílaba, uma vez que a segunda sílaba de tais pronomes não apresentam a vogal /a/. Esses são, portanto, os únicos pronomes possessivos que apresentam três sílabas, uma vez que nenhuma é suprimida quando há a anexação do *-kha*.

Para as formas de segunda e terceira pessoa possessivo, a formação do plural é regular, uma vez que a palavra plural *deni* segue as formas possessivas. Assim, o marcador de posse *-kha* pode ser visto como diferente do marcador de caso genitivo =*kha*, embora ambos apresentem a mesma forma e sejam semanticamente bastante próximos, dada a relação de posse. No que concerne à fonologia, genitivo é um enclítico, visto que não entra na fonologia da palavra à qual é ligado. Isto é, o acento continua na última sílaba do nome livre (alienável) ao qual se liga. O marcador de posse *-kha*, contudo, recebe o acento quando preso aos pronomes possessivos, o que permite interpretá-lo como um sufixo. Outra evidência centra-se no fato de que, em sintagmas nominais possessivos, o caso genitivo se liga à palavra plural *deni* que

modifica o nome com traço humano, que ocupa a posição de núcleo do SN, como discutido em 6.4.2. Contudo, nos pronomes possessivos, a forma singular é formada (cf. Quadros 5.4 e 5.5) e, posteriormente, a palavra plural segue o pronome possessivo.

Com base no comportamento do marcador de caso genitivo =*kha* discutido em 6.4.1 e na discussão fornecida acima sobre os pronomes possessivos, parece plausível pensar que =*kha* tem se morfologizado nos pronomes possessivos e, portanto, ocorre como -*kha*. Seguindo essa perspectiva, o caminho de tal gramaticalização é fornecido em (5.25).

(5.26)	<i>kha</i>	>	= <i>kha</i>	>	- <i>kha</i>
	Posposição		Clítico		Sufixo
Estágio sincrônico			(Nomes livres)		(Pronomes possessivos)

Os exemplos em (5.27a-c) são fornecidos com intuito de ilustrar ocorrências de pronomes possessivos dentro de sintagmas nominais em Deni. Em tais exemplos, os sintagmas nominais são dados entre colchetes.

(5.27a)[*pu-kha* *udza-dza*] _{SN} [*aba*] _{SN} Ø-*puha-ri*
 3M-POS casa-MULT peixe 3-ter-NFUT.M
 ‘Tem peixe na casa dele (do Eraldo).’

(5.27b)[*u-kha* *ditsa ditsa*] _{SN} *u-ka-navatu-kha*
 1SG-POS arco.REDUP 1SG-CCN-fazer-SUG
 ‘Eu deveria fazer meu arco (e então eu o fiz).’

(5.27c)[*ti-kha tutaputu*] _{SN} *dzati* [*u-kha*] _{SN} *huratsa*
 2-POS roupa nova 1SG-POS velha
 ‘Tua roupa é nova e a minha (roupa) é velha.’

Em todos os exemplos em (5.27a-c) os pronomes possessivos precedem o nome dentro dos sintagmas nominais possessivos. Nessas construções, o nome é o núcleo do SN possessivo, como pode ser visto no exemplo (5.27b), em que o nome *ditsa ditsa* ‘arco’, que pertence à subclasse *ka-*, desencadeia a concordância de classe no verbo. (5.27c) é também um exemplo interessante, uma vez que inclui duas cláusulas sem verbo em que os adjetivos *dzati* ‘novo’ e *huratsa* ‘velho’ ocupam a posição de predicado intransitivo. Além disso, na segunda cláusula o nome livre (alienável) *tutaputu* é omitido, mas claramente recuperável pelo contexto, dado que é o núcleo do SN possessivo na primeira cláusula.

5.2.3.3 Demonstrativos

Como mencionado em 5.2.3, demonstrativos fazem referência à localização espacial de um termo referente que é tipicamente um nome. Os demonstrativos são marcados para gênero e fazem referência tanto a seres humanos quanto não-humanos (animados e inanimados). O quadro 5.7 contém os demonstrativos em Deni.

Quadro 5.7: *Demonstrativos*

Feminino	Masculino	Significado
<i>a-ru</i>	<i>a-ri</i>	Indica algo/alguém perto do falante.
<i>pa-ru</i>	<i>pa-ri</i>	Indica algo/alguém perto do ouvinte.
<i>akha-ru</i>	<i>akha-ri</i>	Indica algo/alguém distante de ambos, falante e destinatário.

Demonstrativos fazem referência dêitica a algo ou alguém que está sendo referido no discurso. Exemplos em (5.28a-c) incluem algumas ocorrências de demonstrativos na base de dados.

(5.28a) *akha-ru dzuvatu bahikana-de*
 aquela-F moça.solteira bonita-ADJ
 ‘Aquele moça solteira é bonita.’

(5.28b) *pa-ru ahavi*
 esta-F me.dê
 ‘Dê-me esta (bola que está perto de você).’

(5.28c) *a-ri Mavahari bedi*
 este-M nome.M filho.dele
 ‘Este (apontando para o Pirutarivi) é filho do Mavahari.’

Na conversação, demonstrativos são frequentemente usados acompanhados por gestos que indicam a entidade (nome) ao qual eles fazem referência dêitica, como pode ser visto em nos exemplos em (5.28b,c). Nesses casos, embora a entidade referenciada esteja elíptica no SN, ela está no campo de visão de ambos, falante e destinatário. Em histórias, esse tipo de ocorrência não é tão frequente, uma vez que parece ser mais difícil que a entidade referenciada seja recuperável pelo contexto. Na conversação, contudo, tais ocorrências são muito mais frequentes. Nas notas de campo, os demonstrativos são muito mais atestados que nos textos. Os demonstrativos sempre foram atestados precedendo os nomes aos quais fazem referência.

Como mencionado, muitas vezes o nome ao qual o demonstrativo faz referência está omitido no discurso, mas recuperável pelo contexto.

5.2.4 Quantificadores e numerais

Quantificadores e numerais expressam quantidade em Deni. Enquanto os quantificadores indicam quantidade de modo inexato, os numerais quantificam de modo exato. Sintaticamente, ambos ocorrem seguindo o nome que funciona como núcleo do sintagma nominal. Quantificadores e numerais não co-ocorrem entre si no SN, nem co-ocorrem com a palavra plural no mesmo SN, conforme pode ser visto no esquema 6.1. Foram identificados dois quantificadores na base de dados: *vapiha-* ‘muito’, que sempre recebe marcação de gênero *-ru* ‘F’ ou *-ri* ‘M’, e *tukhiraria* ‘todos’, que não recebe marcação de gênero. A palavra para ‘pouco’ *pama-de* (dois-ADJ) é um adjetivo em Deni. (5.29a-b) traz exemplos de quantificadores em Deni.

(5.29a) *Cidadizinha-dza medze vapiha-ri Ø-puha-ri*
 nome.da.aldeia-MULT cachorro muito-M 3-ter-NFUT.M
 ‘Há muitos cachorros na (aldeia) Cidadezinha.’ (lit. Tem muito cachorro na Cidadezinha)

(5.29b) *Madiha tukhiraria Ø-kumei-arū*
 Madiha todos 3-satisfazer-NFUT.F
 ‘Todos os Madiha estão satisfeitos (depois da festa).’

Em (5.29a), *medze* ‘cachorro’ é núcleo do SN no qual *vapiha-* ‘muito’ ocorre e, portanto, é modificado por este. Note que em tal exemplo o núcleo do SN desencadeia a concordância de gênero no quantificador, que é um modificador nominal. Em (5.29b), o nome *Madiha* ‘pessoa’ (autodenominação) é modificado pelo quantificador *tukhiraria* ‘todos’ no SN; note que tal modificador não recebe nenhuma marcação morfológica.

Como em várias outras línguas amazônicas (cf. AIKHENVALD, 2012, p. 350-359), a língua Deni não tem uma vasta quantidade de palavras referentes a números. Em Deni há somente dois lexemas nativos que indicam número: *uharia-* ‘um’ e *pama-* ‘dois’, que, além de poderem ser marcados para gênero por *-ru* ‘F’ ou *-ri* ‘M’, podem ser marcados por aspecto *-ha* ‘DISTR.M’ e *-hi* ‘DISTR.F’. Exemplos em (5.30a-d) incluem construções envolvendo quantificadores e numerais.

(5.30a) *kudze ka-pama-hi ka-pami-hi mitha-u-tuvi*

- colher CCN-dois-DISTR.F CCN-dois-DISTR.F comprar-1SG-FUT
 ‘Eu vou comprar quatro colheres.’
- (5.30b)Mavahari tsura pama-ha uhari-ha tei-Ø-na-ri
 nome.M guariba dois-DISTR.M um-DISTR.M atirar-3-MCV-NFUT.M
 ‘O Mavahari matou três (macacos) guariba.’
- (5.30c)uva idiku pama-ri itsa-u-na-ru
 1SG mutumdois-M flechar-1SG-MCV-NFUT.F
 ‘Eu flechei dois mutuns.’
- (5.30d)makhi uharia-ri
 homem um-M
 ‘Um homem.’

Exemplos em (5.30a-d) incluem numerais. Enquanto os numerais em (5.30a,b) recebem apenas marcação de gênero, em (5.30c,d) eles recebem também o aspecto distributivo, morfema que apresenta diferentes formas para gênero feminino (cf. (5.30a)) e masculino (cf. (5.30b)). O aspecto distributivo é usado em numerais para formar números maiores que ‘dois’. Uma estratégia de contagem utilizada pelos Deni é agrupar os dedos de dois em dois nas mãos; assim, o número ‘três’ é formado por ‘dois mais um’ (cf. (5.30b)), e o ‘quatro’ é formado por ‘dois mais dois’ (cf. 5.30a)). Para se referir a números menores que ‘três’, o aspecto distributivo não é marcado; nesses casos, apenas o gênero é marcado (cf. exemplos em 5.30c,d)).

Foram atestadas na base de dados duas diferentes formas para fazer menção ao número ‘cinco’; essas formas são dadas em (5.31a-b).

- (5.31a)kahiru ka-pami-hi ka-pami-hi ka-hari-hi
 anzol CCN-dois-DISTR.F CCN-dois-DISTR.F CCN-um-DISTR.F
 ‘Cinco anzóis.’ (lit. dois mais dois mais um anzol)
- (5.31b)kahiru i-dzepe ka-haria-ru
 anzol 1PL.POS-mão CCN-um-F
 ‘Cinco anzóis.’ (lit. uma mão completa de anzol)

Os dados apresentados em (5.31a-b) foram coletados com pessoas diferentes que pertenciam a diferentes clãs na sociedade Deni. Pela base de dados, não é possível afirmar se essas diferentes estratégias de contagem se devem aos diferentes clãs ou se são subjetivas, isto é, apenas relacionadas às pessoas com quem os dados foram coletados.

Cabe mencionar, contudo, que os Deni usam majoritariamente números em português para se referirem a quantidades maiores que ‘dois’. O fato de haver apenas dois numerais

nativos mostra que tal cultura não apresenta tradição de lidar com muitos números; não parece ser necessário aos Deni expressar valores exatos acima de ‘dois’.

5.2.5 Locacionais

Locacionais são tipicamente usados fazendo referência a lugar, apontando para a posição de alguma entidade no espaço. Quadro 5.8 contém os locacionais em Deni.

Quadro 5.8: *Locacionais*

Forma feminina	Forma masculina	Significado
<i>edza</i>	<i>adza</i>	‘Aqui’
<i>pedza</i>	<i>padza</i>	‘Aí’
<i>ekhedza</i>	<i>akhadza</i>	‘Lá’

Na conversação, os locacionais ocorrem como argumento de um verbo. Uma vez que parecem apresentar o caso locativo gramaticalizado em sua forma, eles parecem funcionar como argumentos periféricos opcionais, como pode ser visto em (5.32a-b).

(5.32a) *edza* u-*vad*-*ituvi*
 aqui.F 1SG-dormir-FUT
 ‘Eu vou dormir aqui (na casa do Veri).’

(5.32b) *ekhedza* Madiha pama-de Ø-*puha-ru*
 lá.F Madiha pouco-ADJ 3-ter-NFUT.F
 ‘Tem poucos Madiha lá (na aldeia Marrecão).’

Locacionais ocorrem tipicamente na primeira posição da cláusula, como ilustrado nos exemplos em (5.32a-b). Exemplo em (5.32a) contém uma cláusula intransitiva composta pelo verbo intransitivo *-vad* ‘dormir’ e pelo sujeito elíptico (mas marcado no verbo) *uva* ‘1SG’. Nesse sentido, o locacional *edza* ‘aqui (feminino)’ é um argumento periférico opcional. Um argumento que reforça esta interpretação está no fato de que, caso os locacionais sejam substituídos por outros argumentos, esses argumentos são marcados para caso, como em *Veri=kha udza-dza* (Veri=GEN casa-MULT) ‘na casa do Veri’ para (5.32a) e *Marrecão-dza* (Marrecão-MULT) ‘na (aldeia) Marrecão’ para (5.32b).

Os locacionais são resultados da gramaticalização dos demonstrativos mais o locativo *-dza*. Assim, a forma *adza* ‘aqui (masculino)’ é o resultado da gramaticalização do demonstrativo *a-*, que indica algo ou alguém próximo’ mais *-dza* ‘MULT’. Diferentemente dos demonstrativos, que recebem flexão de gênero, os locacionais não apresentam um morfema marcador de gênero. Contudo, a língua desenvolveu a distinção de gênero por meio do

alçamento vocálico, mudando uma vogal /a/ para /ɛ/, fato que é bastante comum na gramática Deni e também em outras línguas Arawá em que a vogal /ɛ/ foi mantida, como argumentado por Dixon (1999, p. 296).

Com intuito de ilustrar a similaridade entre o sistema de demonstrativos e o sistema de locacionais em Deni, o quadro 5.9 contém ambos, demonstrativos e locacionais.

Quadro 5.9: *Comparação entre demonstrativos e locacionais*

Demonstrativos		Locacionais	
Feminino	Masculino	Feminino	Masculino
<i>a-ru</i>	<i>a-ri</i>	<i>edza</i>	<i>adza</i>
<i>pa-ru</i>	<i>pa-ri</i>	<i>pedza</i>	<i>padza</i>
<i>akha-ru</i>	<i>akha-ri</i>	<i>ekhedza</i>	<i>akhadza</i>

Visto que a distinção gramatical de gênero é amplamente difundida na gramática Deni, não é difícil aceitar que a língua tenha desenvolvido uma forma para distinguir gênero feminino de masculino nos locacionais. Essa distinção ocorreu, como mencionado, pelo alçamento vocálico, uma vez que *-dza* ‘MULT’ não tem marcação de gênero, tal como o fazem os morfemas *-ru* ‘F’ e *-ri* ‘M’. O alçamento vocálico é, então, uma estratégia da língua para distinguir gênero em Deni.

Embora demonstrativos e locacionais tenham uma relação semântica similar, dado que marcam três diferentes posições no espaço, a referência dêitica é diferente. Os demonstrativos fazem referência a uma entidade, enquanto que os locacionais referenciam um lugar. Tal diferença na forma de referência reflete também uma diferença sintática. Os demonstrativos são modificadores nominais ao passo que os locacionais constituem, em si, sintagmas nominais. No que concerne à forma de exposição dos dados, os locacionais não são segmentados no presente trabalho.

Os locacionais *pedza* ‘aí (feminino)’ e *padza* ‘aí (masculino)’ também são usados como conectivos em Deni. Neste caso, eles não apresentam mais o significado relacionado a espaço (lugar), mas sim relacionado à progressão textual. Como conectivos, tais palavras colocam em relação duas cláusulas, indicando que o evento contido na segunda cláusula ocorre, no que concerne ao tempo, depois do evento indicado pelo verbo da primeira. Nesse sentido, o uso de *pedza* ‘aí (feminino)’ e *padza* ‘aí (masculino)’ em Deni é similar ao uso de *aí* em Português, que também é usado para marcar tanto a posição de uma entidade no espaço, quanto a progressão textual. Quanto às possibilidades morfológicas, essas palavras funcionando como locacionais não recebem marcador de foco, o que é possível quando funcionam como conectivos, como será visto na seção 6.6.

5.2.6 Posposições

As posposições formam uma classe fechada em Deni, contendo três membros: *beni* ‘causativo’, *mani* ‘comitativo’ e *vehina* ‘finalidade’. A língua Deni dispõe de sete casos: genitivo, locativo, dativo, instrumental, causativo, comitativo e finalidade. Os casos genitivo e oblíquo são marcados por sufixos, como discutido em 6.5. Os demais casos são marcados por posposições. Dixon (2010a) afirma que os elementos gramaticais apresentados pelas flexões de caso e por adposições (preposições e posposições) têm o mesmo status na gramática. A diferença é, portanto, somente a forma de realização.

Dixon (2010a, p. 223) argumenta que as adposições são palavras que “simply mark the function of a constituent in a clause or NP.”³⁸ Se a adposição precede o constituinte que ele marca, então, é uma preposição; se ela o segue, então, é uma posposição. O termo adposição mais recentemente tem sido usado para abarcar tanto preposições quanto posposições na literatura linguística. Como discutido em 6.4.1, critério fonológico tem sido adotado aqui para determinar as fronteiras das palavras; uma vez que apresentam acento próprio, as palavras são tratadas aqui como posposições, e não como sufixos.

Os marcadores de caso em Deni (sufixos e posposições) marcam a função de um constituinte na cláusula ou no SN indicando possuidor, local, causa, ação realizada por duas ou mais pessoas e finalidade. Assim como a palavra plural *deni*, as posposições são itens gramaticais. Embora sejam independentes fonologicamente, são dependentes morfológicamente, haja vista que não podem ocorrer independentemente de outras palavras, como itens lexicais.

5.2.6.1 Causativo *beni*

O causativo em Deni é marcado pela posposição *beni* que indica a causa de algum evento. Tal posposição tem sido atestada nos dados seguindo nomes livres, como ilustrado em (5.33a-b), e em pronomes pessoais, como pode ser visto em (5.33c).

(5.33a)huhuka *beni*
 faca CAUS
 ‘Foi a faca que causou isso.’

³⁸ Tradução minha: “[Elas são palavras que] simplesmente marcam a função de um constituinte na cláusula ou no SN” (DIXON, 2010a, p. 223).

(5.33b) akumi beni
 piranha CAUS
 ‘Foi a piranha que causou isso.’

(5.33c) pua beni
 3M CAUS
 ‘Foi ele quem causou isso.’

O causativo foi encontrado na base de dados nas notas de campo. O contexto de comunicação é bastante importante para tal caso, uma vez que grande parte da informação está elidida na cláusula, mas é sempre conhecida pelos envolvidos no ato comunicativo. Por exemplo, (5.33a) foi a resposta de um pai quando perguntei sobre a marca de corte na perna do filho; visto que parte da informação era conhecida por ambos (o corte na perna do filho), ele só completou a informação indicando o causador. Na mesma direção que (5.33a), (5.33b) foi usado por uma senhora que veio à minha casa pedir que eu fizesse curativo no dedo dela, pois uma piranha havia mordido dedo dela. Então, ela disse quem havia causado aquilo no dedo dela. Finalmente, (5.33c) foi usado quando estávamos em um grupo de vários rapazes conversando sobre a possibilidade de uma moça solteira estar grávida na aldeia; um deles apontou para um amigo acusando-o, em tom de brincadeira, de ser o responsável/causador da gravidez da moça.

5.2.6.2 Comitativo *mani*

O comitativo *mani* em Deni marca, na cláusula, que duas pessoas ou mais pessoas realizaram juntas um evento expresso pelo verbo. Por colocar em cena duas ou mais pessoas, a posposição *mani* ocorre depois de nomes e pronomes; vale lembrar que pronomes são pró-formas nominais. Veja exemplos em (5.34a-c):

(5.34a) uva hapi-u-na-ru ukh-ami mani
 1SG banhar-1SG-MCV-NFUT.F 1SG.POS-mãe COMIT
 ‘Eu e minha mãe tomamos banho.’ (lit. Eu tomei banho e minha mãe (tomou banho) junto.)

(5.34b) Dirarivi maraka idza-Ø-na-ri Tarivi mani
 nome.M açai apanhar-3-MCV.NFUT.Mnome.M COMIT
 ‘Dirarivi e Tarivi apanharam açai.’ (lit. Dirarivi paniu açai e Tarivi (apanhou açai) junto.)

(5.34c) tia aba huka-ta-ru pua mani
 2 peixe pescar-2-NFUT.F 3.M COMIT

‘Você e ele (Pedzevi) foram pescar.’ (lit. Você foi pescar e ele (Pidzevi) foi pescar) junto.)

Nos exemplos em (5.34a-c), a segunda cláusula de cada um deles é uma cláusula sem verbo; nesses casos, o verbo aparece na primeira cláusula, mas está elíptico na segunda. Assim, o evento expresso pelo verbo na primeira cláusula também tem ação na segunda cláusula, ou seja, o mesmo evento desempenhado pelo sujeito da primeira cláusula foi também desempenhado pelo sujeito da segunda.

O comitativo é o único marcador de caso encontrado na base de dados que pode receber marcação morfológica. Note que, nas construções em (5.35a-b), o morfema marcador de questão é preso à posposição *mani*; tais construções são bastante frequentes em Deni quando em um diálogo alguém diz que realizou uma ação durante o dia – caçar, pescar, ir ao roçado, entre outras – e o outro pergunta quem está envolvido nesta ação também, isto é, se tal ação foi realizada somente pela pessoa que está falando ou outras pessoas também estiverem envolvidas. Nesses casos, o verbo que indica o evento realizado é conhecido por ambos e não é repetido quando a questão é formulada, como pode ser visto em (5.35a-b).

(5.35a) akha-ru mani-hi
aquele-F COMIT-Q.F
‘Com quem (mulher)?’

(5.35b) akha-ri mani-ha
aquele-M COMIT-Q.F
‘Com quem (homem)?’

Os exemplos em (5.35a-b) são ainda bastante interessantes do ponto de vista da concordância, uma vez que os morfemas que marcam pergunta apresentam diferentes formas, uma para o gênero feminino *-hi* e outra para o gênero masculino *-ha*. Em tais exemplos, a concordância é desencadeada pelos demonstrativos. Cabe mencionar aqui que, como argumentado em 6.3, o gênero feminino é o não-marcado; assim, o exemplo em (5.35a) representa a forma geral (não-marcada) para tal tipo de questão.

5.2.6.3 Finalidade *vehina*

A função da posposição *vehina* é indicar a finalidade de alguma coisa. Nesse sentido, tal forma gramatical foi atestada na base de dados seguindo nomes, como pode ser atestado em (5.36a-b), e também adjetivos, como em (5.36c). Similarmente ao marcador de caso causativo

beni, o contexto de comunicação é bastante importante para as ocorrências da posposição *vehina*. Na maioria das vezes ela é usada acompanhada de um gesto apontando alguma coisa, como o vidro de remédio foi apontado em (5.36a), e o protetor solar em (5.36c).

(5.36a) *tunure vehina*
 gripe FIN
 ‘Para (curar a) gripe.’

(5.36b) *akumi vehina uv-atika-ru*
 piranha FIN 1SG-querer-NFUT.F
 ‘Eu quero (anzol) para (pescar) piranha.’

(5.36c) *mahi abika-de vehina*
 sol quente-NFUT.ADJ FIN
 ‘Para (proteger do) sol quente.’

O morfema de caso que marca finalidade *vehina* possui um correspondente bastante próximo no que concerne à forma e ao significado que se prende a verbos em Deni; tal correspondente é *-tivehina*, e ele expressa o significado “a fim de realizar uma ação”. Ambos possuem bastante similaridade na forma e no significado; a principal diferença é que *vehina* é uma posposição que ocorre no SN e *-tivehina* é um sufixo que ocorre no predicado, como discutido em 9.2.4.

5.2.7 Conectivos e partícula

Conectivos são usados para marcar sequência de cláusulas no discurso, indicando que tais cláusula formam uma unidade maior. O quadro 5.10 inclui a forma e o significado dos conectivos atestados na base de dados.

Quadro 5.10: *Conectivos*

Forma	Função
<i>pedza</i>	‘Aí’
<i>nidza</i>	‘Depois’
<i>naku</i>	‘Então, portanto’
<i>naru</i>	‘Assim (feminino)’
<i>nari</i>	‘Assim (masculino)’
<i>ninava</i> ou <i>nanava</i>	‘Mas, porém’

Dos conectivos apresentados no quadro 5.10, *pedza* ‘aí’ e *nidza* ‘então’ são os únicos que podem receber os marcadores de foco feminino e masculino *-pe* e *-pa*, respectivamente,

como ilustrado na seção 6.6. Os outros conectivos não recebem nenhum tipo de marcação morfológica.

Dado que conectivos estabelecem progressão no texto em Deni, uma vez que estabelecem relações entre as cláusulas, eles nunca são usados no início de um texto. A relação estabelecida entre as cláusulas pode ser de diferentes formas, como tempo, conclusão ou quebra de expectativa. Exemplos em (5.37a-c) incluem ocorrências de conectivos em narrativas na língua Deni.

(5.37a) aburu te-u-na-ru pedza-pe idiku te-u-na-ri
 papagaio atirar-1SG-MCVNFUT.Faí.F-FOC.F mutumatirar-1SG-MCV-NFUT.M

padza makavari te-u-na-ri padza badu te-u-na-ri
 aí.M serelepe atirar-1SG-MCV-NFUT.M aí.M veado atirar-1SG-MCV-NFUT.M

uva mutha bani naku dzedi-u-na-ru naku bani
 1SG sozinho carne então caçar-1SG-MCV-NFUT.F então carne

te-u-na-ru anubedza badu tukhiraria bani
 atirar-1SG-MCV-NFUT.F caititu veado todo carne

‘Eu matei papagaio, aí eu matei mutum, aí eu matei serelepe, aí eu matei veado. Então, eu cacei sozinho. Então eu matei todo tipo de bicho de caça, caititu, veado.’

(5.37b) purudzetu-dza i-bura-de ninava puni ari Ø-kemedza-ru
 projeto-MULT 1PL-trabalhar-PFV mas 3F 1PL 3-enganar-NFUT.F

naru enanidza ukha kunadu naku ima-Ø-ni-tivaha
 assim.Fagora 1SG.POS cunhado então falar-3-MCV-PERM

‘Nós trabalhamos no projeto, mas ela nos enganou. Assim, meu cunhado então vai falar.’

Tipicamente, os conectivos são usados precedendo o sujeito em cláusulas transitivas e intransitivas. Há, porém, ocorrências em que ele é usado entre o sujeito e o verbo, como *naku* ‘então’ na última cláusula em (5.37b), e também precedendo o verbo *dzedi-* ‘caçar em (5.37a). Os exemplos (5.37a) e (5.37b) são de pessoas de diferentes faixas etárias e de diferentes clãs ((5.37a) foi coletado com um velho do clã Varatsadeni e (5.38b) foi obtido de um jovem do clã Tamakurideni).

O conectivo *pedza* ‘aí’ tem claramente um uso estendido que parte do locacional *pedza* ‘aí’. Embora tenham a mesma forma e a tradução adotada aqui seja a mesma, o conectivo tem um valor semântico diferente do locacional, uma vez que este marca uma posição no espaço ao passo que aquele marca progressão de eventos no tempo. Assim, *pedza* locacional faz referência a espaço e *pedza* conectivo é mais relacionado ao tempo. Outra diferença entre o *pedza*

locacional e o conectivo centra-se no fato de que o conectivo pode receber morfema marcador de foco, o que não acontece com o locacional.

Enquanto os três primeiros conectivos no quadro 5.11 apresentam valor semântico relacionado, no sentido de que expressam progressão textual, o conectivo *ninava* ‘mas, porém’ estabelece uma relação de contraste entre as cláusulas que relaciona. A palavra *ninava* é usada sempre entre duas cláusulas; a cláusula que precede o conectivo expressa um evento e, portanto, lança uma expectativa que é quebrada pelo evento expresso pela cláusula que segue esse conectivo. O conectivo *ninava* ‘mas, porém’ possui uma forma que está se gramaticalizando no verbo como um sufixo de modalidade, que é chamado aqui de frustrativo, tal como discutido em 9.2.2.

Em construções envolvendo o conectivo *ninava* ‘mas, porém’ ou o frustrativo *-nava*, as partículas *kha-ri* ‘ENF.CONTR-M’ e *kha-ru* ‘FOC.CONTR-F’ podem ocorrer na posição final da segunda cláusula, como pode ser visto em (5.38).

(5.38) *tsura* *te-u-na-nava* *hupa-tu-na-ri* *kha-ri*
 guariba atirar-1SG-MCV-FRUSTcorrer-3-MCV-NFUT.M ENF.CONTR-M
 ‘Eu atirei no guariba, mas ele fugiu.’

Como mencionado, as partículas de ênfase de contraste feminino e masculino respectivamente *kha-ru* e *kha-ri* foram atestadas apenas em construções envolvendo a ideia de contraste, daí nomeá-las de tal forma. Tais partículas realçam o sentido de frustração contida na segunda cláusula em relação à proposição contida na primeira. Em (5.38) a expectativa gerada pela ação de atirar no guariba na primeira de cláusula é de que o guariba morreu. O frustrativo, contudo, mostra ao interlocutor que essa atividade expectada não aconteceu. A segunda cláusula, então, apresenta o fato (que era diferente do esperado) que aconteceu. A partícula *kha-ri* em (5.38) enfatiza essa quebra de expectativa. Note ainda que o gênero masculino inerente ao nome *tsura* ‘guariba’ desencadeia a concordância tanto no verbo quanto na partícula de ênfase de contraste. Cabe ressaltar que a ocorrência de tais partículas em construções contrastivas, porém, não é obrigatória. Em (5.37b), por exemplo, *ninava* ‘mas, porém’ ocorre, mas a partícula que marca ênfase de contraste não.

5.2.8 Interrogativos

A língua Deni inclui basicamente três diferentes maneiras para expressar uma pergunta: (i) por meio de uma palavra interrogativa que ocorre tipicamente no início da cláusula; (ii) por

meio de morfemas que se prendem em verbos ou nomes e pronomes; (iii) por meio de entonação, o que é, sem dúvida, menos frequente, dadas as possibilidades morfossintáticas presentes na língua. Nos verbos, os morfemas que marcam interrogação são tratados em 9.1.2; nos nomes, o morfema interrogativo é discutido em 5.1.1. A presente tese também inclui exemplos de construções em que a interrogação é marcada pela entonação; tal informação consta no exemplo, uma vez que não há marcação morfológica de pergunta, como no exemplo em (8.4c). Os interrogativos identificados na base de dados são fornecidos no quadro 5.11 com exemplos e discussão a seguir.

Quadro 5.11: *Interrogativos*

Feminino	Masculino	Significado
<i>akunihi</i>	<i>akunaha</i>	‘Como está? E aí?’
<i>akunanaru</i>	<i>akunanari</i>	‘Por que?’
<i>akunaru</i>	<i>akunari</i>	‘O que?’
Formas sem distinção de gênero		
<i>akudza</i>		‘Onde?’
<i>akunanidza</i>		‘Quando?’
<i>akuvene</i>		‘Em qual direção?’

Todos os interrogativos no quadro 5.12 começam com *aku-*. Em seu dicionário, Koop e Koop (1985, p. 45) incluem o verbete ‘**aku** (pron. interrog. 2g) o quê?’. Tal forma, embora presente em todas os interrogativos em Deni, não foi atestado na base de dados. Parece plausível, contudo, analisá-la como uma base sobre a qual outros morfemas são anexados para formar os interrogativos. Enquanto para alguns interrogativos a segmentação morfológica é bastante simples, como em (5.379c,d), para outros ela é bastante complexa, como aqueles interrogativos em (5.39a-b).

(5.39a) *aku-na-ri* *mita-Ø-na-ri-ha*
 INT-?-F comprar-3-MCV-NFUT.M-Q.M
 ‘O que ele comprou?’

(5.39b) *aku-nani-dza* *dzedi-ti-tuvi-hi*
 INT-?-MULT caçar-2-FUT-Q
 ‘Quando você vai caçar?’

(5.39c) *aku-dza* *mede Ø-itume-arui-hi*
 INT-MULT 3PL 3-brincar-NFUT.F-Q.F
 ‘Onde eles estão brincando?’

(5.39d) *aku-vene* *ti-vad-arui-hi*
 INT-DIR 2-dormir-NFUT.F-Q.F
 ‘Em qual direção você mora?’

Em todos os exemplos em (5.39a-d), a interrogação é marcada tanto pelos interrogativos que ocorrem na primeira posição da cláusula, quanto por um morfema anexado ao verbo. Na conversação, é bastante comum que os interrogativos ocorram sozinhos, visto que as demais informações são recuperáveis pelo contexto. O interrogativo *akuvene* ‘em qual direção’, por exemplo, é bastante comum em atividades diárias realizadas em conjunto, quando uma das pessoas envolvidas nessa atividade requer uma informação acerca de qual direção ele deve tomar.

Ainda sobre a estrutura morfológica dos interrogativos, os que apresentam distinção de gênero claramente recebem morfemas que são feminino, como *-hi* ‘Q.F’ e *-ru* ‘F’, e masculino, como *-ha* ‘Q.M’ e *-ri* ‘M’. Note que o multifuncional marcador de caso *-dza* também se prende a interrogativos, tal como pode ser visto em (5.39b,c), em que ele também apresenta as características temporais e locacionais, respectivamente.

5.2.9 Interjeições

Dixon (2010b, p. 27) menciona que uma interjeição é usada “typically indicating the speaker’s emotional response to something that has happened to them, or something which they have observed or become aware of.”³⁹ Para o linguista, as interjeições se agrupam em duas classes: (i) uma classe que tem sido reconhecida pelos gramáticos como uma classe especial de palavras chamada de ‘interjeições’, como *aha*, *wow*, *phew*, *yuk* entre outras em Inglês, com uma parte correspondente de exclamações convencionalizadas em todas as outras línguas; (ii) e uma classe em que a maioria dos itens são multi-palavras, utilizando-se de lexemas regulares e elementos gramaticais da língua, embora frequentemente com significados especiais, como a interjeição *Merda!* em Português, que não traz a expectativa de defecação.

Givón (2001) observa que as interjeições formam uma classe heterogênea com um amplo quadro de funções, sendo a maioria delas funções expressivas ou interativas. Dessa heterogeneidade surge uma questão: as interjeições são palavras fonológicas, ou palavras gramaticais, ou ambas, ou nenhuma delas? Para Dixon (2010b), não é apropriado tratá-las como palavras gramaticais, pois nenhum processo morfológico se aplica às interjeições, uma vez que elas têm significado cristalizado. Não é apropriado também tratá-las como palavras fonológicas, pois em muitas línguas do mundo, as interjeições têm características fonéticas e fonológicas

³⁹Tradução minha: “[uma interjeição é usada] tipicamente indicando [uma resposta emocional do falante a algo que aconteceu a ele, ou alguma coisa que ele observou ou sobre a qual se tornou consciente” (DIXON, 2010b, p. 27)

especiais, ou seja, elas apresentam sons que estão fora do sistema regular da língua em questão e, caso sejam consideradas palavras fonológicas, tais sons devem ser acrescentados aos quadros fonéticos e fonológicos das respectivas línguas. As interjeições são, portanto, palavras idiossincráticas em Deni, uma vez que têm características fonológicas peculiares, além de contextos específicos de ocorrência.

São apresentadas a seguir as interjeições presentes no corpus de que disponho sobre a língua Deni. É bastante provável que haja outras interjeições, especialmente pelo fato de que representam uma resposta emocional do falante em relação a algo e, enquanto pesquisador, certamente não presenciei todos os momentos em que respostas emocionais são utilizadas na língua/cultura Deni. As traduções das interjeições representam apenas uma busca de correspondência. O contexto em que cada interjeição foi atestada foi colocado com intuito de contribuir para a interpretação da resposta emocional dos falantes em relação a cada interjeição.

Tipos de surpresa

(5.40a) *bua* [bu'ʌ:] 'Olha!'

Essa interjeição é utilizada pelos Deni quando algo inesperado acontece. Ela ocorreu quando, durante a viagem de ida para a aldeia, um veado apareceu na margem, bem próximo de onde passávamos. Além desse contexto, essa interjeição foi usada também quando eu ou algum Deni caía no barranco, o que é bastante frequente na época das chuvas, uma vez que os barrancos estão muito lisos.

(5.40b) *dia* [di'ʌ:] 'Caramba!'

Essa interjeição é utilizada pelos Deni também para algo inesperado. Diferentemente de (5.40a), (5.40b) ocorreu somente com uma brincadeira de caráter sexual que é bastante frequente entre os Deni. Quando os Deni se encontram pela primeira vez no dia um diz ao outro *akunihi* 'como está?' e tem como resposta *amutside* 'muito bem'. Porém, em alguns casos a resposta pode ser *vanarani* 'tenho potência sexual'⁴⁰; quando eu (alguém que eles esperavam que não usasse essa resposta) respondia assim, todos que estavam próximos riam e a pessoa envolvida na comunicação comigo usava esta interjeição.

⁴⁰A cultura Deni restringe brincadeiras de cunho sexual, que são bastante frequentes entre os Deni, entre pessoas que têm uma relação sanguínea próxima, tal como pai e filhos, irmãos e avós. Esses tipos de brincadeira ocorrem entre as pessoas que são classificadas como *abuni* ou *uvini* no sistema de parentesco (cf. quadro 5.1).

Ordem

(5.40c)hina ‘Vamos!’

Essa interjeição é utilizada em Deni quando o emissor quer expressar um comando ao(s) receptor(es) para que uma determinada ação seja realizada. Tal interjeição é bastante comum na conversação Deni.

(5.40d)niha ‘Vamos!’

Essa interjeição é utilizada em Deni como uma resposta à ordem dada pela interjeição presente em (5.40c). Portanto, essa interjeição funciona como uma concordância à ordem dada por alguém.

Como mencionado anteriormente, interjeições tipicamente têm características fonéticas peculiares. As interjeições em Deni ratificam essa afirmação, uma vez que a vogal [ʌ] ocorre nas interjeições, mas não é comum em Deni. Além disso, tal vogal é realizada foneticamente com uma duração muito maior que as outras vogais em Deni. Como mostrado na análise apresentada na seção 4 da presente tese, a língua Deni não inclui vogais longas.

Givón (2001) argumenta que as interjeições estão em uma área de transição da gramática, conectando-as a várias convenções culturais que governam o comportamento social e interpessoal, tal como conduta pública, interação, poder, status. Dado que interjeições são relacionadas a convenções culturais que expressam respostas emocionais a ocorrências, é tarefa árdua fazer afirmações profundas acerca do valor cultural de uma interjeição.

5.3 Resultados obtidos nesta seção

A forma de lidar com as classes de palavras em Deni adotada neste trabalho aponta para duas classes abertas (maiores) que são os nomes e os verbos, e outras nove classes menores que são os adjetivos, advérbios, pronomes e demonstrativos, quantificadores e numerais, locacionais, posposições, conectivos e partículas, interrogativos, e interjeições. Morfologicamente, os nomes recebem pouca marcação; esse critério é a base para a postulação de duas subclasses: nomes inalienavelmente possuídos e nomes livres (alienáveis). Além dessas subclasses, nomes ainda incluem uma subclasse *ka-* que desempenha concordância de classe nominal em modificadores como adjetivos e numerais, e também no verbo, que é o predicado da cláusula em que tal nome ocorre. Com respeito ao verbo, sua morfologia é sintética, daí dedicar três seções (7, 8 e 9) neste trabalho para a discussão da estrutura da palavra verbal. O

critério morfológico também é a base para postular duas subclasses de verbos: subclasse I compreende os verbos em que a marcação de pessoa precede a raiz verbal e a subclasse II contempla os verbos em que a marcação de pessoa segue o verbo, como discutido em detalhes em 7. Outro critério, como a transitividade, por exemplo, levaria a postular outras subclasses, como verbos transitivos, intransitivos e ambitransitivos.

É possível distinguir adjetivos de nomes e verbos em Deni. Como as outras línguas Arawá, Deni dispõe de uma classe pequena de adjetivos que funcionam como modificador nominal, seja dentro do SN, seja na posição de predicado em cláusulas sem verbo. Os advérbios identificados em Deni expressam tempo e modo, sendo os últimos também usados como formas de expressar comando. Tipicamente os advérbios ocorrem na primeira posição da cláusula. Pronomes e demonstrativos desempenham referenciação dêitica ao indicar algo ou alguém, mas apenas os pronomes podem ocorrer como núcleo do SN; demonstrativos não ocorrem como tal, dado que a interpretação adotada aqui prega que há um nome elíptico que desencadeia a concordância de gênero. Embora quantificadores e numerais apresentem diferentes possibilidades morfológicas, eles são usados na mesma posição na cláusula e não co-ocorrem, dado que expressam valores semânticos similares (quantidade exata para numerais e inexata para quantificadores). Os locacionais têm uma dimensão espacial muito clara e são usados para fazer referências a posições de entidades no espaço; como ocorre também em Português, o locacional *pedza* ‘aí.F’ (e seu correspondente masculino *padza*) foi gramaticalizada como um conectivo e usado na conversação para indicar progressão textual. As posposições marcam caso e têm acento próprio, isto é, do ponto de vista fonológico elas ocorrem como palavras separadas; do ponto de vista morfossintático isso não é possível. Enquanto os conectivos são usados para ligar sentenças, as partículas marcam algum efeito estilístico. Os interrogativos são palavras que ocorrem no início da sentença em construções interrogativas; alguns deles têm diferentes formas para feminino e masculino e outros não. Finalmente, as interjeições são usadas como uma resposta emocional a algum evento e têm características fonéticas peculiares.

6 SINTAGMA NOMINAL

A presente seção inclui uma discussão de algumas questões relacionadas ao sintagma nominal em Deni, tais como a ordem e co-ocorrência dos constituintes, alguns dos papéis semânticos desempenhados pelos sintagmas nominais no nível da cláusula, o gênero – categoria amplamente difundida na gramática Deni -, número e sua divisão de acordo com a Hierarquia de Animacidade. Além dessas questões sintáticas e semânticas, esta seção trata também de características morfológicas de classes de palavras que ocorrem dentro do sintagma nominal, como a marcação de caso e foco.

6.1 A ordem dos constituintes

O sintagma nominal em Deni pode consistir de apenas um núcleo, ou ter um núcleo acompanhado por modificadores como demonstrativos, pronomes possessivos, palavra plural, quantificadores, adjetivos e posposições. Tipicamente, nomes desempenham a função de núcleo do SN em Deni. Contudo, pronomes pessoais e locacionais também podem desempenhar tal função. O esquema em 6.1 apresenta a ordem dos constituintes dentro do SN em Deni.

Esquema 6.1: *Ordem dos constituintes dentro do sintagma nominal*

Posição 1	Posição 2	Posição 3	Posição 4	Posição 5	Posição 6
<i>Modificador</i>	<i>Modificador</i>	<i>Núcleo</i>	<i>Modificador</i>	<i>Modificador</i>	<i>Modificador</i>
Dem.	Nome (Pos)	Nome	Palavra plural	Adjetivo	Posposição
Pron. Pos.		Pron. Pes.	Quantificadores		
		Locacionais	Numerais		

Sem dúvida, nomes são os típicos núcleos do sintagma nominal em Deni. Contudo, não é raro encontrar um SN no qual um pronome pessoal seja o núcleo. Além dessas duas classes, locacionais também podem funcionar como núcleo do SN, mas sem nenhum modificador, como mostrado nos exemplos (5.32a-b) em 5.2.5. Virtualmente, a posição 3 é a única obrigatoriamente preenchida no esquema 6.2. Como mencionado em várias partes neste trabalho, o nome que é núcleo do SN pode estar elíptico, mas mesmo assim ele desencadeia concordância de gênero e classe nominal. Baseado nisso, não interpreto tais SNs como SNs sem núcleo, mas sim SNs com núcleo omitido, embora recuperável pelo contexto e partilhado pelos envolvidos na comunicação. A concordância de gênero e de classe nominal são os principais fatores para a identificação do núcleo do SN em Deni. As demais posições no esquema 6.1 são facultativas, ou seja, podem ou não ser preenchidas.

Na base de dados, demonstrativos (ver (6.1a,c)) e pronomes possessivos (ver (6.1d)) não foram atestados seguindo o núcleo do SN, o que justifica atribuição deles na posição 1 do esquema 6.1. Ademais, ambos foram colocados na mesma posição (posição 1) no esquema em 6.1, visto que na base de dados não foi encontrado nenhum SN em que eles co-ocorressem. Assim sendo, tais constituintes parecem ser exclusivos no SN, isto é, quando um ocorre, o outro não.

O mesmo princípio se aplica aos constituintes da posição 3, que são nomes e pronomes pessoais. Tais classes não foram atestadas co-ocorrendo no SN na base de dados. Isso parece ser uma questão lógica: o pronome é usado como substituto de um nome. Logo, se o nome é usado, seu substituto não precisa ocorrer. Ainda sobre nomes e pronomes pessoais, eles foram atestados seguindo demonstrativos e pronomes possessivos, mas precedendo todos os outros modificadores, o que justifica sua inclusão na posição 3 no esquema 6.1. A posição 2 só é preenchida por nomes livres (alienáveis) e sintagmas nominais possessivos envolvendo dois nomes livres, como exemplificado em 6.5.1, em que o possuidor é marcado pelo genitivo e precede o nome possuído.

A palavra plural, quantificadores, numerais e adjetivos não aparecem precedendo o núcleo do SN na base de dados, apenas seguindo-o. Foram postuladas, porém, duas posições diferentes no SN: posição 3 que contém palavra plural, quantificadores e numerais e posição 4 a qual compreende os adjetivos. Isso porque foram atestadas ocorrências em que a palavra plural e um adjetivo modificam o mesmo núcleo no SN. Nesses casos, a palavra plural segue imediatamente o núcleo e o adjetivo segue a palavra plural, como ilustrado em (6.1c). Palavra plural, quantificadores e numerais foram colocados na mesma posição no esquema em 6.1 (posição 4) pelo fato de que eles não foram encontrados nos dados co-ocorrendo modificando o mesmo núcleo no SN, como observado em (6.1b). Isso também parece ocorrer por uma questão lógica: visto que tais constituintes expressam de alguma forma número, eles são excludentes na estrutura do SN em Deni. A seguir, alguns exemplos de SNs.

(6.1a) metha [a-ri ava putaha-ri] _{SN} ka-i-na-ru _P
 ontem este.M árvore grande-M cortar-1PL-MCV-NFUT.F
 ‘Nós cortamos esta árvore grande ontem.’

(6.1b) [dzabitsu deni] _{SN1} [aba] _{SN2} viri-Ø-ni-tuvi _P
 homem.solteiro PL peixe cortar-3-MCV-FUT
 ‘Os homens solteiros vão cortar os peixes (quando voltarmos da pesca).’

(6.1c) [akha-ru dzuvatu deni bahina-de] _{SN}
 aquela-F mulheres.solteiras PL bonita-ADJ

bakhu-Ø-na-miti-tuvi P
 chegar-3-MCV-ITER-FUT

‘Aqueles mulheres solteiras bonitas vão vir novamente (à aldeia).’

(6.1d) [ukha kanuva] SN huratsa PI
 1SG.POS canoa velha
 ‘Minha canoa é velha.’

Em (6.1a), o demonstrativo *a-ri* ‘este-M’ e o adjetivo *putaha-ri* ‘grande-M’ modificam o nome *ava* ‘árvore’ o qual desempenha a função de núcleo do SN. Em (6.1b), *dzabitsu* ‘homem solteiro’ é núcleo do SN1 o qual é modificado pela palavra plural *deni*. O nome *dzauvatu* ‘mulher solteira’ em (6.1c) é modificado tanto pelo demonstrativo *akha-ru* ‘aquela-F’, quanto pelo marcador plural *deni* e pelo adjetivo *bahikana-ru* ‘bonita-F’. Em (6.1d), *kanuva* ‘canoa’ é modificada pelo pronome possessivo *ukha* ‘meu’.

6.1 Papeis semânticos do sintagma nominal

Sintagmas nominais são constituintes sintáticos que funcionam como argumentos de predicados no nível da cláusula (cf. DRYER, 2007; DIXON, 2010b). No que concerne à semântica, os argumentos de predicados podem ter diferentes papeis, os quais representam diferentes formas de participação de uma ou mais entidades em um evento, como pode ser visto nos exemplos em (6.2a-c), em que os SNs são apresentados entre parênteses.

(6.2a) [Hadzana] SN1 [idiku] SN2 itsa-Ø-na-ri P
 nome.M mutum flechar-3-MCV-NFUT.M
 ‘Hadzana flechou o mutum.’

(6.2b) [pua] SN Ø-vad-ari P
 3.M 3-dormir-NFUT.M
 ‘Ele dormiu.’

(6.2c) [kanuva-dza] SN1 [aba vapiha-ri] SN2 Ø-puha-ri P
 canoa-MULT peixe muito-M 3-ter-NFUT.M
 ‘Tem muito peixe na canoa.’

Embora (6.1a) inclua dois sintagmas nominais os quais possuem nomes livres como núcleo sem incluir nenhum modificador, eles possuem diferentes funções sintáticas e também papeis semânticos. Sintaticamente, o SN1 funciona como A (sujeito de cláusula transitiva) ao passo que o SN2 funciona como O (objeto). Do ponto de vista semântico, o SN1 desempenha

o papel de agente enquanto o SN2 desempenha o papel de paciente, ou seja, um realiza a ação (SN1) e o outro recebe/sofre a ação (SN2). Assim, o verbo *itsa-* ‘flechar’ produz dois papéis semânticos em (6.2a): um de *flechador* e outro de *flechado*, ambos pré-verbais, haja vista que a ordem sintática predominante na língua Deni é AOV, como mencionado em na seção 10.

A relação existente entre os SNs depende, em grande parte, dos tipos de verbos envolvidos na sentença. Se há um verbo transitivo ativo na função de predicado e dois sintagmas nominais funcionando como argumentos, sendo um na função de A e outro na função de O, o SN na função A desempenha o papel de agente ao passo que o SN na função de O desempenha o papel de paciente, como ilustrado em (6.2a).

Em cláusulas intransitivas – em que o verbo é intransitivo –, o SN1 ocorre na função de S (sujeito de verbo intransitivo) como em (6.2b) e pode estar elíptico na cláusula, uma vez que a pessoa é sempre marcada no verbo, como mencionado na seção 7.2. Nesses casos, o SN na função de S é o responsável por desempenhar o evento expresso pelo verbo. SNs funcionando como argumentos opcionais periféricos, como em (6.2c), podem ter diferentes papéis semânticos, visto que eles podem indicar local (caso locativo), possuidor (caso genitivo), destinatário (dativo), entre outras, como visto em mais detalhes em 6.5. O tipo de verbo envolvido na cláusula contribui significativamente para o tipo de papel semântico desempenhado pelos SNs nas cláusulas.

6.2 Gênero

A distinção entre gênero feminino e masculino é um traço bastante comum nas gramáticas das línguas Arawá. Contudo, gênero não é marcado morfológicamente em nomes livres nessas línguas. Nomes inalienavelmente possuídos possuem marcação de gênero apenas para a terceira pessoa, em que *-ni* marca feminino e *-∅* marca masculino. Dixon (1999) aponta que o proto-Arawá marcava o gênero masculino para a terceira pessoa em nomes inalienavelmente possuídos com *-ne*; tal morfema, contudo, desempenhou processo fonológico de assimilação vocálica em alguns nomes inalienavelmente possuídos antes de ter sido perdido nas línguas Arawá, como discutido na seção 4.4.1. A marcação de gênero feminino para nomes inalienavelmente possuídos *-ni* foi mantida nessas línguas.

Similarmente ao Jarawara (cf. DIXON, 2004a, p. 284), a maioria dos nomes inalienavelmente possuídos e livres possui o gênero feminino em Deni, o qual desencadeia concordância não somente nos elementos internos ao SN, mas também no verbo. Independentemente do sexo de quem está falante (falante, primeira pessoa) ou para quem se

está falando (receptor, segunda pessoa), o gênero feminino é tipicamente usado para primeira e segunda pessoa, como nos exemplos (6.3a,b).

(6.3a) medze bute u-ha-ru
cachorro velho 1SG-ser-NFUT.F
'Eu sou órfão.' (lit. eu sou cachorro velho)

(6.3b) tia hapi-ta-ru
2 tomar.banho-2-NFUT.F
'Você tomou banho.'

(6.3c) amunehe deni makhi deni madiha tukhiraria
mulher PL homem PL autodenominação todos

dza-Ø-na-ru metha
dançar-3-MVC-NFUT.F ontem
'Mulheres, homens, todo os Madiha dançaram ontem.'

O gênero feminino é claramente o padrão na língua Deni. Além da primeira e segunda pessoa tipicamente desencadearem a concordância de gênero feminino no tempo não-futuro, como visto em (6.3a,b), tais pessoas também desencadeiam o uso do gênero feminino em uma série de outros morfemas verbais, como mencionado na seção 7.2. Ademais, grupos compostos por homens e mulheres recebem, na maioria das ocorrências na base de dados, a indicação de gênero feminino, como consta nos exemplos em (6.3c).

Na base de dados foram atestadas algumas ocorrências em que o gênero masculino ocorreu na primeira pessoa. Além disso, há também ocorrências de grupos compostos por membros de ambos os sexos em que os modificadores nominais recebem o gênero masculino. Embora isso tenha sido atestado na base de dados, esses exemplos compreendem uma pequena fração quando comparados à concordância de gênero feminino. Predominantemente, o gênero feminino é usado para a primeira e segunda pessoa, assim como para grupos compostos por pessoas de ambos os sexos. O gênero feminino é, portanto, o gênero “não-marcado” na língua Deni.

Modificadores nominais como quantificadores e demonstrativos recebem marcação de gênero em consonância com o gênero inerente ao nome que desempenha a função de núcleo do SN no qual tais palavras ocorrem. O marcador de foco, que possui diferentes formas para masculino e feminino, também marca o gênero em consonância com o nome ao qual ele faz referência.

Nomes livres que fazem referência a seres humanos têm o gênero determinado pelo sexo biológico, como em *makhi* ‘homen’, *dzabitsu* ‘homem solteiro’, *kharavi* ‘homen velho’,

amunehe ‘mulher’, *dzuvalu* ‘mulher solteira’, *kharani* ‘mulher velha’⁴¹. Nomes como *eheve* ‘criança’ e *madiha* ‘pessoa’ podem desencadear a concordância em modificadores dependendo do sexo da(s) pessoa(s) a(s) qual(is) está(ão) sendo referenciada(s). Se um menino (ou um grupo de meninos) está sendo referenciado, então o gênero masculino é usado no modificador; se uma menina (ou um grupo de meninas) está sendo referenciada, então o gênero feminino é marcado no modificador; se um grupo é composto por membros de ambos os sexos, na maioria das ocorrências no corpus a concordância é feita com o gênero feminino, como mencionado acima. Para a língua Kulina, a qual é estreitamente relacionada ao Deni, Dienst (2014, p. 71) aponta o contrário: em grupos compostos por membros de ambos os sexos, o gênero masculino é utilizado, ou seja, tal gênero é contextualmente não-marcado em Kulina.

Em nomes livres que fazem referência a animais como *anubedza* ‘caititu’, *hidzama* ‘queixada’, *idiku* ‘mutum’ entre outros, o gênero também não é marcado morfológicamente. Se o falante deseja determinar o sexo, os nomes *makhi* ‘homem’ e *amunehe* ‘mulher’ são usados como modificadores seguindo o núcleo do SN o qual é um nome livre referindo a animal, como pode ser visto em (6.4a) e (6.4b).

(6.4a) metha [anubedza makhi]_{SN} Pidzevi tei-Ø-na-ri
 ontem caititu macho nome.M atirar-3-MCV-NFUT.M
 ‘Ontem, Pidzevi matou um caititu macho.’

(6.4b) vatidza-dza [dzumahi amunehe]_{SN} ki-u-ka-na-ni
 roçado-MULT onça fêmea ver-1SG-MCN-MCV-PFV
 ‘Eu vi uma onça fêmea (há pouco tempo) no roçado.’

Os nomes *makhi* ‘homem’ e *amunehe* ‘mulher’ não ocorrem na função de núcleo dos SNs em (6.4a,b), mas sim como modificadores nominais. Nessa função, esses nomes são usados para marcar o sexo dos animais e significam, portanto, ‘macho’ e ‘fêmea’, respectivamente. Há uma pequena fração de itens lexicais que podem funcionar como núcleo de SN e como modificadores nominais, como discutidos em 5.2.1.3.

Nomes livres referindo a entidades inanimadas como *udza* ‘casa’, *varami* ‘remo’, *kudze* ‘colher’ entre outros, também possuem gênero inerente o qual desencadeia a concordância nos modificadores dentro do SN. As palavras *abadziku* ‘lua’, *udza* ‘casa’, *kanuva* ‘canoa’ possuem

⁴¹ Embora *dzabitsu* ‘homem solteiro’, *kharavi* ‘homem velho’, *dzavatu* ‘mulher solteira’ e *kharani* ‘mulher solteira’ pareçam adjetivos quando traduzidos ao português, tais palavras são nomes em Deni, uma vez que tipicamente ocupam a posição de núcleo do SN; ademais, elas podem ser modificadas quanto ao número pela palavra plural *deni*, o que não ocorre para adjetivos em Deni.

o gênero masculino em Deni; outra palavra interessante em relação à discussão de gênero em Deni é *matsi* ‘vagina’ a qual aparece no exemplo em (6.5).

- (6.5) puni-kha matsi ka-putaha-ri
 3F-POSS vagina CCN-ser.grande-NFUT.M
 ‘A vagina dela é grande.’

Embora seja uma parte do corpo – o que nos levaria a pensar ser um nome inalienavelmente possuído, como quase todas as partes do corpo são –, *matsi* ‘vagina’ é um nome livre (alienável). Assim, em construções possessivas, um pronome possessivo ocorre para indicar o possuidor, o que não ocorre com nomes inalienavelmente possuídos, uma vez que são obrigatoriamente marcados em relação ao possuidor. Além disso, mesmo fazendo referência ao órgão genital feminino, tal nome possui o gênero masculino o qual desencadeia concordância de gênero no verbo em (6.5).

Assim como Dienst (2014, p. 71) apontou para a língua Kulina, em Deni a designação de gênero para nomes referindo a entidades inanimadas parece não ser previsível, uma vez que parece não haver nenhuma motivação semântica. Empréstimos do Português ora possuem gênero masculino, como *arrudzi* ‘arroz’ e *atsuka* ‘açúcar’, ora possuem o gênero feminino, como em *tsapava* ‘sabão’, *letsi* ‘leite’ e *khephe* ‘café’. Embora não seja uma regra que todo empréstimo possua o gênero feminino, a maior parte deles na base de dados possuem o gênero feminino. As bases semânticas, se é que elas existem, para a designação de gênero em nomes que fazem referência a entidades inanimadas em Deni requerem mais estudo.

6.3 Número e animacidade

A categoria de número no SN em Deni é bastante interessante, uma vez que apresenta uma restrição em relação aos nomes que podem ou não serem marcados para número. Tal distinção é feita com base na Hierarquia de Animacidade, o que justifica o tratamento de ambos em conjunto nesta seção.

6.3.1 O status gramatical do marcador de número

A categoria gramatical de número apresenta, de uma perspectiva translinguística, diversidade e complexidade, visto que as línguas apresentam diferentes formas para expressá-lo. Corbett (2004) apresenta algumas dessas formas:

- (a) o plural, que se refere a mais que uma entidade no mundo real;
- (b) o dual, que se refere a duas entidades distintas no mundo real;
- (c) o trial, que se refere a três entidades distintas no mundo real;
- (d) o quadral, que se refere a quatro entidades no mundo real;
- (e) o paucal, que se refere a um pequeno número de entidades no mundo real.⁴²

Tipologicamente, a língua Deni enquadra-se no grupo de línguas que apresenta a distinção singular>plural. O singular é formal e funcionalmente não-marcado no sintagma nominal, enquanto que o plural é marcado pela palavra plural *deni*. Dryer (1989, p. 865) define palavra plural como “a morpheme whose meaning and function is similar to that of plural affixes in other languages, but which is a separate word that functions as a modifier of the noun”.⁴³

Em Deni e em Kulina, o plural é marcado por *deni*. Adams Liclan e Marlett (1990, p. 107) consideram o marcador de plural em Kulina como uma palavra separada, haja vista que ela não entra na fonologia da palavra precedente. Também tratando da língua Kulina, Dienst (2014, p. 52) ora trata *deni* como um sufixo, ora como uma palavra separada. Para a língua Deni, Koop e Koop (1985) tratam o marcador de plural como um morfema o qual se prende fonologicamente ao nome para modificá-lo em relação ao número.

Diferentemente de Koop e Koop (1985), considero que o marcador de plural no SN em Deni é marcado pela palavra plural *deni*, visto que esta não se prende fonologicamente ao nome que modifica. O critério adotado aqui para delimitar a fronteira de palavra é fonológico. Como mencionado em 4.3, a língua Deni possui um padrão acentual fixo em que o acento é marcado sempre na última sílaba de cada palavra. A palavra plural *deni* possui acento próprio, não interferindo no acento da palavra que modifica. A morfologia Deni é bastante rica, especialmente a morfologia verbal. Quando um sufixo se prende a uma base, o acento passa para a última sílaba do sufixo. Com a palavra plural *deni* isso não ocorre, uma vez que ambas (a palavra modificada e a palavra plural) possuem o acento; se *deni* fosse um morfema preso, ele se prenderia fonologicamente a uma base e formaria uma unidade acentual.

⁴² Uma discussão mais detalhada dos sistemas de número de uma perspectiva tipológica pode ser encontrada em Corbett (2004) e em Dixon (2012).

⁴³ Tradução minha: “[palavra plural é] um morfema cujo significado e função é similar a este de afixos plurais em outras línguas, mas o qual é uma palavra separada que funciona como modificador de um nome” (DRYER, 1989, p 865).

6.3.2 A divisão na Hierarquia de Animacidade

Corbett (2004) argumenta que muitas línguas incluem uma divisão em diferentes pontos de acordo com a Hierarquia de Animacidade, o que resulta em uma grande variedade no que diz respeito aos nomes que possuem oposição de número. A figura 6.1 fornece a Hierarquia de Animacidade proposta por Corbett (2004, p. 56).

Figura 6.1: Hierarquia de Animacidade segundo Corbett (2004, p. 56)

speaker > addressee > 3rd person > kin > human > animate > inanimate
 (1st person pronouns) (2nd person pronouns)

Fazendo referência às línguas Norte Americanas, em caráter de exemplificação, Mithun (1988) aponta que, na maioria delas, somente nomes que fazem referência a seres humanos (ou alguns nomes referindo a humanos, tais como termos de parentesco), incluem formas para plural. Ademais, em algumas dessas línguas, animais domésticos ou personagens em lendas que são considerados ‘seres conscientes’ são frequentemente referidos por meio de formas plurais. Voltando a discussão para as línguas Sul-Americanas, especialmente as línguas Arawá, Adams Liclan e Marlett (1990, 107) mencionam que a palavra plural *deni* nunca modifica, no que concerne a plural, nomes não-humanos tal como ‘cachorro’. Ainda para a língua Kulina, Dienst (2014: 52) atestou o nome que faz referência a não-humano *ethe* ‘cachorro’ sendo modificado por *deni*. Para ele, o uso de *deni* ‘NSG’ em Kukina “is restricted to animates, rather than just humans”.⁴⁴

Em Deni, a divisão na Hierarquia de Anicidade é entre humano e não-humano. Assim, nomes que fazem referência a seres não-humanos não são pluralizados pela palavra plural *deni*, como ilustrado em (6.6a-d).

(6.6a) [eheve deni]_{SN} bubu Ø-atika-ru
 criança PL bombom 3-querer-NFUT.F
 ‘As crianças querem bombom.’

(6.6b) [u-kha-dau deni]_{SN} kidza-Ø-na-ri
 1SG-POS-filho PL estar.doente-3-MCV-NFUT.M
 ‘Meus filhos estão doentes.’

⁴⁴ Tradução minha: “[deni ‘NSG’] é restrito a animados mais que somente a humanos”.

(6.6c) [Makuku deni] putaha-ri
 Sorowahá PL 3-ser.grande-NFUT.M
 ‘Os Sorowahá são grandes.’

(6.6d) i-tati deni paku-de
 1PL-POS-cabeça PL branca-ADJ
 ‘Nossas cabeças são brancas.’

Como mencionado, nomes que fazem referência a seres humanos podem ser pluralizados em Deni, como nos exemplos em (6.6a-d). Dentre tais nomes estão inclusos nomes que classificam ou descrevem seres humanos, como nacionalidade e termos de parentesco (veja (6.6c) e (6.6b), respectivamente), além daqueles que são relacionados a seres humanos, como partes do corpo, como ilustrado em (6.6d), alma, sepulcro.

Além de modificar nomes referentes a seres humanos, a palavra plural pode tomar marcador de caso, como pode ser visto em (6.7a-b), em que as funções sintáticas dos elementos nas cláusulas são dadas entre colchetes na primeira linha dos exemplos.

(6.7a) [puu] O [madiha deni-dza] E [mitha-u-tuvi] P
 farinha Madiha PL-MULT comprar-1SG-FUT
 ‘Eu vou comprar farinha para os Madiha.’

(6.7b) [kariva deni=kha] E [tutaputu] A [dzati] PI
 não-índio PL-GEN roupa nova
 ‘As roupas dos não-índios (enfermeiros que estavam na aldeia) são novas.’

Como mencionado na seção 10, os argumentos periféricos opcionais em Deni são tipicamente marcados por caso. Quando tais argumentos são pluralizados, o morfema marcador de caso se prende à palavra plural *deni*, e não ao núcleo do SN, como ilustrado nos exemplos em (6.7a) e (6.7b).

Nomes que não fazem referência a seres humanos como *medze* ‘cachorro’, *ava* ‘árvore’, *ditsa ditsa* ‘arco’ não são pluralizados pela palavra plural. Para nomes que não fazem referência a seres humanos, a ideia de número pode ser expressa por quantificadores ou numerais os quais podem expressar quantidade inexata (quantificadores) ou exata (numerais) para os nomes que eles modificam, como consta em (6.8a-c), em que os SNs que incluem um modificador expressando a ideia de número são fornecidos entre colchetes.

(6.8a) Cidadezinha-dza [medze vapiha-ri] SN Ø-puha-ri
 Cidadezinha-MULT cachorro muito-M 3-ter-NFUT.M
 ‘Tem muitos cachorros na (aldeia) Cidadezinha.’

(6.8b) [eheve tukhiraria] _{SN} kidza-Ø-na-ru
 criança todos estar.doente-3-MCV-NFUT.F
 ‘Todas as crianças estão doentes.’

(6.8c) [kudze ka-pama-ru] _{SN} mita-u-na-ru
 colher CCN-dois-F comprar-1SG-MCV-NFUT.F
 ‘Eu comprei duas colheres.’

Embora nomes que façam referência a seres não-humanos expressem a ideia de número por meio de quantificadores e numerais, como ilustrado em (6.8a,c), nomes que fazem referência a seres humanos também podem ser modificados por quantificadores, como pode ser visto em (6.8b). Mais detalhes sobre os quantificadores e numerais modificando nomes estão em 5.2.4.

Voltando à Hierarquia de Animacidade dada na figura 1, as três primeiras posições são preenchidas por pronomes pessoais. Corbett (2004, p. 62) argumenta que “there are good grounds for saying that pronouns may behave differently from nouns in respect of number; it is also fairly clear that first and second pronouns on the one hand can differ from the third person in the other”.⁴⁵ Em Deni, a primeira pessoa apresenta uma forma plural irregular no sentido de que não segue o mesmo princípio que os nomes que fazem referência a seres humanos. A segunda pessoa, porém, forma o plural regularmente, dado que a palavra plural *deni* segue o pronome marcando plural. A terceira pessoa apresenta algo interessante, uma vez que conta com uma forma regular e uma irregular. À guisa de ilustração, o quadro 6.1 contém os prefixos possessivos em nomes inalienavelmente possuídos, pronomes pessoais e pronomes possessivos. Dado que os afixos marcadores de pessoa nos verbos são bastante próximos aos prefixos possessivos, eles não são incluídos no presente quadro, mas podem ser vistos no quadro 7.1.

Quadro 6.1: *Prefixos possessivos, pronomes pessoais e pronomes possessivos*

Pessoa	Prefixos possessivos		Pronomes pessoais		Pronomes possessivos	
	SG	PL	SG	PL	SG	PL
1	u-	i-	uva	ari	ukha	arikha
2	ti-	ti-	tia	tia deni	tikha	tikha deni
3F	Ø-	Ø-	puni	puni deni ou mede	punikha	punikha deni
3M	Ø-	Ø-	pua	pua deni ou mede	pukha	pukha deni

O sistema pronominal em Deni tem uma alta regularidade no sentido de que as formas plurais de primeira pessoa são irregulares em todo o sistema, ou seja, a forma de primeira pessoa plural é irregular no prefixo possessivo, pronome pessoal e pronome possessivo. A segunda

⁴⁵ Tradução minha: “Há boas bases para dizer que pronomes podem se comportar diferentemente de nomes em respeito a número; é também bastante claro que pronomes de primeira e segunda pessoa de um lado podem diferir de pronomes de terceira pessoa por outro.” (CORBETT, 2004, p. 62).

pessoa plural é regularmente formada nos pronomes pessoais e nos possessivos, consistindo apenas da inserção da palavra plural *deni* após os pronomes. A terceira pessoa, contudo, apresenta um comportamento diferente, uma vez que nos pronomes pessoais apresenta duas formas das quais uma delas é regularmente formada pela inserção da palavra plural seguindo os pronomes pessoais (*puni deni* e *pua deni*) e a outra é irregular (*mede*).

A forma *mede* ‘3PL’ não distingue gênero em Deni. Caso o gênero do grupo de pessoas que está sendo referido deva ser especificado, como acontece algumas vezes, *mede* é usada com as formas regulares na cláusula na função de A, uma vez que estas marcam distinção de gênero, como ilustrado em (6.9a-c).

(6.9a) (eheve deni) bubu mede Ø-atika-ru
criança PL bombom 3PL 3-querer-NFUT.F
‘As crianças querem bombom.’

(6.9b) (puni deni) tsami mede ki-Ø-ni-tuvi
3F PL abacaxi 3PL dividir-3-MCV-FUT
‘(Elas vão) dividir os abacaxis.’

(6.9c) (pua deni) tsipari mede Ø-kadapi-ari
3M PL banana 3PL 3-comer.fruta-NFUT.M
‘(Eles) comeram as bananas.’

Em (6.9a), embora o gênero feminino seja marcado no verbo, isso não quer dizer que o grupo de crianças seja composto apenas por meninas, mas sim por meninas e meninos, como fica claro no contexto. Como mencionado em 6.2, o gênero feminino é o gênero não-marcado, isto é, ele é usado para grupos compostos por pessoas de ambos os sexos. Caso as pessoas que estão sendo referidas pelos pronomes sejam recuperáveis pelo contexto de conversação, muitas vezes somente o *mede* ‘3PL’ é usado. Nesse sentido, os pronomes dados entre parênteses em (6.9a-c) poderiam estar elípticos na cláusula. Dado que o gênero está marcado no verbo em (6.9c), não há necessidade de marcar gênero por meio de pronomes. Contrariamente, o predicado em (6.9b) está no tempo futuro, o qual não marca gênero. Assim, caso haja interesse em marcar gênero, um dos pronomes regulares de terceira pessoa plural precisa ser usado. Em construções em que o pronome não precisa ser usado para marcar gênero, ele parece ser usado como uma forma para dar ênfase ao sujeito. Um estudo mais aprofundado do uso das formas regulares e irregulares de terceira pessoa plural na mesma cláusula ainda é necessário para explicar as bases que suportam sua co-ocorrência.

Interessantemente, a língua Jarawara também apresenta uma forma de terceira pessoa plural *mee*. Diferentemente da língua Deni, na qual a divisão na Hierarquia de Animacidade

ocorre entre humanos e não-humanos, Jarawara possui uma divisão que entre animado e inanimado. Para Dixon (2004a, p. 289) a forma *mee* ‘3NSG’ pode ser usada para marcar distinção de número em uma trans-referência pronominal somente para nomes referindo a entidades animadas; tal forma não pode ser usada para nomes referindo a entidade inanimadas. Em Jarawara, *mee* tem um amplo quadro de ocorrências as quais são sumarizadas por Dixon (2004a, p. 306), quem afirma que *mee* “has developed fairly recently from the general noun **madi* ‘man, person’ in proto-Arawá; its occurrence as the first element of plural nouns may be relic of this status”.⁴⁶

Embora Dixon (2004a) tenha afirmado que o desenvolvimento de *mee* é bastante recente em Jarawara, em Deni parece plausível pensar que *mede* ‘3PL’ é mais antigo que as formas regulares *puni deni* e *pua deni*. Não parece claro pensar que um sistema pronominal com formas regulares produziria uma forma irregular. Além disso, uma forma irregular que não distingue gênero, categoria que é amplamente difundida na gramática Deni. Assim, a interpretação de tais dados feita aqui defende que as formas *puni deni* e *pua deni* foram desenvolvidas depois de *mede* e seguiram o processo típico de pluralização de nomes que fazem referência a seres humanos, assim como também ocorre com o pronome de segunda pessoa plural.

Além de pronomes pessoais e possessivos, os demonstrativos também podem ser modificados pela palavra plural *deni*. Como mencionado em 5.2.3.3, demonstrativos podem fazer referência dêitica a entidades sejam elas humanas ou não-humanas. Quando fazendo referência a humanos, tais palavras podem ser modificadas, no que concerne a número, pela palavra plural *deni*, como ilustrado em (6.10a-b), os quais foram extraídos das notas de campo.

(6.10a) a-ri deni
 este-M PL
 ‘Estes (são os meus filhos).’

(6.10b) akha-ru deni
 aquela-F PL
 ‘Aqueles (mulheres querem miçanga).’

Demonstrativos tipicamente ocorrem precedendo o nome que ocupa a posição de núcleo de SN. Contudo, na conversação, muitas vezes o nome é omitido, mas plenamente identificável pelo contexto. Muitas vezes os demonstrativos são usados com gestos os quais indicam a entidade ao qual o demonstrativo faz referência, como é o caso dos exemplos em (6.10a-b).

⁴⁶ Tradução minha: “[*mee*] tem se desenvolvido bastante recentemente do nome geral **madi* ‘homen, pessoa’ em proto-Arawá; sua ocorrência como primeiro elemento de nomes plurais pode ser uma relíquia desse status” (DIXON, 2004a, p. 306).

Quando tais entidades são humanas, como ocorre frequentemente, os demonstrativos podem ser seguidos pela palavra plural. Nesses casos, no nível cognitivo (ou subjacente) há um nome fazendo referência a ser humano entre o demonstrativo e a palavra plural, como *eheve* ‘criança’ em (6.10a) e *amunehe* ‘mulher’ em (6.10b), formando, respectivamente, sentenças como ‘esses meninos são meus filhos’ e ‘aquelas mulheres querem miçangas’. Uma evidência para isso é a concordância de gênero que o nome, mesmo omitido na cláusula, desencadeia nos demonstrativos.

Baseado nas discussões feitas até agora em relação aos nomes e pronomes plurais em Deni, tal língua apresenta, portanto, uma divisão entre humano e não-humano no que diz respeito à marcação de plural em SNs. Cabe agora tecer algumas considerações sobre a origem de tal palavra gramatical em Deni.

6.3.3 Hipótese da origem da palavra plural

Hopper e Traugott (2003, p. xv) mencionam que a gramaticalização diz respeito à “change whereby lexical items and constructions come in certain linguistic contexts to serve grammatical functions and, once grammaticalized, continue to develop new grammatical functions”.⁴⁷ Como argumentado até agora, sincronicamente a palavra plural deni tem a função gramatical de marcar número em SNs cujo núcleo seja um nome que faz referência a ser humano, tanto quanto pronome pessoal, possessivo ou demonstrativo.

Em 3.2 foi mencionado que os Deni tipicamente usam a autodenominação *Madiha* ‘pessoa’ para referirem a eles mesmos. O termo *Deni* é bem aceito pelas pessoas que pertencem a tal grupo e amplamente usado por OGs e ONGs. Além disso, os próprios Deni usam-no em relações interétnicas. Florido (2013, p. 149-150) argumenta que, para a cultura Deni, a autodenominação somente existe em contraste; para identificar eles mesmos em relacionamentos interétnicos, eles usam o termo *Deni*, haja vista que eles são Deni para os outros.

Os Deni são organizados socialmente em alguns clãs, como mencionado na seção 3.4. No nascimento, a criança recebe o nome do clã ao qual o pai pertence. Dado que o sistema de pertencimento a clã é patrilinear, a prole de um casal tipicamente pertence ao clã do pai.⁴⁸ Clãs

⁴⁷ Tradução minha: “[gramaticalização é a] mudança em que itens lexicais e construções veem em certos contextos lingüísticos para servir a funções gramaticais e, uma vez gramaticalizadas, continuam a desenvolver novas funções gramaticais” (HOPPER E TRAUOGOTT, 2003, p. xv).

⁴⁸ Florido (2013, p. 133-134) apresenta alguns casos em que o princípio de patrilinearidade não foi seguido. Cabe mencionar, porém, que esses casos representam uma fração mínima da atribuição de clã.

em Deni são nomeados por palavras referindo a animais, plantas, partes de plantas e elementos da natureza, tal como igarapé. Interessantemente, todos os nomes de clãs em Deni são seguidos pela palavra *deni*, o que provavelmente foi o gatilho para que OGs e ONGs os denominassem Deni. Outro ponto interessante é que, sincronicamente, a língua tem uma restrição dos nomes que podem ser seguidos (pluralizados) pela palavra plural *deni*, como tem sido argumentado na presente seção.

Florido (2013, p. 135) apontou que muitas pessoas que pertencem ao clã Upanavadeni têm afirmado que tal clã não existe e eles são, de fato, Bukuredeni. Como as pessoas que pertencem ao clã Upanavadeni costumavam viver no igarapé chamado Upanava, pessoas de outros clãs pertencentes ao grupo Deni os chamavam assim, significando ‘as pessoas do iguarapé Upanava’. Historicamente, *deni* era um item lexical o qual significava ‘pessoas, grupo de pessoas’, como pode ser claramente visto pela nomeação dos clãs. Tamakurideni, então, faz referência aos grupos de pessoas que se denominam Tamakuri ‘macaco parauçu’. O fato de que sincronicamente *deni* é usado somente para modificar nomes que fazem referência a seres humanos pode ser um resquício de seu significado histórico como item lexical fazendo referência a ‘grupo de pessoas’.

Tipologicamente, esse tipo de gramaticalização (PESSOAS > PLURAL) de um item lexical significando pessoas para um item gramatical marcando plural é bastante incomum translinguisticamente. Heine e Kuteva (2002, p. 230-231) apresentam duas línguas nas quais essa gramaticalização aconteceu: Seychelles, que é um crioulo baseado no Francês, em que *ban* ‘grupo (de pessoas)’ é usado como marcador de plural em nomes definidos, como em *ban pirog* ‘as canoas’ (cf. Corne, 1977, p. 13); e Sema, uma variedade de pidgin Naga falada na Índia, em que *log* ‘pessoas’ é usado como plural para nomes que fazem referência a seres humanos. Além desses dois exemplos, Aikhenvald (no prelo) argumenta que em Warekena do Xié, língua Arawak falada na Amazônia, *-nawi* ‘pessoas’ é usado como marcador de plural excessivo.

Toda língua viva é passível de mudança. O quadro teórico da gramaticalização nos fornece uma visão ampla das mudanças que as línguas tendem a desempenhar baseado em evidências translinguísticas bem atestadas. Nesse sentido, Corbett (2004) afirma que palavras plurais são fontes potenciais para morfologia de número. Analogamente ao que é declarado na seção 6.5 sobre a marcação de caso em Deni, em que três são marcados por posposições e quatro por sufixos, para plausível pensar que a palavra plural *deni* provavelmente está no caminho da morfologização, tal como as posposições estão. Hopper e Traugott (2003, p. 142) propõem um percurso para a morfologização o qual é oferecido em (6.11) em que a morfologização envolve a segunda e a terceira fase do percurso.

(6.11) lexical item in a specific syntactic contexto > clitic > affix⁴⁹

Hopper e Traugott (2003, p. 142) reiteram que “while there is not always evidence of a clitic pre-stage in the grammaticalization of affixes out of autonomous lexical words, the fixing or ‘freezing’ and loss of lexical autonomy involved in the process presupposes a clitic stage”.⁵⁰ Embora não seja possível afirmar categoricamente que a palavra plural *deni* vai se tornar um sufixo em Deni, é plausível pensar que este é provavelmente o futuro de tal item gramatical na língua. Cabe lembrar que *deni* nos documentos oficiais é grafado como um sufixo, e não separadamente.

Em resumo, *deni* que marca plural para nomes que fazem referência a seres humanos tem uma origem lexical em que significa ‘grupo de pessoas’, o que é provavelmente um resquício de tal significado. Como aludido sobre os marcadores de caso que são posposições, é provável que a palavra plural *deni* esteja no caminho para se tornar um sufixo na língua Deni. Tal menção é, porém, apenas uma possibilidade feita com base em processos bem atestados translinguisticamente.

6.4 Marcação de caso

O caso indica a função de um participante na cláusula e frequentemente estabelece várias relações gramaticais. Para Blake (2001, p. 1), “traditionally the term refers to inflectional marking, and, typically, case marks the relationship of a noun or a verb at the clause level or of a noun to a preposition, postposition or another noun at the phrase level”.⁵¹ A língua Deni possui sete casos: genitivo, locativo, dativo, instrumental, causativo, comitativo e finalidade. Os casos genitivo e oblíquo são marcados por sufixos ao passo que os demais são posposições, como ilustrado em 5.2.6. Dixon (2010a) pontua que os elementos gramaticais apresentados pelas flexões de caso e por adposições (preposições e posposições) têm o mesmo status na gramática. A diferença é, portanto, somente a forma de realização.

⁴⁹ Tradução minha: “item lexical em um contexto sintático específico > clítico > afixo” (HOPPER E TRAUGOTT, 2003, p. 142).

⁵⁰ Tradução minha: “enquanto nem sempre há evidência de um pré-estágio clítico na gramaticalização de afixos fora de palavras lexicais autônomas, a fixação ou ‘congelamento’ e perda de autonomia lexical envolvida no processo pressupõe um estágio clítico” (HOPPER E TRAUGOTT, 2003, p. 142).

⁵¹ Tradução minha: “tradicionalmente o termo se refere à marcação flexional e, tipicamente, o caso marca a relação de um nome a um verbo no nível da cláusula ou de um nome a uma preposição, posposição ou outro nome no nível do sintagma” (BLAKE, 2001, p. 1)

De acordo com Blake (2001, p. 161), os marcadores de caso possuem principalmente duas fontes lexicais, uma verbal e outra nominal. Ademais, partículas adverbiais também podem ser a fonte de marcadores de caso. O caminho percorrido partindo dos itens lexicais (verbos, nomes ou advérbios) passa por uma fase de preposição ou posposição, e de posposição a sufixo. Blake (2001, p. 98-103) discute alguns casos evidenciando que preposições parecem não se desenvolver em prefixos. No que diz respeito a passagem de posposição a sufixo, esse parece ser o caminho que os morfemas marcadores de caso (sufixos e posposições) estão percorrendo em Deni. É plenamente aceitável pensar que os sufixos de caso tiveram um estágio anterior como posposição e se tornaram sufixos na língua em questão. Embora as posposições ainda não tenham se tornado sufixo, parece sensato pensar que estão caminhando para que isso aconteça.

Os marcadores de caso em Deni (sufixos e posposições) marcam a função de um constituinte na cláusula ou no SN indicando possuidor, local, causa, ação realizada por duas ou mais pessoas e finalidade. Assim como a palavra plural *deni*, as posposições que marcam, são itens gramaticais os quais possuem uma função sintática. Embora sejam independentes fonologicamente, são dependentes morfologicamente, haja vista que não podem ocorrer independentemente de outras palavras, como itens lexicais.

O quadro 6.2 apresenta a forma e a função dos marcadores de caso em Deni.

Quadro 6.2: *Forma e função dos marcadores de caso*

Forma	Função
= <i>kha</i>	Genitivo
- <i>dza</i>	Locativo, dativo e instrumental (multifuncional)
<i>beni</i>	Causativo
<i>mani</i>	Comitativo
<i>vehina</i>	Finalidade

Do ponto de vista morfológico e sintático, os marcadores de caso são morfemas que marcam a função de um elemento na cláusula. Contudo, fonologicamente esses morfemas se comportam diferentemente, como será visto nas páginas seguintes.

6.4.1 Genitivo =*kha*

O caso genitivo é amplamente encontrado nas línguas do mundo. Em Latim, o genitivo marca o complemento de cinco verbos, tal como ‘esquecer’ e ‘lamentar’; em outras línguas, como o Inglês Antigo, por exemplo, o genitivo marca o complemento de algumas marcas de

verbos e disputa com o dativo como caso usado para codificar o complemento de verbos intransitivos (BLAKE, 2001). Além disso, o caso adnominal não-marcado normalmente cobre o sentido de possuidor; nesses casos, a expressão **caso possessivo** é uma alternativa.

Em Deni, o caso genitivo é marcado morfologicamente pelo enclítico =*kha*. Diferentemente do marcador de caso multifuncional -*dza*, =*kha* não recebe o acento que, no nível da palavra fonológica em Deni, cai sobre a última sílaba. Nos pronomes possessivos, o genitivo foi gramaticalizado e recebe o acento. O genitivo =*kha* ocorre em construções envolvendo dois nomes livres (alienáveis) estabelecendo uma relação possuidor/possuído entre eles, tal como ilustrado em (6.12a-c).

(6.12a) Mavahari=*khaudza* ka-putaha-ri
 nome.M-GEN casa CCN-grande-M
 ‘A casa do Mavahari é grande.’

(6.12b) medze=*kha* pharina
 cachorro-GEN farinha
 ‘A farinha do cachorro.’

(6.12c) posto=*kha* pinei huratsa
 posto-GEN escada velho
 ‘A escada do posto é velha.’

Note que o caso genitivo é atestado em Deni marcando nomes livres (alienáveis) referindo tanto a seres humanos, como (6.11a), quanto referindo a nomes não-humanos, como ilustrado em (6.12b,c). Além disso, o genitivo sempre é marcado no nome que faz referência ao possuidor em sintagmas nominais possessivos, e não nome que faz referência à entidade possuída.

A despeito de o genitivo estabelecer uma relação entre duas entidades em sintagmas nominais possessivos, não é raro na conversação Deni que o nome que faz referência à entidade possuída seja omitido na cláusula, como pode ser visto no exemplo em (6.13) extraído das notas de campo, o qual contém a resposta dada pelo Uhinaha depois que alguém lhe perguntou de quem era a bola com a qual eles estavam jogando futebol.

(6.13) Tarivi=*kha*
 Tarivi.M-GEN
 ‘(A bola é) Do Tarivi’

Em (6.13), a entidade possuída *bora* ‘bola’ está elíptica no SN. Contudo, ela é plenamente recuperável pelo contexto pelas pessoas envolvidas o processo comunicativo.

Assim, tanto Uhinaha quanto a pessoa que perguntou quem era o dono da bola partilhavam da informação de que a bola era o tema da conversação e, portanto, ela é a entidade possuída a qual está elíptica em (6.13). Construções em que o núcleo do SN é omitido são frequentes na conversação Deni e ocorre também envolvendo adjetivos, como mencionado em 5.2.1. Em tais construções, apesar de o nome estar elíptico, ele foi introduzido previamente no discurso e constitui uma informação partilhada pelos participantes no ato comunicativo.

No que concerne à ordem dentro do sintagma nominal possessivo, tipicamente o possuidor, o qual é morfologicamente marcado, precede o possuído, o qual não é morfologicamente marcado. Contudo, algumas ocorrências em que o nome marcado pelo genitivo segue o termo não-marcado foram atestadas na base de dados.

(6.14a)[uv-inu-pe Ahie] CL1 [Ahie patarahu u-ha-de] CL2
 1SG.POS-nome-FOC.F Ahie.M Ahie-M chefe 1SG-ser-PRF

Samauma=kha
 Samaúma-GEN

‘Meu nome é Ahie. Eu sou chefe da (aldeia) Samaúma.’

(6.14b)kudze ava=kha
 colher madeira-GEN
 ‘Colher de madeira.’

Era esperado que nos exemplos em (6.14a,b) os nomes marcados morfologicamente por =kha precedessem os nomes não-marcados. Note que em (6.14a) o Samaúma ‘(aldeia) Samaúma’ segue até mesmo o predicado. Sobre quais circunstâncias os nomes marcados pelo genitivo seguem os nomes não-marcados no sintagma nominal requerem mais estudos em Deni. É possível, porém, perceber que o valor semântico expresso pelo genitivo em (6.14a,b) não é posse, mas local no qual Ahie é chefe em (6.14a) e o material do qual a colher é feita em (6.14b). Tipicamente o genitivo expressa significado de posse, mas pode indicar origem/local e material do qual algo é feito.

6.4.2 Multifuncional -dza

Tipicamente, o morfema -dza ocorre preso a nomes os quais ocorrem como núcleo de um sintagma nominal. Nesse caso, tal morfema estabelece diferentes tipos de relação no argumento em que é anexado, marcando caso dativo, locativo e instrumental, como ilustrado nos exemplos (6.15a-d). Em Kulina, Tiss (2004, p. 90-92) também mostra quão abrangente são as possibilidades de significado de tal morfema. Similarmente, Jarawara tem uma posposição

jaa que Dixon (2004a, p. 488) afirma ter um amplo quadro de significados ocorrendo tipicamente seguindo sintagmas nominais ou cláusulas nominalizadas. Por também apresentar diferentes valores em Deni, *-dza* é aqui denominado caso multifuncional. Além de ocorrer preso a nomes, tal morfema pode ocorrer preso a pronomes (veja (6.15a)) e à palavra plural *deni*.

(6.15a)[abuni-dza aba da-u-tuvi] CL1 [pua-dza pharina da-ta-ba] CL2
 amigo-MULT peixe dar-2-FUT 3.M-MULT farinha dar-2-IMP.POL
 ‘Eu darei peixe ao amigo. Você dê farinha a ele.’

(6.15b)u-tati-dza
 1SG.POS-cabeça-MULT
 ‘(Jogue a bola) Na minha cabeça.’

(6.15c)tsidadi-dza ti-vad-arui-hi
 cidade-MULT 2-dormir-NFUT.F-Q.F
 ‘Você já morou na cidade?’

(6.15d)huhuka-dza aba i-viri-tuvi
 faca-MULT peixe 1PL-cortar-FUT
 ‘Nós vamos cortar (tratar) o peixe com a faca.’

O caso dativo ocorre na base de dados com nomes livres que fazem referência a seres humanos, nomes inalienavelmente possuídos (termos de parentesco) e em pronomes pessoais livres (veja exemplo (6.15a)). O caso locativo ocorre preso a nomes que pertencem às duas subclasses, nomes inalienavelmente possuídos, como em (6.15b), e em nomes livres, como em (6.15c). O instrumental foi atestado na base de dados ocorrendo com nomes livres que fazem referência a objetos, tal como ilustrado em (6.15d).

Embora os casos locativo, dativo e instrumental tenham a mesma forma, eles marcam diferentes formas de participação de um argumento em um evento descrito na cláusula. O dativo, por exemplo, indica o beneficiário, isto é, quem irá receber algo como o peixe e a farinha em (6.15a). O locativo, apesar de possuir a mesma forma *-dza*, estabelece uma relação diferente, uma vez que possui um caráter espacial indicando, como em (6.15b), o lugar em que a bola deve ser arremessada. O instrumental, por sua vez, foi atestado apenas anexado a nomes que fazem referência a objetos, em que indica o objeto usado pelo sujeito da cláusula para desenvolver determinada ação, como em (6.15d), em que a faca é o objeto usado para cortar (tratar) os peixes. Há, portanto, um sincretismo de função de caso com o morfema *-dza*.

Sintaticamente, todos os sintagmas nominais cujo núcleo é marcado pelo multifuncional *-dza* são argumentos estendidos. Na primeira cláusula em (6.15a), o sujeito *uva* ‘1SG’ está elíptico, mas marcado morfologicamente no verbo, o objeto é composto por *aba* ‘peixe’ e o

predicado é preenchido pelo verbo *da-* ‘dar’. Em tal cláusula, *abuni* ‘amigo’ é um argumento estendido marcado pelo dativo *-dza*. Seguindo o mesmo princípio, na segunda cláusula em (6.15a) o sujeito *tia* ‘2’ é elíptico, mas marcado no verbo, *pharina* ‘farinha’ é o objeto e o predicado é preenchido pelo verbo *da-* ‘dar’. Nessa cláusula o pronome *pua* ‘3M’ é o núcleo do argumento estendido o qual é marcado pelo caso dativo. Ambas as cláusulas em (6.14a) são transitivas.

O exemplo (6.15b) foi extraído das notas de campo. Essa construção foi atestada quando, durante um jogo de futebol, os Deni pediam que a bola fosse lançada na cabeça. Note que em tal construção o verbo está omitido, isso porque ele é recuperável pelo contexto. (6.15c) inclui uma cláusula em que o predicado é preenchido pelo verbo intransitivo *-vad* ‘dormir’ e o sujeito *tia* ‘2’, embora marcado morfologicamente no verbo, está omitido. Além disso, o nome *tsidadi* ‘cidade’ é um argumento estendido marcado pelo caso locativo. Finalmente, *huhukadza* ‘com a faca’ em (6.15d) é o argumento estendido de uma cláusula que tem o nome *aba* ‘peixe’ como objeto, *-viri* ‘cortar’ como predicado transitivo, e *ari* ‘1PL’ como sujeito elíptico, porém marcado morfologicamente no verbo.

Hopper e Traugott (2003, p. 110-111) apontam que sufixos que marcam locativo frequentemente podem ser analisados como tendo sido desenvolvidos a partir de posições. Lehmann (1985, p. 304) apresenta um *cline* para gramaticalização de nome a afixo, o qual é dado em (6.16).

(6.16) relational noun >
 secondary adposition >
 primary adposition >
 agglutinative case affix >
 fusional case affix⁵²

Como mencionado anteriormente, Dixon (2004a, p. 488) analisa *jaa* como uma posição que inclui um amplo quadro de significados Jarawara. É bastante provável que tal posição em Jarawara compartilhe da mesma fonte que o morfema marcador de caso *-dza* em Deni. Nesse sentido, o que era provavelmente um nome indicando local em Proto-Arawá, se desenvolveu em uma posição em Jarawara e em um morfema marcador de caso locativo e outros em Deni. Tal significado de lugar é ainda preservado em ambas as línguas Arawá.

⁵² Tradução minha: nome relacional >
 Adposição secundária >
 Adposição primária >
 Afixo aglutinativo de caso >
 Afixo fusional de caso (LEHMAN, 1985, p. 304).

Além de se prender a nomes, pronomes e ter sido gramaticalizado nos locacionais, o morfema *-dza* é ainda atestado preso a verbos, em que expressa ideia de tempo a qual é traduzida por ‘quando’, como pode ser visto em (6.17).

- (6.17) amunehe deni bakhu-Ø-na-miti-dza aba Ø-puhi-dzape
mulher PL chegar-3-MCV-ITER-MULT peixe 3-ter-COND.F
- mikhidehe deni i-viri-tuvi
homem PL 1PL-cortar-FUT
- ‘Quando as mulheres voltarem (para a aldeia), se tiver peixe, os homens vão tratá-los.’

Em (6.17), o significado de *-dza* é temporal, uma vez que indica o momento em que as mulheres voltarem para a aldeia. Assim, a interpretação aqui feita é a de que o significado de lugar é primário em relação ao significado de tempo, haja vista que lugar é claramente mais concreto que tempo. O percurso de percorrido em tal mudança é, portanto, do mais concreto (lugar) ao mais abstrato (tempo). Nesse sentido, a função de marcar espaço foi primária para o multifuncional *-dza*, sendo depois adotadas as funções de dativo e ligação de cláusula. O morfema *-dza* anexado a verbo indicando noção temporal é também atestado em Kulina, como mostrado por Dienst (2014, p. 256). Isso, porém, não é uma peculiaridade dessas duas línguas. Aikhenvald (2008) fornece um estudo profundo acerca da versatilidade da marcação de caso nas línguas do mundo.

6.5 Marcadores de foco *-pe* e *-pa*

Os morfemas marcadores de foco feminino e masculino *-pe* e *-pa* ocorrem anexados a membros de diferentes classes de palavras em Deni, tais como nomes, conectivos, pronomes e a palavra plural. Tais morfemas expressam uma forma de destaque ou uma informação nova que está sendo transmitida ao interlocutor. Os marcadores de foco ocorrem presos a nomes, sejam eles inalienáveis, como em (6.18a), ou livres (alienáveis), como em (6.18b). Os dados apresentados em (6.18a-b) foram obtidos depois de perguntar o nome das crianças ao pai delas.

- (6.18a)[Ø-uni-ni-pe] _{SN1} [Hakedzani] _{SN2}
3.POS-nome-F-FOC.F Hakedzani.F
‘O nome dela é Hakedzani.’

- (6.18b)[Buatavi-pa] _{SN}
Buatavi.M-FOC.M
‘(O nome dele é) Buatavi.’

Note que em (6.18a) o marcador de foco ocorre preso ao nome inalienável *Ø-uni-ni* (3.POS-nome-F) ‘o nome dela’ que desempenha a função de sujeito em uma cláusula sem verbo. Nessa construção, ambos sintagmas nominais (o que está na função de sujeito já mencionado e o que está na função de objeto) possuem como núcleo um nome cujo gênero é feminino. O exemplo em (6.18b), embora apresente uma comunicação bastante próxima daquela vista em (6.18a), inclui uma construção diferente em que o sintagma nominal na função de sujeito está elíptico e o marcador de foco ocorre, então, preso ao nome livre. A construção em (6.18b) é possível devido ao fato de que os envolvidos no processo comunicativo partilhavam do conhecimento de que tal construção era uma resposta à pergunta sobre o nome do filho. Sendo assim, o SN1 em (6.18a) é opcional, dado que o contexto contém tal informação.

Além de ocorrer anexados a nomes, os morfemas marcadores de foco podem também se prender a conectivos, como *pedza* ‘aí.F’, *padza* ‘aí.M’, *nidza* ‘depois.F’ e *nadza* ‘depois.M’, como ilustrado em (6.19a), a pronomes pessoais, como em (6.19b), e à palavra plural *deni*, como no dado fornecido em (6.19c).

(6.19a) aburu te-u-na-ru pedza-pe
papagaio atirar-1SG-MCV-NFUT.F aí.F-FOC.F

idiku te-u-na-ri
mutum atirar-1SG-MCV-NFUT.M
‘Eu matei papagaio, aí eu matei mutum.’ (lit. eu atirei no papagaio, aí eu atirei no mutum)

(6.19b) uva-pe dzumahi khi-u-ka-na-ru
1SG-FOC-F onça ver-1SG-MCN-MCV-NFUT.F
‘Eu (destacando a informação) vi a onça.’

(6.19c) ukha-tu deni-pe dzama hirani ka-kav-itiphira-ni
1SG.POS-filha PL-FOC.F coisa ruim 3DIR-esperar-NEG-PFV
‘Minhas filhas não esperam por coisa ruim.’

Em (6.19a), embora o sujeito esteja elíptico nas duas cláusulas, ele é morfologicamente marcado no verbo. Tal exemplo inclui, portanto, duas cláusulas transitivas ligadas pelo conectivo *pedza* ‘aí’, o qual recebe marcador de foco feminino *-pe* para realçar a importância da segunda cláusula da sentença. O marcador de foco se prende, ainda, à palavra plural *deni*, quando traz o foco para o sintagma nominal no qual ocorre, como ilustrado em (6.19c).

6.6 Resultados obtidos nesta seção

Esta seção apresentou uma análise sobre questões morfológicas, sintáticas e semânticas relacionadas ao sintagma nominal em Deni. Além disso, as categorias associadas ao sintagma nominal como gênero, número, animacidade e caso foram abordadas nesta seção. No que concerne à sintaxe, foi dada a ordem dos constituintes dentro do sintagma nominal em Deni (cf. esquema 6.1) em que os elementos incluídos na mesma posição não foram atestados co-ocorrendo no SN. Os SNs funcionam como argumentos de verbos e podem ter diferentes papéis semânticos, como agente ou paciente de determinado evento expresso pelo verbo. Além disso, uma discussão da categoria gênero foi fornecida apontando para o fato de que tal categoria não é marcada morfológicamente nos nomes (exceto para a terceira pessoa em nomes inalienavelmente possuídos), e que o gênero feminino é predominante em tal língua. O número é marcado por meio da palavra plural *deni* e só é usado modificando nomes que fazem referência a seres humanos, dada a divisão entre humano *versus* não-humano na Hierarquia de Animacidade em Deni. No que concerne ao caso, dois deles são marcados morfológicamente (um é o multifuncional, que expressa uma gama de significados) em elementos dentro do SN, como nomes, pronomes, palavra plural. Finalmente, os morfemas marcadores de foco, que também ocorrem presos a elementos dentro do SN, são usados para marcar uma informação nova ou chamar a atenção para algo que vai ser dito.

7 ESTRUTURA DO PREDICADO: UMA VISÃO GERAL

A presente seção trata da estrutura geral da classe de verbos na língua Deni. Por ser a língua em questão uma língua sintética, em que muitos morfemas podem ser anexados à raiz verbal, esta seção apresenta uma visão geral da estrutura dos verbos, mostrando a posição dos afixos verbais na estrutura do predicado. Aqui, as duas subclasses dos verbos são focadas, assim como a marcação de pessoa, a qual é obrigatória para verbos e responsável pela designação de um verbo a uma das subclasses.

7.1 Subclasses de verbos

A categoria de pessoa é altamente importante para a classe dos verbos. Primeiro porque toda palavra verbal inclui, obrigatoriamente, marcação de pessoa. Além disso, a posição em que a marcação de pessoa ocorre na palavra verbal inclui o verbo em uma das duas subclasses. A subclasse I compreende os verbos em que a marcação de pessoa é prefixal, ou seja, a marcação de pessoa precede a raiz do verbo. A subclasse II é composta por verbos que cuja marcação de pessoa é sufixal, isto é, a marcação de pessoa segue a raiz. A atribuição de um verbo em uma dessas duas subclasses é, portanto, baseada puramente no critério morfológico, como mencionado em 5.1.2.

Deni é uma língua com uma estrutura verbal sintética, isto é, vários morfemas podem ser anexados ao verbo. Assim, é tarefa difícil apresentar um quadro que represente todas as possibilidades da palavra verbal. Isso porque há alguns morfemas que podem co-ocorrer, e há outros que não podem. De qualquer forma, discuto, nas páginas seguintes, a estrutura dos verbos pertencentes às subclasses I e II, apontando para o que tem observado na base de dados em relação à estrutura morfológica dos verbos em Deni.

7.1.1 Subclasse I

A maioria dos verbos que pertencem à subclasse I tem a raiz terminada em consoante. Há, contudo, uma série de verbos em que a marcação de pessoa precede a raiz verbal, mas esta termina em vogal. Portanto, não parece haver um condicionamento fonológico para a marcação de pessoa em verbos pertencentes à subclasse I. O esquema 7.1 apresenta a estrutura dos verbos que são classificados como pertencentes à subclasse I, uma vez que possuem marcação de pessoa precedendo a raiz.

Esquema 7.1: *Estrutura dos verbos da subclasse I*

Posição 1	Posição 2	Posição 3	Posição 4	Posição 5	Posição 6	
Marcação de Pessoa	Concordância de Classe Nominal	Raiz Verbo	do	Negação	Multifuncional Condicional Modalidade Imperativo	Aspecto Interrogativo Tempo

Em todos os verbos pertencentes à subclasse I atestados na base de dados, as posições 1 e 3 estão sempre preenchidas. Contudo, a palavra verbal mínima requer pelo menos mais um morfema, o qual, na maioria das vezes, é uma das categorias atribuídas na posição 6. Uma das categorias atribuídas na posição 5 também pode se juntar às categorias das posições 1 e 3 para formar uma palavra verbal mínima. Nesse caso, as categorias atribuídas na posição 5 bloqueiam a ocorrência das categorias atribuídas na posição 6. Assim, se uma das categorias em 5 ocorre na palavra verbal, nenhuma das categorias da posição 6 ocorrerá. Cabe salientar que as categorias em 5 jamais co-ocorrem entre si, o que é diferente em relação às categorias em 6, das quais algumas delas podem co-ocorrer, como tempo e interrogativo e alguns morfemas aspectuais. As co-ocorrências de morfemas atestadas na base de dados são discutidas em maiores detalhes ao longo das seções 8 e 9.

A posição 2 no esquema 7.1 só é preenchida quando o núcleo do sintagma nominal na função de S ou O pertence à subclasse *ka-*. Dado que uma fração pequenas de nomes pertencem à subclasse *ka-*, predominantemente a posição 2 não é preenchida na palavra verbal em Deni. A posição 4 pode ser preenchida na palavra verbal. É digno de nota que a negação apresenta diferentes formas quando comparando o imperativo, em que a negação é morfologicamente marcada por *-ra*, com o declarativo, em que a negação se manifesta morfologicamente como *-phira*.

Como mencionado, há algumas categorias na posição 6 que co-ocorrem e outras que não co-ocorrem na palavra verbal. Um morfema que marca tempo (não-futuro ou futuro), por exemplo, pode co-ocorrer com um marcador de modo interrogativo, como consta em (7.1c). Além disso, alguns morfemas aspectuais podem co-ocorrer com morfema marcando tempo. As combinações de morfemas incluídos nas posições 4, 5 e 6 que foram atestadas na palavra verbal em Deni são apresentadas nas seções 8 e 9. Exemplos em (7.1a-c) contém verbos em que a marcação de pessoa precede a raiz e, portanto, pertencem à subclasse I.

- (7.1a) uva tsipari u-kadapi-aru
 1SG banana 1SG-comer.fruta-NFUT.F
 ‘Eu comi banana.’

- (7.1b) mahekau-dza ti-vad-arui-hi
 Marrecão-MULT 2-dormir-NFUT.F-Q.F
 ‘Você mora no (na aldeia) Marrecão?’
- (7.1c) dzume hemedi puni Ø-puv-ituvi
 noite remédio 3F 3-beber-FUT
 ‘Ela vai beber o remédio à noite.’
- (7.1d) havi-dza ti-kidz-ara-ba
 caminho-MULT 2-defecar-NEG-IMP.POL
 ‘Não defecue no caminho!’

Todos os verbos apresentados em (7.1a-d) marcam a pessoa por meio de prefixo. Com exceção do verbo *-kadapi* ‘comer fruta’, em todos os outros a raiz termina em consoante. O verbo *-kadapi* ‘comer fruta’ não é o único que termina em vogal e pertence à subclasse I. Embora verbos como este sejam a minoria dos verbos que compõem a subclasse I, não é possível afirmar que tal subclasse é composta por verbos cuja raiz termina em consoante. Outros exemplos de verbos que pertencem à subclasse I e a raiz termina em vogal são *-peme* ‘estar faminto’, *-nadzuke* ‘matar com faca ou pau’, *-ha* ‘ser, estar’, entre outros.

As categorias na posição 4 não têm uma ordem fixa para ocorrer na palavra verbal. Geralmente, a marcação de tempo ocupa a última posição na palavra, como pode ser visto em (7.1a,c). Contudo, em construções interrogativas, o morfema que marca questão ocupa a última posição na palavra verbal, como em (7.1b). Os morfemas que marcam modo imperativo apresentam possibilidades de co-ocorrências bem mais restritas. Além da negação, como ilustrado em (7.1d), somente *-mita* ‘iterativo’ foi atestado co-ocorrendo com um dos morfemas que marcam imperativo. Nenhum morfema foi atestado seguindo qualquer um dos morfemas de modo imperativo.

7.1.2 Subclasse II

Sem dúvida, a maioria dos verbos atestados na base de dados pertence à subclasse II, isto é, na maioria dos verbos em Deni, a marcação de pessoa segue a raiz do verbo. Diferentemente do que foi apontado para os verbos que pertencem à subclasse I, em que alguns deles a raiz termina em vogal e a maioria deles a raiz termina em consoante, todos os verbos que pertencem à subclasse II têm a raiz terminada em vogal. Sobre a estrutura dos verbos que se enquadram na subclasse II, eles possuem uma posição a mais que verbos que se enquadram na subclasse I, dado que aqueles recebem um morfema marcador de classe verbal. O esquema

apresentado em 7.2 apresenta a estrutura dos verbos que são classificados como pertencentes à subclasse II.

Esquema 7.2: *Estrutura dos verbos da subclasse II*

Posição 1	Posição 2	Posição 3	Posição 4	Posição 5	Posição 6	Posição 7
Raiz do Verbo	Marcação de Pessoa	Concord. de Classe Nominal	Marcação de Classe Verbal	Negação	Multifunc. Condicional Modalidade Imperativo	Aspecto Interrog. Tempo

Em todos os verbos pertencentes à subclasse II as posições 1 e 2 estão sempre preenchidas na base de dados. Contudo, a palavra verbal mínima para verbos que são classificados para essa subclasse requerem pelo menos mais um morfema da posição 6 ou da posição 7 no esquema 7.2. Além disso, a posição 4 é obrigatoriamente preenchida no tempo não-futuro e como uma série de morfemas aspectuais.

A posição 3 só é preenchida quando o núcleo de um sintagma nominal na função de S ou O é ocupado por um nome que pertence à subclasse *ka-*. Dado que os nomes *ka-* contemplam uma pequena fração da classe dos nomes em Deni, essa posição na estrutura verbal é preenchida em uma pequena fração de dados. Da mesma forma que apontado para verbos pertencentes à subclasse I, a negação atribuída à posição 5 se manifesta morfologicamente de forma diferente quando comparando construções imperativas com construções declarativas.

As categorias atribuídas na posição 6 são excludentes entre si, ou seja, elas não co-ocorrem na palavra verbal. Além disso, essas categorias bloqueiam a ocorrência de qualquer uma das categorias na posição 7. Algumas categorias da posição 7 podem co-ocorrer na palavra verbal, como alguns morfemas aspectuais e tempo, ou tempo e interrogativo. Outros, porém, não co-ocorrem. As co-ocorrências atestadas são apresentadas ao longo das seções 8 e 9.

Exemplos em (7.2a-d) incluem verbos pertencentes à subclasse II, uma vez que a marcação de pessoa segue a raiz verbal.

(7.2a) *akinana-ri tsura bedi pua tei-Ø-na-ri-ha*
 porque-M macaco filho 3.M atirar-3-MCV-NFUT.M-Q
 ‘Por que ele matou o macaco bebê?’

(7.2b) *kariva-dza liga-u-na-mita-ru*
 não-indígena-MULT ligar-1SG-MCV-ITER-NFUT.F
 ‘Eu liguei para o não-indígena (branco) novamente.’

(7.2c) *idiku itsa-ta-ba*
 mutum fechar-2-IMP.POL
 ‘Feche o mutum.’

(7.2d) dzume puni hapi-Ø-ni-tuvi
 noite 3F falar-3-MCV-NFUT.F
 ‘Ela vai tomar banho à noite.’

Comparando o esquema 7.1 com o esquema 7.2, há diferença em relação à posição da raiz e da marcação de pessoa, além da colocação da marcação de concordância de classe nominal quando esta se aplica. Note que nos exemplos em (7.2a-d), todos os verbos possuem marcação de pessoa seguindo a raiz. Além disso, verbos que pertencem à subclasse II possuem obrigatoriamente o marcador de classe verbal. Tipicamente, tal morfema é marcado por *-na*, como em (7.2a,b); contudo, no tempo futuro ele aparece como *-ni* para a terceira pessoa, assim como pode ser visto em (7.2d). Ademais, a segunda pessoa regular *-ti* em verbos que se enquadram na subclasse II desencadeia um processo morfofonológico de haploglia com o marcador de classe *-na*, formando assim *-ta*, como ilustrado em (7.2c). Apesar de no nível superficial parecer apenas uma sílaba, no nível abstrato há duas: *-ti + -na* que resulta em *-ta*. Para uma análise de cunho fonológico sobre esse processo, veja Carvalho (2013, p. 89-92). O marcador de classe verbal é uma forma gramaticalizada na estrutura de verbos pertencentes à subclasse II, como será discutido nas próximas páginas.

7.1.2.1 Marcadores de classe verbal

A marcação de classe verbal é obrigatória em verbos pertencentes à subclasse II no tempo não-futuro. A língua Deni tem três marcadores de classe verbal que ocorrem com verbos pertencentes à subclasse II, que são: *-na*, *-kana* e *-ka*. Até o momento não foi identificado um condicionamento para a ocorrência de um dos marcadores de classe verbal no verbo. No tempo futuro, tal marcação não ocorre com a primeira pessoa singular e plural, e com a segunda pessoa; contudo, ela ocorre como *-ni* com a terceira pessoa. Uma explicação para isso é o fato de que a terceira pessoa é marcada morfológicamente por \emptyset , enquanto as outras pessoas não são marcadas por zero. Assim, parece ser uma estratégia da língua marcar a classe verbal para a terceira pessoa no tempo futuro para mostrar que se trata, de fato, de um verbo. Fonologicamente, o marcador de classe *-na* está envolvido em um processo de alçamento vocálico que consiste em tornar a vogal [a] do marcador de classe verbal *-na* em [i] quando precedido pelo marcador de tempo futuro *-tuvi*, morfema que possui duas vogais altas. Esse processo morfofonológico de alçamento vocálico é bastante frequente na morfologia verbal Deni. O marcador de classe verbal está também envolvido no processo morfofonológico de

haplologia com a marcação de segunda pessoa, como mencionado na seção 4.4.3. Os demais marcadores de classe verbal não foram identificados estando envolvidos em processos morfofonológicos.

Um ponto fascinante em relação a esse morfema obrigatório para os verbos que pertencem à subclasse II em Deni centra-se no fato de que as línguas Arawá possuem verbos auxiliares *-na-* e *-ha-*.⁵³ Para a língua Kulina, Dienst (2014, p. 148) menciona que além dos auxiliares *-na* e *-ha*, a língua também inclui o auxiliar *-hira* o qual constitui um lexema complexo com o verbo estativo que ele segue. No que concerne à língua Paumarí, Chapman e Derbyshire (1991, p. 330) afirmam que os auxiliares *ni* e *hi* podem ser traduzidos como ‘ser, estar’. In Jarawara, Dixon (2004a, p. 114, 128) argumenta que há quatro tipos de auxiliares os quais são cobertos pelas formas *-na-* e *-ha-*. Baseado nas evidências presentes sincronicamente nas línguas Arawá, Dixon (1999, p. 300) apontou que em proto-Arawá

verbs could function in either of two ways (with a meaning difference) – either accepting prefixes and suffixes themselves, or having prefixes and suffixes added to a following auxiliary, *-na-* and *-ha-* (the forms are *-ni-* and *-hi-* in Paumarí) [...] In some of languages verbs have a separated out into two subclasses – inflecting (taking affixes themselves) and non-inflecting (requiring an auxiliary to care the affixes).⁵⁴

As duas subclasses de verbos em Deni muito provavelmente são um resquício das formas de funcionamento de verbos em proto-Arawá mencionadas por Dixon (1999). Os verbos que pertencem à subclasse I são os verbos que são chamados de flexionais (aqueles que recebiam os afixos), enquanto os verbos que pertencem à subclasse II são os verbos chamados não-flexionais (aqueles em que os afixos eram anexados aos auxiliares). A interpretação dos dados sincrônicos leva à postulação de que os marcadores de classe verbal *-na*, *-kana* e *-ka* para

⁵³ Quando estiver fazendo referência aos auxiliares nas línguas Arawá, sigo Dixon (1999) inserindo hífens de ambos os lados dos auxiliares. Isso porque em línguas particulares, os especialistas tendem a marcar o hífen em diferentes posições. Dienst (2014, p.148), por exemplo, insere o hífen depois dos auxiliares, formando *na-*, *ha-* e *hira-*, mesmo em casos em que eles recebem prefixo de pessoa. Em contraste, na presente tese marco o auxiliar *-ha* e o marcador de classe verbal *-na* com o hífen precedendo-os, pois priorizo a posição da marcação de pessoa. Chapman e Derbyshire (1991) não marcam o auxiliares *ni* e *hi* em Paumarí com hífens. Assim, quando referindo de modo geral aos auxiliares nas línguas Arawá, marco-os com hífens em ambos os lados; quando fazendo referência a uma língua em particular, uso a forma que usa o especialista que estou citando.

⁵⁴ Tradução minha: “[Em proto-Arawá] verbos poderiam funcionar de uma de duas formas (com uma diferença de significado) – aceitando prefixos e sufixos neles mesmos, ou tendo prefixos e sufixos adicionados ao auxiliar seguinte, *-na-* e *-ha-* (as formas são *-ni-* e *-hi-* em Paumarí) [...] Em algumas línguas verbos têm sido separados em duas subclasses – flexionados (tendo afixos neles mesmos) e não-flexionados (requerendo um auxiliar para carregar os afixos)” (DIXON, 1999, p. 300).

verbos que pertencem à subclasse II em Deni se gramaticalizaram (morfologizaram) a partir do auxiliar *-na-* em proto-Arawá, auxiliar que recebia os afixos para verbos não-flexionais.

Além de suportada por evidências sincrônicas, essa interpretação é também sustentada pelos pressupostos teóricos de Hopper e Traugott (2003, p. 111), que traçam um *cline* para verbos que tem como ponto de partida um verbo completo que se desenvolve em auxiliar e, eventualmente, continua seu caminho até à morfologização, quando se desenvolve em afixo. Esse cline é apresentado em (7.3).

(7.3) full verb >
 auxiliary >
 verbal clitic >
 verbal affix⁵⁵

Nesse sentido, *-na* e *-kana* em Deni alcançaram o fim do *cline* ao terem se morfologizado enquanto afixo verbal para verbos que pertencem à subclasse II. Assim, o que era um auxiliar – e provavelmente um verbo completo – em proto-Arawá, desenvolveu-se em afixos verbais em Deni.

Trazendo a discussão para o outro auxiliar atestado nas línguas Arawá, *-ha* em Deni permanece como verbo completo que se enquadra na subclasse I e significa ‘ser, estar’. Esse verbo pode ainda funcionar como auxiliar quando seguindo dois adjetivos não-derivados: *mahu* ‘casado’ em (7.4a) e *hau* ‘cansado’ em (7.4b). Na base de dados, essas foram as únicas ocorrências atestadas do verbo *-ha* ‘ser, estar’ funcionando como cópula. Em outras ocorrências, *-ha* ‘ser, estar’ funciona como verbo completo.

(7.4a) pua mahu tu-ha-ri
 3.M casado 3-ser/estar-NFUT.M
 ‘Ele é casado.’

(7.4b) hau ti-ha-ru
 cansado 2-ser/estar-NFUT.F
 ‘Você está cansado?’⁵⁶

O critério utilizado para considerar *-ha* um auxiliar em (7.4a-b) centra-se no fato de que adjetivos podem ocorrer na posição de predicado intransitivo (predicado não-verbal). Contudo,

⁵⁵ Tradução minha: verbo completo >
 auxiliar >
 clítico verbal >
 afixo verbal

⁵⁶ Nessa construção, a interrogação é feita de modo entonacional, não de modo morfológico ou sintático.

os adjetivos *mahu* ‘casado’ e *hau* ‘cansado’ nunca ocorrem sem o verbo cópula *-ha* indicando que é casado ou está cansado. Interessantemente, no tempo futuro e no imperativo, *-ha* toma o marcador de classe verbal *-ka* quando seguindo o adjetivo *mahu* ‘casado’, como ilustrado respectivamente em (7.5a-b).

(7.5a) *mahu* *u-ka-hi-tuvi*
casado 1SG-MCV-ser-FUT
‘Eu casarei.’ (lit. eu serei casado)

(7.5b) *mahu* *ti-ka-ha-Ø*
casado 2-MCV-ser-IMP.NPOL
‘Case!’ (lit. Seja casado!)

Nos exemplos em (7.5a-b), *-ka* é analisado um marcador de classe verbal e não um marcador de classe nominal por dois motivos: (i) *mahu* é um adjetivo e não um nome (apenas nomes foram identificados na base de dados desencadeando a concordância de classe nominal *ka-*); (ii) no tempo não-futuro, o marcador de classe verbal não ocorre. Se esse morfema fosse um marcador de classe nominal, ele ocorreria também no tempo não-futuro. Na base de dados, o marcador de classe verbal *-ka* foi atestado apenas nas ocorrências dadas em (7.5a-b); nenhum outro verbo foi identificado recebendo tal marcador. Como ilustrado em (7.4a-b), ele não ocorre com o verbo cópula *-ha* no tempo não-futuro.

Diferentemente, os outros dois marcadores de classe verbal *-na* e *-kana* são atestados em uma série de verbos, todos pertencentes à subclasse II. Exemplos de ocorrências de tais morfemas são dados em (7.6a-d).

(7.6a) *dzama hirade dzama ha-u-ni-tuvi*
coisa ruim coisa comer-1SG-MCV-FUT
‘Eu vou comer coisa ruim.’

(7.6b) *adza mede bakhu-ka-na-mita-dza tikha deni dzama amutside*
aqui.M 3PL chegar-3DIR-MCV-ITER-MULT 2POS PL coisa boa
‘Quando eles voltarem aqui, (eles dirão) ‘as coisas boas de vocês.’’

(7.6c) *idiku itsa-u-kana-ru*
mutum flechar-1SG-MCV-NFUT
‘Eu flechei mutum.’

(7.6d) *kariva deni tupuni mede dzutshe-tu-kana-mita-ri*
branco PL 3PL.OBJ 3PL enviar-3-MCV-ITER-NFUT.M
‘Os brancos enviaram as coisas deles de novo.’

Os marcadores de classe verbal *-na* e *-kana* ocorrem tanto com afixos pessoais regulares (cf. (7.6a,c,d)) quanto com afixos pessoais direcionado (cf. (7.6b)). Como mencionado anteriormente, o marcador de classe *-na* toma a forma *-ni* em decorrência da ocorrência do marcador de futuro seguindo-o imediatamente na estrutura do verbo, como ilustrado em (7.6a). Não foi identificado até o momento um condicionamento para a ocorrência de *-na* ou *-kana* em verbos pertencentes à subclasse II em Deni.

A maior parte dos verbos pertencentes à subclasse II tomam um dos dois marcadores de classe verbal: ou *-na*, ou *-kana*. Contudo, alguns verbos foram identificados podendo receber os dois, como o verbo *haha-* ‘rir’, *thatha-* ‘ter medo’, *hupha-* ‘correr’. Pelos dados que disponho, não é possível dizer qual a diferença semântica existente entre a ocorrência de tais raízes verbais com o marcador de classe verbal *-na* e *-kana*. Estudos posteriores poderão explicar a diferença existente entre essas ocorrências.

Adotando a perspectiva da gramaticalização, parece bastante plausível pensar que *-na-* e *-ha-* foram verbos completos (muito provavelmente significando ‘ser, estar’) no proto-Arawá e se gramaticalizaram enquanto auxiliares na maioria das línguas Arawá. Em Deni, *-na* tornou-se um morfema que ocorre com verbos pertencentes à subclasse II e pode ser a fonte para o desenvolvimento do marcador de classe *-kana*. Por seu turno, *-ha* ‘ser’ tornou-se um verbo cópula em Deni, não tendo se desenvolvido em um auxiliar ou um morfema. O desenvolvimento de *-na-* e *-ha-* do proto-Arawá parece ter sido diferente em Deni se comparado com as outras línguas Arawá.

7.2 Marcação de pessoa: afixos regulares e direcionados

Como foi mencionado na presente seção, todo verbo em Deni carrega a marcação de pessoa que pode preceder a raiz verbal (subclasse I – esquema 7.1) ou pode segui-la (subclasse II – esquema 7.2). Embora todos os verbos pertencentes à subclasse II tenham a raiz terminada em vogal, nem todos os verbos pertencentes à subclasse I têm a raiz terminada em consoante. Há uma série de verbos em que a marcação de pessoa precede a raiz e esta termina em vogal. Não há, portanto, um condicionamento fonológico em relação à marcação de pessoa.

A língua Deni apresenta dois paradigmas diferentes relacionados à marcação de pessoa. Isso foi mencionado previamente por Koop e Koop (1985, p. 9) os quais usaram as terminologias ‘regular’ e ‘direcionado’ que são também usadas aqui. Indubitavelmente, as formas regulares para a marcação de pessoa são muito mais frequentes que as formas direcionadas na base de dados. O quadro 7.1 apresenta os morfemas regulares e direcionados

marcadores de pessoa nos verbos em Deni⁵⁷. Dado que a marcação de pessoa pode preceder ou seguir a raiz, hífen foram inseridos antes e depois dela; ademais, como a subclasse II é mais numerosa na base de dados, o hífen seguindo a marcação de pessoa foi inserido entre colchetes no quadro 7.1.

Quadro 7.1: *Morfemas marcadores de pessoa no verbo*

<i>Pessoa</i>	Regular		Direcionado	
	<i>Singular</i>	<i>Plural</i>	<i>Singular</i>	<i>Plural</i>
1	-u[-]	-i[-]	-a[-]	-e[-]
2	-ti[-]	-ti[-]	-te[-]	-te[-]
3F	-Ø[-]/-tu[-]/-ni[-]	-Ø[-]/-tu[-]/-ni[-]	-ka[-]/-ta[-]	-ka[-]/-ta[-]
3M	-Ø[-]/-tu[-]/-ni[-]	-Ø[-]/-tu[-]/-ni[-]	-ka[-]/-ta[-]	-ka[-]/-ta[-]

Koop e Koop (1985, p.9) apontam que as formas direcionadas, “além da pessoa e do número, abrangem outros componentes de significado, como por exemplo transporte por água, propósito da ação, etc.”. Foram atestadas algumas raízes que podem receber ambas as marcações de pessoa, como é o caso de *-kha*, que significa ‘ir’ com um prefixo pessoal regular (cf. 7.5a) e ‘voltar’ com prefixo pessoal direcionado (cf. 7.5b), e *-kava*, que significa ‘plantar’ com prefixo pessoal regular e ‘esperar’ com prefixo pessoal direcionado, como ilustrado em (7.5c).

(7.5a) pua tu-kha-ri
3M 3-ir-NFUT.M
‘Ele foi.’

(7.5b) vahini Labrea-dza ni-ha-ru ninava e-kha-ta-mita-ru
longe Lábrea-MULT 3-ser-NFUT.F mas 1PL.DIR-voltar-rio.acima-ITER-NFUT.F
‘Lábrea é longe, mas nós voltamos novamente (subindo o rio).’

(7.5c) ukha-tu deni dzama amutsi mede ka-kava-ru
1SG.POS-filha PL coisa boa 3PL 3DIR-esperar-NFUT.F
‘Minhas filhas esperam por coisas boas.’

O sistema afixal de marcação de pessoal em Deni é bastante regular no sentido de que as formas de primeira pessoa regular e direcionado incluem diferentes formas para o singular e o plural, ao passo que a segunda pessoa não possui diferença entre as formas singular e plural, apenas diferença entre regular e direcionado. Ademais, a terceira pessoa apresenta certa variação e complexidade, no que diz respeito ao uso, entre formas regulares e direcionadas.

⁵⁷ No quadro, o hífen seguindo os morfemas foi colocado entre colchetes haja vista que a maior parte dos verbos na base de dados pertence à subclasse II.

Note que há três diferentes formas para a terceira pessoa regular no quadro 7.1. Para a terceira pessoa regular, o $-\emptyset[-]$ é o mais frequente que o $-tu[-]$, o qual foi atestado na base de dados em oito verbos, seis pertencendo à subclasse II (*dzedi-* ‘caçar’, *hupa-* ‘correr’, *vadzi-* ‘morder’, *ki-* ‘ver’, *tsimiri-* ‘borbulhar’, e *dube-* ‘derrubar’) e dois pertencendo à subclasse I (*-ha* ‘ser’ e *-kha* ‘ir’). Jarawara possui um morfema semelhante *to-* que, de acordo com Dixon (2004a, p. 102-105), tem dois sentidos distintos, mas relacionados: (a) mover para fora de algum lugar; (b) mudança de estado. Tais sentidos apontados por Dixon (idem) para o Jarawara são bastante semelhantes em Deni, uma vez que a maior parte dos verbos em que $-tu[-]$ indicam ou movimento (cf. 7.5a) ou um estado diferente do estado de outrora, como em (7.6). Parece bem provável que esse morfema tenha indicado de alguma forma a ideia de movimento em proto-Arawá, do qual esses valores semânticos nas línguas Deni e Jarawá são um resquício.

(7.6)	imeibute	Ukekeni	tu-ha-ri
	gordo	Ukekeni.M	3-ser-NFUT.M
	‘Ele é gordo.’		

Comparando (7.5b) com (7.6), por exemplo, é perceptível que o verbo –há ‘ser, estar’ pode tomar tanto *tu-* quanto *ni-* para a terceira pessoa. Os fatores que condicionam a ocorrência de um ou outro morfema ainda requerem mais estudo. Alguns pontos, contudo, podem ser colocados. Com o verbo *-ha*, o uso de *ni-* parece ser restrito a construções indicando o lugar de algo (cf. 7.5b) ou alguém. Com o mesmo verbo, *tu-* não refere a lugar, mas a um estado de alguém (cf. 7.6). Assim, *tu-* e *ni-* não podem ser usados indiscriminadamente marcando a terceira pessoa.

Como mencionado anteriormente, os afixos pessoais regulares são muito mais frequentes que os afixos direcionados em na base de dados. Os afixos pessoais regulares são bastante próximos, no que concerne à forma, aos afixos possessivos em nomes inalienavelmente possuídos e aos pronomes pessoais (cf. quadro 6.2), além dos pronomes possessivos livres (cf. quadro 5.6). Contrariamente, os afixos pessoais direcionados não são similares a nenhum sistema pronominal na gramática Deni.

7.3 Resultados obtidos nesta seção

A presente seção apresentou uma visão geral da estrutura do predicado em Deni, dividindo os verbos em duas subclasses de acordo com critério estritamente morfológico

fazendo referência à posição da marcação de pessoa em relação à raiz verbal. Além disso, foi incluída uma discussão sobre o marcador de classe verbal *-na*, obrigatório para verbos pertencentes à subclasse II. Essa análise adotou a perspectiva do quadro teórico da gramaticalização ao discutir que tal morfema foi gramaticalizado de um auxiliar do proto-Arawá. Ainda nessa linha de pensamento, a presente seção argumentou ainda que as duas subclasses de verbos atestadas sincronicamente em Deni são um resquício da dos verbos flexionais (aqueles que recebiam morfemas) e não-flexionais (aqueles em que os morfemas eram anexados aos auxiliares) em proto-Arawá. A marcação de pessoa, a qual é obrigatória para todos os verbos em Deni, foi também assunto desta seção, mostrando que a língua Deni possui afixos pessoais regulares e direcionados marcados no verbo, dos quais os regulares são muito mais frequentes na base de dados que os direcionados.

8 ESTRUTURA DO PREDICADO: TEMPO E ASPECTO

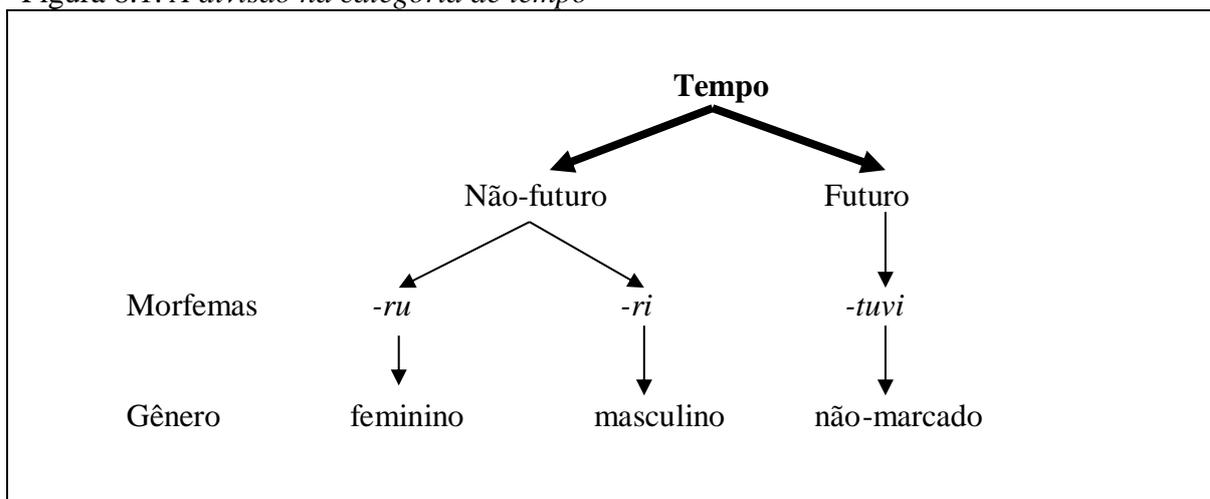
Esta seção lida com duas categorias que apresentam grande diversidade translinguisticamente, que são tempo e aspecto. A categoria de tempo em Deni apresenta uma divisão entre futuro (fazendo referência a eventos que serão realizados posteriormente ao momento da conversação) e não-futuro (referindo a eventos realizados previamente ou concomitantemente ao momento da conversação). Além disso, uma série de morfemas aspectuais estão presentes na língua Deni e são abordados aqui.

8.1 Tempo

A categoria de tempo relaciona o tempo de um evento ou um estado a outro tempo, geralmente o da conversação (COMRIE, 1976, p. 1). Cronologicamente, os eventos podem ser localizados em três diferentes formas em relação ao momento da conversação: atual (ou presente) quando o evento ocorre simultaneamente à conversação; prévio (passado) quando o evento ocorreu previamente à conversação; posterior (futuro) quando o evento vai ocorrer depois da conversação. Nem todas as línguas do mundo, é claro, dividem o tempo em presente, passado e futuro; há línguas que apresentam várias subdivisões na categoria de tempo (passado mítico, passado distante, passado recente, futuro próximo, futuro distante); há outras línguas que apresentam a subdivisão passado e não-passado ou futuro e não-futuro. Além disso, as línguas podem expressar o significado de tempo de diferentes maneiras em suas gramáticas, seja por meio de morfemas, seja por meio de palavras lexicais (DIXON, 2012, p. 9).

A figura 8.1 apresenta a divisão entre não-futuro e futuro no que concerne à categoria de tempo em Deni, incluindo os morfemas que marcam tais categorias, bem como a distinção de gênero para os morfemas em que esta é aplicada.

Figura 8.1: A divisão na categoria de tempo



Na língua Deni, a divisão na categoria de tempo apresentada na figura 8.1 refere a eventos que já foram realizados ou estão acontecendo simultaneamente ao momento da conversação (não-futuro) e eventos que irão acontecer posteriormente ao momento da conversação (futuro). Essa divisão na categoria de tempo é o assunto das próximas páginas na presente tese.

8.1.1 Não-futuro

Em Deni, o tempo não-futuro é marcado morfologicamente por *-ru* ‘NFUT.F’ e *-ri* ‘NFUT.M’ os quais possuem, respectivamente, os alomorfes *-aru* e *-ari* que ocorrem em verbos que pertencem à subclasse I, mesmo quando as raízes destes verbos terminam em vogais.⁵⁸ O não-futuro cobre todos os tipos de passado (mítico, distante, imediato) tanto quanto eventos ocorrendo simultaneamente ao momento de fala na língua Deni.

(8.1a) enanidza pua hapi-Ø-na-ri
 agora 3M tomar.banho-3-MCV-NFUT.M
 ‘Ele está tomando banho agora.’

(8.1b) aba vapiha-ru tia viri-ta-ru⁵⁹
 peixe muito-F 2 cortar-2-NFUT.F
 ‘Você cortou um monte de peixe.’

⁵⁸ A língua Deni apresenta bastante alomorfia verbal. Nos quadros sobre combinação de morfemas apresentados nas seções 8 e 9 somente os morfemas são incluídos (na coluna ‘forma’), os alomorfes não.

⁵⁹ O verbo *vir-i-* significa cortar superficialmente. Quando fazendo referência à sorva ou à seringueira, significa cortar superficialmente para obter a seiva; quando fazendo referência a peixe, significa cortar superficialmente para cortar os espinhos (cf. KOOP e KOOP, 1985, p. 96).

(8.1c) *metha akudza ti-vad-arui-hi*
 ontem onde 2-dormir-NFUT.F-Q.F
 ‘Onde você dormiu ontem?’

(8.1d) *akunana-ri tsura bedi pua tei-Ø-na-ri-ha*
 porque-M macaco filho 3.M atirar-3-MCV-NFUT.M-Q.M
 ‘Por que ele matou o macaco filhote?’

Como visto em (8.1a-d), o tempo não-futuro ocorre em construções tanto declarativas (cf. (8.1a,b)) quanto interrogativas (cf. (8.1c,d)). Note que mesmo que o predicado carregue a marca tempo, advérbios temporais podem ser usados em construções declarativas e interrogativas, como em (8.1a,c)). Isso ocorre quando há necessidade de marcar quando determinado evento ocorreu. Cabe mencionar, porém, que os advérbios temporais não são de forma alguma obrigatórios. Então, em uma conversação em que os envolvidos estão cientes de quando um determinado evento ocorreu ou se ele está acontecendo simultaneamente à fala, os advérbios temporais podem não ocorrer. Assim, os advérbios temporais *enanidza* ‘agora’ e *metha* ‘ontem’ em (8.1a) e (8.1c), respectivamente, poderiam estar elípticos caso fossem recuperáveis pelo contexto de comunicação.

O quadro 8.1 apresenta as possibilidades de combinação dos morfemas que indicam tempo não-futuro atestadas na base de dados.

Quadro 8.1: *Morfemas que podem co-ocorrer com os marcadores de tempo não-futuro*

Forma	Semântica	Combinação
<i>-ru</i>	Refere a um evento ocorrendo	<i>Segue</i>
<i>-ri</i>	simultaneamente ou que ocorreu	Negação <i>-phira</i>
	previamente ao momento da conversação.	Imperfectivo <i>-ra</i>
		Iterativo <i>-mita</i>
		Iminente <i>-butena</i>

O quadro 8.1 e todos os quadros de combinação de morfemas na palavra verbal apresentados em 8 e 9 não fazem menção aos elementos obrigatórios na palavra verbal discutidos em 7, como marcação de pessoa e raiz verbal para verbos pertencentes à subclasse I, e, além dessas categorias, também a marcador de classe verbal para verbos pertencentes à subclasse II. Ademais, para ambas as subclasses, o marcador de classe nominal, quando um nome *ka-* é núcleo de um SN na função de A, S ou O. Na coluna “combinação”, o parâmetro é o morfema em discussão. Assim, em 8.1 (e esse princípio também se aplica a todos os quadros sobre combinação de morfemas) lê-se que os morfemas de tempo não-futuro seguem o marcador de negação e precedem o marcador de questão, por exemplo.

Dado que vários morfemas co-ocorrem na palavra verbal, e com intuito de evitar repetições, exemplos de co-ocorrência de morfemas com o tempo não-futuro – além daqueles fornecidos em (8.1a-d) – podem ser atestados em várias outras partes da presente tese, especialmente nesta e na próxima seção.

8.1.2 Futuro

Em Deni, o tempo futuro é marcado morfologicamente por *-tuvi* ‘FUT’ e apresenta o alomorfe *-ituvi* para verbos que pertencem à subclasse I. Diferentemente do tempo não-futuro, o tempo futuro não apresenta distinção de gênero, isto é, a mesma forma é usada independentemente do gênero do núcleo do sujeito. O tempo futuro cobre todos os tipos de futuro (imediate e distante) e, assim como o não-futuro, ocorre em construções declarativas, como ilustrado em (8.2a,b), e interrogativas, como em (8.2c,d).

(8.2a) tsivadza ukhatu bakhu-Ø-ni-miti-tuvi
 amanhã minha.filha chegar-3-MCV-FUT
 ‘Minha filha vai chegar novamente amanhã (na aldeia).’

(8.2b) phuvani-dza maga u-kadapi-tuvi
 inverno-MULT manga 1SG-comer.fruta-FUT
 ‘Eu vou comer manga no inverno.’

(8.2c) akhunandza dzedi-i-tuvi-hi
 quando caçar-1PL-FUT-Q.F
 ‘Quando nós vamos caçar?’

(8.2d) Tseruva-dza ti-vad-ituvi-hi
 Xeruã-MULT 1SG-dormir-FUT.Q.F
 ‘Você vai morar no (em uma aldeia no rio) Xeruã?’

Similarmente como ocorre com o tempo não-futuro, advérbios temporais ou nomes indicando estação podem ser usados a fim de especificar o tempo de determinado evento, como consta nos exemplos em (8.2a,b). Tais palavras, porém, não são obrigatórias. Caso o tempo em que determinado evento vai acontecer seja uma informação partilhada pelos envolvidos no processo comunicativo, advérbios temporais ou nomes indicando estação não são usados.

As possibilidades morfológicas de co-ocorrência do tempo futuro atestadas na base de dados são dadas no quadro 8.2.

Quadro 8.2: *Morfema que pode co-ocorrer com o marcador de tempo futuro*

Forma	Semântica	Combinação	
<i>-tuvi</i>	Refere a um evento que vai ocorrer depois do momento da conversação.	<i>Segue</i> Iterativo <i>-miti</i>	<i>Precede</i> Interrogativo <i>-hi</i>

Note que as possibilidades de co-ocorrência do marcador de futuro com outros morfemas na palavra verbal são bem mais restritas que as possibilidades de co-ocorrência dos marcadores de tempo não-futuro, como pode ser atestado comparando o quadro 8.1 com o quadro 8.2. Quando ocorrendo precedendo o tempo futuro, o iterativo ocorre como *-miti*, e não *-mita*, como ocorre com todos os outros morfemas. Há, nesse caso, um alçamento vocálico, o que é frequente em Deni envolvendo o morfema de tempo futuro.

8.2 Aspecto

Aikhenvald (2015, p. 136) pontua que o “verbal aspect reflects the grammatical representation of the internal structure and composition of activity”.⁶⁰ Na base de dados foram identificados oito morfemas aspectuais, os quais são apresentados no quadro 8.3.

Quadro 8.3: *Marcadores aspectuais*

Parâmetro	Glosa	Semântica	Morfemas	
			F	M
COMPLETUDE	PFT	Indica que um evento foi realizado (completamente) em um passado imediato.	<i>-ni</i>	<i>-vi</i>
	IPFT	Indica que um evento não está completo, ou seja, está ainda acontecendo no momento da fala.	<i>-ra</i>	
	PFV	Indica que um evento foi realizado, mas sem nenhuma referência à sua constituição temporal.	<i>-de</i>	
	IMIN	Indica que um evento está prestes a acontecer.	<i>-butena</i>	
FREQUÊNCIA	HAB	Indica que um evento aconteceu várias (número não especificado) vezes.	<i>-ha</i>	
	ITER	Indica que um evento foi realizado mais uma vez.	<i>-mita</i>	
MOMENTANEIDADE	SIMULT	Indica que um evento foi realizado simultaneamente pelas pessoas envolvidas ou atividades realizadas simultaneamente.	<i>-puni</i>	<i>-puvi</i>
MANEIRA	DISTR	Indica que um evento foi realizado de maneira distribuída.	<i>-hi</i>	<i>-ha</i>

⁶⁰ Tradução minha: “[o] aspecto verbal reflete a representação gramatical da estrutura interna e da composição da atividade” (AIKHENVALD, 2015, p. 136).

Os aspectos identificados na base de dados foram agrupados no quadro 8.3 de acordo com parâmetros que refletem a composição do evento ao qual referênciam. Assim, enquanto que os morfemas aspectuais enquadrados no parâmetro da completude são relacionados ao evento visto como um todo, os morfemas aspectuais designados para o parâmetro de frequência são relacionados à quantidade de vezes que tal evento foi realizado. O parâmetro de momentaneidade tem uma relação bastante próxima com o tempo, ao passo que o parâmetro de maneira indica como o evento foi realizado.

8.2.1 Perfeito

O aspecto perfeito considera o evento expresso pelo verbo completo, daí o fato de, na literatura, alguns estudiosos chamá-lo completivo. Em Deni, tal aspecto se manifesta morfologicamente por *-ni* ‘PFT.F’ e *-vi* ‘PFT.M’ e faz referência a um evento que se completou em um passado imediato.

(8.3a) bakhu-i-na-mita-ni Matiú
 chegar-1PL-MCV-ITER-PFT.F Mateus.M
 ‘Acabamos de chegar (na aldeia) novamente, Mateus.’

(8.3b) putsu-dza pua Ø-tsun-avi
 água-MULT 3M 3-cair-PFT.M
 ‘Ele acabou de cair na água.’

(8.3c) tiv-ahari kemedza-ni
 2.POS-boca comer-PFT.F
 ‘Você comeu (há pouco tempo)?’⁶¹

Os exemplos em (8.3a-c) foram extraídos das notas de campo e foram proferidos logo que o evento descrito pelo predicado em cada exemplo tinha acabado de acontecer. A sentença em (8.3a), por exemplo, foi dita por Tsimotsi para mim quando tínhamos acabado de voltar para a aldeia depois de termos ido na mata em busca de um caititu que o Geraldo tinha trancado dentro de um buraco.

O quadro 8.4 apresenta os morfemas que foram atestados na base de dados co-ocorrendo com os marcadores de aspecto perfectivo.

⁶¹ Neste exemplo, a questão é marcada pela entoação, e não morfologicamente.

Quadro 8.4: *Morfemas que podem co-ocorrer com o aspecto perfeito*

Forma	Semântica	Combinação
-ni	Indica que um evento foi realizado	Segue
-vi	(completamente) em um passado imediato.	Iterativo - <i>mita</i> Negação - <i>phira</i>

O aspecto perfeito tem uma estreita relação com o tempo, uma vez que indica que um evento está completo e aconteceu no passado imediato. Devido a essa característica de proximidade temporal, esse aspecto é o único que não co-ocorre com marcadores de tempo na palavra verbal dentro os morfemas aspectuais do parâmetro de completude constantes do quadro 8.3. Nenhum morfema foi atestado seguindo o marcador de aspecto perfeito na base de dados, o que aponta para uma tendência de que esse aspecto bloqueia qualquer morfema seguindo-o. Como mencionado anteriormente, o marcador de questão ocorre na última posição da palavra verbal (cf. (8.1c,d) e (8.2c,d)). Tipicamente, a questão é marcada morfologicamente em Deni. Contudo, em (8.3c) a questão é marcada por meio da entonação na cláusula. Dado que: (a) os morfemas verbais marcadores de questão ocorrem na última posição da palavra verbal; (b) os morfemas que marcam aspecto perfeito ocorrem na última posição da palavra verbal e bloqueiam, portanto, a ocorrência de qualquer outro morfema seguindo-os, a língua adota uma estratégia de marcar a interrogação por meio da entonação em cláusulas nas quais o aspecto perfeito é marcado.

8.2.2 Imperfeito

Diferentemente do aspecto perfeito, o imperfeito indica que um evento ainda não está acabado. Por isso, não é raro encontrar alguns estudiosos o chamando-o de aspecto progressivo. Em Deni, o imperfeito é morfologicamente marcado por *-ra* ‘IPFT’ e indica que um evento ainda está em progresso, ou seja, não acabado. Contrariamente ao aspecto perfeito, esse morfema não marca gênero e é sempre seguido pelo marcador de tempo não-futuro.

(8.4a) u-vad-ara-ru abuni
 1SG-dormir-IPFT-NFUT.F amigo
 ‘Eu não levantei ainda, amigo.’ (lit. Eu ainda estou dormindo, amigo)

(8.4b) pua kidza-Ø-na-ra-ri
 3M estar.doente-3-MCV-IPFT-NFUT.M
 ‘Ele ainda está doente.’

(8.4c) ahudzi ti-puha-ra-ru
 arroz 2-ter-IPFT-NFUT.F

‘Você ainda tem arroz?’⁶²

O aspecto imperfeito pode ser traduzido para o português como ‘ainda’, indicando que um evento ao qual o predicado faz referência ainda está acontecendo, em progresso, como o fato de ainda estar deitado na rede (cf. (8.4a), ou ainda estar doente (cf. (8.4b)). Nesse sentido, o imperfeito marca que o evento expresso pelo verbo não foi totalmente completo ainda.

Os morfemas que podem co-ocorrer com o morfema marcador de aspecto imperfeito são dados no quadro 8.5.

Quadro 8.5: *Morfemas que podem co-ocorrer com o aspecto imperfeito*

Forma	Semântica	Combinação	
<i>-ra</i>	Indica que um evento não está completo, ou seja, ainda acontecendo no momento da fala.	<i>Segue</i>	<i>Precede</i> Não-futuro <i>-ru/-ri</i>

O aspecto imperfeito não ocorre na última posição da palavra verbal. Esse morfema não foi atestado co-ocorrendo com o morfema de tempo futuro. Isso parece ser uma questão lógica, dado que o imperfeito indica um evento ainda em progresso. Associado a isso está o fato de que tal morfema foi sempre atestado co-ocorrendo com o tempo não-futuro que, como mencionado na seção 8.1.1, é usado para fazer referência a eventos que ocorreram previamente ao momento da fala e eventos ocorrendo simultaneamente ao momento da fala. Visto que tanto o imperfeito quanto o tempo não-futuro fazem referência a eventos acontecendo ao mesmo tempo da conversação, é fácil entender a co-ocorrência deles na palavra verbal.

8.2.3 Perfectivo

O aspecto perfectivo, diferentemente do aspecto perfeito, não tem relevância para o tempo presente. Esse aspecto implica que um evento seja visto como um todo, porém sem levar em conta sua constituição temporal (AIKHENVALD, 2015). Em Deni, o perfectivo é marcado por *-de*, que é homônimo do adjetivizador e não apresenta distinção de gênero, como nos exemplos em (8.5a-c).

(8.5a) uva-dza pua ima-Ø-na-de
 1SG-MULT 3M falar-3-MCV-PFV
 ‘Ele falou para mim.’

(8.5b) medze bute u-ha-de

⁶² Nesse exemplo, a interrogação é marcada pela entonação, e não morfologicamente como é usual.

cachorro velho 1SG-SER-PFV
 ‘Eu era órfão.’ (lit. Eu era (igual) cachorro velho).

- (8.5c) arikha i-dzamari uva bakhu-u-na-de
 1PL.POS 1PL.POS-terra 1SG chegar-1SG-MCV-PFV
 Eu cheguei na nossa aldeia.’

Em todos os exemplos em (8.5a-c), o aspecto perfectivo não tem relevância para o tempo presente. (8.5a) faz referência a uma informação que tinha sido dada ao falante há cerca de dois meses. Já (8.5b), faz referência à época em que Ahie, cacique da aldeia Samaúma na casa dos 50 anos, era criança, ou seja, há muitos anos. Finalmente, (8.5c) foi produzido por Biruvi um dia depois que tínhamos chegado à aldeia. Note que por não ser um passado imediato para a língua e cultura Deni, o perfectivo foi usado em vez do perfeito.

Na base de dados, o imperfectivo *-de* não foi atestado co-ocorrendo com nenhum morfema que não seja obrigatório na palavra verbal, o que justifica a não inserção de tabela de co-ocorrência para tal morfema.

8.2.4 Iminente

O aspecto iminente indica que um evento está prestes a acontecer, ou seja, um evento que ocorrerá no futuro próximo. Esse aspecto em Deni é marcado morfologicamente por *-butena* ‘IMIN’ e não possui distinção de gênero. e foi atestado apenas co-ocorrendo com o marcador de tempo não-futuro (cf. quadro 8.7).

- (8.6a) bateria tu-tehina-butena-ru
 bateria 3-perder-IMIN-NFUT.F
 ‘Nossa bateria está quase descarregada.’ (lit. Nossa bateria está quase perdida (descarregada)).

- (8.6b) ukha puu Ø-hika-butena-ru
 1PL.POS farinha 3-acabar-IMIN-NFUT.F
 ‘Minha farinha está quase acabada.’

Note que, apesar do aspecto iminente expressar ideia de futuro (algo que está prestes a acontecer), tal morfema somente foi atestado co-ocorrendo na base de dados com o tempo não-futuro, como ilustrado nos exemplos em (8.6a,b). Uma questão interessante é que Jarawara possui sufixo modal de intenção *-bone* que especifica uma atitude que o falante pretende fazer (cf. DIXON, 2004a). Embora o significado seja diferente entre as línguas Deni e Jarawara, a

ideia de futuro próximo/intencional parece ser uma relíquia que tal forma preserva do proto-Arawá.

O quadro 8.7 apresenta a única possibilidade de co-ocorrência morfológica do aspecto iminente atestado na base de dados.

Quadro 8.6: *Morfema que pode co-ocorrer com o aspecto iminente*

Forma	Semântica	Combinação
<i>-butena</i>	Indica que um evento está prestes a ser realizado.	<i>Segue</i> <i>Precede</i> Não-futuro <i>-ru/-ri</i>

Outro fator que chama a atenção em relação ao morfema que marca aspecto iminente é sua forma incluindo três sílabas. Não é comum encontrar morfemas com três sílabas na gramática Deni. Os morfemas nessa língua são, em sua maioria, monossilábicos, além de alguns morfemas dissilábicos. Cabe ressaltar aqui que a sílaba /na/ neste morfema não é o marcador de classe verbal, uma vez que os exemplos dados em (8.6a-b) incluem verbos que pertencem à subclasse I e, portanto, não recebem marcador de classe verbal.

8.5 Habitual

O aspecto habitual indica que um evento tem sido realizado um número não especificado de vezes, ou seja, indica que um evento é realizado costumeiramente. Tal aspecto é marcado morfológicamente por *-ha* ‘HAB’ e não apresenta distinção de gênero.

(8.7a) hapi-u-na-ru-ha
tomar.banho-1SG-MCV-NFUT.F-HAB
‘Eu tomo banho (costumeiramente).’

(8.7b) edza i-vad-arua-ha
aqui 1PL-morar-NFUT.F-HAB
‘Nós moramos aqui (há bastante tempo).’

Uma vez que o aspecto habitual marca que um evento expresso por um verbo é uma atividade costumeira, realizada com frequência pelos Deni, tal morfema é tipicamente encontrado anexado a verbos como *hapi-* ‘tomar banho’, *-vad* ‘dormir/morar’, como ilustrado em (8.7a-b), respectivamente, e alguns outros como *dzedi-* ‘caçar’, *huka-* ‘pescar’.

O quadro 8.7 traz os morfemas que foram atestados na base de dados co-ocorrendo com o aspecto habitual.

Quadro 8.7: *Morfema que pode co-ocorrer com o aspecto habitual*

Forma	Semântica	Combinação
<i>-ha</i>	Indica que um evento foi realizado um número não especificado (muito) vezes, uma atividade costumeira.	<i>Segue</i> Não-futuro <i>-ru/-ri</i> <i>Precede</i>

Os morfemas *-ha* ‘HAB’, *-ha* ‘Q.M’ e *-ha* ‘DISTR.M’ são homônimos. Note que os morfemas que marcam modo interrogativo e aspecto distributivo possuem as respectivas formas femininas *-hi* ‘Q.F’ e *-hi* ‘DISTR.F’, o que não acontece com o habitual. Além da diferença semântica existente entre os morfemas aspectuais *-ha* ‘HAB’ e *-ha* ‘DISTR.M’, há outras duas diferenças: (i) a posição que eles ocorrem e (ii) as possibilidades de co-ocorrência com outros morfemas na palavra verbal. Enquanto o marcador de aspecto habitual sempre ocorre seguindo os morfemas marcadores de tempo não-futuro, o marcador de aspecto distributivo não co-ocorre com nenhum morfema opcional, somente com os obrigatórios na estrutura do predicado. Sobre o aspecto habitual e o marcador de modo interrogativo masculino, a semântica é a principal diferença, uma vez que ambos ocorrem na última posição da estrutura do predicado. A distinção de gênero feita pelo modo interrogativo é um fator que auxilia na distinção de tais morfemas, dado que o habitual não distingue gênero, como discutido acima. Mais detalhes sobre o aspecto distributivo estão em 8.2.7.

8.6 Iterativo

O aspecto iterativo é outro morfema que compreende o parâmetro de frequência. Diferentemente do habitual, o iterativo indica que um evento já foi realizado algumas vezes e aconteceu ou acontecerá uma vez mais. Tal aspecto é marcado morfologicamente por *-mita* ‘ITER’ e possui o alomorfe *-miti* ‘ITER’ o qual aparece quando o verbo recebe, por exemplo, marcador de tempo futuro, ou o marcador de caso multifuncional *-dza* (veja o exemplo em (8.8)) que marca ligação de cláusula.

(8.8a) *tsivadza* *liga-ta-mita-ba*
 amanhã *ligar-2-ITER-IMP.POL*
 ‘Ligue novamente amanhã.’

(8.8b) *pareta* Ø-*tsuna-mita-ru*
 *palheta*3-*cair-ITER-NFUT.F*
 ‘A palheta (do motor) caiu novamente.’

(8.8c) *amunehe* *deni* *bakhu-Ø-na-miti-dza*

mulher PL chegar-3-MCV-ITER-MULT
 ‘Quanto as mulheres chegarem novamente (à aldeia, se tiverem conseguido peixe, os homens vão limpá-los).

O aspecto iterativo é o morfema que apresenta maior número de possibilidades de co-ocorrência com outros morfemas na palavra verbal, como pode ser visto no quadro 8.8. Esse morfema é o único que foi atestado co-ocorrendo com algum morfema que marca imperativo (veja o exemplo em (8.8a)).

Quadro 8.8: *Morfema que pode co-ocorrer com o aspecto iterativo*

Forma	Semântica	Combinação	
<i>-mita</i>	Indica que um evento que já aconteceu antes aconteceu mais uma vez.	<i>Segue</i>	<i>Precede</i> Não-futuro <i>-ru/-ri</i> Imperativo polido <i>-ba</i> Perfeito <i>-ni</i> Simultâneo <i>-puni/-puvi</i> Futuro <i>-tuvi</i>

Como ilustrado nos exemplos em (8.8a-c) e também no quadro 8.8, nenhum morfema opcional ocorre precedendo o marcado de aspecto iterativo. Tal é tipicamente seguido por morfemas e não foi atestada nenhuma ocorrência em que ocupe a última posição na estrutura do predicado.

8.7 Simultâneo

O aspecto simultâneo indica que um evento foi realizado de modo simultâneo pelas pessoas envolvidas nele, ou que duas ou mais atividades foram realizadas simultaneamente. Esse aspecto é marcado morfológicamente por *-puni* ‘SIMULT.F’ e *-puvi* ‘SIMULT.M’ na palavra verbal.

(8.9a) aba huka-i-ni-dza ukha makhi uva
 peixe puxar-1PL-MCV-MULT 1SG.POS homem 1SG

mutu i-mitha-puni
 motor 1PL-ouvir-SIMULT.F
 ‘Quando nós estávamos pescando, meu marido e eu ouvimos o (barulho) do motor.’

(8.9b) ekhedza tsimiri-tu-na-mita-puvi
 lá borbulhar-3-MCV-ITER-SIMULT.M
 ‘(O jacaré) borbulhou novamente (enquanto ele nadava).’

O aspecto simultâneo foi atestado somente co-ocorrendo com o aspecto iterativo, como pode ser visto no quadro 8.9. Em construções envolvendo tal aspecto, sempre o tempo é marcado em algum lugar da sentença, o que torna desnecessária a marcação de tempo no predicado em que o aspecto simultâneo ocorre.

Quadro 8.9: *Morfema que pode co-ocorrer com o aspecto simultâneo*

Forma	Semântica	Combinação
<i>-puni</i>	Indica que um evento foi realizado um número não especificado (muito) vezes, uma atividade costumeira.	<i>Segue</i>
<i>-puvi</i>		Iterativo <i>-mita</i>

8.8 Distributivo

O aspecto distributivo indica que um evento foi realizado de modo distribuído pelas pessoas envolvidas nele, ou um evento como um todo foi dividido em algumas partes. Tal aspecto é marcado morfologicamente por *-hi* ‘DISTR.F’ e *-ha* ‘DISTR.M’. No exemplo em (8.11a), o falante estava fazendo referência às coisas que eu havia levado para a aldeia; o meu “rancho”⁶³ como um todo continha arroz, açúcar, sabão.

(8.11a) ahudzi Ø-puha-ha atsuka Ø-puhi-hi tsapava Ø-puhi-hi
 arroz 3-ter-DISTR.M açúcar 3-ter-DISTR.F sabão 3-ter-DISTR.F
 ‘Tem arroz, açúcar, sabão.’

O aspecto distributivo não foi atestado na base de dados co-ocorrendo com outros morfemas presentes na posição 3 (esquema 7.1) para verbos que pertencem à subclasse I, nem com morfemas presentes na posição 4 (esquema 7.2) para verbos que pertencem à subclasse II. A ocorrência de tais morfemas não é restrita aos verbos, uma vez que eles também ocorrem indicando distribuição presos a quantificadores.

8.9 Resultados obtidos nesta seção

A língua Deni inclui uma distinção, no que concerne a tempo, entre eventos já realizados ou em realização no momento da conversação (tempo não-futuro) e eventos que vão acontecer posteriormente ao momento de conversação (tempo futuro). Enquanto os morfemas de tempo

⁶³ Palavra bastante comum no sul da Amazônia para indicar a compra de alimentos e produtos de em geral para uma viagem.

não-futuro incluem distinção de gênero, o morfema de tempo futuro não apresenta tal distinção. Além de tais morfemas, a língua inclui ainda uma série de morfemas aspectuais que refletem a representação gramatical da estrutura interna e composição de uma atividade, tal como uma atividade que está completa (perfectivo) ou incompleta (imperfectivo) sem referência ao momento de realização, se ela aconteceu em um passado bem recente (perfeito), se ela está prestes a acontecer (iminente), se ela está acontecendo uma vez mais (iterativo), se esta atividade é vista como composta por partes (distributivo), ou se ela acontece de modo simultâneo com outra atividade (simultâneo).

9 ESTRUTURA DO PREDICADO: MODO E MODALIDADE

A presente seção lida com as categorias gramaticais de modo e modalidade na língua Deni, tratando de como elas se manifestam morfológicamente e quais são as combinações atestadas na base de dados. Além disso, uma discussão dos possíveis processos de gramaticalização envolvendo alguns marcadores de modalidade é também endereçada nesta seção.

9.1 Modo

Bybee (1985) aponta para o fato de que o modo é uma forma que o verbo tem para mostrar como o falante coloca suas proposições no ato de comunicação. Em outras palavras, o modo define a posição do falante em relação ao seu discurso. As línguas naturais permitem que seus falantes façam uma afirmação, levantem uma questão, ou deem uma ordem a outro. A forma típica de fazer uma afirmação é por meio do modo declarativo, de fazer uma questão é por meio do modo interrogativo e para dar uma ordem é por meio do modo imperativo. Translinguisticamente, as línguas marcam o modo de formas diferentes: ou por construções sintáticas especiais, ou por partículas especiais, ou, ainda, por afixos (AIKHENVALD, 2015).

Em sentenças declarativas é comum que não haja construções específicas (ou marcações morfológicas) nas línguas do mundo, uma vez que esse tipo de sentença é o padrão. Um marcador de modo interrogativo aparece em poucas línguas. Um exemplo é a língua Shanenawa, uma língua indígena brasileira pertencente à família Pano, em que o morfema *-man* marca a categoria de modo interrogativo. Nessa língua, o modo interrogativo é marcado apenas para sentenças do tipo polares, isto é, sentenças cujas respostas possíveis são “sim” ou “não” (CÂNDIDO, 2004). O imperativo, por sua vez, implica em uma pergunta tipicamente dirigida à segunda pessoa, o qual é chamado “imperativo canônico”. Perguntas dirigidas à primeira e terceira pessoas também são atestadas em algumas línguas; contudo elas são menos frequentes e, por isso, chamadas “imperativos não-canônicos” (cf. AIKHENVALD, 2010b).

Para a língua Deni, Moran e Moran (1977) apresentam nove categorias modais, as quais apresentam das seguintes formas: *-ha* ação sucessiva repetida; *-hi/-ha* interrogativo feminino e masculino, respectivamente; *-Ø* imperativo; *-ba* pedido imperativo; *-na* hortativo imperativo; *-kka* convite imperativo; *-ni* significado desconhecido; *-‘a* situação grave; *-ra’u* contrafactual, desiderativo. Koop (1980), por sua vez, identifica duas categorias modais para a língua Deni:

modo interrogativo e o modo imperativo, cada uma delas com suas possibilidades de ocorrências.

Aqui, lido com três categorias modais em Deni: declarativo, interrogativo e imperativo. Em sentenças declarativas, não há nenhuma construção especial (sintática ou morfológica) e, por isso, não há um tratamento profundo dessa categoria, uma vez que o foco é na estrutura do predicado; construções imperativas e interrogativas, por sua vez, incluem construções morfológicas especiais, as quais são tratadas nas páginas seguintes.

9.1.1 Imperativo

Como mencionado acima, o modo imperativo é o modo usado para expressar uma ordem/comando para alguém nas línguas do mundo. Em Deni, esse comando pode ser expresso de quatro formas diferentes, cada uma delas com um morfema específico (um estudo comparativo dos imperativos nas línguas Arawá está em Carvalho (2016a); um estudo específico sobre os comandos em Deni está em Carvalho (2016b)). O imperativo polido – mais frequente na base de dados – é marcado morfológicamente por *-ba*, enquanto que o imperativo não-polido – segundo mais frequente na base de dados – é marcado por *-Ø*. Haja vista que polido e não-polido são dirigidos somente à segunda pessoa, seja singular ou plural, esses são os imperativos canônicos em Deni. Outros dois imperativos não-canônicos foram atestados na base de dados. Eles são o imperativo hortativo o que é expresso por *-na*, e o imperativo sugestivo marcado por *-kha*.

O quadro 9.1 inclui os imperativos identificados em Deni, bem como as formas que ocorrem e as pessoas para quais foram atestados sendo dirigidos.

Quadro 9.1: *Imperativos*

Imperativos	Tipo	Formas	Dirigido a
<i>Canônicos</i>	Polido	<i>-ta/-ata</i>	2SG/PL
	Não-polido	<i>-Ø/-aØ</i>	2SG/PL
<i>Não-canônicos</i>	Hortativo	<i>-na/-ina</i>	1PL
	Sugestivo	<i>-kha/-akha</i>	1SG, 2SG/PL

O imperativo polido é usado em construções polidas e é a resposta padrão (embora não seja a única, como será visto mais adiante) para construções envolvendo a modalidade permissiva *-tivaha*. Culturalmente, esse imperativo é usado de adulto para adulto e não apresenta nenhuma restrição.

- (9.1a) patsu ti-puv-aba
 água 2-beber-IMP.POL
 ‘(Você) beba água.’
- (9.1b) tia deni mitse hiri-ta-ba
 2 PL música cantar-2-IMP.POL
 ‘(Vocês) cantem.’
- (9.1c) ti-vad-ara-ba
 2-dormir-NEG-IMP.POL
 ‘Não durma.’
- (9.1d) anubedza bedi tei-ti-ra-ba
 Caititu filho atirar-2-NEG-IMP-POL
 ‘Não mate o caititu filhote.’

Em Deni, o imperativo polido pode ser positivo, como ilustrado nos exemplos em (9.1a,b), ou negativo como consta em (9.1c,d). No que diz respeito à forma, o imperativo polido pode ocorrer como *-ba* ou como *-aba*, dependendo do contexto fonológico em que ocorre. Caso a sílaba precedente a esse morfema termine em vogal, ele ocorre como *-ba*; caso a sílaba precedente termine em consoante, ele sofre um processo morfofonológico envolvendo as regras de silabificação e ocorre como *-aba*, dado que o *template* silábico Deni é (C)V, como mencionado em 4.2.1.

Além do imperativo polido, Deni inclui um imperativo não-polido que é usado tipicamente de pais para filhos e de irmãos mais velhos para irmãos mais novos. Culturalmente, esse imperativo apresenta restrições – isto é, seu uso depende das pessoas envolvidas na conversação.

- (9.2a) eheve deni hapi-ta-Ø
 criança PL tomar.banho-2-IMP.NPOL
 ‘Crianças, tomem banho!’
- (9.2b) ti-puv-aØ
 2-beber-IMP.NPOL
 ‘Beba(m)!’
- (9.2c) nami-dza ti-vad-aphira-Ø
 chão-MULT 2-dormir-NEG-IMP.NPOL
 ‘(Você(s)) não durmam no chão!’
- (9.2d) hupa-ta-phira-Ø
 correr-2-NEG-IMP.NPOL
 ‘(Você(s)) não corra(m)!’

Similarmente ao que ocorre com o imperativo polido, o imperativo não-polido também apresenta duas formas as quais são dependentes do contexto fonológico em que ocorrem. Se a sílaba precedente ao morfema imperativo termina em vogal, então tem-se $-\emptyset$; se tal sílaba é terminada em consoante, tem-se $-a\emptyset$ como estratégia de formação de uma sílaba CV.

O imperativo não-polido também pode ser positivo, como em (9.2a,b), e negativo, como em (9.2c,d). Note, contudo, que o morfema que marca negação em construções polidas é diferente do morfema que marca negação em construções não polidas (compare o morfema de negação em (9.1c,d) com o morfema de negação em (9.2c,d)). Enquanto que $-ra$ (ou $-ara$) marca negação em construções de imperativo polido, $-phira$ (ou $-aphira$) marca negação em construções de imperativo não-polido.

Deni possui uma negação geral que é $phira-ru$ ‘não (feminino)’ e $phira-ri$ ‘não (masculino)’; a marcação de gênero depende do termo a que a negação faz referência. Note que a sílaba [ra] está presente em todas as formas de negação. A negação parece estar se gramaticalizando em construções imperativas polidas e não-polidas, tornando-se um afixo e ocorrendo na estrutura do verbo.

Apresentados os dois tipos de imperativos canônicos em Deni, passo à discussão dos imperativos não-canônicos – ou seja, aqueles que não são dirigidos à segunda pessoa apenas. Um imperativo não-canônico comum translinguisticamente é o hortativo, o qual é dirigido para a primeira pessoa plural. Deni inclui tal imperativo, como pode ser visto nos exemplos em (9.3a,b).

(9.3a) dza-i-ni-na
dançar-1PL-MCV-HORT
‘Vamos dançar!’

(9.3b) keriha i-puv-ina
mingau.de.patauá 1PL-beber-HORT
‘Vamos beber mingau de patauá!’

Como ilustrado em (9.3a,b), o imperativo hortativo pode ocorrer como $-na$ ou como $-ina$, respectivamente, devido a um processo morfofonológico, como já mencionado para os imperativos canônicos. O imperativo hortativo é sempre dirigido à primeira pessoa plural e, diferentemente dos imperativos canônicos, ele dá a possibilidade da pessoa (ou pessoas) exortada aceitar ou recusar o que está sendo proposto, como dançar em (9.3a) ou beber mingau de patauá em (9.3b).

Verbos que pertencem à subclasse II como *dza-* ‘dançar’ requerem o *-ni* ‘MCV’ para o imperativo hortativo. Outros imperativos não permitem a ocorrência de *-ni* ‘MCV’ para verbos que pertencem à subclasse II, exceto para a forma subjacente de segunda pessoa. (Mais detalhes sobre a marcação de classe verbal são dados em 7.1.2.1.)

Finalmente, a língua Deni possui um imperativo que indica uma sugestão ou um convite a si mesmo a outro. Tal imperativo é chamado aqui de sugestivo e é identificado predominantemente em histórias quando o narrador quer fazer menção a um pensamento que ele teve em relação a uma ação que ele deveria ter.

(9.4a) akhadza u-katuma-kha
 lá 1SG-olhar-SUG
 ‘Eu deveria dar uma olhada lá (eu pensei bem depois de parar a canoa na margem).’

(9.4b) ukha ditsa ditsa u-ka-navatu-kha
 1SG.POS arco arco 1SG-MCN-fazer-SUG
 ‘Eu deveria fazer meu arco (e então eu o fiz, e fiz flechas...).’

(9.4c) dza-ta-kha
 dançar-2-SUG
 ‘Dance(m).’

Na base de dados, o imperativo sugestivo foi identificado sendo dirigido para a primeira pessoa singular, como em (9.4a,b), e para a segunda pessoa singular e plural, como em (9.4c). Esse imperativo foi atestado apenas em construções positivas – isto é, não foi atestado sendo negado.

No que diz respeito à combinabilidade de morfemas na palavra verbal envolvendo os imperativos, a negação é atestada ocorrendo na estrutura do verbo em construções imperativas canônicas. O único outro morfema identificado na base de dados ocorrendo na estrutura do verbo em construções imperativas foi o aspecto iterativo *-mita*, como ilustrado em (9.5).

(9.5) tsivadza liga-ta-mita-ba
 amanhã ligar-2-ITER-IMP.POL
 ‘Ligue amanhã novamente.’

O iterativo foi atestado ocorrendo apenas com o imperativo polido. Assim, não é possível afirmar que o iterativo pode ocorrer com imperativos canônicos, mas apenas com o imperativo polido. Dada a pequena possibilidade de ocorrência de morfemas na estrutura do verbo em construções imperativas, nesta seção não foram fornecidos os quadros apresentando as possibilidades de combinação de morfemas na palavra verbal, tal como feito na seção 8. De

modo geral, construções imperativas não permitem co-ocorrência de morfemas que não os obrigatórios na palavra verbal; ressalva seja feita às exceções acima mencionadas.

À guisa de conclusão, a língua Deni possui quatro diferentes imperativos dos quais dois são canônicos (polido e não-polido) e podem ocorrer em construções positivas e negativas e dois são não-canônicos (hortativo e sugestivo) e não ocorrem em construções negativas, não são negados. O imperativo não-polido possui restrição cultural, dado que é uma forma rude de expressar comando; tal imperativo é usado de pais para filhos e de irmãos mais velhos para irmãos mais novos.

9.1.2 Interrogativo

Em qualquer língua alguém pode fazer uma pergunta. A forma pela qual a pergunta é feita varia nas línguas do mundo. Em Português, por exemplo, a entonação é o que distingue uma afirmação de uma pergunta. Em Inglês, os auxiliares são usados para marcar sentença interrogativa (cabe mencionar que na conversação em Inglês também é possível fazer uma pergunta pela entonação mesmo sem usar os auxiliares). Em Deni, uma questão pode ser feita por (i) entoação, (ii) sufixos interrogativos (*-hi* ‘INT.F’ e *-ha* ‘INT.M’) que ocorrem na última posição na estrutura dos verbos e (iii) palavras interrogativas. Vejamos essas possibilidades nas páginas seguintes.

9.1.2.1 Interrogativas polares

Uma interrogativa polar busca confirmação de informação com respeito à cláusula como um todo (AIKHENVALD, 2015). As questões polares são aquelas cujas respostas são ‘sim’ ou ‘não’, de onde decorre o termo ‘questão sim ou não’ (*yes/no questions*) amplamente difundidos na literatura, especialmente para línguas Europeias. Em Deni, as interrogativas polares tipicamente são expressas por meio de uma entoação especial. Veja exemplos em (9,6a-b).

(9.6a) tsipari tiv-atika-ru
 banana 2-querer-NFUT.F
 ‘Você quer banana?’

(9.6b) tiv-ahari Ø-kemedza-ni
 2POS-boca 3-comer-PFT.F
 ‘Você comeu (há pouco tempo)?’

Exemplos como (9.6a-b) em que a interrogação ocorre por meio da entoação são bastante frequentes em Deni, mesmo que a língua apresente morfemas interrogativos que se prendem ao verbo, como será visto mais adiante na presente tese. Em interrogativas polares, a entoação é ascendente, tal como ocorre em Português. É justamente essa característica ascendente da entoação que distingue a interrogação da afirmação em cláusulas como aquelas incluídas em (9.6a-b).

9.1.2.2 Interrogativas não-polares

As interrogativas não-polares, também conhecidas na literatura como questões de conteúdo, buscam informação sobre um constituinte dentro da cláusula. Interrogativas não-polares incluem palavras interrogativas cujo significado típico nas línguas do mundo são ‘como?’, ‘quantos(as)?’, ‘quem?’, ‘qual?’, ‘o que?’, ‘onde?’, ‘quando?’.

Em Deni, as palavras interrogativas ocorrem na posição inicial da sentença e junto com um morfema especial marcador de modo interrogativo no verbo. Esse fenômeno é ilustrado nos exemplos em (9.7a-d).

(9.7a) akunanidza dzedi-ti-tuvi-hi
quando caçar-2-FUT.INT.F
‘Quando você vai caçar?’

(9.7b) akunari mita-Ø-na-ri-ha
que comprar-3-MCV-NFUT.M-INT.M
‘O que ele comprou?’

(9.7c) i-dzamari-dza puni deni bakhu-Ø-na-mita-ru-hi
1PL.POS-terra-MULT 3F PL chegar-3-MCV-ITER-NFUT.F-INT.F
‘Elas (enfermeiras) voltaram à nossa aldeia?’

(9.7d) edza u-vad-ituvi-hi
aqui 1SG-dormir-FUT-INT.F
‘Eu vou dormir aqui?’

Como mencionado e ilustrado nos exemplos em (9.7a-d), o morfema interrogativo ocorre na última posição na estrutura do verbo. No que concerne à marcação de gênero, o núcleo do argumento que desencadeia a concordância é responsável pela forma no feminino, como em (9.7a,c,d) ou no masculino, como em (9.7b). Cabe lembrar aqui que as formas de primeira e segunda pessoa em Deni desencadeiam concordância de gênero feminino.

Os exemplos em (9.7a,b) podem ser analisados como contendo dupla interrogação – isto é, tais construções incluem uma palavra interrogativa na primeira posição da cláusula e um

sufixo interrogativo na estrutura do verbo. O valor de interrogação é, portanto, marcado duas vezes em tais cláusulas. Isso não ocorre nos exemplos (9.7c,d), dado que o valor de interrogação é expresso unicamente pelo sufixo última posição da palavra verbal.

Perguntas podem também ser formuladas pela entonação em Deni, não sendo usados os morfemas interrogativos. Vale mencionar, contudo, que os morfemas interrogativos são as formas típicas para expressar uma pergunta em Deni.

9.2 Modalidade

Aikhenvald (2015, p. 158) aponta que “actuality of the event in terms of its certainty, speaker’s attitude towards its possibility, probability, and their obligations or ability to perform it”⁶⁴ é tratada sob o rótulo ‘modalidade’. Em Deni, foram identificadas quatro modalidades, as quais são inclusas no quadro 9.2.

Quadro 9.2: *Marcadores de modalidade*

Modalidade	Semântica	Morfema
<i>Permissivo</i>	Indica permissão solicitada para realizar alguma atividade	<i>-tivaha</i>
<i>Frustrativo</i>	Indica que uma determinada atividade foi realizada em vão	<i>-nava</i>
<i>Probabilidade</i>	Indica que uma atividade contida na afirmação de um falante é provável	<i>-nukuha</i>
<i>Finalidade</i>	Indica a finalidade de uma atividade	<i>-tivehina</i>

As páginas seguintes no presente trabalho são dedicadas ao trato das modalidades apresentadas no quadro 9.2, incluindo exemplos e análises de tais modalidades.

9.2.1 Permissivo

A modalidade permissiva é expressa por meio de *-tivaha* (ou *-itivaha*) que tipicamente se prende à raiz de um verbo indicando uma solicitação para realizar determinada atividade, como ilustrado nos exemplos em (9.8a-c).

⁶⁴ Tradução minha: “a realidade de um evento em termos de sua certeza, a atitude do falante em direção à sua possibilidade, probabilidade e suas obrigações ou habilidade para realizá-la” (AIKHENVALD, 2015, p. 158).

- (9.8a) u-vad-itivaha
1SG-dormir-PERM
'Posso ir dormir?'
- (9.8b) hapi-u-tivaha
tomar.banho-1SG-PERM
'Posso tomar banho?'
- (9.8c) Mavahari vava-u-tivaha
Mavahari.M chamar-1SG-PERM
'Posso chamar o Mavahari?'

A modalidade permissiva não foi atestada ocorrendo com nenhum outro morfema na palavra verbal que não os elementos obrigatórios (marcador de pessoa e raiz verbal). Note que em todos os exemplos nenhum outro morfema, seja ele aspectual ou temporal, ocorre na palavra verbal.

É tarefa difícil traduzir o valor da modalidade permissiva em Deni. As traduções dadas nos exemplos em (9.8a-c) poderiam ser sentenças declarativas, como 'vou dormir', 'vou tomar banho' e 'vou chamar o Mavahari', respectivamente. Optei por colocar as traduções como perguntas porque sempre que uma construção envolvendo a modalidade permissiva é usada, o interlocutor sempre responde algo, seja apenas dizendo 'sim' ou a resposta típica com a mesma raiz verbal no modo imperativo polido, como as constantes dos exemplos em (9.9a-c), respectivamente.

- (9.9a) ti-vad-aba
2-dormir-IMP.POL
'Durma.'
- (9.9b) hapi-ta-ba
tomar.banho-2-IMP.POL
'Tome banho.'
- (9.9c) Mavahari vava-ta-ba
Mavahari.M chamar-2-IMP.POL
'Chame o Mavahari.'

Além dessas construções típicas envolvendo a raiz verbal, é bastante comum que a modalidade permissiva seja usada somente com a marcação de pessoa. Nesse caso, essa construção dada em (9.10) é sempre usada junto com um gesto apontando para uma direção.

- (9.10) u-tivaha
1SG-PERM

‘Posso (ir)?’

Os Deni costumam sempre andar pela aldeia quando não estão fazendo nenhuma atividade diária. Não há um horário comum em que os homens se encontram para conversar sobre o dia, como é observado em outros povos amazônicos. Os Deni vão para a casa de outras pessoas a qualquer hora do dia para conversar; quando alguém está indo embora, é muito comum que a construção em (9.10) seja usada em conjunto com um gesto apontando a direção para o lugar que se vai, significando ‘estou indo ali, certo?’.

9.2.2 Frustrativo

O frustrativo em Deni é marcado por *-nava* e indica que um evento/atividade foi realizado em vão – isto é, o resultado esperado não foi obtido. Veja os exemplos apresentados em (9.11a-b).

(9.11a) *tsura* *te-u-na-nava* *hupa-tu-na-ri*
 macaco.barrigudo atirar-1SG-MCV-FRUST correr-3-MCV-NFUT.M

kha-ri
 FOC.CONTR-M
 ‘Eu atirei no macaco barrigudo, mas ele fugiu!’

(9.11b) *metha kidza-u-na-nava* *uv-ibua-ru*
 ontem doente-1SG-MCV-FRUST 1SG-trabalhar-NFUT.F
 ‘Ontem eu estava doente, mas eu trabalhei.’

O frustrativo sempre ocorre em construções biclausais, uma vez que ele é semanticamente dependente. Seu escopo é na segunda cláusula, e não no verbo e na cláusula em que ocorre. O frustrativo representa uma quebra de expectativa gerada pela semântica da raiz do verbo na primeira cláusula. Em (9.11a), o fato de atirar no macaco barrigudo gera a expectativa de que ele foi morto; contudo, o frustrativo prepara o interlocutor para a quebra de expectativa que será marcado pelo segundo verbo da sentença. O mesmo princípio de análise se aplica ao exemplo dado em (9.11b). O fato de o falante estar doente gera a expectativa de que ele não trabalhe; porém, não é isso que acontece. O falante foi trabalhar mesmo estando doente.

Como mencionado na seção 2.3, as análises apresentadas na presente tese olham para a língua Deni como algo dinâmico, em constante mudança. Há, sem dúvida, várias razões internas à língua para adotar essa perspectiva. Uma delas é relacionada ao frustrativo. A língua Deni

possui um conectivo *ninava* ‘mas’. Tal conectivo é independente fonologicamente – isto é, ele não ocorre preso a nenhuma raiz, como ilustrado em (9.12a-b).

(9.12a) Labrea-dza i-ha-ru ninava i-kha-ta-mita-ru
 Lábrea-MULT 1PL-estar-NFUT.F mas 1PL-ir-DRA-ITER-NFUT.F
 ‘Nós estávamos em Lábrea, mas voltamos (para nossa aldeia subindo o rio).’

(9.12b) prudzeju-dza iv-ibua-ru ninava puni ari Ø-kemedza-ru
 projeto-MULT 1PL-trabalhar-NFUT.F mas 3F 1PL 3-enganar-NFUT.F
 ‘Nós trabalhamos no projeto, mas ela nos enganou.’

Note que o conectivo *ninava* ‘mas’ tem o mesmo valor semântico que o frustrativo *-nava*, mas não ocorre preso a nenhuma raiz. Ambos ocorrem apenas em construções biclausais, visto que ambos são semanticamente dependentes. A ocorrência do conectivo ou do frustrativo é morfológicamente condicionada. O frustrativo ocorre preso à raiz do primeiro verbo da cláusula restringindo a ocorrência do marcador de tempo. A escolha pelo frustrativo *-nava* ou pelo conectivo *ninava* ‘mas’ parece ser meramente estilística em Deni. Uma hipótese de gramaticalização do frustrativo será discutida mais adiante, dado que a modalidade de probabilidade também parece estar sendo morfológizada no verbo.

9.2.3 Probabilidade

A modalidade de probabilidade envolve o grau de certeza do falante em relação a um evento ou estado expresso pela raiz verbal. No que concerne à forma, a probabilidade em Deni é marcada por *-nukuha* e expressa uma hipótese – isto é, algo provável de acordo com o pensamento do falante, como ilustrado em (9.13).

(9.13) pua kidza-Ø-na-nukuha
 3M doente-3-MCV-PROB
 ‘Talvez ele (Mavahari) esteja doente.’

Em (9.12), o falante expressou uma hipótese/probabilidade para explicar o fato de Mavahari não ter ido caçar nos últimos dias. Note que esse é a posição do falante em relação ao fato de Mavahari não ter realizado atividades de caça nos últimos dias. Caso o falante estivesse certo de que Mavahari estava doente, ele teria usado o tempo não-futuro no lugar do morfema que marca probabilidade.

Além da modalidade de probabilidade, Deni possui um advérbio de dúvida cujo valor semântico é o mesmo de tal modalidade. No que diz respeito à forma, o advérbio de dúvida é

bastante similar à modalidade de probabilidade, como pode ser visto nos exemplos em (9.14a-b). Outro exemplo que inclui a modalidade de probabilidade está em (9.15a).

(9.14a) dzama-dza puni ni-ha-ru inukuha
mata-MULT 3F 3-estar-NFUT.F talvez
‘Talvez ela (Navirani) esteja na mata.’

(9.14b) pua deni mede dzedi-tu-na-ri inukuha
3M PL 3PL caçar-3-MCV-NFUT.M talvez
‘Talvez eles estejam caçando.’

Como mencionado, o valor semântico da modalidade de probabilidade *-nukuha* e o advérbio de dúvida *inukuha* ambos glosados como ‘talvez’ é idêntico – ou seja, ambos expressam o grau de certeza (neste caso uma hipótese) do falante em relação a um evento expresso por um verbo. Em se tratando da forma, a modalidade ocorre presa à raiz verbal carregando o acento no nível da palavra; o advérbio de dúvida possui seu acento próprio e tem independência morfológica. A hipótese de gramaticalização da modalidade de probabilidade é levantada em 9.2.5.

É digno de nota que o advérbio de dúvida em construções como aquelas dadas em (9.14a-b) é pronunciado de forma mais pausada, mais lenta em relação aos outros constituintes da sentença. A entonação dessa palavra na sentença é diferente da entonação dos outros constituintes.

9.2.4 Finalidade

O significado da modalidade de finalidade expresso pelo morfema *-tivehina* é ‘a fim de fazer algo’. A finalidade ocorre como *-itivehina* caso presa a um verbo que pertence à subclasse I, como em (9.15a). Exemplos da modalidade de finalidade estão inclusos em (9.15a-b).

(9.15a) pua deni mede tu-kha-ri Ø-kidz-itivehina inukuha
3M PL 3PL 3-ir-NFUT.M 3-defecar-FIN talvez
‘Talvez eles foram lá para defecar.’

(9.15b) dzamini hapi-Ø-tivehina
vasilha tomar.banho-3-FIN
‘Vasilha para tomar banho.’

A sentença em (9.15a) inclui dos verbos *-kha* ‘ir’ e *-kidz* ‘defecar’, dos quais a modalidade de finalidade ocorre anexada ao segundo. Assim, a ideia de finalidade é marcada

na ação expressa pela raiz à qual esse morfema se prende. Tal sentença foi dita por Biruvi quando eu perguntei, no momento em que subíamos o rio para ir para a aldeia no barco grande, o que os homens iriam fazer, pois saíram do barco grande e foram remando na canoa. Biruvi, então, levantou a possibilidade de eles estarem indo com a canoa com intuito de defecar. De modo bastante similar, a construção em (9.15b) aponta para a finalidade da vasilha. É bastante comum que os Deni usem vasilhas para tomar banho no rio.

Além do finalidade *-tivehina* que ocorre presa à raiz verbal, como os exemplos inclusos em (9,15a-b), a língua Deni inclui também a posposição *vehina* que marca finalidade no sintagma nominal. Tal posposição possui acento próprio assim como o nome que ele segue; esse é o critério para postular tal item gramatical como uma palavra separada e não um morfema.

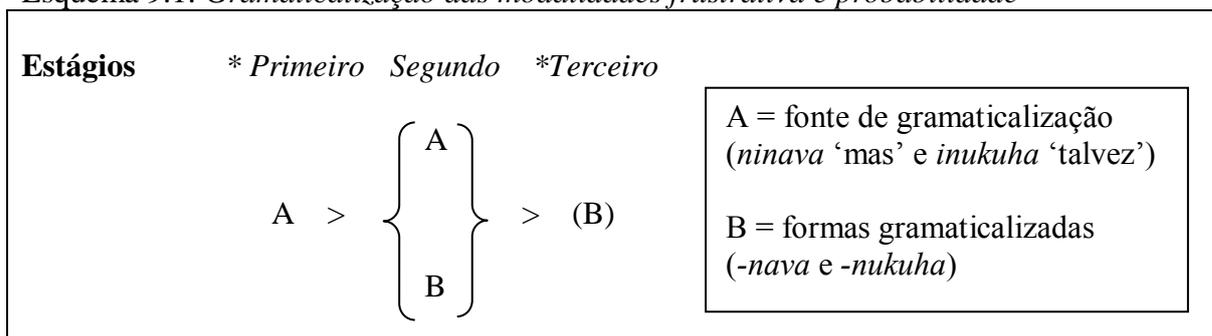
As modalidades em Deni apresentam pouquíssima possibilidade de co-ocorrência de morfemas na estrutura da palavra verbal, o que é diferente da maioria dos morfemas aspectuais, os quais típicamente permitem a co-ocorrência de uma série de morfemas no verbo. As modalidades co-ocorrem apenas com os elementos obrigatórios da palavra verbal, que são marcação de pessoa e raiz verbal, além da marcação de classe verbal para verbos pertencentes à subclasse II. Contudo, não são todas as modalidades que permitem a marcação de classe verbal na estrutura do verbo. As modalidades permissiva e finalidade não permitem a co-ocorrência da marcação de classe verbal na estrutura do verbo, como pode ser visto nos exemplos (9.7b,c) para o permissivo e em (9.15b) para a finalidade. Diferentemente, o frustrativo (cf. (9.11a,b)) e a probabilidade (cf. (9.13)) permitem a co-ocorrência da marcação de classe verbal para verbos da subclasse II.

9.2.5 Hipótese de gramaticalização

A língua Deni, como qualquer outra língua viva, é passível de mudança. Melhor, a mudança é inerente às línguas, um traço constitutivo delas. Como mencionado na seção 7, a estrutura do verbo em Deni é sintética – ou seja, uma série de morfemas podem se prender à raiz verbal. Por essa ser uma característica da morfologia verbal Deni, parece que, não raro, outros elementos se gramaticalizam na estrutura do verbo, como é o caso das duas modalidades aqui discutidas: frustrativo e probabilidade.

O esquema 9.1 inclui a forma de gramaticalização das modalidades frustrativa e probabilidade em Deni.

Esquema 9.1: Gramaticalização das modalidades frustrativa e probabilidade



O esquema 9.1 deve ser lido da seguinte forma: a forma A é a fonte de gramaticalização (primeiro estágio) a qual está co-existindo sincronicamente (segundo estágio) com a forma gramaticalizada. Os asteriscos no primeiro e terceiro estágios servem para marcar que esses são estágios possíveis. O segundo estágio é o sincrônico – isto é, o momento atual em que os dados foram coletados. A forma B no terceiro estágio foi inserida entre parênteses para indicar uma possibilidade: a forma A pode deixar de ser usada e a forma B se estabelecer como única possibilidade para expressar os valores semânticos de frustração e probabilidade. Reitero, contudo, que o cline apresentado em 9.1 pode não alcançar o terceiro estágio e as duas formas podem continuar co-existindo tal como fazer sincronicamente.

9.3 Resultados obtidos nesta seção

A língua Deni tem quatro formas de imperativo, sendo cada uma delas expressa por um morfema diferente. Dos quatro imperativos, dois são canônicos – dirigidos apenas à segunda pessoa – e dois são não-canônicos – não dirigidos à segunda pessoa. Os imperativos canônicos são o polido e o não-polido; este último apresenta uma restrição cultural, pois expressa uma ordem dura, ou seja, não polida. Tal imperativo é usado de pais para filhos e de irmãos mais velhos para irmãos mais novos. Diferentemente, o imperativo polido é a forma mais comum para se expressar um comando em Deni. É usado tipicamente entre pessoas classificadas como *abuni* ‘amigo’ e *uvini* ‘parceiro(a) potencial’ no sistema de parentesco. Assim como o modo imperativo é marcado no verbo, o modo interrogativo também é. O morfema que marca modo interrogativo tipicamente ocorre na última posição da palavra verbal. No que diz respeito às modalidades, a língua Deni possui quatro, das quais o frustrativo e a probabilidade parecem ter sido gramaticalizadas na estrutura do verbo tendo como fonte outros itens. Os morfemas de modo imperativo e de modalidade incluem pouquíssimas possibilidades de co-ocorrência de morfemas na estrutura da palavra verbal; contrariamente, os morfemas que marcam

interrogativo apresentam grande número de possibilidade de co-ocorrência com outros morfemas na palavra verbal.

10 TIPOS BÁSICOS DE CLÁUSULA

A presente seção trata dos tipos básicos de cláusula em Deni, que são transitivas e intransitivas, incluindo uma discussão acerca da ordem dos constituintes na cláusula e os argumentos periféricos opcionais.

10.1 A ordem dos constituintes na cláusula

Cláusula é definida por Aikhenvald (2015, p. 225) como “the basic unit which describes and activity, a property, a state, or a relationship”⁶⁵. Aikhenvald também menciona que as cláusulas podem ser classificadas de acordo com três grupos de traços relacionados: (i) estrutura interna, em que as cláusulas podem ser transitivas, ditransitivas, intransitivas, ou intransitivas estendidas; (ii) função sintática, em que uma cláusula pode formar uma sentença por si só (cláusula principal), ou ocorrer junto com uma cláusula principal (cláusula completo, cláusula relativa, cláusula de ligação) na sentença; (iii) função pragmática, em que uma cláusula principal reflete um ato do discurso (afirmação, comando, ou pergunta).

Como mencionado em 5.1.2.1, a língua Deni tem verbos transitivos, intransitivos e ambitransitivos. Assim, as cláusulas dessa língua são, no que concerne à transitividade, transitivas e intransitivas. Cláusulas transitivas incluem, além do verbo que funciona como núcleo do predicado, obrigatoriamente dois argumentos, dos quais um argumento que funciona como sujeito e outro que funciona como objeto. Cláusulas intransitivas incluem, além do verbo que funciona como núcleo do predicado, apenas um argumento que funciona como sujeito. Os exemplos em (10.1a-d), em que a função sintática é dada na primeira linha de cada exemplo, são inclusos a fim de discutir a ordem dos constituintes na cláusula em Deni.

(10.1a)maga_O hai-ta-ni_P
 manga comer-2-PRF
 ‘Você comeu manga (agora mesmo)?’

(10.1b)u-kidzi-tuvi_P
 1SG-defecar-FUT
 ‘Eu vou defecar.’

(10.1c)ari_O pua_A Ø-kemedza-ri_P
 nós ele 3-enganar-NFUT.M

⁶⁵ Tradução minha: “a unidade básica que descreve uma atividade, uma propriedade, um estado, ou um relacionamento” (AIKHENVALD, 2015, p. 225).

‘Ele nos enganou.’

(10.1d) uva_A dzama_O u-kathumi-tuvi_P
 1SG coisa 1SG-ver-FUT
 ‘Eu vou ver as coisas (dos Madiha).’

O exemplo em (10.1a) foi extraído das notas de campo e inclui uma cláusula transitiva em que o argumento na função de sujeito é omitido na estrutura da cláusula, porém ele é marcado na estrutura do verbo, dado que todos os verbos em Deni carregam marcação de pessoa. Na conversação em Deni é comum que argumentos na função de sujeito (A ou S) que fazem referência a entidades recuperáveis pelo contexto de comunicação sejam omitidos na estrutura da cláusula. Isso é possível porque, como mencionado em 7.2, todos os verbos em Deni carregam obrigatoriamente a marcação de pessoa. (10.1b) também contém um exemplo de cláusula em que o argumento na função de sujeito é omitido. Tais argumentos podem, contudo, ser inclusos na estrutura da cláusula. Nesse caso, há ênfase (ou foco) no argumento. Cabe mencionar que, embora Deni tenha marcadores morfológicos para indicar pergunta, muitas vezes a pergunta é marcada pela entonação, como acontece em (10.1a).

Em (10.1c) e (10.1d) há duas cláusulas transitivas. Entretanto, a posição dos argumentos é diferente. Enquanto em (10.1c) o argumento na função de objeto ocorre na primeira posição da cláusula – formando uma cláusula cuja ordem sintática é OAV –, o argumento na função de sujeito em (10.1d) ocorre na segunda posição da cláusula – produzindo uma ordem AOV. O que é comum em todas as cláusulas nos exemplos em (10.1a-d) é que o verbo ocorre na última posição da cláusula. Assim, não é possível dizer que a língua é AOV nem OAV, mas sim de que a língua é V-final. A posição dos argumentos em cláusulas transitivas é dependente do tipo de construção. Assim como em Jarawara (cf. DIXON, 2004a), a língua Deni inclui construções-A e construções-O, isto é, construções em que o tópico é o sujeito e construções em que o tópico é o objeto. Isso parece estar relacionado com a posição do argumento na cláusula. Um estudo mais profundo sobre construções-A e construções-O em Deni é requerido.

É digno de nota mencionar que o argumento na função de sujeito tanto de cláusula transitiva (veja exemplo em (10.1a)) quanto intransitiva (veja exemplo (10.1b)) pode estar omitido, visto que a pessoa é obrigatoriamente marcada no verbo em Deni, tal como discutido em 7.2. Além dos argumentos obrigatórios, as cláusulas transitivas e intransitivas podem também incluir argumentos periféricos opcionais, que são tipicamente marcados por caso. Contudo, esses argumentos não são obrigatoriamente marcados para caso. Exemplos de

argumentos periféricos opcionais não marcados por caso são os advérbios, como será visto na seção 10.4.

10.2 Cláusulas transitivas

Adotando o critério da transitividade, os verbos em Deni podem ser classificados como estritamente transitivos, estritamente intransitivos e ambitransitivos, tal como mencionado em 5.1.2.1. Os verbos estritamente transitivos são aqueles que ocorrem unicamente em cláusulas transitivas em que há obrigatoriamente dois argumentos: um argumento na função de sujeito e outro na função de objeto. Os exemplos em (10.2a-c) incluem cláusulas transitivas em que as funções sintáticas dos argumentos são dadas na primeira linha.

(10.2a) *puni*_A *dzama* _O Ø-kathumi-tuvi _P
 3F coisa 3-ver-FUT
 ‘Ela vai ver as coisas (burocráticas para nós).’

(10.2b) *madiha* *tukhiraria* _O *puni* _A *vava-Ø-na-ru* _P
 Madiha todos 3PL chamar-3-MCV-NFUT.F
 ‘Ela chamou todos os Madiha.’

(10.2c) *maga* _O *hau-ta-vi* _P
 manga comer-2-PFT
 ‘Você comeu manga?’

Todas as cláusulas inclusas nos exemplos em (10.2a-c) requerem dois argumentos obrigatórios: um na função de sujeito e outro na função de objeto. Tais cláusulas são, portanto, transitivas. Em (10.2a) o argumento na função de sujeito é o pronome de terceira pessoa feminino *puni* enquanto o argumento na função de objeto é *dzama* ‘coisa’. Em (10.2b) o pronome de terceira pessoa feminino *puni* funciona como sujeito ao passo que *madiha tukhiraria* ‘todos os Madiha’ funcionado como objeto. Finalmente, *maga* ‘manga’ funciona como objeto em (10.2c) ao passo que o pronome de segunda pessoa *tia* – que está omitido na cláusula, mas evidentemente marcado na estrutura do predicado – funciona como sujeito. Como mencionado em diferentes partes da presente tese, embora a língua Deni tenha morfemas que marcam interrogação e mesmo palavras interrogativas, não é raro que perguntas sejam feitas de modo entonacional, e não morfologicamente. Esse, por exemplo, é o caso da cláusula em (10.2c).

Embora (10.2a) e (10.2b) sejam cláusulas transitivas, elas têm diferentes ordem sintáticas. (10.2a) tem ordem AOV ao passo que (10.2b) tem ordem OAV. As diferenças entre

ambas são as posições dos argumentos A e O. Até o momento, é difícil postular os motivos pelos quais os argumentos A e O podem ocorrer em diferentes posições na estrutura da cláusula. Tenho uma tendência a pensar que isso se deve ao fato de qual argumento é o tópico de conversação. O argumento no tópico de conversação parece ocorrer na primeira posição da cláusula e desencadear a concordância de gênero no verbo quando o verbo inclui um morfema que apresente diferentes formas para os gêneros feminino e masculino. Em muitos casos na base de dados os pronomes de primeira e segunda pessoa são elípticos em cláusulas transitivas. Quando eles são ocorrem, parece que o sujeito está sendo enfatizado. Estudos posteriores poderão comprar ou refutar tais hipóteses, assim como trazer afirmações mais consistentes sobre a variação na ordem dos argumentos A e O em cláusulas transitivas em Deni.

10.3 Cláusulas intransitivas

Cláusulas intransitivas são aquelas em que o verbo que ocorre não função de predicado é intransitivo. Essas cláusulas requerem apenas um argumento que funciona como sujeito, tal como ilustrado em (10.3a-c), em que as funções sintáticas dos constituintes das cláusulas são dadas na primeira linha.

(10.3a) *dzupinehe dzati s tu-kha-ri p*
 pajé novo 3-ir-NFUT.M
 ‘O pajé novo foi (embora).’

(10.3b) *puni s tu-kha-mita-ru p*
 3F 3-ir-ITER-NFUT.F
 ‘Ela foi (embora) novamente.’

(10.3c) *hupha-u-na-mita-ru*
 correr-1SG-MCV-ITER-NFUT.F
 ‘Eu corri de novo.’

(10.3d) *hapi-i-na-ru*
 tomar.banho-1PL-MCV-NFUT.F
 ‘Nós tomamos banho.’

As cláusulas em (10.3a-d) são todas intransitivas visto que requerem obrigatoriamente apenas um argumento na função de sujeito. Enquanto o argumento na função de sujeito é manifesto em (10.3a) por *dzupinehe* ‘pajé’ e em (10.3b) por *puni* ‘ela’, ele não é manifesto no nível superficial da cláusula em (10.3c) nem em (10.3d). Nelas, os pronomes de primeira pessoa

singular *uva* ‘eu’ e o de primeira pessoa plural *ari* ‘nós’ estão omitidos, embora estejam marcados na estrutura do verbo.

Não é raro que quando um argumento é conhecido pelos envolvidos na conversação, ele seja omitido na estrutura da cláusula. Por exemplo, é comum que pronomes sejam omitidos na função de sujeito em cláusulas intransitivas (assim como em cláusulas transitivas), como é o caso dos exemplos em (10.3c-d). Há casos, porém, em que eles ocorrem na estrutura da cláusula; nesses casos eles parecem ser usados para causar um efeito de ênfase no sujeito. Note que, em (10.3b), o pronome *puni* ‘ela’ na função de sujeito não acrescenta nenhum significado novo na cláusula, visto que a pessoa está (e sempre é) marcada no verbo, e o gênero está marcado no morfema de tempo. Assim, o pronome é usado como uma forma de enfatizar o sujeito da cláusula.

10.4 Argumentos periféricos opcionais

Os argumentos periféricos opcionais são aqueles argumentos que não são obrigatórios na estrutura da cláusula. Eles tipicamente ocorrem em posições periféricas, isto é, na primeira posição da cláusula ou na última, seguindo o verbo. Exemplos em (10.4a-d) – em que a função sintática dos constituintes é dada na primeira linha – incluem cláusulas que têm argumentos periféricos opcionais.

(10.4a) *metha* _{APO} *avi* *putaha-ri* _O *te-u-na-ru* _P
 ontem anta grande-M matar-1SG-NFUT.F
 ‘Ontem à noite eu matei uma anta grande’

(10.4b) *puni* _S *ima-Ø-na-ru* _P *uva-dza* _{APO}
 3F falar-3-MCV-NFUT.F 1SG-MULT
 ‘Ela falou para mim.’

(10.4c) *pukha* *deni* *havi* _O *mede* _S *baka-tu-na-ri* _P
 3POS.M PL caminho 3PL sinalizar-3-MCV-NFUT.M

 pukha *deni* *karibehe-dza* _{APO}
 3POS.M PL zarabatana-MULT
 ‘Eles sinalizaram o caminho com a zarambatana deles.’

(10.4d) *madiha* *deni-dza* _{APO} *dzupi-Ø-na-ri* _P
 Madiha PL-MULT mostrar-3-MCV-NFUT.M
 ‘Ele mostrou para os Madiha.’

Como pode ser visto nos exemplos em (10.4a-d), os argumentos periféricos opcionais possuem flexibilidade na estrutura da cláusula ocorrendo tipicamente na primeira ou na última posição desta. Em (10.4a,d) eles ocorrem na primeira posição da cláusula ao passo que em (10.4b,c) eles ocorrem na última posição (depois do verbo). É digno de nota que a entoação dos argumentos periféricos opcionais, quando ocorrendo na última posição da cláusula, é diferente. Há uma pausa breve entre o predicado e o argumento periférico opcional.

Os argumentos periféricos opcionais são tipicamente marcados por caso em Deni, como pode ser observado em (10.4b,c,d). Contudo, de forma alguma isso é uma regra. Quando um advérbio ocorre como um argumento periférico opcional ele não é marcado por caso. Note que *metha* ‘ontem’ em (10.4a) não recebe nenhuma marcação de caso. Nomes e pronomes nesta função tipicamente recebem marcação de caso, como ilustrado nos demais exemplos (10.4).

10.5 Resultados obtidos nesta seção

A língua Deni tem dois tipos básicos de cláusula: (i) transitiva, que requer obrigatoriamente dois argumentos, sendo um na função de sujeito e outro na função de objeto; (ii) intransitiva, que requer apenas um argumento obrigatório na função de sujeito. Em ambos os tipos de cláusula, o argumento na função de sujeito pode ser/estar omitido na estrutura da cláusula caso seja ele seja de conhecimento dos envolvidos na conversação. Ademais, quando o argumento na função de sujeito é um pronome – que é obrigatoriamente marcado no verbo – este pode ser omitido na estrutura da cláusula. Sua ocorrência, porém, exprime um valor de ênfase no sujeito. Em cláusulas transitivas não é possível dizer qual ordem é predominante, visto que construções AOV e OAV são encontradas na base de dados e isso parece estar relacionado ao tópico de conversação. Além dos argumentos obrigatórios, a língua Deni tem argumentos periféricos opcionais que tipicamente, mas não necessariamente, são marcados para caso. Esses argumentos ocorrem na periferia da cláusula, isto é, na primeira posição ou na última, seguindo o verbo.

11 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A língua Deni tem dezesseis consoantes e quatro vogais que se agrupam em um template silábico (C)V, em que qualquer consoante pode ocupar a posição de *onset* e qualquer vogal pode ocupar a posição de núcleo. A única restrição fonotática é a sílaba /vu/. O acento tem uma posição fixa: ocorre na sílaba mais à direita. A língua é tipologicamente classificada como padrão acentual iâmbico não-iterativo, pois forma-se um único pé com proeminência à direita. Finalmente, foram identificados três processos morfológicos na língua Deni: assimilação; epêntese e haplologia. A assimilação envolve nomes inalienáveis que possuíam apenas vogais /a/ na raiz; tais vogais historicamente foram assimiladas ao /ε/ presente no sufixo de gênero masculino para a terceira pessoa. A epêntese consiste na inserção de um /v/ entre a marcação de primeira e segunda pessoas singular e plural em nomes inalienavelmente possuídos iniciados por vogal. Esse processo consiste, portanto, em um processo de ressilabificação. A haplologia, por sua vez, resulta da redução de duas sílabas iniciadas por consoantes coronais a uma única sílaba. Essas sílabas marcam segunda pessoa e classe verbal. Quando a haplologia ocorre, a única sílaba restante marca segunda pessoa no verbo.

A forma de lidar com as classes de palavras em Deni adotada neste trabalho aponta para duas classes abertas (maiores) que são os nomes e os verbos, e outras nove classes menores que são os adjetivos, advérbios, pronomes e demonstrativos, quantificadores e numerais, locacionais, posposições, conectivos e partículas, interrogativos, e interjeições. Morfológicamente, os nomes recebem pouca marcação; esse critério é a base para a postulação de duas subclasses: nomes inalienavelmente possuídos e nomes livres (alienáveis). Além dessas subclasses, nomes ainda incluem uma subclasse *ka-* que desempenha concordância de classe nominal em modificadores como adjetivos e numerais, e também no verbo, que é o predicado da cláusula em que tal nome ocorre. Com respeito ao verbo, sua morfologia é sintética, daí dedicar três seções (7, 8 e 9) neste trabalho para a discussão da estrutura da palavra verbal. O critério morfológico também é a base para postular duas subclasses de verbos: subclasse I compreende os verbos em que a marcação de pessoa precede a raiz verbal e a subclasse II contempla os verbos em que a marcação de pessoa segue o verbo, como discutido em detalhes em 7. Outro critério, como a transitividade, por exemplo, levaria a postular outras subclasses, como verbos transitivos, intransitivos e ambitransitivos.

É possível distinguir adjetivos de nomes e verbos em Deni. Como as outras línguas Arawá, Deni dispõe de uma classe pequena de adjetivos que funcionam como modificador nominal, seja dentro do SN, seja na posição de predicado em cláusulas sem verbo. Os advérbios

identificados em Deni expressam tempo e modo, sendo os últimos também usados como formas de expressar comando. Tipicamente os advérbios ocorrem na primeira posição da cláusula. Pronomes e demonstrativos desempenham referencialidade dêitica ao indicar algo ou alguém, mas apenas os pronomes podem ocorrer como núcleo do SN; demonstrativos não ocorrem como tal, dado que a interpretação adotada aqui prega que há um nome elíptico que desencadeia a concordância de gênero. Embora quantificadores e numerais apresentem diferentes possibilidades morfológicas, eles são usados na mesma posição na cláusula e não co-ocorrem, dado que expressam valores semânticos similares (quantidade exata para numerais e inexata para quantificadores). Os locacionais têm uma dimensão espacial muito clara e são usados para fazer referências a posições de entidades no espaço; como ocorre também em Português, o locacional *pedza* ‘aí.F’ (e seu correspondente masculino *padza*) foi gramaticalizado como um conectivo e usado na conversação para indicar progressão textual. As posposições marcam caso e têm acento próprio, isto é, do ponto de vista fonológico, elas ocorrem como palavras separadas; do ponto de vista morfosintático, isso não é possível. Enquanto os conectivos são usados para ligar sentenças, as partículas marcam algum efeito estilístico. Os interrogativos são palavras que ocorrem no início da sentença em construções interrogativas; alguns deles têm diferentes formas para feminino e masculino e outros não. Finalmente, as interjeições são usadas como uma resposta emocional a algum evento e têm características fonéticas peculiares.

No que concerne ao sintagma nominal, os elementos incluídos na mesma posição no esquema 6.1 não foram atestados co-ocorrendo. Os SNs funcionam como argumentos de verbos e podem ter diferentes papéis semânticos, como agente ou paciente de determinada evento expresso pelo verbo. A categoria gênero não é marcada morfológicamente nos nomes (exceto para a terceira pessoa em nomes inalienavelmente possuídos). Em Deni, o gênero feminino é a forma padrão, ou seja, a forma não-marcada. O número é marcado por meio da palavra plural *deni* e só é usado modificando nomes que fazem referência a seres humanos, dada a divisão entre humano *versus* não-humano na Hierarquia de Animacidade em Deni. No que concerne ao caso, dois deles são marcados morfológicamente (um é o multifuncional, que expressa uma gama de significados) em elementos dentro do SN, como nomes, pronomes, palavra plural. Os morfemas marcadores de foco, que também ocorrem presos a elementos dentro do SN, são usados para marcar uma informação nova ou chamar a atenção para algo que será dito.

A morfologia verbal Deni é sintética. Muitos morfemas são anexados à estrutura da palavra verbal, especialmente morfemas aspectuais, morfemas modais, morfemas temporais. Adotando o critério morfológico, é possível postular duas subclasses de verbos: (i) a subclasse I compreende os verbos em que a marcação de pessoa precede a raiz verbal; (ii) a subclasse II,

cujos membros são os verbos em que a marcação de pessoa segue a raiz verbal. A marcação de pessoa, que é obrigatória para todos os verbos em Deni, é o critério para designar a subclasse ao qual um verbo pertence em Deni.

No que concerne a tempo, há uma distinção em Deni entre eventos já realizados ou em realização no momento da conversação (tempo não-futuro) e eventos que vão acontecer posteriormente ao momento de conversação (tempo futuro). Enquanto os morfemas de tempo não-futuro incluem distinção de gênero, o morfema de tempo futuro não apresenta tal distinção. Além de tais morfemas, a língua inclui ainda uma série de morfemas aspectuais que refletem a representação gramatical da estrutura interna e composição de uma atividade, tal como uma atividade que está completa (perfectivo) ou incompleta (imperfectivo) sem referência ao momento de realização, se ela aconteceu em um passado bem recente (perfeito), se ela está prestes a acontecer (iminente), se ela está acontecendo uma vez mais (iterativo), se esta atividade é vista como composta por partes (distributivo), ou se ela acontece de modo simultâneo com outra atividade (simultâneo).

A língua Deni tem dois tipos básicos de cláusula: (i) transitiva, que requer obrigatoriamente dois argumentos, sendo um na função de sujeito e outro na função de objeto; (ii) intransitiva, que requer apenas um argumento obrigatório na função de sujeito. Em ambos os tipos de cláusula, o argumento na função de sujeito pode ser/estar omitido na estrutura da cláusula caso seja ele seja de conhecimento dos envolvidos na conversação. Ademais, quando o argumento na função de sujeito é um pronome – que é obrigatoriamente marcado no verbo – este pode ser omitido na estrutura da cláusula. Sua ocorrência, porém, exprime um valor de ênfase no sujeito. Em cláusulas transitivas não é possível dizer qual ordem é predominante, visto que construções AOV e OAV são encontradas na base de dados e isso parece estar relacionado ao tópico de conversação. Além dos argumentos obrigatórios, a língua Deni tem argumentos periféricos opcionais que tipicamente, mas não necessariamente, são marcados para caso. Esses argumentos ocorrem na periferia da cláusula, isto é, na primeira posição ou na última, seguindo o verbo.

REFERÊNCIAS

- ADAMS LICLAN, P.; MARLETT, S. Madija noun morphology. **International Journal of Amercian Linguistics**. v. 56. n. 1. p. 102-120. 1990.
- AIKHENVALD, A. Y. Linguistic fieldwork: setting the scene. **Sprachtypologie und Universalienforschung**. v. 60. n. 1. p. 3–11. 2007.
- _____. Versatile cases. **Journal of Linguistics**. v. 44. p. 565-603. 2008.
- _____. Gender, noun class and language obsolescence: the case of Paumarí. In: CARLIN, E. B.; VAN DE KERKE, S. (orgs.) **Linguistics and archeology in the Americas**. Leiden: Brill. 2010a, p. 236-252.
- _____. **Imperatives and commands**. Oxford: Oxford University Press, 2010b.
- _____. **The languages of the Amazon**. Oxford: Oxford University Press, 2012.
- _____. **The art of grammar: a practical guide**. Oxford University Press, 2015.
- _____. Areal diffusion and the limits of grammaticalization: an Amazonian perspective. In NARROG, H.; HEINE, B. **Grammaticalization from a typological perspective**. Oxford: Oxford University Press, no prelo.
- ARONOFF, M.; FUDEMAN, K. **What is morphology?** Malden: Blackwell, 2005.
- BAUER, L. Derivational morphology. **Language and Linguistics Compass**. v. 2. n. 1. p. 196-210. 2008.
- BETHELL, L. Notas sobre as populações americanas às vésperas das invasões européias. In: _____. **A América Latina Colonial**. V. 1. Tradução de Maria Clara Cescato. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Brasília, DF: Fundação Alexandre Gusmão, 1998.
- BLAKE, B. J. **Case**. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.
- BLEVINS, J. The syllable in phonological theory. In: GOLDSMITH, J. (org.) **The handbook of phonological theory**. Oxford: Blackwell, 1995. p. 207-243.
- BOWERN, C. **Linguistic fieldwork: a practical guide**. New York: Palgrave Macmillan, 2008.
- BYBEE, J. **Morphology**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publish Company, 1985.
- CAGLIARI, L. C. **Análise fonológica** – Introdução à teoria e à prática com especial destaque para o modelo fonêmico. Campinas: Mercado de Letras, 2002.
- CÂNDIDO, G. V. **Descrição morfossintática da língua Shanenawa (Pano)**. 2004. 292f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.

CARVALHO, M. C. M. de. **A fonologia da língua Deni (Arawá)**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2013a.

_____. Considerações sobre a fonologia da língua Deni (Arawá). In: Labastía, L. O. **Cuestiones de fonética, fonología y oralidade**. Mendoza: Facultad de Filosofía y Letras, Universidad Nacional de Cuyo, 2013b, p. 89-104.

_____. Imperatives in Arawá Languages. **LIAMES**. v. 16. n. 2. p. 307-322. 2016a.

_____. Commands in Deni (Arawá). **Letras raras**. v. 5. n. 3. p. 25-43. 2016b.

CAVALCANTE, P. B. **Frutas comestíveis da Amazônia**. 7. ed. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 2010.

COMRIE, B. **Aspect: An introduction to the study of verbal aspect and related problems**. Cambridge: Cambridge University Press, 1976.

CORNE, C. **Seychelles Creole Grammar**. Tübingen: TBL Verlag Gunter Narr, 1977.

CHAPMAN, S.; DERBYSHIRE, D. C. Paumarí. In: DERBYSHIRE, D. C.; PULLUM, G. K. (orgs.) **Handbook of Amazonian languages**. vol 3. Berlin: Mouton de Gruyter. 1991, p. 161-352.

CHELLIAH, S.; REUSE, W. **Handbook of descriptive linguistic fieldwork**. Cidade: Springer, 2011.

CHOMSKY, N; HALLE, M. **The sound pattern of english**. New York: Harper and Row, 1968.

CLEMENTS, G. N.; HUME, E. V. The internal organization of speech sounds. In: GOLDSMITH, J. A. (org.) **The handbook of phonological theory**. Oxford: Blackwell, 1995, p. 245-301.

COLLISCHONN, G. A sílaba em português. In: BISOL, L. (org.) **Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro**. 2 ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999, p. 91-124.

CORBETT, Greville. **Number**. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

CROFT, William. **Syntactic categories and grammatical relations: The cognitive organization of information**. Chicago: Chicago University Press, 1991.

_____. Parts of speech as typological universals and as language particular categories. In: VOGEL, Petra Maria; COMRIE, Bernard (orgs.). **Approaches of the typology of word classes**. Berlin: Mouton de Gruyter, 2000, p. 65-102.

_____. **Typology and universals**. 2. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

DIENST, S. The internal classification of the Arawan language. **LIAMES**. Campinas. v. 8. p. 61-67. 2008.

_____. **A grammar of Kulina**. Berlin: Mouton de Gruyter, 2014.

DIXON, R. M. W. **Where have all the adjectives gone? And other essays in semantics and syntax**. Berlin: Mouton, 1982.

_____. **The rise and fall of languages**. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

_____. Arawá. In: DIXON, Robert M. W.; AIKHENVALD, Alexandra Y. (eds.) **The Amazonian languages**. New York: Cambridge University Press, 1999. p. 294-306.

_____. Adjective classes in typological perspective. In: DIXON, Robert. M. W.; AIKHENVALD, A. Y. **Adjective classes: a cross-linguistic Typology**. Oxford: Oxford University Press, 2004a.

_____. **The Jarawara language of southern Amazonia**. Oxford and New York: Oxford University Press, 2004b.

_____. Proto-Arawá phonology. **Anthropological Linguistics**. v. 46. p. 1-83. 2004c.

_____. Annotated bibliography of Arawá Language Family to 1950. **International Journal of American Linguistics**. Chicago. v. 72. n. 4. p. 522-534. 2006. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable10.1086/513059>>. Acesso em: 19 mar 2014.

_____. **Basic Linguistic Theory**. v. 1. Methodology. New York: Oxford University Press, 2010a.

_____. **Basic Linguistic Theory**. v. 2. Grammatical topics. New York: Oxford University Press, 2010b.

_____. **Basic Linguistic Theory**. v. 3. Further grammatical topics. New York: Oxford University Press, 2012.

DRYER, Matthew S. Plural words. **Linguistics**. n. 27. 1989. p. 865-895.

_____. Descriptive theories, explanatory theories and basic linguistic theory. **Catching languages: Issues in grammar writing**. Berlin: Mouton de Gruyter. p. 207-234. 2006.

EVERETT, Daniel. Sistemas prosódicos da família Arawá. In: WETZELS, L. **Estudos fonológicos das línguas indígenas brasileiras**. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1995. p. 297-340.

_____. Monolingual field research. In: NEWMAN, Paul; RATLIFF, Martha. **Linguistic Fieldwork**. Cambridge: Cambridge University Press, 2001, p. 166–188.

FLORIDO, M. P. **Os Deni do Cuniuá: um estudo do parentesco**. 2014. 291f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Departamento de Antropologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

FOLEY, W A. Field methods. In: MALMKJAER, K. **The Linguistics Encyclopedia**. 2. ed. London and New York: Routledge, 2002. p. 131–137.

GIVÓN, T. **Syntax: an introduction**. vol. 1. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publish Company, 2001.

GOLDSMITH, J. **Autosegmental and metrical phonology**. Oxford: Basil & Blackwell, 1990.

GROSJEAN, F. **Life with two languages: an introduction to bilingualism**. Cambridge: Harvard University Press, 1982.

HASPELMATH, M. **Understanding morphology**. London: Arnold, 2002.

_____. Pre-established categories don't exist: Consequences for language description and typology. **Linguistic Typology**. v. 11. p. 119-132. 2007.

HAYES, B. **Metrical stress theory: principles and case studies**. Chicago and London: The University of Chicago Press, 1995.

_____. **Introductory phonology**. Malden: Wiley-Blackwell, 2009.

HEINE, B. The Body in Language: Observations from Grammaticalization. In: BRENZINGER, M.; KRASKA-SZLENK, I. (orgs.) **The Body in Language: Comparative Studies of Linguistic Embodiment**. Leiden/Boston: Brill. 2014, p. 13-32.

HEINE, B.; KUTEVA, T. **World lexicon of grammaticalization**. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.

HERNANDORENA, C. L. M. Introdução à teoria fonológica. In: BISOL, L. (org.) **Introdução aos estudos de fonologia do português brasileiro**. 2. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999, p. 11-90.

HOGG, R. M.; MCCULLY, C. B. **Metrical phonology: a coursebook**. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

HOOPER, J. **An introduction to natural generative phonology**. New York: Academic Press, 1976.

HOPPER, P.; TRAUGOTT, E. **Grammaticalization**. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

KAGER, R. Feet and metrical stress. In: DE LACY, P. (org.) **The Cambridge handbook of phonology**. Cambridge: Cambridge University Press, 2007. p. 195-227.

KAHN, D. **Syllable – based generalization in English Phonology**. Tese de PhD. Cambridge, Massachusetts: MIT, 1976.

KENSTOWICZ, M. **Phonology in generative grammar**. Cambridge/MA: Blackwell, 1994.

KIBRIK, A. E. **The methodology of field investigation in Linguistics**. The Hauge: Mounton, 1997.

KOOP, G. **Os afixos pessoais em Deni**. 1976. Acesso em: <http://www.sil.org/americas/brasil/publcns/ling/DNAfix.pdf>>. Acesso em: 29 abr. 2011.

_____. **Process and roles in Deni clause structure**. 1977. Disponível em: <http://www.sil.org/americas/brasil/publcns/ling/DNClause.pdf>>. Acesso em: 29 abr. 2011.

_____. **Dení verb endings**. 1980. Disponível em: <http://www.sil.org/americas/brasil/publcns/ling/DNVrbEnd.pdf>>. Acesso em: 29 abr. 2011.

KOOP, G.; KOOP, L. **Dicionário Deni-Português**. 1985. Disponível em: <http://www.sil.org/americas/brasil/publcns/dictgram/DNDict.pdf>>. Acesso em: 29 abr. 2011.

KRAUS, M. The world's languages in crisis. **Language**. v. 68. n. 1. p. 4-10. 1992.

LEHMANN, C. Grammaticalization: synchronic variation and diachronic change. **Lingua e Stile**. v. 20. p. 303-318. 1985.

_____. Roots, stems and word classes. In: ANSALDO, Umberto; DON, Jan; PFAU, Roland (orgs.). **Parts of speech: Empirical and Theoretical Advances**. Amsterdam: John Benjamins, 2010, p. 43-64.

LIBERMAN, M.; PRINCE, A. On stress and linguistic rhythm. **Linguistic Inquiry** 8. Cambridge, Massachusetts, MIT Press, p. 249-336. 1977.

MASSINI-CAGLIARI, G. **Acento e ritmo**. São Paulo: Contexto, 1992. – (Coleção Repensando a língua portuguesa)

MELATTI, J. C. **Juruá-Purus**. Disponível em: <http://www.julielatti.pro.br/areas/18jurpur.pdf>>. Acesso em: 29 ago. 2012.

MORAN, P.; MORAN, D. **Notas sobre morfologia verbal Dení**. 1977. Disponível em: <http://www.sil.org/americas/brasil/publcns/ling/dnmorfvb.pdf>>. Acesso em: 29 abr. 2011.

NICHOLS, J. Functional Theories of Grammar. **Annual Review of Anthropology**. v. 13. pp. 97-117. 1984.

OLIVEIRA, T. G.; CASSARO, K. **Guia de identificação dos felinos brasileiros**. 2. ed. São Paulo: Sociedade dos zoológicos do Brasil, 1999.

PARADIS, C. On constraints and repair strategies. **The Linguistic Review**. v. 6. pp. 71-97. 1988.

PAYNE, T. E. **Describing morphosyntax**. A guide for field Linguistics. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

_____. **Exploring language structure**: a student's guide. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.

PEZZUTI, J.; CHAVEZ, R. P. Etnografia e manejo de recursos naturais pelos índios Dení, Amazonas, Brasil. **Acta Amazônica**, Manaus, v. 39, n.1, p.121-138, mar. 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0044-59672009000100013>. Acesso em: 29 abr. 2011.

PIKE, K. L. **Phonemics**: a technique for reducing languages to writing. Ann Arbor: The University of Michigan Press, 1971[1947].

PRINCE, A.; SMOLENSKY, P. **Optimality theory**: constraint interaction in Generative Grammar. Blackwell, 1993.

RODRIGUES, A. D. Sobre as línguas indígenas e sua pesquisa no Brasil. **Ciência e Cultura (SBPC)**. São Paulo. v. 57. n. 2. p. 35-38. 2005

SCHACHTER, Paul; SHOPEN, Timothy. Parts-of-speech systems. In: SHOPEN, Timothy. **Language typology and syntactic description**. v. 1: clause structure. 2. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2007. p. 1-60.

SILVA, T. C. **Fonética e fonologia do português**: roteiro de estudos e guia de exercícios. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2001.

TISS, F. **Gramática da língua Madiha (Kulina)**. São Leopoldo: Oikos, 2004.

VAN LIER, Eva; RIJKHOFF, Jan. Flexible word classes in linguistic typology and grammatical theory. In: _____. (orgs.) **Flexible word classes**: Typological studies in underspecified parts of speech. Oxford: Oxford University Press, 2013, p. 1-30.

ZEC, D. The syllable. In: DE LACY, P. (org.) **The Cambridge handbook of phonology**. Cambridge: Cambridge University Press, 2007. p. 161-194.